TORMENTAS INTENSAS

Cláudio Guilhon

pelo espírito Rita de Cássia

Confraria dos Livros Bons

Cláudio Guilhon
pelo espírito de Rita de Cássia

Tormentas intensas

JAGUATIRICA

Confraria dos Livros Bons

© Jaguatirica 2019
Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou armazenada, por quaisquer meios, sem a autorização prévia e por escrito da editora e do autor.

editora Paula Cajaty
capa e projeto gráfico 54 Design
diagramação Aline Martins | Sem Serifa
revisão Hanny Saraiva
.

Cássia, Rita de (*Espírito*)
Tormentas intensas / Cláudio Guilhon ; pelo espírito de Rita de Cássia. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Jaguatirica, 2019. 392 p. ; 21 cm.

ISBN 978-85-5662-222-8

JAGUATIRICA
av. Rio Branco, 185, sala 1012, Centro
20040-007 Rio de Janeiro RJ
tel. [21] 3500 1390 [21] 4141 5145
jaguatiricadigital@gmail.com
editorajaguatirica.com.br

Sumário

Parte I

Petrônio
Campo de formação de soldados
Novas Ordens
O ardil gaulês
Longino — o ajudante
Longino, o doente da alma
Novas revelações
Relatos de Longino
Novas conversas
Durante o encontro
Os rituais gauleses
Antonielle e Amandu
O início da jornada
A carta reveladora
Conselhos do Divino Mestre
Os questionamentos da tripulação
Provação na viagem
Dia inglório
Magnólia, a rainha dos bárbaros
Ilha treino
Outras ordens
A morte do pretor
A fuga de Longino
Navegando no escuro
Outras descobertas — A família de Jesus
Novos caminhos — Encontro com Jesus

Novas conversas — Novos planos
Pistas de Maria
A descoberta dos destinos
A divina surpresa
No rumo de Roma
Curas inexplicáveis
Chegada ao porto
Os primeiros soldados romanos
No caminho para Roma
Longino confessa sua vida
Os primeiros relatos
Outros caminhos de Maria
Novas conversas, o guia
Das estradas até Roma
Lugano, o protetor
Sinfrônio e Longino
O encontro com o imperador
A mensagem de Longino a César

Parte II

Longino e suas vidas
Início da jornada de Longino
A insistência do emprego
A flor branca
Início da viagem
O mercador da Judeia
Conjecturando o batismo
A cruz de madeira — História
Novo caminho
Os sonhos de Longino
Encontro com Maria
Batizando os viajantes
Novos rumos
Saída para o Leste

Encontro no meio da noite
O convite do sultão
Elevino e Helena
O povo de Ishitar
Arulan e a sua tribo
Provas de fé — Arulan, o convertido
A reunião de Longino
Início do planejamento e a viagem
Da defesa ao ataque
O rabino da Antioquia
A proteção do rabino
O ataque dos judeus
Nova caminhada
O encontro com Eloá, o apóstolo dos judeus
Começo do plano de divulgação
Bendulec e Pedro
Bendulec, o batizado por Pedro
E Pedro o arregimentou
O Mestre e o discípulo
Pedro e a igreja
Magmo, o escolhido de Deus
Pedro, o intimado
Luz no coração de Pedro
A despedida de Pedro
Fase sem Pedro
Da Capadócia a Jerusalém
Encontros antigos
Diálogos fraternos
Nova proposta
Entendimentos contrários
Outros pensamentos
Nova surpresa, Petrônio, o comandante
A ideia de Amarílis
Decisão complexa
Primeiros passos — primeiro dia de Jesus
Os relatos dos simpatizantes e opositores

Reencarnado de Sodoma e Gomorra
Outras curas
Momentos iniciais da crucificação
Chegada dos condenados
Últimos momentos
Fim do sofrimento terreno — Início de uma nova Era

Parte I

Petrônio

Era o ano 5 após a crucificação de Cristo quando Amandu decide deixar as fileiras do exército romano. Em sua capa vermelha só restavam recordações de duas legiões nas quais servira. Decidiu não olhar para trás e seguir rumo à Gália. Na travessia, em alto-mar, deu-se um forte vendaval e sua nau fora a pique. Desencarnou, deixando uma pequena família à sua espera. Amandu fora um esplêndido arqueiro do exército romano, havia participado de duras batalhas desde os tempos antes de Cristo até pouco depois. Sua história será aqui relatada em detalhes para que o leitor entenda como a genialidade humana pode se transformar em pura bestialidade.

Durante o seu árduo treinamento nos exércitos, o comandante das tropas sofreu queimaduras e lesões, mas seu ânimo permaneceu inalterado perante a promessa de sucesso e fortuna. Sua esposa, Antonildes, não tinha notícias do esposo há vários dias. Sua espera no lar era compensada com diversos presentes. Algumas mulheres dos soldados romanos costumavam se reunir em praça pública para compartilhar misérias e destinos. Numa dessas tardes de encontro, Antonildes revelou toda a preocupação de que seu esposo não voltasse mais com vida após a marcha em direção ao norte. A Gália precisava ser conquistada,

dizia; os gauleses possuíam uma forte esquadra e faziam de tudo para expulsar o exército invasor.

Nesses treinamentos militares, além das formações de colunas, eram ensinados como abater o inimigo com machados e lanças. O arco fora dado ao soldado armado como proposta de intervenção rápida e eficaz. As flechas podiam conter arsênico, veneno em descoberta na época ou outras substâncias nocivas ao homem. Amandu é descendente de família pobre, mas honrada. Seu tio Deoclécio serviu às tropas de Tiberiano, o general em ascensão do império romano, e nunca ficou rico o suficiente. Morreu com uma perna amputada decorrente de infecção gangrenosa.

Bem, este relato inicial se faz necessário, pois o jovem Amandu, ainda com dezoito anos, decide ingressar, por livre e espontânea vontade, no exército romano. Assim iniciaremos os seus relatos.

— Jovem, o que desejas? — inquiriu o capitão Gregório.

— Senhor, desejo ser um verdadeiro romano, desejo armar-me e ser fiel a César.

— Tibério César não necessita de mais um aventureiro — respondeu.

— Mas tenho muito a aprender, veja minhas mãos cheias de calos por carregar enxadas e serpentinas.

— Meu jovem, o império necessita de ti para tornar-se um camponês e não um guerreiro. Será necessário fazer um teste — afirmou o oficial.

— Que seja feita a sua vontade — respondeu o jovem aventureiro.

— Dragon, traga uma adaga e diga para Petrônio vir aqui fazer um teste com este jovem.

Petrônio era conhecido lutador das galés. O homem que perdia com suas lutas corporais era jogado ao mar vivo ou morto. Era muito respeitado entre as tripulações dos remos.

— Mestre, ele está aqui — respondeu o informante.

Ao olhar o seu oponente, Amandu pensou em abandonar a luta, por um impulso resolveu ficar.

— Diga o que queres? — perguntou Petrônio.

— Faça só um teste neste jovem e veja se tem potencial. Quanto a ti, Amandu, pegue essa adaga e tente furar Petrônio.

Iniciou-se um verdadeiro combate homem a homem. Enquanto isto, a plateia começou a se formar. Em uma primeira tentativa de golpe em cima de Petrônio, o mesmo desarmou com facilidade o seu oponente com um golpe certeiro no punho de Amandu.

— Senhor, perdoe-me, é que não levo jeito, mas quero aprender.

Petrônio ouvindo essa afirmação o indaga:

— És capaz de ficar invernos e verões a fio longe de Roma?

— É tudo o que quero — respondeu.

— Então és preparado para morrer pelo o império?

— Se assim for preciso.

— Gostei dele. Pode acomodá-lo em minhas fileiras — responde Petrônio.

— Mas ele não te acertou nenhum golpe — observou o mediador.

— Verdade, mas pareceu ser corajoso. Só o fato de empunhar uma adaga contra o forte Petrônio, já demonstra coragem. Então, o deixarei seguir os meus passos. Jovem, siga-me! disse Petrônio. — Estás nas minhas fileiras. Não terás tratamento duro, mas aprenderás a arte do combate. Temos pessoas que te ensinarão

tudo, desde permanecer imóvel por mais de uma hora até degolar um ser humano. Nada foge das legiões de César, nem sequer um avo.[*]

Petrônio deixou o local acompanhado de Amandu.

Campo de formação de soldados

Petrônio começou o treinamento dos novos iniciantes, inclusive de Amandu.

— Jovem, carregue as armas! — ordenou Petrônio.

— Sim, capitão, devemos levá-las para onde?

— Não fale! Somente obedeça — disse o comandante.

— Senhor, desculpe-me.

— Primeira lição: no exército de Roma, obedecer a tudo. Se eu ordeno, faça.

— Sim, senhor — respondeu o aprendiz.

— Segunda lição: não confie em suas ideias. Deixe que nós o guiaremos em tudo e, por último, deixe que Roma faça de você um soldado invencível.

Ao ouvir essas três orientações, Amandu baixou a cabeça e seguiu seu mestre carregando espadas e punhais.

— Tropa, aguardem aqui! — ordenou Petrônio aos seus comandados. A legião aguardou as ordens.

— Veja, senhor, são os inimigos— disse o observador.

— Tropa, preparar armas!

Todos desembainharam suas espadas.

— Ao som da corneta, avancem em direção ao inimigo.

Em pouco tempo, ouviu-se o som de uma corneta e batidas de bumbo. Era o sinal de armar as fileiras e marchar. Logo

atravessaram os lagos gelados dos campos de treinos e foram direto ao suposto inimigo, que eram os soldados experientes da terceira legião de Roma. Claro que os atacantes foram massacrados e feitos reféns pelo grupo experiente.

— Muito bem, vejam como erraram, as fileiras não estavam perfeitas. Houve um buraco no meio delas, não fecharam a retaguarda, favorecendo o contra-ataque do inimigo.

— Mas senhor, e os cavalos? Não estávamos esperando a cavalaria.

— Seus vermes! Não veem que isto não é brincadeira? É claro que vocês não foram avisados das surpresas do inimigo — disse Petrônio.

— Ave, César! — disse um mensageiro.

Petrônio leu as ordens e disse:

— Chegou a hora, deixemos nosso treino e embarquemos rumo à Gália.

— Senhor, não estamos preparados — disse Amandu.

— O quê? Um soldado questionando as minhas ordens?

— Não, senhor, apenas digo que queremos mais habilidades — disse um soldado.

— Capitão, retire esse homem, ele não é digno das fileiras de César.

Em poucos minutos o contestador fora expulso do campo.

— Vejam o que acontece se alguém questiona Roma — disse Petrônio.

Aos poucos o soldado é despido da sua roupa, deixando o campo no frio do inverno europeu.

— Logo ele vai cair — disse Petrônio. Foi o que ocorreu.

Carregaram-no e o levaram para longe das legiões.

— Não veem? O que César ordena será cumprido — disse Petrônio apontando para o soldado nu e desmaiado.

Fora a lição mais dura que a tropa presenciou, um companheiro sendo desarmado e deixado de lado em nome de Tibério. Aos poucos, todos foram se agrupando e deixando a neve cair nos seus corpos.

— Marche! — ordenou Petrônio.

Aos poucos os mais de três mil homens iam acertando o passo em direção ao porto para serem transportados rumo às costas gaulesas. Durante o percurso, o jovem Amandu não aguentou e teve que ser atendido por um cuidador da tropa, que administrou chás e ervas doces para animar os soldados cansados da maresia. Tinham que suportar noites de frio e dias pouco ensolarados.

O batuque do tambor fazia um ritmo acelerado e ensurdecedor. Aos poucos se afastavam do porto em direção à Gália. Seriam alguns dias de viagem até o destino final. Diziam que eram terras cobiçadas e ricas. Por isso, seria necessário um ataque certeiro e dominador.

Após vários dias, chegam à terra disputada. Foram recebidos com chuvas de flechas e rechaçaram o ataque com lanças e flechas incendiárias. Vários companheiros sucumbiram àquele ataque, mas nada se comparava à destruição obtida com os galhos incendiados previamente e catapultados como bolas de fogo. A praia ficou incendiada e o inimigo logo recuou. Os céus estavam cheios de estrelas. Observavam com cautela a noite fria e clara. Alguns inimigos observavam. Sons provenientes da costa revelavam pessoas próximas tentando se organizar. Petrônio apareceu ao convés e disse:

— Amanhã tomaremos estas terras. Que César aceite nosso sacrifício pela conquista.

Levantando uma taça de vinho disse:

— Ave, César! Não deixaremos o império morrer!

Todos responderam:

— Ave, César!

Inclusive após Petrônio sinalizar o ataque, Amandu fora escalado para iniciar o grupo de combate.

Novas Ordens

Já era bem tarde da noite quando a embarcação de Petrônio atracou em um porto improvisado nas costas gaulesas.

— Senhor, o que faremos? — perguntou o encarregado.

— Nada, ficaremos aqui e, ao amanhecer, desceremos e exploraremos estas terras.

Foi o que aconteceu. A noite transcorreu calma e serena. Homens mortos jaziam na praia e fogueiras eram avistadas ao longe; parecia que o inimigo desistira de vez. Tudo se consumou em poucas horas. Milhares de homens perderam a vida tentando tomar aquela ponta de areia. Petrônio estudava como fazer para tomar de vez aquelas terras. Amandu acompanhava os passos de Petrônio que não conseguia parar de andar dentro da embarcação.

— Senhor, daqui a pouco vai amanhecer. O que deseja que façamos? — perguntou um subordinado.

— Faremos o seguinte: metade da legião ficará aqui e a outra metade desembarcará comigo. Devemos nos separar e conquistar todo aquele território.

— Dizem que os gauleses têm um líder chamado Orniac, chefe de uma das tribos descendentes de nórdicos.

— Era tudo o que tinham. Esse líder, para mim, não existe; apenas Roma existe — retrucou Petrônio.

— Chefe, sabemos que estes gauleses não são páreo para Roma, então por que não se entregam?

— Chamamos ponto de honra, preferem morrer como heróis a viverem como escravos.

— E o povo judeu não ficou nosso escravo?

— Mais ou menos, eles têm a liberdade de adorar seu Deus, mas têm que ser limitados aos nossos.

— Qual será o plano, em seguida? — indagou Morado, homem de confiança de Petrônio.

— Seguiremos as trilhas em direção ao seu castelo central.

— E se não tiverem? — perguntou o discípulo.

— Bem, não percamos tempo, temos que sair deste lugar — disse Petrônio, acompanhando meia legião romana em busca de aventura e sucesso.

Em uma noite de ajuntamento entre soldados e comando foi acesa uma vela de aviso que o ataque final seria realizado pelo exército romano, anunciando a história de revolta e cobiça. Petrônio pegou sua espada e falou:

— Senhores, percorremos terra, água e mar para aqui chegar. A partir desse momento, preencheremos nossas casas com sinais de saudades. Devemos deixar a praia em direção ao castelo local, prontos para dominá-los, tarefa que nunca ficou tão clara sob as ordens do comandante.

— Ave, César! — Saudou o soldado a Petrônio. — Deixe-me contar os fatos.

— Diga, não temos tempo a perder. Logo abrirá um belo dia e a noite não vai mais nos ocultar.

— Senhor, aconteceu algo inacreditável!

— O que foi? — perguntou o comandante.

— Em pouco tempo, todos nós deixaremos essa embarcação e devemos procurar outros meios para sobreviver.

— Olhe, aqui, capitão — falou Petrônio, em poucos momentos deixaremos esta embarcação e nunca mais voltaremos à civilização. Veja nossas conquistas — relatou para o soldado.

— Como temos que acompanhá-lo? — indagou o jovem Amandu.

— Daremos a volta em tuas fileiras.

— Senhor, Roma tem um código de honra — disse o militar romano.

— Então, devemos capturá-los e colocá-los em uma poça de água fervente.

— Não podemos fazer isso — afirmou Petrônio. Vamos negociar com eles, antes.

Assim foi feito e marcado um encontro com os gauleses.

— Queremos ser reconhecidos como um povo e finalmente achar maneiras de melhorar a nossa cidade — disse o chefe gaulês.

Apertaram-se as mãos e saíram do plenário da reunião com os gauleses.

As impressões a que se chegaram eram que Petrônio não queria atacar totalmente o castelo dos gauleses e estes, por sua vez, queriam ser dominados para não morrerem de fome. Naquela época, os moradores que viviam perto de palácios de monarcas dominadores, sabiam que poderiam sofrer ataques bárbaros, e foi em um desses combates que Petrônio e Amandu se viram obrigados a atacar um grupo de crianças que estavam escondidas do exército de Roma. A invasão romana se deu de modo mais pacífico, visto que a maioria dos adultos havia fugido ou estavam escondidos em áreas de domínio anglo-saxão.

— Apresentar armas! — gritou o centurião romano.

Foram prestadas as devidas homenagens a César que, de muito longe, ouvia as histórias de conquistas vindas do campo de batalha.

— Senhor, eu vi, estavam todos mortos. O exército de Roma é vitorioso! — exclamava o mensageiro.

Nesse ponto, iniciaremos a aventura de Amandu e Petrônio, que de tão fortes, não havia obstáculos para eles. Quando viram as crianças indefesas, não pensaram duas vezes, as retiraram do esconderijo e levaram-nas para longe dali, para servirem como escravos e lutadores. Perante as ordens de Roma, o lugarejo fora conquistado em pouco tempo. Nada detinha aquele exército invencível.

O ardil gaulês

Após esse confronto, os gauleses largaram as armas e deixaram o exército de Roma tomar o castelo e os restos das casas, nas periferias dos campos.

— Senhor, estamos dominando todos os campos, os gauleses fogem com suas famílias — disse Amandu.

— Então armem as tendas, logo teremos o toque de vitória.

Mal Petrônio acabou de anunciar suas ordens e uma chuva de flechas incandescentes cruzou os campos e começou a cair, não dando tempo da legião romana se abrigar. Amandu cai para se proteger, levando o seu comandante ao chão também.

— César não vai gostar disto — disse Petrônio. — Reunir as tropas! Marcharemos em retirada e nos reagruparemos.

Dadas as ordens de retirada, o grupo voltou para a pequena praia e solicitou que as demais tropas aportassem em um socorro à meia legião desembarcada. Havia vários feridos e mortos, cerca de quinhentos homens. Belo dia para ver uma cidade conquistada, mas caíram numa falsa rendição. Petrônio não sabia o que fazer, se reuniria as tropas e marcharia logo ou deixava para o outro dia o contra-ataque.

— Senhor, não temos proteção aqui — disse um dos comandantes a Petrônio.

— Será por pouco tempo, logo nos reuniremos e formaremos um círculo de defesa próximo à praia.

Estas estratégias do exército romano já não faziam tanto efeito. O inimigo conseguia separar as defesas usando gigantes catapultas com óleo quente embebido em bujões de barro e arbustos secos. Foi isso que aconteceu, o exército foi atacado e encurralado. Petrônio tinha ao seu lado o soldado Amandu e alguns comandantes.

— Senhor, o que faremos?

— Deixe nossos homens à frente de seus cavalos, tentaremos avançar assim mesmo, é uma questão de vida ou morte.

— Não faça isto, meu comandante — disse Amandu. — Serei voluntário para conquistar a retaguarda deles. Dê-me dez homens bem armados com arco e flecha e ao meu sinal dê uma flecha com fogo romano, terá condição de marchar para cima dos gauleses.

— O que farás? Serás morto na primeira tentativa — disse Petrônio.

— Deixarei as nossas linhas e tentarei atrair o máximo possível de soldados gauleses, imitando uma grande legião. É o momento de atacá-los e vencê-los — disse Amandu.

— Tua estratégia não me parece boa, mas como estamos surpreendidos, vai e não demores. Se te pegarem, pense em nossa deusa da morte, ela te salvará dos maus lugares.

Amandu e a pequena tropa vão ao encontro dos gauleses, usando a praia e um pequeno bote para atracar em um local mais distante do ponto de desembocadura.

— Por aqui homens! — ordenou Amandu.

Em poucos metros já estavam se defrontando com gauleses fabricando arcos e flechas. Seria a oficina dos atacantes, sendo

fácil dominar e executar os artífices.

— Não matem este homem, ele servirá de escudo para nós — ordenou Amandu.

E num momento de coragem o pequeno grupo atacou com flechas e depois correram para um campo arborizado, em fuga, sendo suficiente para mobilizar uma grande quantidade de soldados na caça a eles.

— Senhor Amandu, não temos para onde ir — afirmou Nortalgino, soldado e companheiro.

— Eu sei, nos esconderemos aqui e esperaremos. Vá para mais adiante e solte esta flecha romana incandescente. Faça do alto daquela árvore — ordenou Amandu.

— Não posso, estou ferido, é melhor o senhor executar.

Amandu olha para os homens já cansados e assume a tarefa, corre e rasteja até chegar a uma frondosa árvore. Ouviam-se vozes dos gauleses a poucos metros. Amandu sobe na árvore e com a flecha acesa nas mãos, dispara para bem alto. Petrônio identifica o alvo no ar e ordena:

— Soldados, em formação de ataque, em frente!

Ouviu-se o som do bumbo anunciando o próximo passo da estratégia. Os homens se levantaram, cerraram as fileiras e começaram a marchar. A outra metade da legião iniciou o desembarque dos outros navios. Grande força romana se concentrou no meio das tropas gaulesas que, desfalcadas na sua retaguarda, começaram a recuar. Amandu ficou preso no cinturão de combate, mas não fez nenhum movimento. Em poucas horas duzentos e cinquenta gauleses foram mortos e trezentos homens presos pelo exército romano.

Longino — o ajudante

— Soldado Longino, venha cá — falou Amandu.

— Sim, senhor, demos tempo suficiente, podemos voltar — disse Longino.

— Olhe, são os últimos gauleses se rendendo. — Apontou o soldado Ormatos, outro integrante do grupo de Longino.

Amandu determinou:

— Voltemos pela praia, não podemos correr o risco de sermos surpreendidos por algum inimigo.

O grupo retornou para a posição inicial do exército de Petrônio. Foram ovacionados por todos e recebidos com glória.

— Ave, César! Estamos livres destes agressores graças a ti, Amandu e teu grupo — anunciou um comandante.

— Não posso dizer que agi sozinho, só sei que este soldado me ajudou muito no momento de levar a lança e a flecha incandescente para a copa da árvore.

— Não seja por isso, serão condecorados. César sempre ajuda quem tem brio em sua tropa.

— Longino é o seu nome — informou Amandu.

— Peguem as suas coisas e me sigam. O comandante Petrônio nos aguarda.

— Muito bem, sempre confiei em vocês. Agora será mais fácil seguir em frente; mandarei um mensageiro informar a César do

nosso sucesso e certamente serão recebidos por ele e toda a guarda será beneficiada — disse Petrônio.

— Salvatore, às ordens!

— Sim, senhor.

— Leve esse recado a César: novamente conquistamos o território gaulês. Necessitamos de ajuda para continuar nossa campanha. Cite estes bravos como os heróis do dia, deverão ser recompensados.

As batalhas na Gália nunca foram fáceis. Apesar de Júlio César ter conquistado a maior parte dos territórios, a maioria dos gauleses não aceitava a dominação romana. Até Tibério pensava em deixar esta colônia romana, em virtude das ávidas batalhas de seu exército para dominar o povo. Longino e seus companheiros já haviam estado, há vários anos, nestas terras e falavam um gaulês rude, diferente do principiante Amandu, que nada tinha de fluência.

— Senhor, deixe-nos passar uns dias em Roma, é o que peço.

— Ora, Amandu, já és um herói. Permitirei, sim, mas após dominarmos mais territórios. Precisamos do máximo de força daqui por diante. A legião é fraca se for dissolvida. Este é um dos motivos da nossa glória.

— Ave, César! — respondeu Amandu, que se retirou em direção à sua tenda.

Seus companheiros também o seguiram e ele perguntou:

— Longino, há quanto tempo serves sob as ordens de César?

— Há muitos anos, primeiro me mandaram para a Judeia e agora para cá, vivi por estas terras por algum tempo. Diziam que era necessário colonizá-la.

— E tu, o que fizeste? Ficaste aqui?

— Claro que sim, mas minha experiência na Judeia foi exponencialmente mais interessante — respondeu Longino.

— Conte-me — disse Amandu.

— Certamente, levarei vários dias para relatar-lhe.

— Primeiro gostaria que não falasse para ninguém, pois sou um dos responsáveis pela morte de um profeta.

— A quem te referes?

— Ouviste falar em Jesus, o Cristo?

Longino, o doente da alma

Longino continuava a falar todos os detalhes da crucificação do Cristo e seu arrependimento de ter perfurado Jesus.

— Mas não tiveste escolha — disse Amandu.

— Foi terrível! Mandaram eu verificar se Ele ainda vivia; não percebi se mexer. Recebi ordens do pretor para furar suas vísceras.

— O que aconteceu depois?

— Bem, foi alvo de veneração pelas mulheres que esperavam Sua morte. Deixei que elas se aproximassem, tentei falar que fui mandado fazer aquilo; tudo em vão.

— Mas agora já superaste isso.

— Não é bem assim. Após ter deixado a Judeia, passei momentos de reflexão e aflição. Não creio neste Cristo, mas acho que Ele era um grande profeta. Veja as minhas mãos; eram manchadas com cicatrizes de óleo quente, agora são límpidas e brilhantes. Não sei o que aconteceu, só que após o sangue Dele ter espirrado em mim, senti que havia sido curado de uma doença.

— Interessante! E agora, o que queres fazer?

— Quero voltar à Judeia, rever os passos Dele e, se possível, tentar localizar seus parentes e amigos.

— Não creio que ainda estejam lá — comentou Amandu.

— Não ouvi mais falar Dele, apenas que não encontraram mais os seus restos mortais. Dizem que ressuscitou. Não vejo desta forma; acho que Ele virou anjo e foi embora.

— Creio que estás alucinado.

— Não! Após estes fatos, tenho pensado em minha vida. Só desejo fazer o bem, mas não posso deixar transparecer; como soldado de Roma, preciso transpirar ódio e rancor.

— Longino, descanse. Tenho que falar com o nosso superior, logo nos darão nova missão. Não queres algo para comer?

— Não, obrigado, logo iniciarei meu jejum, uma penitência pelos que se foram desta vida.

O que Longino falou causou comoção em Amandu, surpreso e sentindo revolta com tudo que foi obrigado a fazer. Pensava que os brios do exército romano não seriam capazes de açoitar homens inocentes; bem, era isto que ele imaginava.

— General Petrônio! — anunciou Amandu.

— Ah! Meu jovem, entre. Logo teremos notícias de Roma e saberemos se Tibério irá recebê-lo.

— Não era bem isto que eu desejava.

— E o que desejavas?

— Ver se poderia ser dono de terras na Gália.

— Ora, meu soldado, até eu quero isto, acalme-se; logo teremos sugestões do próprio César.

Amandu queria fama e poder; por isso entrou no exército romano.

— E tem mais, gostaria de conhecer o restante da Judeia, dizem que é um lugar inóspito, bom para futuras propagações de riquezas.

— Veja, Amandu! A Gália é muito mais rica, sugiro que fique aqui. César irá te dar um posto melhor e não poderás recusar, é o

que recomendo.

Naquela época, todo soldado romano, era agraciado com pequenos espaços de terras conquistadas, caso fosse considerado um herói. Foi assim que vários soldados, sob o comando dos Césares, se deram bem como dono de alqueires e suas vitórias eram compensadas com mais benefícios.

— Tibério César sempre recompensa os melhores soldados. — Completou o general.

— Está bem, voltarei ao meu abrigo e aguardarei as ordens.

Ao retornar, encontrou Longino desmaiado e em transe, contorcendo-se e falando palavras agoniantes.

— Longino, acorde!

Amandu jogou água no rosto de Longino, acalmando o soldado.

— Meu Deus, o que é isto? Estou acordando de um sonho, percebi que eu estava em um desfiladeiro com várias pessoas e, de repente, surge Jesus a mostrar a sua mão ferida e tentando me amparar — relatou Longino.

Novas revelações

— Afaste-se de mim! — disse Longino.

— O que foi? Quero ajudar-te.

— Não sei. Estas imagens de Jesus sempre vêm à minha mente. É uma tortura!

— Olha! Nos teus sonhos, Ele está em posição que vai te ajudar — disse Amandu.

— Eu sei, é por isso que quero retornar à Judeia.

A noite passou com rapidez. Longino continuava a relatar a sua vida até chegar o momento da crucificação de Jesus.

— Eu era jovem, saí de casa e alistei-me nas fileiras de César. Fui mandado para lutar em regiões do Egito. A Judeia era meu último posto de serviço. O centurião anunciava que havia um falso profeta que estava enganando o povo. Pilatos era o governador. Deveríamos proteger o governante. Odiávamos os judeus, só traziam maus presságios para nós. Eu andava sempre com meu amuleto, lutei em várias frentes e, após a crucificação de Jesus, fui mandado para longe de lá. Ordenaram que eu esquecesse os fatos, disseram que mais cedo ou mais tarde seria considerado velho e me dariam terras para me alojar. Agora, continuo em combate, não aguento mais. Preciso voltar.

— Acalme-se, Longino, verei o que posso fazer. Petrônio me afirmou que a terra judaica é propícia a várias culturas, mas

inóspitas. Só tem areia e a água é escassa.

— Podemos cavar poços de água — rebateu Longino. — Ouviste falar em Marta?

— Não — respondeu Amandu.

— Era uma das judias que se acercavam de Jesus. Disse-me que deveria me arrepender do que eu fiz. Oh! Como sofro. — Continuou.

Após vários dias de revolta na cidade, o povo se acalmou; os judeus dominaram novamente, mas um grupo de discípulos de Jesus continuou a anunciar a boa nova, como dizem.

— Estavam me confundindo, eu afirmava.

— Calma, Longino, teremos uma solução e este é o momento de pedir a César tua reforma do exército. Assim, poderás voltar para a Judeia e adquirir as terras prometidas. Verei o que posso fazer.

Após aquela conversa, Amandu ficou a pensar em todos aqueles fatos. Passados dois meses, o sol veio forte na Gália. Os soldados continuavam a rotina de afiar e amolar espadas, ajeitar armas e traçar planos para novas conquistas. Veio um mensageiro de Roma com notícias de Tibério.

— Senhor, devemos levar os prisioneiros para o trabalho forçado? — indagou Amandu a Petrônio.

— Claro, temos dezenas deles. Não precisamos alimentá-los bem, apenas o essencial.

— Senhor, tens notícias de Roma pelo último mensageiro? Queremos saber dos nossos destinos.

— César mandou chamá-los, tão logo o inverno passasse. Devemos levá-los à sua presença.

— Então são boas notícias — afirmou Amandu. — Tenho um pedido a fazer.

— Diga, então.

— Quero que Longino, o soldado, me acompanhe, será uma honra que isto aconteça. Preciso relatar algo: este Longino está sem ideias firmes. Sabe-se que ele atuou como o último a falar com Jesus e, desde então, acha que ficou curado de seus males.

— Tibério já foi informado destes fatos, mas evita aceitar o que Longino falou publicamente. Para ele, Cristo era uma farsa.

— Então, o senhor acha que ele mente? — perguntou Amandu.

— Sim, acho que ele é uma farsa, que nunca esteve doente. Para todos ele fala deste Cristo e de como ele perfurou o Homem. Não acredito nele ou em suas histórias.

— Parece-me real — disse Amandu. — Pensei em ser acompanhado por ele, para procurar o que sobrou de Jesus.

— Será perda de tempo. Dizem que o corpo de Jesus sumiu, foi sequestrado. Aí dizem que Ele renasceu, ressuscitou. Pura fantasia.

— Entendo. Como devo proceder?

— Diga a Longino que este Jesus não poderá ajudá-lo. Ele morreu.

— Está bem, senhor. Não falarei mais neste assunto.

Com isso, Amandu se despediu e disse que estava pronto para qualquer ordem de César. Deixar Roma para morar em outras regiões demandava coragem e companheirismo entre todos. Amandu fora convocado a falar com Tibério que, já doente, precisava distribuir afagos, com seus subalternos.

Relatos de Longino

Ao saber que fora rejeitado como companhia a Amandu, no chamado de Tibério, Longino expressou sua revelação:

— Veja como fazem, como não sirvo mais ao império, me deixam aqui. Não é justo — afirmou.

— Longino, fiz o que pude, irei ver César e trarei notícias. Talvez ele permita a sua saída do exército com uma boa quantidade de terras.

— Ele tem medo de mim — afirmou Longino. — Sabe que posso revelar-lhe detalhes do assassinato deste profeta. Isto ele não quer ouvir.

— Como ousas, Longino? César não tem medo de nada, devemos respeito a ele e à sua família.

— Não se trata disso, Amandu. Quero que ele saiba tudo o que aconteceu. Sou testemunha livre e viva.

— Então me relate os pormenores, estou ouvindo.

— Não posso relatar tudo, senão vão dizer que estou louco, inclusive tu.

— O que de tão sério tens a relatar? Nada do que sabes pode fazer diferença. Para mim isto não passa de excessos da tua mente.

— Não me abandones, Amandu. Peço que me ouças mais uma vez.

O soldado, já em retirada da conversa, parou e ouviu mais uma vez Longino.

— Já era de manhã, fincamos o local onde Jesus iria ser assassinado. Uma multidão fazia fila para ver o local, outros também o veriam. Vi várias mulheres chorarem antes Dele aparecer com um pedaço da cruz nas costas. Era quase meio-dia quando Ele chegou, todo ensanguentado, sua face com suor e tinha um odor de penas de pássaros. De repente Ele me fitou e, como uma conversa invisível, falou: “És um dos nossos. Não temas. Terás um local no reino dos céus.”

Aquilo me deixou extasiado. Como Ele poderia entrar na minha memória? Fiz uma breve recapitulação da minha vida pregressa. Dizia para mim que eu tinha que agir como soldado, sem dó ou piedade Dele. Dizia: “Faça o que tens que fazer, não penses que te julgarei. Foste escolhido para executar a última ordem.” Como? Penso até hoje. Aquelas palavras firmes de um homem próximo da cruz, me fazem suplicar um final feliz. Perdoe-me, Senhor! Não queria machucá-lo.

— Calma, Longino, entendo a sua dor. Assim não poderá voltar à Judeia. És um homem transtornado. Penso que seria melhor ficar aqui na Gália e constituir uma família; ninguém precisa saber de teus tormentos.

— Já é tarde, todos já sabem, mas ninguém me dá ouvidos. Os olhos de Jesus me fitando, são para a minha eternidade. Levarei para o túmulo as Suas palavras. Não ficarei mais curado.

Amandu pensou no caso e disse:

— Está bem, verei o que posso fazer. César tem que ouvi-lo, afinal, és um homem de palavra. Talvez ele não queira saber tudo o que aconteceu, mas isto te fará bem. Tenho certeza que depois que o vires sentirás conforto no teu coração e logo partirás para

Gália e ficarás livre dos lutas internas e os teus deuses irão te ajudar a sair desta.

Dito isso, Longino agradeceu e falou:

— Senhor, sei que posso estar louco, mas é tudo o que quero, falar com Tibério e levar a última mensagem que recebi de Jesus.

— Mensagem? Tem algo que tu não me disseste?

— Não é bem isso, tenho informes do falso profeta. — Complementou Longino.

— Bem! Não quero ser visto por César como um delator ou alguém que lhe traga infelicidade. Verei o que posso fazer. — Repetiu Amandu.

Aquela tarde foi realmente de dúvida. Amandu achou que Longino poderia prejudicá-lo ao acompanhá-lo a Roma. Era um homem de palavra, portanto se ele iria falar algo, que fosse, mas Longino o acompanharia, mesmo que Petrônio quisesse impedi-lo. Ao anunciar sua decisão, Petrônio disse:

— Seja como queres. César irá recebê-los. Tudo terminará bem.

Novas conversas

Longino preparou-se para a viagem até Roma acompanhando seu novo amigo, Amandu.

— Qual será a nossa rota? — perguntou Longino.

— Partiremos de barco amanhã — informou o amigo.

— Tenho que confessar-te mais uma coisa. Possuo amigos aqui próximo, talvez queira conhecer algumas pessoas.

— Está bem, será um prazer, afinal, tenho que conhecer alguém para um dia me casar.

— É verdade, um homem solteiro não tem vida longa — respondeu Longino.

— Olha a sua vida, Longino, és solteiro e estás aqui para contar uma história.

— É um caso à parte. Pretendo casar-me assim que chegue a Judeia.

— Com quem?

— Tenho uma prometida, sempre que posso, envio notícias.

— Daqui? Deste fim de mundo? Quem pode levar notícias tuas?

— Existem mensageiros. Demoram cerca de três meses, mas chegam. No próximo ano pretendo enviar mais notícias.

— Ora, Longino, que história estranha. Alguém a te esperar na Judeia?

— Porque o amor é paciente. Já ouviu falar disto?

— Não é a primeira vez que ouço isto.

— Existe um outro amigo de Jesus que manda cartas aos seus seguidores. Outro dia, li uma dessas cartas. Havia escrito palavras de amor. Achei interessante, pois aqui só tem ódio.

— Quem te mostrou essas cartas?

— Foram amigos meus daqui próximo. Quero que os conheça. Da última vez que os vi estavam em uma reunião secreta com histórias de Jesus. Falei que eu O vi pela última vez, mas não desconfiavam que eu fui o último a perfurá-lo.

— Se soubessem, não iriam mais ser teus amigos — afirmou Amandu.

— Não precisam saber. Isso é entre mim e minhas ideias.

— Está bem, e quando vamos conhecer teus amigos?

— Hoje à noite, sairemos bem cedo e iremos ao encontro do grupo deles.

— São muitos ou muitas?

— São apenas uma pequena comunidade de sete pessoas. Entre eles, Antonielle, uma jovem e bela moça que quero que a conheças.

— Por quê? Achas que irei me apaixonar por ela?

— Ora, Amandu, não disse isso, só que tens interesse em casar-te em breve tempo.

— Está bem, então vou conhecê-la.

Amandu, pensando nessas cartas, perguntou:

— E de quem são estas mensagens de amor?

— De um judeu chamado Saulo.

— Saulo? Já ouvi este nome. Mas ele não viu Jesus. Como ele pôde escrever estas cartas?

— Dizem que através de sonhos com o espírito desta pessoa.

— Entendo, mas não acredito nisto.

Amandu era meio cético com estas crendices. Para ele, Roma já possuía divindades suficientes para ajudar seus exércitos. Se queria atacar um exército inimigo, bastava pedir para seus deuses e honrar um sacrifício, logo teriam sucesso.

— Não é bem assim — rebateu Longino. — As coisas mudaram em mim e em muitas pessoas após o assassinato deste Cristo. Dizem que seus seguidores são inúmeros e alguns estão alojados em Roma. Tibério os odeia. Acha que são demônios a torturar as ideias das pessoas.

— Demônios? O que são?

— São pessoas do mal que vêm assolar a Terra.

— Nunca ouvi estas palavras; para mim são deuses do infortúnio que destroem as plantações e as terras quando não são ouvidas suas súplicas, por uma vida melhor.

— Então verás muitas coisas diferentes e depois farás o teu próprio julgamento.

— Quanto a ti, Longino, partiremos pela manhã e não terás outra chance de falar e reverenciar o nosso César.

— Agradeço muito o que tens feito por mim. Tenho certeza que é por dó.

— Verdade, tenho pena da tua situação. Acho que o melhor remédio para curar-te é enfrentar o desafio de chamar Tibério de César e explicar tudo que desejas. Só peço que no final das tuas explicações, digas que não tenho nada a ver com tudo isto.

Os dois se afastaram até a noite.

Durante o encontro

— Amandu, chegou a hora, vamos, já anoiteceu — disse Longino.

— Espere, tenho que pegar meu capacete e capa.

— Não é necessário, esta gente é do bem, não vão nos molestar.

— Como sabes, Longino? Poderão nos assustar e fazer-nos correr — disse Amandu, rindo.

— Certo! Então, leva a tua espada e verás que eles não metem medo.

Assim, os dois, recém-amigos, penetram na região montanhosa da Gália, em direção ao pequeno vilarejo que distava cerca de dez quilômetros do acampamento romano. No trajeto, os dois continuaram a conversa.

— Então, dizes que este Jesus era um grande profeta — comentou Amandu.

— O maior deles, dizem que fez curas em leprosos e em cegos de nascença.

— De nascença? Aqueles já condenados pelos deuses?

— Isto, tudo em nome de um Pai Criador.

— Acho que os romanos não gostaram desta história e tampouco os judeus.

— Isto é tão verdadeiro que o mataram. Não me perdoo pelo meu último ato.

— Amigo Longino, só cumpriste o teu dever de bom soldado.

— Não é só isto, é que uma das mulheres que estavam presentes era amiga de minha amada.

— Não diga, que tragédia! — afirmou Amandu surpreso. — É por isso que te dói o coração. Além de ter matado um profeta, ainda eras amigo de uma judia.

— Sim, tinha minhas preferências. Ela me amou e me respeitou, mas após meu ato não quer mais me ver. Responde as minhas cartas, mas sempre alerta que devo seguir o meu caminho.

— Está bem, então vamos seguir o nosso caminho — afirmou o jovem Amandu.

— Não se trata disto, eu a amo, e não olhei mais para nenhuma mulher.

— Coisas de homem apaixonado — afirmou Amandu. — Não tens outra opção. Vamos a este lugarejo e te ajudo a conhecer outra mulher.

— Não precisa, voltarei à Judeia e implorarei o seu amor.

Disto Longino tinha convicção. Para ele, o amor à judia que deixara na Judeia era muito sério. Seu nome: Amarílis, amiga de Marta, uma das mulheres que seguiam Jesus, em Suas peregrinações.

— Meu amigo, agora que me contaste tua odisseia, venho te confessar algo — disse Amandu.

— Tão jovem e já com mistérios. — Gargalhou Longino.

— É que meu coração já tem dona, sou apaixonado por uma vizinha que desde criança me ama.

— Ora, Amandu, deixe de conversa. Estes amores são passageiros. — Ria Longino.

— Assim que conseguir fama e fortuna deixarei o exército romano e conquistarei seu coração, em definitivo.

— Amandu, isto não tem cabimento. Até lá ela já terá outro.

— Como sabes?

— Algo me diz somente isto. Fique aqui na Gália e terás um futuro mais promissor.

— Estes gauleses me trazem repulsa, por eles que estamos aqui, para colocar ordem nestas regiões.

— Não são todos maus, eles só querem sobreviver e ter as suas terras.

— Longino, acho que estás traindo os nossos princípios — afirmou Amandu.

— Não é verdade! Apenas tenho pena deste povo.

A carruagem parou e os dois desceram. Foram recebidos pelo grupo com tochas na mão, que cantaram louvores aos dois.

— Sejam bem-vindos! — afirmou o mais velho. — Venham! Iremos começar nossas orações próximo daqui.

— Espere, Longino não me falou em orações. Temos nossos deuses.

— São orações a um Deus — disse Longino.

— Isto não é justo. Aqui estou para seguir em boa companhia e conhecer certa jovem.

— Irás conhecê-la; aliás, aí vem ela.

No meio da noite, surgiu uma bela jovem, com olhos azuis e lábios carnudos, trajando um branco-pérola e uma cobertura de linho que cobria até seus cabelos cacheados e dourados. Ao ver a cena, Amandu paralisou e disse:

— Senhorita, que prazer, venho aqui em paz.

— Tenho certeza disso, senhor Amandu. Longino nos avisou de sua visita. Venha e seja nosso hóspede por esta noite.

Os dois amigos seguiram o grupo que adorava Jesus de Nazaré e seus apóstolos.

Os rituais gauleses

Ao chegarem ao centro da aldeia, os dois visitantes foram convidados a entrar em uma rústica habitação.

— Entre, por favor. — Convidou o senhor Leone, pai de Antonielle.

— Senhor, obrigado pelo convite, estamos lisonjeados com sua hospedagem.

Longino apresentou todos:

— Este é meu amigo Amandu, de Roma.

— Boa noite a todos — disse fazendo uma reverência com a cabeça.

— Senhor Longino, hoje preparamos um auto de boas-vindas. Queiram nos acompanhar.

Seguindo a tradição gaulesa, iriam fazer gestos e danças em homenagem aos visitantes. Ao final, declamariam poesias de habitantes do continente europeu.

— Não te disse, Amandu? É gente de paz.

— Até agora não vi nada de anormal.

Após a última poesia, seguiu-se um ritual de louvor a Deus.

— Olhe, Longino, isso é o que eu te falava. Eles são adeptos deste Jesus.

— Eu sei, te avisei que liam certas cartas.

Após a leitura de um trecho da Carta Aberta aos Romanos, Paulo deixou claro que a interferência de Jesus em seus ensinamentos era de grande valia para a remissão dos pecados. Ao ouvirem toda a mensagem, Longino observou:

— Louvado seja Este homem que veio à Terra para ajudar a nos libertar dos nossos pecados — afirmou.

— Longino, deixe disso. Falando assim poderá ser preso e condenado por Roma.

— Não sei o que dizes, amigo, só sei que somos irmãos e assim devemos agir — disse Longino.

— Está bem, não darei ouvidos a isto.

Era tarde da noite e os convidados foram cear.

— Longino, apresente-me à senhorita.

— Sim, havia esquecido. Com a permissão de seu pai, quero apresentar meu amigo.

E Longino falou entre os dois:

— Amandu, esta é Antonielle e este é Amandu.

— Prazer, senhorita — disse Amandu.

— Não sei se devo ter o prazer, mas devo responder-lhe com o máximo de presteza. Boa noite, senhor.

— Senhorita, não vá, gostaria de conhecê-la — afirmou Amandu.

— Claro, em outra hora.

Parecia que a jovem não havia simpatizado com o amigo de Longino.

— Fique só um pouco. — Pediu o soldado romano.

— Está bem. Meu pai, irei ficar aqui por mais algum tempo. — Pediu Antonielle.

— Minha filha, não hostilize estes homens, sabemos o que fazem é por serem soldados. Tenho certeza de que não são maus

como todos dizem. Veja Longino, já é um dos nossos.

Ao afirmar isto, Longino fez um gesto de surpresa.

— Como, eu? Um de vocês? Não chego a tanto. Não posso dizer que sou um seguidor. Não seria digno de mim.

— Senhor Longino, percebemos que é um de nós. Está escrito em seu semblante. Veja as suas mãos, são diferentes de sua face. Suas mãos irradiam cura dos males físicos. Minha filha Antonielle foi beneficiada outro dia. Ao impor as mãos no pescoço dela, ela diz que parou uma dor que tinha há muito tempo.

— Isto é superstição e mentira. Não sou capaz de tal proeza. Já conheci um homem que era capaz disso.

— E quem era? — perguntou o pai de Antonielle.

— Não recordo bem o seu nome, mas Ele não vive mais entre nós.

— Entendo, mas você é um dos nossos amigos, não negue. Vejo como nos trata, um irmão às vezes não trata o outro desta forma.

— Longino, vamos embora, já é tarde.

Os dois amigos iniciaram a retirada, mas foram impedidos por Antonielle, que disse:

— Senhores, fiquem conosco, queremos alojá-los em nossas pequenas e simples habitações.

Os dois amigos se olharam e Longino afirmou:

— Ficaremos até o amanhecer. Amanhã partiremos para Roma, temos convicção de que vocês não podem se expor desta forma; nós, os romanos, logo os condenaremos por adorar um homem.

— Não se trata de um homem, mas o filho do Homem — respondeu Antonielle.

— Então, nos diga onde dormiremos.

— Por aqui, o senhor Blossom os levará até sua tenda — respondeu Antonielle.

E os dois foram dormir com todas aquelas conversas.

Antonielle e Amandu

Antonielle falou para Amandu:

— Fique um pouco, quero contar-lhe algo.

Amandu, surpreso com a proposta, disse para seu amigo Longino:

— Vá e não me espere; se quiser, pode dormir.

— Está bem, tenho certeza de que estás em boas mãos — afirmou Longino.

— Então vamos! — Saiu, dando seu braço para Antonielle.

Após se distanciarem um pouco do vilarejo e sob o olhar do luar, Antonielle falou:

— Senhor Amandu, queria apenas lhe dizer que nosso povo está com as “mãos atadas”, pois os romanos não aceitam nossa crença.

— Eu sei, logo que Longino me convidou para conhecer vocês pensei que não deveria vir, mas algo me conduzia até aqui, como se fosse uma chama.

— É o que as pessoas sentem: um chamado.

Ao olhar profundamente nos olhos de Amandu, ela continuou:

— Quero lhe confessar que me simpatizei com você. Não sou durona, como pareço.

Ao ouvir essa declaração, Amandu se ajoelhou e falou:

— Peço que me ajude a conhecer a verdade. Procuro um amor que não consigo encontrar.

— Senhor Amandu, não exagere, estou acostumada a ouvir doces palavras de homens rudes.

Então, ele se levantou e disse:

— Está bem, peço que me espere, terei chance de conhecê-la melhor.

— Não tenho dúvidas, esperarei — afirmou a moça.

Com um olhar penetrante, os dois se abraçaram e iniciaram um diálogo amoroso.

— Penso que amo você — afirmou Amandu.

— É cedo para dizer, mas me simpatizo com você — respondeu a moça.

— Penso que poderemos nos unir num futuro.

— Meu futuro está aqui — afirmou Antonielle. — Ficarei com minha família, se quiser se unir a nós, será um prazer.

— Sou um soldado romano, não posso deixar as fileiras assim.

— Pode sim, por amor a Cristo.

— Não sei quem é este Cristo de que tanto falam.

— Não precisa conhecê-lo, apenas senti-lo e entender Suas palavras — afirmou.

— Está bem, sem exageros. Ficarei aqui por algum tempo quando voltar de Roma. Direi que preciso de alguns dias para recompor meus pensamentos. Virei até aqui e nos conheceremos melhor. O que acha?

— Perfeito, ficarei a esperá-lo. E seu amigo Longino, irá com você?

— Sim, ele quer, sente que precisa falar com César, não sei qual assunto.

— E você, o que irá fazer em Roma?

— Serei agraciado com uma comenda.

A jovem pensativa respondeu:

— Glória a Deus e aos anjos.

— Não fale assim, temos nossos deuses e eles nos auxiliam, poderei falar-lhe deles.

— Não precisa, sei de onde é e não devo louvar aos seus deuses.

A moça iniciou o retorno sozinha ao vilarejo quando Amandu pegou sua mão e a beijou apaixonadamente. E disse:

— Perdoe-me, não quis magoá-la.

Ao ouvir essas palavras, ela disse:

— Não me importo, o que me interessa é a verdade. O que seu coração disser para mim será lei — afirmou em submissão ao soldado.

Ao ouvi-la, Amandu sentiu um arrepio em seu corpo e pensou: "Ela será minha companheira por toda a vida." Os dois retornaram ao vilarejo. Amandu entrou em seu alojamento e encontrou Longino ainda acordado. Perguntou:

— O que houve? Ela o seduziu?

— Pare com isto, Longino. Ela é uma boa moça. Acho que estou apaixonado.

— Não lhe disse? Suas ideias estão mudando, necessita de uma alma feminina ao seu lado.

— Longino, amigo, partindo de ti, acho que tens razão.

— Vamos dormir, amanhã retornaremos para o acampamento e seguiremos viagem até Roma.

Durante o sono, Longino foi visitado por uma entidade de luz que o avisou:

— Amigo, não te assustes, mas tua missão inicia agora. Daqui para frente, nós te auxiliaremos nesta demanda. Por um lado, um

amigo credor de melhores esclarecimentos, por outro, teu destino, já cheio de percalços para serem transpostos. Não temas em ficar parado, segue a tua vontade. Iremos te ajudar e, simplesmente, sem alterações no rumo da tua missão.

O início da jornada

Durante aquela noite, os dois amigos mal conseguiam conciliar o sono. Por um lado, Longino ansiava o encontro com César; por outro, o jovem Amandu não podia esquecer o doce encontro com sua futura amada. Sentia um ardor no coração, sentia que um futuro de união seria o seu fim com Antonielle.

Bem, voltando à narrativa daqueles anos, pode-se afirmar que a Galileia vivia tempos tumultuados. Várias casas e templos haviam sido destruídos por romanos na disputa pelo poder, dentro de Jerusalém. Vários cidadãos romanos pleiteavam glebas de terras, que antes eram adoradas pelo povo judeu e ajudavam a sobrevivência, naquelas paragens áridas no verão e floridas na primavera. Tudo com patrocínio de um governo independente, da velha dinastia romana. Então, vejamos os fatos: Tibério, já debilitado e prestes a morrer, desejava uma cura milagrosa para seu mal maior, a dor na consciência, fruto de sórdidas disputas pelo império romano, decidiu se isolar de seus compatriotas a fim de não ser alijado do poder ou, simplesmente, tomado por um assassino cruel. Disso resultou sua reclusão, criada por ele mesmo e aconselhada por seus pares. Nesta época de divulgação inicial das palavras do Mestre, eis que ressoa no palácio de Tibério alguns milagres atribuídos ao Galileu. Diziam que fora morto injustamente e que Pilatos, agora preso numa masmorra próxima,

não aceitava o fato de ter sido responsável pela morte do Mestre. Dizia que foram os judeus, mas outros asseclas do mandatário afirmavam que o tal Galileu nada poderia fazer a seu favor, a não ser com ajuda de Tibério, o grande. Veremos alguns trechos de conversas no palácio tiberiano:

— César, este galileu não poderia fazer nada pelo senhor.

Tibério respondeu:

— Cale-se já! Afirmei que meu propósito era trazê-lo à minha presença, portanto fui traído.

— Não, senhor, eles necessitaram executá-lo, tudo por Roma — afirmou Louseno, seu conselheiro.

— Tudo bem, mas agora como fico? — perguntou o debilitado Tibério.

— Traremos à sua presença o jovem que trouxe notícias do império em terras judaicas.

— Levem-no! Não quero ouvir falsos relatos. Tragam-me o seguidor que viveu ao lado de Jesus.

— Quem? O pescador?

— Sim, o tal de Pedro, o quero vivo e não morto.

— Dizem que ele sumiu junto com outros e que vários judeus aderiram à sua causa.

— Rebeldes! É isso o que são, não ouvirei mentiras. Tragam os que conviveram com Jesus! — ordenou.

Um guarda saiu do palácio em direção à Jerusalém a fim de identificar e prender os que haviam acompanhado Jesus em sua caminhada. Tinham plenas ordens de sequestrar e trazer, à força, os apoiadores de Jesus. Tibério tinha a esperança de ter uma reversão de sua morte, já anunciada como próxima.

Longino e Amandu se preparavam para a jornada. Despediram-se dos aldeões e partiram numa carroça rumo ao

porto próximo, em direção a Roma. Petrônio os esperaria próximo da embarcação para desejar-lhes muita sorte na viagem.

— Petrônio, meu chefe, diremos a César o quanto és bom e justo. Recomendaremos trazer mais homens para o conflito com os rebeldes.

— Diga a Tibério que o esperaremos para uma visita.

— Pode deixar — respondeu Longino.

E os dois companheiros se despedem de seus superiores, com uma frase:

— Por Roma!

A noite chegou e a embarcação cruzava o mar, já distante da terra, quando se ouviu um toque de arboreto (pequeno instrumento parecido com flauta) que fazia um som doce e melodioso.

— Ouça, Longino, é a música da deusa Faustina, a que protege os homens nas epopeias do mar.

Longino respondeu:

— Deixe seus ouvidos para ouvir as melodiosas palavras do Salvador quando da cruz disse: “Amai-vos e não olheis os vossos pecados.”

— Longino, deixe este Cristo para lá, ainda vais ser morto, por adorar este Mestre dos galileus.

— Não fale assim de um homem que, no momento da sua morte, deseja amor entre nós. O que podemos pensar Dele? — questionou Longino.

— Está bem, se queres agir assim, que seja, mas Tibério não quererá ouvir tuas falácias.

— Não falarei nenhuma mentira, só sei que devo uma mensagem a ele.

— Então dirás a sós, não serei cúmplice de fatos inventados.

Longino disparou:

— Sabia que Jesus teria uma missão na Terra e que Tibério fazia parte dela?

— Como ousas falar de nosso imperador associado a este profeta?

— Pois é! É o que irei revelar a ele.

Amandu, pensativo, deixou a cabeça rolar próximo a uma cobertura feita de palha e afirmou:

— Se és crente nisso, o que dizer ao imperador? Logo serei comparsa de um transmissor de falsas palavras e serei executado junto contigo.

— Oh, ingloriosa fraude!

A carta reveladora

Durante a mesma noite, na embarcação, ouviu-se um grito:

— Ah! Parem! Não me matem!

Todos correram para fora da coberta e assistiram um homem ser morto por outro compatriota.

— O que está acontecendo? — perguntou o capitão.

— Tínhamos um traidor a bordo — respondeu um soldado.

— Quem é e do que o acusam?

— Era destinatário de mensagens vindas da Galileia, dizia claramente que Pedro, discípulo de Jesus, viria ver nosso líder máximo: Tibério.

— Raios! Pelos profetas da Judeia! Quem são esses malditos judeus?

Um "ar" de indignação e desconfiança pairou próximo ao corpo do homem morto.

— Era só o que faltava. Estamos tão longe destas terras e somos vítimas de espiões judeus — disse o capitão.

Longino, observando a cena, falou para Amandu:

— Veja o que falou: um discípulo do Mestre Jesus em nossa embarcação. Não há motivos para temer, são pessoas de paz.

— Ora, Longino, é um espião e não um ser de paz. Logo traria discórdia entre nós.

Revistaram mais o homem morto e observaram pequenas moedas em sua bolsa.

— Olhem! São moedas romanas. Está claro que este homem pertence a alguma família importante de Roma.

— Capitão, não chegue a esta lógica. Afinal, qualquer um pode possuir moedas romanas.

— Não é assim, judeus usam seus salvos-condutos para percorrer nossas terras. Romanos levam moedas romanas em seus alforjes.

Todos se entreolharam e o capitão continuou:

— Tragam este homem, próximo da vila, amanhã veremos o que fazer com seu corpo.

— Sugiro jogá-lo ao mar — disse Longino.

— Como? E nossa história de vingança e heroísmo? — perguntou o capitão.

— Para que queres ser herói? Veja, vamos ao encontro de Tibério para elogiar o povo romano. Tudo porque Roma nos quer como soldados. — Explicou Longino.

— Como ousas, soldado? Direi isto ao Senado. — Repeliu o capitão.

— Senado?

— Um bando de anônimos e culpados pelas nossas misérias — respondeu Longino.

— Calma — falou Amandu. — Longino, cale-se! Estes homens vão te entregar ao juiz.

Após essas palavras, Longino desculpou-se.

— Perdoem-me, não queria falar desta forma. Só afirmo que este homem, por mais que seja culpado, não deveria ter morrido assim. Poderíamos ter escutado o seu lado da história.

— E quanto a estes escritos? Do que se tratam?

— São da escrita grega. Podemos traduzir; traga o anão, ele entende de grego — disse o capitão.

E trouxeram o tal anão para interpretar melhor o texto que dizia:

“Irmãos em comunhão e fé, doravante teremos por direito o único objetivo que nosso Mestre Jesus nos legou: a abstinência de malquerenças das falações judiciosas e das atitudes agressivas. Nossos destinos mudarão à medida que informamos a nossos corações e mentes que o Mestre não morreu crucificado, Ele vive entre nós, nos nossos pensamentos e atitudes, no bem ao próximo. Disseram que Ele trazia a desunião, mas como verdade trouxe a união. Celebremos Sua passagem em nossas vidas com um grito de fé e bendizer. Queremos ir para Ele. Diremos mais alto. Faremos a Sua vontade e falaremos mais de uma vez que Sua mensagem de união será mantida até o fim dos tempos.

Assinado: Apóstolo Paulo de Tarso”

Era uma pequena carta endereçada a um tal de Filério e não Tibério, como fora anunciado antes.

— Quanta bobagem neste escrito. — Denunciou o capitão.

Longino olhou Amandu e, com o movimento de abaixar a cabeça, disse em voz baixa:

— Que Cristo seja louvado!

— Longino, não repita isso. Não serei mais seu amigo. Leve-me daqui assim que terminar minha missão — disse Amandu.

Conselhos do Divino Mestre

— A paz, é isto que Ele é, um mensageiro da paz! — gritou Longino.

Amandu se assustou e o resto da tripulação parou e olhou para o soldado Longino.

— Como ousas, seu imoral? — rebateu o capitão.

— Deixe-me em paz, este homem nada tinha contra as leis judaicas e foi friamente assassinado.

— Luter, traga o anão, que ele vai ler novamente o último parágrafo.

E foi dada a ordem para nova leitura.

— Assim foi dito — disse o anão em um latim sofrível.

— Não vê que Ele era um traidor de Roma? — questionou o capitão.

— Calma, capitão, meu amigo Longino está assustado e confuso com tudo o que presenciou, afinal, é um herói de Roma e viu este tal Mestre ser crucificado. Veja que ele não está bem de suas faculdades mentais.

O capitão olhou o soldado e perguntou:

— Então és um soldado que viu este tal de Jesus ser morto, o que me dizes?

— Sim, O vi e, não posso dizer que foi agradável.

— Como? Um soldado de Roma com medo de ver morto?

— Não é assim. Ele falou palavras que um homem, à morte, não falaria.

— Já chega! Tragam o mestre das armas, quero esse homem sob vigilância até chegarmos ao porto.

— Parem! Deixem-me cuidar dele — disse Amandu. — Prometo que ele não vai importunar.

— Como ousas questionar as minhas ordens?

— Não o questiono, só me ofereço para vigiá-lo, sem problemas para a sua tripulação.

— Ponha-o próximo a ti, então.

O capitão se retirou do local e Longino, de cabeça baixa, foi levado para a coberta, próximo de Amandu.

— Não te falei? Eles não toleram Jesus e Seus ensinamentos. — Alertou Amandu.

— Não é justo. Ele era de paz.

— Somos soldados e não devemos questionar a vontade de César. Aliás, quando ele souber que tens uma simpatia por este Jesus, tudo pode mudar.

— Ele saberá por mim, tudo a seu tempo! — respondeu Longino.

— Vamos dormir, amanhã será um longo dia. Principalmente com estes soldados a nos vigiar.

A noite passou tranquila, somente o capitão e o timoneiro faziam contagem de estrelas no céu e marcavam rotas a seguir. Longino, envergonhado por não poder ajudar o homem que fora executado, pediu, em silêncio, por pensamento: “Senhor Jesus, perdoe-me, não fui capaz de ajudar. Sei que a Sua mensagem depende dos corações abertos ou em vias de o contemplar para entendê-lo. Não poderei ficar em silêncio. O seu olhar de amor e compaixão por todos ainda ressoa em meus pensamentos. Nunca

poderei ficar calado. A Sua imagem, na cruz, só me dá ânimo e alegria para viver, e falar o quanto amou a todos e continua amando, apesar da nossa ingloriosa postura. Perdoe-me, Pai. Que Deus seja louvado".

Longino, o soldado executor, por vários anos após a crucificação, passou a orar aos seus deuses e, em uma noite, foi visto por alguns aldeões a se locomover, transtornado, para próximo da gruta em que o Divino Mestre, filho do Pai celestial, fora deixado após ser executado. Algumas pessoas acompanharam o caso de perto e presenciaram a seguinte cena:

— Senhor, o que queres de mim? — perguntou Longino.

— Quero que voltes a Roma e diga que estou vivo.

— Mas eu O vi morto.

— Foi ilusão, a morte não é triste, somente viverás se acreditares em mim.

Nesse momento, as testemunhas nada entendiam. Só viam um homem a questionar uma rocha.

— E como saberei que és tu? — perguntou Longino.

— Não vê a minha mão?

— Sim, está furada.

— É verdade, e não vês mais nada?

— Sim, teu corpo arde de luz.

— Verdade, esta luz é a da vida. Vai e me segue nas minhas palavras.

Longino desmaiou e caiu em sono profundo por vários dias.

Os questionamentos da tripulação

Ao amanhecer, uma boa parte da tripulação especulava quem fora aquele homem assassinado e do que tratavam aqueles escritos que o anão traduzira de maneira peculiar e confusa.

— Senhor, veja! Os homens conversam entre si sobre o que ocorreu ontem.

O capitão, ao observar, respondeu:

— São delinquentes! Pegue o açoite e bata no chão para dispersá-los.

— Mas há dúvidas no que foi dito.

A tripulação era constituída de marinheiros de várias nações arruinadas. Apesar de ser uma embarcação oficial de Roma, muitos foram recrutados das fileiras dos conquistados.

— Está bem, reúna os homens, menos este tal de Longino. Quero dar minhas ordens.

Assim foi feito. Amandu correu para a proa da nau para ouvir o capitão.

— Senhores, não quero ouvir falar deste homem que foi morto por Roma. É um espião com ordens contra nós. Vocês ouviram o nosso interlocutor. Então, desejo, ou melhor, ordeno que joguem esse homem ao mar. Deixem as conversas para terra. Remem sem pensar em terminar a vida aos ferros. Entenderam?

O capitão fora claro. Queria todos aos seus postos, senão iriam tornar-se mais um escravo nas galés. Aos poucos foram se distanciando da reunião.

— Capitão, mais uma pergunta — disse um tripulante de nome Troak.

— Este homem, o tal de Jesus, fora executado por homens leais a Roma?

— O que isto importa?

— É que eu leio um pouco de aramaico e grego. E li que estas palavras foram dirigidas aos discípulos Dele e não a nós que estamos navegando. Então, não deveríamos tê-lo morto.

— Ultraje! Ajoelhe-se! Quem és?

— Sou o armeiro da popa.

— Receberás dez chibatadas pela tua insolência.

Amandu, observando os fatos, interrompeu em voz baixa.

— Capitão, isto poderá tornar os homens insatisfeitos. Deixe que eu aplico o castigo de forma menos violenta. O capitão pensou e disse:

— O que queres? Que meus homens me desrespeitem?

— Não, só quero chegar vivo ao porto e depois retornar para a Gália.

O capitão pensou e ordenou:

— Deixem esse homem às custas do soldado Amandu e não se fala mais no assunto.

O capitão se retirou da reunião e todos se dispersaram.

— Venha, vamos ver Longino, ele gostará de conhecê-lo.

— Senhor, não tenho como agradecer. Sei que poderia deixar-me ser castigado.

— Não me agradeça e sim a Longino. Ele me convenceu que é melhor chegarmos vivos ao nosso destino. Longino, ao ver o

soldado e o marinheiro, falou:

— Que bom que não fizeram nada contra ti. És inocente como todos os homens de boa vontade.

— Não sei do que falas. Meu deus Amock e minha deusa Isis não toleram a mentira, por isso falei o que sabia sobre a escrita que o anão interpretou.

— Mas ele não sabe ler? — questionou Longino.

— Sabe, mas havia partes que ele falou de forma contrária.

— Ah! Bom. Então nem tudo era verdade — comentou Amandu.

— Deixe-me dizer-lhe algo. Este homem assassinado orava diariamente para este Jesus. Dizia belas e animadoras palavras. Por isso eu o respeitei. Não achei que fosse um traidor. Só ia levar seus escritos para um povo próximo de Roma — disse o marinheiro Troak.

— Então não sabes o destino final dele? Nem de onde ele provinha? — indagou Amandu.

— Suspeito que percorreu vários lugares. Trazia consigo moedas e costumava deitar-se próximo a uma cruz de madeira talhada por ele.

— Cruz de madeira? — perguntou Longino. — Tragam-me este objeto. Quero tê-lo comigo.

Os dois homens foram ver se ele já tinha sido jogado ao mar. Ao verem o corpo estendido no chão, procuraram por dentro de suas vestes seus pertences.

— Não está aqui, talvez esteja próximo de suas coisas nas cobertas.

Ao depararem com um saco velho e sujo, encontraram a tal cruz de madeira com alguns símbolos judaicos, escritos na cruz.

Provação na viagem

Anakatu, o capitão da embarcação, de origem africana, resolveu se recolher em sua cabine e ficou a pensar no que estava acontecendo no barco. Mal saíram do porto, em direção às encostas romanas e já acontecia algo que trazia dúvidas às suas ordens.

"Este tal de Jesus, quem era este homem? De tempos em tempos surgem conversas a seu respeito e este tal de Longino, que O viu morrer. O que poderei fazer para ele sair do meu barco? Tudo poderá acabar mal se eu não fizer algo."

Neste instante, surgiu a figura de Amandu próximo à entrada.

— Senhor, quero lhe falar.

— O que desejas? Já não foi o bastante as ordens que te dei?

— Foram suficientes, senhor. É que tem algo que gostaria de lhe falar.

— Aproxime-se! Diga logo antes que te enxote daqui.

— Senhor, o meu amigo, quero dizer, companheiro de armas, Longino, pode lhe trazer boas ideias. Ele é capaz até de fazer curas.

— Não me diga, ele é um curandeiro? Então pode trazer a saúde para os doentes?

— Se me permite seguir, peço que traga alguns homens que não estão se sentindo bem e, com um toque de Longino, se

sentirão melhor.

— O que desejas com isto?

— Apenas que nos deixe viajar em paz até o nosso destino. Não precisam saber que estão sendo curados. Apenas eu e o senhor saberemos.

— E este tal de Longino saberá?

— A seu tempo, o convencerei a fazê-lo, pois não quer que seus predicados sejam expostos.

— Está bem, tenho dois homens que sofrem de baixa resistência ao sol. Quando expostos, sentem tonteira e mal-estar. Por isso estão lá embaixo remando sem parar.

— Como posso me assegurar que o senhor nos deixará em paz, durante a viagem?

— Não tenho nada contra vocês; apenas este Longino e, agora, este outro marinheiro são perigosos para todos nós.

— Eles são inofensivos. Eu garanto.

— Soldado, se é uma coisa em que não confio é em uma superioridade de palavras para mim. Só creio nos nossos deuses e a eles devo devoção.

A noite chegou e a calmaria da travessia trazia uma brisa formalmente tranquilizadora. Amandu se dirigiu a Longino e Troak.

— Senhores, fui falar com o capitão e, tenho certeza que não nos deixará em paz, se não fizermos algo.

— O que dizes? Ele não é capaz de nos abandonar — respondeu Longino.

— É capaz sim. Viajo com ele há mais de um ano e seus métodos são cruéis com relação a todos que o contrariam.

— Está bem, o que poderemos fazer? — perguntou Longino.

— Peça para seu Deus, ou Jesus, que nos abençoe e depois vamos ver dois homens que o capitão quer que sejam curados.

— Curados de quê? Não sou curandeiro. — Repetiu Longino.

— Eu sei, é só para ganharmos tempo até chegar a ilha mais próxima de reabastecimento. Se tudo der certo, poderemos pegar outra embarcação até Roma. Esta daqui nos será hostil até o nosso destino.

Longino pensou e disse:

— Pensas que com minhas mãos poderei trazer a cura para estes homens?

— Bom, é o que vamos ver — disse Amandu.

Troak observava a conversa e acrescentou:

— Se falhar, certamente ele nos açoitará até a morte.

— Está bem, logo que o sol aparecer, nas primeiras horas da manhã, pedirei com todas as minhas forças a cura destes homens. — Decidiu Longino.

O acordo foi selado, mas Longino não se sentia confortável com tal situação. Sabia que após ter caído o sangue de Cristo em suas mãos, elas se tornaram mais claras e menos ásperas, mas daí a produzir milagres era outra coisa. Ao amanhecer, após um breve desjejum, o capitão chamou os escoltados por Amandu.

— Então chegou o momento, quero que esse homem faça alguma coisa por meus tripulantes. — Apontou para Longino.

Aos poucos, Longino levantou a cabeça e disse:

— Senhor, tenho condições de curá-los, apenas me dê alguns minutos de oração.

Os dois homens doentes foram colocados próximo de Longino que, em gesto de veneração aos céus, pediu intensamente que o ajudasse a causar a cura daqueles marinheiros. Após alguns minutos, disse:

— Senhor, como na tua cruz que foste sacrificado, trago essa cruz para curar esses desvalidos.

Com um toque de mão, em direção à cabeça de cada um, complementou:

— Que se faça a Tua vontade.

Dia inglório

O capitão da embarcação olhou fixamente para os dois homens que foram tocados por Longino e disse:

— Isto é uma farsa, estes homens não estão doentes.

— Estão, senhor, eu pressenti, não me enganaste — respondeu Longino.

— Capitão! — chamou um deles. — Me sinto melhor. Veja as manchas do meu corpo, estão sumindo.

Tratava-se de doenças causadas por micróbios, que uma simples higiene pessoal, resolveria.

— E a mim, meus cabelos não estão mais caindo. Sinto-me melhor e mais disposto.

Neste caso, a falta de comida balanceada e com nutrientes deixava os tripulantes sujeitos a este tipo de doença, inclusive o escorbuto.

— Todos são mentirosos — rebateu o velho capitão. — Não entendo o que vocês fizeram. Querem me destituir? Não permitirei!

Os outros tripulantes vendo a cena, interferiram:

— Capitão, deixe-os em paz! Eles são discípulos de alguma seita diabólica.

— Disseste bem, prendam-nos e levem-nos às celas.

A dúvida tomou conta da tripulação, mas o capitão, utilizando de seu arsenal de armas, apontou para um dos curados.

— Se não fizerem, este morre.

Ao ouvir as ordens, Longino e os demais companheiros foram presos e, desta vez, postos a ferro.

— Capitão, isto não é justo — disse Amandu.

— Veremos! Eu os entregarei ao pretório de Roma, em nossa próxima parada: As ilhas trevosas do mediterrâneo.

Ele se referia a umas ilhas-prisão do império romano.

— Deixe-nos, capitão, somos heróis de Roma.

— Ah! Ah! vocês fizeram algum tipo de feitiço. Ninguém é herói com tais poderes. Vocês destruíram outras pessoas.

Com isso, os três e mais os dois curados foram postos a ferro na embarcação. Após dois dias, chegaram às ilhas-prisão.

— Desçam! Não quero vê-los mais aqui! — ordenou o capitão.

E assim, eles foram levados à presença de um representante romano, sob a acusação de rebelião em alto mar.

— Quem são vocês? Parece que são soldados de Roma.

— Somos, senhor — respondeu Longino. É que o capitão do barco achou que fôssemos espiões, só porque fomos contra a morte de um tripulante.

— Então, mostre-me suas credenciais.

Foi revelado o posto e o comandante da legião onde serviam.

— Ah! Petrônio, nosso ilustre conterrâneo. Dizes que serves diretamente com ele, então me diga: qual é o nome de sua esposa?

— Miriádine — respondeu Longino.

— Quantos filhos ele tem?

— Somente duas meninas.

— Quanto tempo ele serve ao exército romano?

— Dezoito anos.

— Quanto tempo estás nas fileiras?

— Dezoito anos.

— O mesmo tempo?

— Sim, tenho muitas marcas de combate.

Amandu, ouvindo todos aqueles relatos, falou:

— Meu capitão, seja justo! Estamos exaustos e precisamos ir a Roma. Fomos chamados por Tibério para receber algo pelos nossos préstimos.

— Vamos esclarecer uma coisa: vocês só poderão viajar, tão logo se esclareçam os fatos com Petrônio. Mandarei um mensageiro até o seu comandante e, dependendo do resultado, eu mesmo os enviarei a Roma, pois não quero confusão com o imperador. Enquanto isso, eu os deixarei livres, sob minha custódia, para serem vistos por todos da guarnição. Caso o que me relatas seja falso, tratarei de mandá-los para as galés o mais rápido possível. Não poderão fugir, pois daqui até o continente são três dias de navegação.

Ao ouvirem as ordens, os homens de Roma se despediram com uma breve saudação: “Por Roma”.

Senhores, o que vocês acabaram de verificar foi a influência que a morte do Mestre Jesus provocou em Longino. Seu sangue e Suas conversas no pós-morte trouxeram a ele a certeza de que o Divino Mestre vivia em seu coração. Da total cura dos homens se deu a imantação do bem. Através da oração fora possível levar aos doentes a cura de seus males inconfessáveis. Tudo com aprovação de Jesus e executado por espíritos de cura, a seu mando. A fé e a intenção no bem foram decisivos neste momento de prova. Roguemos a Deus, Pai criador, pela Sua magnânima vontade em trazer os mais elevados préstimos, rumo ao bem maior.

Magnólia, a rainha dos bárbaros

O pretor da ilha já desconfiava da história dos expulsos da embarcação. Achava que havia algo a mais e questionou:

— Vocês têm algo a me dizer a respeito da prisão de vocês?

— Bem, senhor — respondeu Longino. — É que estes homens dizem que foram curados por sua fé e que eu os ajudei.

— Como foi isto? Relate-me.

Longino, em sua pureza e inocência, contou o que se passou. Amandu ficou observando e, em determinado momento da explanação, comentou:

— Além do mais, estes homens eram leais ao capitão e, mesmo assim, foram excluídos, como nós. Ele, revoltado com o que aconteceu, os expulsou do barco conosco.

— Ah, entendo! Então dizes que podes curar as pessoas — questionou o pretor.

— Bem, senhor, não é bem assim, apenas orei a Deus e pedi com todas as minhas forças pela cura deles.

— Então, posso confiar em vocês para uma missão — disse o pretor. — Tem uma mulher, vinda das costas da Sicília e que, com roupas rasgadas e um ar de nobreza, aportou sozinha em nossa ilha, há vários dias. Ninguém sabe lidar com ela. Não fala coisa com coisa e se diz discípula deste tal de Jesus. Querem conhecê-la? Talvez ela diga alguma coisa para vocês.

— O senhor sabe o nome, e de onde provém? — perguntou Amandu.

— Nada. Aproveitem o tempo livre e vão conhecê-la. Ela está nos paióis de mantimentos, separando ração para as refeições. Diga ao supervisor que eu os mandei. Se conseguirem alguma informação, falem-me com certeza. Tenho curiosidade de saber a verdade.

Os dois homens foram falar com Magnólia, mãe de Artemínio, o rei das terras baixas, dominadas pelos bárbaros que, devotada aos seus ideais cristãos, fora expulsa pelos discípulos de seu irmão, que adoravam a deusa da cobrança vital. Ao chegarem ao paiol, Amandu e Longino se identificaram e informaram o motivo da visita.

— Queremos falar com a mulher sem memória.

— Está ali, próxima dos sacos de trigo.

— Senhora, boa tarde, somos enviados do pretor, queremos conversar, podemos?

— Claro, estou ouvindo.

— De onde provém? Dizem que veio em um bote.

— Não me lembro, veja minhas mãos, estão gélidas.

— É que a senhora está com pouca roupa e faz frio.

— Não é isto a que me refiro. Tenho as mãos em más condições. Quero uma criada para me ajudar com minha aparência.

— Falou com sotaque forte de outras regiões.

— Não, sou de Roma. Não posso ser de outro lugar. Levem-me daqui.

— Longino, vamos embora, ela não diz coisa com coisa alguma.

— Está bem, isto não é para nós.

— Dê-me a sua mão — disse a mulher, Longino ofereceu a sua destra e ela desmaiou.

— Senhora, o que foi? Acorde.

Após alguns minutos, ela recobrou os sentidos e disse:

— Quem são? O que faço aqui? Onde estão meus criados? Cadê minha dama de companhia?

— A senhora está em uma ilha do mediterrâneo.

— Como vim parar aqui? Penso que fui sequestrada. Ah, meu irmão, como pôde?

— Senhora, o que sabe de sua vida?

— Bem, eu sou Magnólia, princesa dos Países Baixos, dominados por visigodos.

— Visigodos? Bárbaros quer dizer.

— Não somos cruéis. Somos contra Roma. Meu irmão Joanes quis fazer um acordo para acabar as diferenças. Não queremos, desejamos que Roma caia.

— Fale baixo, senão vão executá-la.

Longino, ao perceber que ela estava contra sua pátria, advertiu:

— Senhora, está em uma ilha dominada por Roma, não tem escapatória. Se falar que é bárbara, será presa e executada. A única chance de se livrar daqui é deixar que suas lembranças venham com todo cuidado. Providenciaremos que venha conosco para Roma e, depois, daremos um rumo para voltar ao seu povo.

— Romanos, soldados! Quanta diferença de tratamento. Cruelmente matam, estupram as mulheres e destroem os lares — informou.

— Se ficar com esta atitude não sairá viva daqui.

— Longino, espere! Se a virem assim, falando conosco, logo desconfiarão que ela recuperou a memória. O que fez para ela voltar a falar?

— Acredito que foi o momento — respondeu Longino.

— Foi a tua mão — falou Amandu. — Se souberem disso, irá acontecer o mesmo que ocorreu na embarcação. O pretor irá jogá-lo aos ferros e eu irei junto.

— Do que falam? — perguntou Magnólia.

— Nada de importante. Como se chama?

— Meu nome é Magnólia, descendente da família dos Bracos.

— Ah, bom, não conheço a sua história.

— Somos aliados? — perguntou Magnólia.

— Sim, claro, vamos levá-la de volta ao seu povo.

Após alguns minutos de conversa, Longino propõe a Amandu retornar ao pretor e esclarecer que a desmemoriada nada falou. Combinaram com a bárbara e se despediram, prometendo, tão logo pudessem, que retornariam com mais informações sobre a ida até Roma. Por enquanto, seriam estranhos a ela.

Ilha treino

Magnólia tinha algo a relatar, chamou os dois soldados e disse:

— Por favor, não me deixem aqui só, tenho receio que alguém me siga. Dizem que outras mulheres eram mantidas na ilha em segredo. Apenas sou mais uma.

— O que diz? Não pode acontecer isto.

— Sim, eu vi ontem algumas mulheres serem degoladas cruelmente.

— Isto é coisa de bárbaros.

— Aqui é uma ilha de castigo — disse Longino.

— Não pode ser só isto. Veja minhas mãos — disse Magnólia. — Já me marcaram, colocaram estas cores roxas no dorso.

Longino viu os sinais e se lembrou que em algumas ocupações romanas este tipo de marcas eram feitas em mulheres que deveriam ser executadas, nos lugares em que fosse necessário ajudar a conter rebeliões. Significava que eles sabiam qual a procedência da ilustre mulher.

— Não se lembra de nada? Como veio para cá?

Magnólia baixou a cabeça e começou a lembrar.

— Claro, estava com meu irmão a cavalgar em terras próximas dos limites das conquistas romanas. De repente, fui agarrada e levada à força. Deram-me um líquido e desmaiei. Acordei às proximidades desta ilha.

— O pretor disse que a senhora estava só.

— Sim, mas havia mais um barco a me rebocar.

— Isto é um mistério — disse Amandu. — A verdade é que estás marcada e nós sendo observados pelo pretor.

— Então, devemos fazer o quê? — indagou Longino.

— Meu amigo, devemos ficar calados. Quanto a esta mulher, tudo que é estranho está no seu relato, mas temos o dever de retirá-la daqui.

— E se ela estiver blefando? Podemos nos dar mal — argumentou Longino.

— Com aquelas marcas, está claro que ela é uma impostora — respondeu Amandu.

— Será? Não sei, mas podemos descobrir. Vamos falar com o pretor e, em vez de dizer que nada sabemos, comuniquemos um pouco o que ela nos disse.

— Longino, seremos executados, não vê?

— Usarei minha habilidade funcional. Assim que um soldado chega a outras terras e com outra legião pede para ser instruído sobre o seu comandante. Serei um interlocutor desta mulher. Direi o que ela falou a respeito de um segundo barco. Veremos o que os comandantes da ilha falam.

Assim, Longino agiu. Despediram-se da mulher e foram ao encontro do pretor e de seus comandados.

— Senhor, falamos com a mulher — disse Amandu. — Longino tem algo a relatar-lhe.

— Primeiro, senhor, nos diga a que esta ilha se destina, o que eu e os soldados podemos fazer para servi-lo e a Roma, o melhor possível.

O pretor, suspeitando do questionamento, rebateu:

— O que deseja com isto, soldado? Dei uma ordem e quero que a cumpra.

— Como soldado de Roma e de outra legião, apresento-me para mais préstimos, desde que seja engajado em uma tarefa a altura. Para isso, precisamos das garantias da legião atual.

— Claro, não me esqueci. Esta é a legião de Brutos, o invencível, que atacou Jerusalém e terras vizinhas.

Ele se referia ao ataque que o exército romano fizera após a conquista de áreas próximas, durante a incursão para conter a rebelião dos judeus, após Herodes ser deposto pelos próprios romanos.

— Ah! Bem, já entendi, estão em nova missão. Qual é o seu objetivo, pretor?

— Está bem, estamos nos armando e treinando para uma nova incursão no mundo bárbaro. Para isto, temos um campo de treino e prova, semelhante ao território bárbaro. Sequestramos umas mulheres deles e logo que iniciarmos a marcha sobre eles, deixaremos as mulheres marcadas para morrer serem executadas na frente deles.

Longino percebeu que o pretor sabia mais do que dizia a respeito de Magnólia e achou melhor ficar calado e pensar no que iriam fazer. Ela era, sem dúvida, uma descendente dos bárbaros, mas daí a ter uma linhagem mais nobre, era outra coisa. Decidiram se recolher e pensar no que fariam no outro dia. O certo é que se chegassem as informações que o pretor pediu a Petrônio, logo seriam enviados a Roma. E aquela mulher, o que fazer? — pensou Longino.

Outras ordens

Petrônio recebeu os enviados do pretor na ilha siciliana e disse:

— Longino e Amandu são meus leais subordinados. Liberte-os para receberem uma condecoração de Tibério César.

— Claro, senhor, daremos suas notícias.

Petrônio enviou um salvo-conduto para seus subordinados. Enquanto isso, na ilha isolada:

— Senhor pretor, estes homens são uma farsa. Já pensam em levar Eleonora disfarçada de Magnólia.

— Quem disse?

— Soubemos através de nossos amigos que ouviram algo a respeito.

Eleonora, na verdade, era a mulher que o pretor mantinha em cárcere para iludir seus desafetos com histórias e contos mirabolantes. Só não esperava vê-la sequestrada por dois soldados romanos.

— Mantenham guarda próximo a ela e não digam nada, pois ela pode querer ir com eles.

— Sim, senhor, a manteremos em vigilância.

— Saiam e tragam estes dois homens novamente comigo.

Assim foi feito.

— Pois não, pretor, o que deseja?

— Tenho outro serviço para vocês, agora é verdade que tenho um amuleto da sorte, sem ele, nossa legião não terá sucesso na nova missão. Então, quero que levem esta amostra até Tibério. Se ele aprovar, teremos sucesso imediato.

— Quer dizer que estamos livres e podemos partir?

— Não, primeiro quero a referência que pedi de Petrônio e depois, se tudo der certo, podem partir na próxima embarcação. Os dois soldados ficaram felizes e saíram sorridentes e fixando novas metas para eles.

— Veja, estaremos livres em breve. Vamos falar com Magnólia, ela irá conosco, nós a persuadiremos.

— Qual é o seu interesse, Longino?

— Apenas libertar esta irmã do cativeiro — respondeu.

— Não é justo, seremos presos e mandados para as galés assim que souberem.

— É o mínimo que poderemos fazer. Seremos amigos de Deus se fizermos isto.

— Longino, não podemos, somos soldados de Roma e ...

— Crentes em um único Deus Salvador e seu Príncipe Jesus que nos trouxe tanto amor e compaixão.

— Não diga isso, Longino, seremos maltratados se nos ouvirem.

Está claro que Longino é um discípulo do Mestre Jesus, sua fala, seus desejos e sua vida transbordam de alegria ao ouvir histórias da civilização judaica da época de Cristo. Para isto, ele foi convidado por Jesus a libertar-se de todos os males e preconceitos e, durante a sua vida, seria um verdadeiro Cristo. Que diga Antonielle e sua família, que fora levada ao círculo cristão através das ideias de Longino.

— Olhe, amigo, façamos o seguinte: teremos chance de levá-la, mas não vejo como embarcá-la escondida no barco.

— Quem lhe disse que pegaremos este barco? Iremos por conta própria. Tenho umas moedas e faremos a travessia com um barqueiro devidamente pago — disse Longino.

Amandu o fitou e falou:

— Céus! Isto é inacreditável! Um soldado com posses de um rei.

— Não é muito, apenas economizei durante anos servindo ao exército.

Longino olhou para o amigo e disse:

— Seremos caridosos com ela. Faremos tudo no tempo certo.

Os dois continuaram andando e falando sobre os planos de fuga com Magnólia. Pobres soldados! Não imaginavam a farsa de que estavam sendo vítimas.

— Magnólia! — falou o pretor. — O que sabes destes homens que te enviei?

— Falsos, eu digo.

— Como tu?

— Como nós — respondeu.

E Magnólia fora beijada intensamente pelo chefe da legião. Passaram-se alguns dias e retomaram os enviados para Gália com os nativos esperados.

— Então são soldados leais a Roma? — indagou o pretor. — Já imaginava isto. Chame-os e programem a partida deles. Não quero que Tibério me aborreça com suas ordens. Eles têm que chegar rápido ao seu destino.

Amandu fora logo informado, mas Longino encontrava-se desaparecido há algumas horas. Disse que iria ao campo próximo orar, mas não retornara.

— Senhor, quando partiremos?

— Logo que possa receber as instruções para Roma.

— Já tenho. O pretor quer que levemos um amuleto para ser aprovado por César. Assim será.

A morte do pretor

Já se passavam algumas horas e Longino não retornava ao convívio dos homens de Roma. Estava próximo de uma pradaria e perdeu a noção do tempo ao avistar um pastor de ovelhas. Foi até ele e percebeu que se tratava de Jesus Cristo.

— Senhor, aqui? O que posso fazer?

— Ore e peça ao Criador que oriente os seus atos e vontades.

— Mestre, estou tentando ser um seguidor seu. Tenho feito o possível.

— Se quiseres me seguir, deixe o teu coração falar e depois diga a ele que tem que levá-lo aos princípios que Deus ordenou ao povo judeu:

— Não matarás, não invejarás o próximo, não desejarás a mulher alheia.

— Senhor, como podes ler meus pensamentos?

— Todo aquele que me chama terá uma resposta. As tuas orações são claras.

— Mas não desejei Magnólia, só a respeitei.

— Deves conter teus impulsos, só assim poderás elevar-te. Deixa esta moça para trás e segue teu caminho, tens ordens a cumprir.

— E se ela quiser vir conosco?

— O teu destino já foi traçado por ti, mudar significa outras possibilidades. Vê o que o teu coração procura e deixa o teu corpo seguir a tua vontade.

Com isto, o Mestre desapareceu sem deixar vestígios. Amandu gritou ao longe e Longino despertou de seu transe. “Meu Deus, o que estou fazendo?”, pensou Longino.

— Soldado, Roma nos espera. Vamos! Temos que partir logo. O pretor quer que saiamos ao amanhecer.

Longino, sem palavras e, com aspecto de cansado disse:

— Tenho que me recompor, não estou bem. Acho que tenho que respirar melhor.

— O que sentes?

— Somente um mal-estar. Tenho a impressão que não tenho me alimentado adequadamente.

Longino, percebendo a perplexidade do amigo, continuou:

— Não te preocupes. Já tive isto outras vezes. Ao amanhecer estará melhor.

— E Magnólia? Vamos deixá-la ou a levaremos?

— É melhor deixá-la. Não podemos levá-la. Logo nos descobririam.

— Acertada decisão. Te ajudo, apoie-se em mim. — Ofereceu Amandu.

Os dois amigos partiram para o acampamento romano. De madrugada Longino não conseguia mais dormir. Estava ansioso para partir e cumprir a sua missão. Foram despertados pela guarda romana com gritos e muita confusão. É que o pretor fora assassinado com várias punhaladas. Uma grande confusão se formou no local.

— Vejam, são os dois forasteiros.

Longino e Amandu tornaram-se presos da guarnição.

— Calma, não entendo, estamos aqui há várias horas.

— Vejam, é ele mesmo, tem as marcas do nosso amuleto.

— Nos foi dada pelo pretor.

— Foi morto com um golpe de punhal romano, revistem-no.

Assim, Amandu e Longino foram surpreendidos com a notícia da morte do comandante. Ao amanhecer, tudo fora descoberto, segundo as autoridades locais. Relataram que os dois agrediram o pretor, pensando na possível deserção do exército ao saber que Longino orava para um Deus e que deveriam ser expulsos.

— Não aconteceu nada disso.

— Sabemos da verdade, temos nossos espiões.

— Não fizemos nada. Apenas pedimos para ir embora e fomos atendidos.

— Deixem desta farsa, Magnólia nos falou tudo. Queriam levá-la, dar-lhe fuga.

Assim, os dois soldados foram acusados de terem matado a autoridade.

— Não disse, Longino, que esta ideia de levá-la não iria acabar bem?

Longino, pensativo, respondeu:

— Se ela falou esta verdade, significa que ela sabe quem matou o pretor.

— Então, pergunte a ela — disse Amandu.

Longino chegou à conclusão que ela seria uma peça-chave para esclarecer todos os pormenores desta agressão.

— Esqueça, amigo, seremos mortos hoje mesmo.

— Calma, tenho minha defesa.

Longino pediu para falar com o comandante local, que ficou no lugar do pretor.

— Diga, o que desejas?

— És um cúmplice de Amandu?

— Não senhor, quero apenas usar a minha prerrogativa de soldado leal a Roma.

A fuga de Longino

Já passava das 11h e o sol estava “a pino”. O comandante substituto, de nome Cratos, que respondia interinamente, deu ordem para que os soldados acusados fossem sumariamente eliminados como traidores da causa romana, mas para isso, tinha que fazer um julgamento mínimo. Teria que reunir alguns de seus comandados e proferir a sentença final, que seria a execução por traição. Deu-se que, após o pedido de Longino, foi autorizada uma rápida conversa com Cratos.

— Diga o que deseja, imundo traidor! — disse Cratos.

— Exijo um julgamento justo.

— Terás um.

— Não aqui. Meu superior tem que estar presente para alegar a meu favor, se não escutar agora, terás muitas legiões contra ti.

Cratos pensou e visualizou que poderia ter problemas com os dois soldados, principalmente após receber relatos de salvo-conduto para eles. Na verdade, o pretor fora morto devido a um desentendimento com seus subordinados e a uma pretensa briga e disputa por uma mulher, Eleonora, jovem bela e de boa estirpe, esguia e belo sorriso, deixava os homens sem noção da vida. Sabiam de seu envolvimento com ela e seus subordinados vieram reportar a sua possível fuga com os dois forasteiros, o que gerou

ciúme e confusão no pretor, que ordenou uma minuciosa explicação para o fato.

Inocentemente, os dois soldados foram expostos ao perigo por Cratos que, ao ver a ira do pretor, resolveu acalmá-lo, mas fora agredido. Em ato contínuo se desentenderam e, após uma briga armada, o pretor saiu na pior. Com isso, levavam adiante a farsa da denúncia. Tudo para não encontrarem os verdadeiros culpados da morte ou execução do pretor.

Então, Cratos chegou à seguinte conclusão: se ele deixasse esses homens irem embora, estaria dizendo que sua legião era fraca e não poderia combater, por ter homens que nem sequer saberiam vigiar presos. Se os prendessem, correria o risco de uma investigação profunda dos fatos. Para isso seria necessária a presença de uma corte e juízes, o que para ele também seria ruim, pois exporia a verdadeira situação da calamitosa legião cheia de intrigas e não era capaz de combater os inimigos de Roma. O que fazer? Pensou:

"Procurarei Magnólia e ordenarei que cumpra a sua promessa de lealdade a Roma e revele as verdadeiras intenções da dupla. Isso seria o suficiente para encarcerá-los e os deixarem morrer por envenenamento ou outra forma de execução. Ficaria mais fácil explicar a morte dos soldados, uma verdadeira guerra de palavras".

— Então, comandante, o que me diz? — perguntou Longino.

— Está bem, ficarão presos e pensarei em uma solução.

Trouxeram Amandu e, em seguida, Magnólia que, revelando seu disfarce, pediu desculpas aos soldados e falou das intenções da dupla de levá-la em fuga. Foi o suficiente para deixar Cratos mais satisfeito.

“Pronto, agora é só fazer acontecer a segunda parte do meu plano. Serão envenenados hoje à noite”, pensou Cratos. Amandu e Longino sabiam que corriam risco de serem assassinados e comentaram:

— O que fazer? — perguntou Amandu.

— Nada, rezaremos aos nossos deuses e pedirei a Jesus que nos salve, se for de Sua vontade.

Após algumas horas, surge a figura de Eleonora, já despida de seu disfarce.

— Ah, olhe, a mulher que nos colocou aqui. — Apontou para Eleonora, em rápida passagem pela cela.

— Calem-se! Estou aqui para ajudá-los.

— A morrer? — Ironizou Amandu.

— Não percebem que eu serei a próxima vítima, após vocês?

— Sim, todos estamos em perigo — rebateu Longino.

— Então, me ouçam, deixem-me ajudá-los a fugir e levem-me daqui, não estou segura e serei eliminada tão logo vocês o sejam.

— Qual o seu plano? — perguntou Amandu.

— Terão uma chance de fugir daqui. Tenho amigos que facilitarão. Trago esta adaga, esconda, por favor — disse Eleonora.

— Em troca de que nos ajudaria?

— Quero ir com vocês, não posso ficar.

Amandu olhou para Longino e disse:

— Mais encrenca à vista.

— É a nossa única chance — respondeu Longino.

— Está bem, e como fugiremos daqui?

— Tem um porto próximo e uma pequena embarcação nos esperando. Um guarda de Roma deixará mantimentos e água. Remaremos o quanto pudermos — respondeu a mulher.

Navegando no escuro

Anoiteceu. Amandu, já preocupado com o resultado do plano de fuga, perguntou a Longino:

— O que acha desta mulher? Ela pode nos enganar e isto ser uma cilada!

— O que temos a perder? Sabemos que a morte nos cerca. Ademais, se conseguirmos sobreviver, teremos que nos reportar a Tibério e não sabemos se ele irá acreditar na nossa versão.

— Do que fomos vítimas, de alguma intriga? — perguntou Amandu.

— Isto mesmo, mas preciso passar o meu recado para ele, só assim irá confiar em nós.

— Diga-me, que segredo tens?

— Não poderei revelar, só ele saberá.

— Está bem, fiquemos alerta para um novo sinal, só assim saberemos o momento de fugir.

Já passava das 8h da noite e um barulho ensurdecedor de batida de lata começou a ecoar e, de repente, a legião toda estava a postos.

— O que foi? — perguntou Amandu ao carcereiro.

— Estamos sendo atacados. Bolas de fogo estão caindo próximas à praia. Este é o alerta, todos correram e pegaram suas espadas e o material de guerra.

— É o aviso — falou Longino.

— Como sairemos daqui? — perguntou Amandu.

— Dê-me a adaga, fixaremos na porta e empurraremos.

Após três tentativas, nada ocorria. Apareceu um soldado com rosto coberto com um pano e uma mulher, era Eleonora que, com um golpe de espada, quebrou a fechadura.

— Saiam! Temos pouco tempo até perceberem o nosso disfarce.

Todos correram em direção oposta à da legião.

— Como faremos? — perguntou Longino.

— Ficaremos escondidos em uma gruta próximo de um porto abandonado e logo que for seguro partiremos.

Em alta hora da madrugada, aparentemente tudo estava calmo, a não ser a legião que com barulho de marcha retornava da falsa estratégia.

— Logo descobrirão que foram enganados. Agora é o momento, venham comigo.

Com passos largos e cuidadosos, o pequeno grupo, entre matas e arbustos, venceu o caminho até o ponto estipulado.

— Quem é este soldado? — indagou Longino.

— É meu amigo inseparável. Nada dirá, fiquem tranquilos.

Tratava-se de um irmão de “sangue” de Eleonora, irmão de festejos dos quais Eleonora participava, de grupos que distraíram os soldados.

— Está bem, agora remem — disse Eleonora.

— Para onde? Qual a direção?

— Você está vendo aquela estrela brilhante no céu?

— Sim, a mais clara.

— Então, remem nesta direção. — Apontando para ela.

Assim foi feito, o pequeno barco começou a balançar ao sabor das ondas que, naquela noite, estavam calmas.

— Estamos com sorte, logo acharemos água mais doce, significa que estamos saindo da embocadura de um córrego que sai da ilha.

E assim Eleonora, demostrando conhecimento do que fazia, ia transmitindo calmaria para os dois tripulantes que mais faziam cara de tranquilidade, à medida que se afastavam da ilha.

— Eleonora, quantos dias até nosso destino?

— Estimo que uns três dias. Remaremos mais de noite, seguindo esta estrela e descansaremos de manhã quando o sol estiver mais forte.

Assim fora feito. Passaram-se cinco dias, até que por volta de 1h da madrugada avistaram um monte ao longe.

— Remem! Estamos chegando em terra firme — disse Eleonora.

— Que terra será essa? — perguntou Amandu.

— Não sabemos, veremos ao aportar.

Percorreram algumas milhas e conseguiram chegar a uma encosta, que parecia um paredão.

— Não podemos descer aqui, não há faixa de terra.

— Sigamos a estrela ao lado da mais brilhante, nos indica que teremos que costear estas elevações até uma área próxima para desembarque.

Assim foi feito e, após mais algumas horas e com o sol quase nascendo, viram finalmente uma larga extensão de areia; contudo, nenhuma vida foi detectada.

— Acalmem-se, rapazes, tudo indica que estamos próximos de alguma cidade.

— Por que achas isso?

— Porque temos luzes ao longe. Parece que chegamos onde queríamos.

Outras descobertas — A família de Jesus

Da mesma forma que Amandu observou a faixa de terra e poucas luzes ao longe, eles também foram avistados por um grupo de guerreiros celtas ao longo da costa da Bretanha. O bote tomou rumo variado sendo arrastado para uma região em que os gauleses habitavam em compartilhamento.

— O que é isto? — gritou Amandu.

Foram pegos de surpresa pelos nativos e levados à força para a comunidade. Ao chegarem, foram agredidos e jogados ao chão. Uma mulher bretã os interrogou:

— Quem são vocês? De onde vêm? Para onde vão? Queremos relatos da sua trajetória.

Amandu nada entendia daquela língua, mas Eleonora falava na linguagem bárbara.

— Somos bárbaros, descendentes da rainha Sofia.

— Mentira, esta rainha já não existe — respondeu a guerreira.

— Tenho esta marca na mão para provar minhas origens.

A guerreira, de nome Noria, respondeu:

— Veremos, tragam Laurabian, o descendente dos Simos.

E foram ao encontro de outro guerreiro.

— Reconhece esta linhagem? — perguntou a guerreira.

— Não, não sei de onde ela é.

— Veja esta marca, é minha de nascença. Sou herdeira da linhagem de Sofia.

— Não reconhecemos as marcas.

— Matem eles todos! — gritou a guerreira.

Com espadas em mãos, os carrascos se aproximaram.

— Esperem! — gritou Longino.

Todos olharam a cruz que ele trazia. Todos pararam e se ajoelharam.

— São cristãos! — disse Longino.

Amandu, ao olhar um ar de respeito entre os da tribo, começou a orar:

— Pai, perdoa-nos, não sabemos o que fazer, mas dê-nos uma chance.

Longino, ao perceber o início da prece, continuou a oração:

— Neste momento, rogamos a Jesus e seus discípulos a piedade para todo este povo.

Todos os guerreiros da comunidade se ajoelharam, menos a mulher bretã.

— Calem-se! Somos ajudantes de uma seita nórdica. Não aceitamos este Jesus, mas o respeitamos; dizem que morreu na cruz e salvou o mundo, é verdade?

Longino se aproximou com sua cruz e disse:

— Eu O vi morrer.

Foi o suficiente para que a guerreira deixasse sua espada e dissesse:

— Envergonho-me de agredir um visitante que traz notícias de Cristo. Venha e conte-nos como tudo aconteceu.

Longino passou a relatar e Eleonora a traduzir em linguagem rebuscada todos os momentos do Divino Mestre. Foi o suficiente

para serem considerados da “família” e passarem a ser tratados de maneira mais gentil.

— Foi por pouco — disse Amandu. — Estou acreditando que nosso fim está próximo, mas temos chance de voltar para o convívio do exército de Roma. Longino, o que achas? Tentaremos outra fuga, partiremos no nosso barco encalhado na praia.

— Não podemos deixar assim, quero saber como eles foram informados da presença do Cristo. Vê-se que respeitam e já foram catequisados por alguém.

— Vejo, senhora, que já ouviram falar do Salvador, quem os apresentou? — perguntou Longino.

— José de Arimateia — respondeu.

— O quê! O velho senhor?

Era chamado assim pelas suas prerrogativas e influências no senado, como bom comerciante. Longino pensou e disse:

— Como ele veio parar aqui?

— Ele era um comerciante — explicou a guerreira. — Há uns anos, trouxe uns despojos ensanguentados e disse que pertenciam ao Mestre Jesus, morto na Galileia, em uma cruz, pois trazia a paz no coração.

— Como vieram parar aqui estes linhos? — disse Amandu.

— Trouxeram com Arimateia e outros o acompanhavam.

— Quem eram?

— Um senhor chamado Lázaro e outra mulher de nome Madalena, acompanhada de uma mulher chamada Maria, ou Sarah, entre seus pares.

— O que significa tudo isto? — perguntou Amandu.

— Que eles fugiram da Galileia e tomaram outro rumo.

— Para onde eles iam?

— Isto é o que vamos descobrir — respondeu Longino.

Novos caminhos — Encontro com Jesus

Naquela mesma noite, bem tarde, durante as preces finais, Longino pensa: se o Divino Pastor veio até nós e trouxe tantas boas novas, por que não deixou seu legado por escrito? Assim seria mais fácil para segui-lo.

— O que pensas?

Ouviu uma voz e, ao se assustar olhou para a frente, vendo a imagem de Jesus com as marcas de perfuração nas mãos e pés. Vestia uma túnica alva e o branco resplendia imensamente. Sua barba não mais existia, mas o seu olhar e sua atitude amiga eram os mesmos, uma benevolência fraternal.

— Bem, senhor, estava apenas a cogitar em teu nome.

— Não pense assim. O que foi por mim dito não tem tempo e o entendimento será pela eternidade. Tua mão não sangra mais, teus filhos viverão e tua dinastia será para sempre. Eis o que prometo.

— Mas Senhor, o que dizes? Sou velho e não tenho nada.

— A tua família é o universo, a tua esposa e filhos são o que deixares para a humanidade.

Não entendendo bem o que o Mestre dizia, pediu:

— Mestre, seja mais claro, não tenho intenção de ter família, estou com poucas forças.

— Verás, um dia, um pequeno cordeiro que anunciará a tua salvação. Virá em uma carruagem e te guiará por toda a eternidade.

Com isso, a visão do Mestre se dissipou e Longino correu para o local da aparição.

— Mestre, Mestre, não vá, nos ajude, estamos perdidos e não temos como voltar. Este povo nórdico não quer nos acolher na paz. A Tua presença é conhecida por eles e temo que, antes de chegar a Roma, nos destruam.

— Profetizas? — perguntou a voz.

— Não, Senhor, apenas penso o que pode acontecer.

— Terás o pão e o vinho da vida, portanto, não sejas submisso ao teu pensamento. Aguarda no Senhor o teu destino, é isto que te indico.

Um vento soprou mais forte e a vegetação, ora vacilante, se acalmou.

Longino continuou a falar:

— Mestre, Mestre, não vá!

Mas nada aconteceu.

— Falas só? — perguntou Noria.

— O quê? Não, não falo só, apenas penso em voz alta — respondeu o soldado.

— Dizes que conheceste o Cristo, como Ele era?

— Bem, Ele tinha por volta de 1m80 e pesava o suficiente para três homens carregá-lo. Quanto a sua face, tinha olhos de cor clara, pele moreno-clara e falava em um aramaico perfeito. Digo porque todos comentavam. Ele era gentil. Falavam que tratava todos com muita distinção e o que dizia era entendido por todos os que O seguiam.

— Fazia curas?

— Eu nunca vi, bem, eu vi fazer uma cura, como pode-se dizer. Ele me curou das minhas dores e lástimas.

— Você? Um soldado romano?

— Isto! Acho que sou muito devedor, por isso recebi esta maravilha aos bons olhos.

— Conte-me o que ocorreu.

Longino falou dos últimos momentos do Mestre e sua eventual compaixão por ele.

— Então, foste agraciado com uma saúde melhor? — perguntou a guerreira.

— Acho que sim! Veja, tenho trinta e oito anos e me sinto bem.

— Vejo que tens menos idade. — Reforçou Noria.

— É hora de dormirmos, já é tarde, amanhã diz aos teus amigos que os levarei de volta à praia e os libertarei. Tens que seguir o teu rumo.

Ao ouvir esta declaração, Longino, muito sorridente, perguntou:

— Não me contaste o destino do grupo que veio até aqui com o comerciante.

— Ah! Claro, verdade. Mas isto é para uma longa conversa.

— Me faça um resumo, tenho curiosidade de contar aos outros.

— Está bem, te direi o seguinte: o comerciante vinha uma vez ou outra oferecer-nos materiais e utensílios, mas como temos uma produção de artigos próprios, pouco comprávamos. Mas em certa altura, trouxe o grupo de que te falei e, com eles, havia um jovem chamado João. Profetizavam, diziam que logo o mundo veria a verdade e com eles havia uma descendência de boas almas. Não entendi direito. Ficaram poucos dias e seguiram caminho. Acho que ficaram só para comprar nossas roupas e

alguns víveres. Foram para o norte e seus barcos eram velozes e seguros.

— Disse para onde iriam?

— Não sei bem, acho que para região norte.

— Deixaram alguma coisa com vocês?

— Não, apenas uma cruz e alguns ensinamentos ditos por Jesus, que de tão belos, emocionaram todos nós.

— Está bem, ficarei aqui mais alguns dias, para nos reabastecer. Não temos muito, mas poderemos comprar algumas coisas.

— Não se preocupem! Se encontrarem este grupo de pessoas de que falei, diga a eles que serão sempre bem-vindos. A paz que eles trouxeram foi infinitamente maior do que qualquer momento da vida.

Ouvindo isso, Longino agradeceu à guerreira e disse:

— Que a paz do Senhor permaneça com todos.

Ele tocou em sua mão. A guerreira agradeceu e falou:

— Que assim seja louvado o teu Deus.

Novas conversas — Novos planos

Naquela noite, que parecia longa, Longino mais uma vez pensava longe: o que Ele quis dizer em carruagem me levar? E a questão de família universal o que significaria? Bem, não sei, acho que o Mestre quer indicar um caminho para mim. Javé era considerado um deus. Será que o Cristo era considerado um deus?

Na antiga Roma, por certo, a maioria dos pregadores informavam a necessidade de adorar vários deuses. Veio da Mesopotâmia o hábito e a crença na necessidade de muitos deuses, mais e melhor futuro para a civilização, que crescia à margem do rio Eufrates. Naquela época já se tinha a necessidade de adorar vários deuses, mas também se tinha conhecimento de que certos povos antigos adoravam só um Deus, como os judeus que inauguraram a civilização monoteísta. Digo esses fatos para elucidar que não só os judeus tinham esta noção, mas os antigos povos da Mesopotâmia também comungavam com esta crença, que foi diluída por eles após várias conquistas pelas raças dominadoras e politeístas. Diga-se as pequenas aldeias ao longo dos rios Tigre e Eufrates, berço de uma civilização complexa.

Deixemos nossos personagens seguirem suas histórias que, de tão verdadeiras, poderão causar surpresa ao leitor desavisado do amor incondicional que o Cristo devota aos pecadores e necessitados. Sabe-se que é de tão grande sua feição que Ele devota

várias horas por dia para ver e apoiar a evolução humana, até os dias de hoje.

— Senhor, veja! Longino está em uma espécie de transe — disse Eleonora a Amandu.

— Depressa, vamos acudi-lo.

Aos poucos, Longino parecia voltar à realidade.

— O que estás sentindo? — perguntou Amandu.

— Nada! Sinto uma imensa paz no meu coração. Acho que dormi a noite toda — respondeu.

Longino, sem perceber, ficou em transe mediúnico, contemplando as belezas das criações de Deus. Eram parques floridos e aves reluzentes que, em bandos alegres, voavam por cima de montes repletos de árvores belas. Em seu sonho mediúnico, percebeu que vários homens e mulheres haviam se transformado em criaturas claras e transparentes, que lhe convidavam a transformar as misérias e infelicidades.

— Acho que precisas te alimentar. É aquele mal-estar que te acomete — disse Amandu.

— Por certo, amigo. Acho que mais uma vez tenho visões de outro mundo.

— Já ouvi nossas sacerdotisas falarem sobre o futuro. Roma sempre tem boas orientações. Talvez elas possam dizer o que sentes. — Completou Amandu.

— Só sei que Noria informou que poderemos partir em breve. Ela queria nos levar de volta hoje, mas temo que precisemos nos reabastecer de água e outros alimentos. A nossa navegação poderá ser longa e penosa. Viemos em sentido contrário e nos deparamos com estas regiões inóspitas.

Eleonora reforçou a situação.

— Pediremos a ela que nos ensine o caminho de volta. Sinto que meus conhecimentos não são tão avançados. Pediremos um melhor direcionamento.

— Está tudo acertado, assim que estivermos prontos, partiremos; procurarei novas evidências da passagem de Maria, João e outros para ter certeza que rumo eles tomaram.

— Por que insiste nisso? — perguntou Amandu. — Sabe que estas pessoas já podem ter morrido.

— Não creio. Se eu, um pobre e sofredor soldado, tenho tido visões do Cristo, imaginem seus parentes e amigos. A minha esperança é pedir perdão à sua mãe, Maria, que de tanto choro e súplicas, no dia de Sua morte trouxe-nos a uma compaixão de um ser humano. Não esqueço estas cenas.

Longino, atordoado pelo seu passado, vivendo um presente tumultuado, tinha a missão de encontrar quem governava Roma e seus territórios. Precisava passar uma informação, guardada por ele e que só após o seu destinatário saber, poderia ficar em paz. Ao mesmo tempo, ao saber das verdades sobre Arimateia e seu grupo, despertou em Longino a necessidade de obter o perdão da mãe de Jesus. Isto poderia tirar um peso enorme de sua consciência. Bem, pelo menos era isto que ele imaginava. Sua família agora era o universo. Dito estas palavras, deixo os leitores acompanharem as próximas cenas deste episódio.

Pistas de Maria

Amandu ficou surpreso com as colocações de Eleonora a respeito de navegação.

— Pronto, estaremos perdidos novamente sem a ajuda desta guerreira. A nenhum lugar chegaremos.

— Não seja pessimista, pediremos coordenadas para chegar a Roma. Sabemos que nosso império é cheio de inimigos e, certamente, sabem como chegar lá. Veja Eleonora, uma descendente dos bárbaros alojada em uma ilha-prisão romana, sabia como seduzir e conseguir seus objetivos. Até uma embarcação e um rumo, sonha apreciar e dominar.

— Verdade Longino, mas não podemos ficar acreditando que Noria nos dirá tudo. Ela é uma guerreira descendente de celtas, povo místico e cheio de truques. Roma odeia seus descendentes.

— É bem verdade, mas em quem acreditar? — indagou Longino. Espero logo receber a liberdade e seguir com isto, mas antes pretendo explorar um pouco estas terras. Talvez encontre algum vestígio de Maria e seus acompanhantes por aqui.

— Não podemos demorar, vai que esta guerreira mude de ideia e nos deixe presos aqui.

— Sim, sei disso, é por isso que devemos nos alertar e preparar para, assim que tudo estiver pronto, partirmos com toda a presteza.

Terminada a conversa, Longino foi em direção à floresta e encontrou outras pessoas ligadas a Noria.

— Por favor, onde encontro lenha para fogueira?

O grupo indicou um vale próximo para seu intuito. O que Longino queria era ver se encontrava vestígios da família do Mestre. Achava, por ser uma área de cultivo e fabricação de ferramentas, que seria fácil conseguir alguma informação. Os bretões eram fortes e desconfiados; Longino não sabia como abordar esses habitantes até conseguir ouvir uma canção ao longe. Pareciam uns versos de adoração. Parou no caminho e ficou a ouvir toda a melodia. Tinha a letra que todo cristão costuma recitar. “Ave, ave e assim por diante”, não entendia o resto dos louvores. Fixou o seu olhar e viu um grupo de bretões colhendo frutas de árvores próximas. Ele se aproximou e complementou o cântico.

— Ave, senhor, ave, ave.

Ao perceberem o intruso, o mais velho e forte veio falar com Longino.

— O que quer aqui? És um estranho. Volta de onde veio e não retornes mais.

Longino olhou e falou:

— Perdoe-me, é que procuro por isto aqui, disse mostrando a cruz de madeira.

Arol olhou e perguntou:

— Onde conseguiste? O que fazes com esta peça? Não te pertence?

— Sim, é minha e procuro os seguidores de Cristo, Nosso Senhor.

Ele olhou a réplica de madeira e disse:

— Somos discípulos de Jesus, não aceitamos outro credo.

— Que bom, então posso contar com vocês. Fiquei perdido aqui próximo, mas acho que podes me ajudar.

— O que desejas? — perguntou Arol.

— Quero localizar a família do Mestre.

— Vem, quero mostrar-te algo — pediu o bretão.

Ao caminharem por mais de uma hora, chegaram a um pé de figueira e Arol indicou:

— Esta árvore era seca e quando eles passaram, ela começou a dar frutos. Acredite o que digo. Eles têm poderes.

— O que mais?

— Ficaram aqui por mais de um ano. Aquela casa era onde dormiam.

Longino havia percebido uma pequena construção e perguntou:

— Quem vivia com eles?

— Apenas um pequeno grupo de nativos ajudavam a coletar lenha e fazer algumas comidas.

— Posso falar com eles?

— Claro, mas não sei se querem falar.

— Deixe-me tentar, tenho como achá-los.

Desta forma, Arol levou Longino para conhecer uma pequena e humilde casa, provável local onde Maria e seus companheiros teriam ficado por um tempo. Longino entrou no local sem janela e viu um pequeno vaso de água encostado a uma parede. Nada parecia um local de preces e orações. Ele olhou novamente e percebeu que havia uma pedra em um canto e uns dizeres gravados nela. Era hebraico, tinha certeza, já vira vários deles em Jerusalém. Embaixo tinha uma vasilha enterrada. Ao tocá-la percebeu um pergaminho no interior. Tirou o objeto de lá e foi tentar decifrar.

A descoberta dos destinos

— Yosef kenpar — as leis de Moisés, segundo o que estava escrito no pergaminho.

Longino percebeu que havia outras inscrições no lado oposto ao que estava escrito, que significava: oração a Jesus.

"Mestre de total benevolência, sabes que nós, os teus seguidores, temos muito a te dever. Devemos mais amor e compaixão ao próximo, mais solidariedade e honradez. Temos mais malícias para extinguir. Queremos, com isso, ser fiéis aos teus preceitos, às tuas palavras e ao teu amor infinito para com todos nós. Não ficamos parados. Por ti declaramos segui-lo em todos os teus ensinamentos. Queríamos estar contigo, mas temos que continuar nossa caminhada. A tua família clama por perdão dos pecados e dos pecadores. Temo que não seja ouvido pelos homens. Glória aos céus que deixaram-nos seguir os ensinamentos da palavra do Senhor. Nós guardaremos para sempre. Da tua mãe, Maria."

Com estas palavras gravadas no fundo esquerdo do pergaminho, Longino teve certeza de que se tratava de uma oração ao divino Mestre. Por que Maria a abandonou? Nesse instante, Noria apareceu acompanhada de Amandu.

— Perdeste o rumo? — indagou a guerreira.

— Não, vim ver se tinha algo a resgatar.

— Já te falei, a família do Cristo partiu após mais de um ano no nosso convívio, mas não deixaram nenhum legado, apenas uns seguidores. Agora eles tentam nos domar com suas histórias de perdão e cura.

— Respeitam Ele. Eu sinto — respondeu Longino.

— Certamente, eles trouxeram para nós palavras de consolo e conforto. Digo até que queriam nos agradar fortalecendo as nossas relações com o Divino, mas nossas divindades são mais fortes e guerreiras. Nós precisamos sobreviver e aqui o mais ágil é o vitorioso.

Amandu pensou na colocação de Noria.

— Esperem! Acho que este não é o ponto. Está certo que eles vieram de Jerusalém e deixaram um legado aqui — falou Longino. — Mas o que precisamos entender é o que o atraiu até aqui e por que ficaram tanto tempo. Vejamos o que descobrimos até agora: um jarro, uma palheta de barro e um pergaminho. Temos que descobrir outras coisas. — Continuou:

— Se quiser ir embora, garanto que posso indicar um melhor rumo em direção a Roma — comentou a guerreira. — Mas não poderão demorar mais. Logo surgirão outros visigodos, que não toleram vocês e não poderemos fazer nada.

— O Mestre Jesus nos ensinou, por suas palavras, que vale mais um amigo morto com seus ideais do que um visionário cheio de rancor e ódio. Fiquemos, portanto, com a primeira opção.

— Não entendi a tua colocação — respondeu Longino.

— A verdade é que os mortos são pessoas com ideias consolidadas na virtude e amor ao próximo. Isso é o que dizíamos para não sermos perseguidos por outros grupos.

— Ah! Entendi, pelo menos achei que o Mestre não seria capaz de dizer coisas sem esperança.

— Deixe-me avaliar — falou Longino. — Se eles foram embora, há alguns anos, temo que já estejam nas mãos de alguns opositores, pois não ouvimos mais falar desta família.

— Aí é que te enganas, foram embora com um dos homens mais ricos de nossa seara. Chamava-se Orinesto e sua fortuna era incalculável. Provavelmente estão vivendo com nova identidade. Quando saíram daqui já tinham outros nomes, como Maria que era chamada de Sarah por seus companheiros.

— Então é isso! Aqui foi um ponto de disfarce, um local para novas estratégias e novos rumos. Talvez alguém possa nos dizer algo sobre o local de destino da família de Jesus.

— Temos um ancião com qual Maria sempre era vista nas redondezas. Chama-se Turó, o idealizador. Talvez possa dizer-lhes algo.

— Vamos vê-lo o quanto antes.

Longino e Amandu foram acompanhando Noria e Arol para uma breve entrevista com este ancião. Logo que chegaram foram recebidos por ele, que interrogou:

— Por que estão aqui? Não veem que não tenho forças?

— Desculpe-nos, mas precisamos de uma informação, lembra de Sarah e seus amigos?

— Claro, a mãe de Jesus, o Salvador — respondeu o ancião.

— Diga o que sabe do destino deles.

— Oh! Já faz algum tempo, mas temo que a revelação possa prejudicar os destinos.

— Não faremos nada — disse Longino. — Somos amigos do Mestre Jesus. Receio pela vida deles.

— Não é só isto que deseja — falou o velho. — Queres pedir perdão pelas tuas culpas. Mas sabes que já foste perdoado por Ele, o Divino.

Ao ouvir isto, Longino chorou de emoção.

A divina surpresa

Sem dúvida, Turó sabia perfeitamente o que Longino tinha a dever.

— Sabes, um dia de sol, enquanto caminhava nas proximidades de um lago enriquecido por plantas e perfumes naturais, a senhora mãe do Mestre me contou todo o drama de seu filho, disse todos os detalhes, desde o crescimento até quando foi executado por soldados romanos, que não aceitavam suas diretrizes; tudo a mando do clero judaico. Bem, faz muito tempo e o que importa é que seu filho Jesus seguia em Seu reino de glória e paz.

— O que ela disse mais? Para onde foram? — perguntou o soldado Longino.

— Bem, para a tua glória eles... voltaram a Roma.

— O quê? Roma? não acredito! E o que iriam fazer lá?

— Disseram que pretendiam apaziguar as almas em sofrimento.

— Não é possível, eles estavam em fuga.

— Sim, mas tinham uma missão final, antes de fugir de vez da Palestina para outro lugar.

— O que eles lhe falaram mais? — perguntou Longino.

— Que viriam outros atrás deles, mas que não deveriam causar medo. Acredito que sejam vocês.

— O que poderia causar medo? Somos de paz, apesar de romanos.

— Tenho a impressão de que, por serem necessitados das verdades do Mestre, serão guiados para uma vida mais elevada.

— Está bem, o que poderemos fazer, visto que não temos nada para procurar, nem como começar?

— Temo que terão problemas pela frente, mas terão também sucessos.

— Diga, velho, o que é para eles fazerem? — Insistiu Noria.

— Primeiro, tomem o seu rumo e, depois de chegarem aos seus destinos, procurem uma mulher de nome Carina. Ela vai mostrar-lhes o real caminho para encontrar a família de Jesus.

— Quem garante que falas a verdade? — interrogou Noria.

— Sabes que sou recluso e não temo mais pela vida. Sou consciente do que falo, até porque me foi dito o que deveria realizar quando este dia chegasse; portanto, eis o último recado que posso revelar — informou o velho.

— Nossa! Que coisa mais cheia de mistério — comentou Noria.

— Ah! Tem mais uma coisa: Noria tem que acompanhar este grupo, na volta para casa, pois eles precisam de ti e tu terás a chance de aprender com eles.

— Velho, o que dizes? Sabes que sou defensora do meu reino.

— O teu reino não é o daqui e, sim, com os irmãos em caminhada — respondeu o ancião.

Pensativos, os questionadores voltam para o local de início das buscas, a cabana envolta de mistérios.

— Deixemos os vasos na casa, isto configurará que não queremos mexer em algo sagrado — comentou Longino. E assim, fora feito, a exceção do pergaminho velho e maltratado.

— Muito bem, então, vamos partir? — perguntou Amandu.

— Claro, vou com vocês — respondeu a guerreira. — Já que o ancião falou desta maneira, terei que fazer o que ele disse. Não me restará nada.

Assim o grupo, acrescido de Noria, tomou rumo para o litoral, prontos para seguir viagem. A guerreira sabia navegar na direção certa e com os remadores demandariam cerca de dez dias e dez noites para chegar a um ponto próximo da costa italiana. Dali, levariam mais alguns dias de caminhada até a cidade almejada. Tudo, contando com tempestades e maresias, levaria quase um mês de aventura. Era o que estavam pensando, mas os planos da espiritualidade amiga eram mais ágeis, pois Longino não poderia demorar mais porque o tempo estava se esgotando para ele. Foi quando, em uma tarde ensolarada, o novo grupo partiu em direção correta para que, ao sabor das ondas e dos bons ventos, tudo ficasse no rumo certo.

— Noria, qual o rumo a tomar? — perguntou Amandu.

— Sigam os ventos que sopram do sul, chegaremos a uma pequena ilha em pouco tempo. Dali para o noroeste (pôr do sol), seguiremos sempre uma estrela ao fundo de uma cruz. Este é o nosso rumo.

Eleonora percebeu que a nova tripulante conhecia melhor as coordenadas a tomar. Ela fez, justamente, o oposto; daí chegaram tão perto de outras paragens contra Roma. Ao terceiro dia, os remadores estavam exaustos e com fome.

— Não aguentamos mais — disse Longino.

— Não reclamem, pensem que em breve estarão chegando em casa.

— Casa? Não temos nenhuma, somos aventureiros e guerreiros romanos.

No rumo de Roma

Na noite em que haviam partido em direção a Roma, Longino pensou nas palavras do ancião que dizia que ele já havia sido perdoado pelas suas falhas. Estava claro que alguém sabia tudo o que havia acontecido nos momentos finais de Jesus e é claro que alguém do outro lado da vida estava ajudando a cumprirem a missão de revelação para César das verdades que Cristo lhe confiara. Pensou em sua família, que deixara ainda jovem nas montanhas próximas de Roma, em seus amigos de infância e, claro, na mulher que amara na Judeia. Como ela estaria agora? Imaginou.

Bem, enquanto as ondas deixavam para trás as costas da Bretanha, o grupo resolveu cantar canções de alegria, que dizem uma esperança de vida, porém nada se comparou a uma melodia entoada por Eleonora, que do fundo de seu coração cantou:

— “Senhor da vida, da morte, dos céus! Não traga a chuva, mas traga a glória do mel. Se achar que temos dor é porque somos devedor; se achar que temos dó é porque temos amor; se achar que somos fortes é porque cremos em ti; se pensar que vais nos ajudar é com o teu amor que vamos sentir glória, glória e glória no Senhor.”

Ao final da canção, todos se entreolharam e Longino disse:

— Isto é uma melodia cristã.

— É certo, meus pais eram descendentes distantes dos judeus e eu aprendi a respeitar todas as crenças.

— Belo, Eleonora — falou um Amandu surpreso.

— Reme! — disse Noria. — Estamos distantes de nosso destino.

O grupo continuou cantando canções diversas, de bárbaros, cristãos, bretões e folclóricas, que diziam de deuses e feras do mar, muito apropriadas para o momento. Durante o dia, descansavam. Mas Eleonora, junto com Noria, mantinham a embarcação no rumo certo, seguindo o sol e já no quarto dia houve um breve comentário de Amandu a respeito do que fazer quando o grupo desembarcar em Óstia, o porto próximo de Roma.

— Diremos que somos das ilhas da Grécia e que levamos coisas para vender.

— Mas o quê? Não trouxemos nada — disse Longino.

— Trouxemos sim — respondeu Noria e ela levantou uns sacos próximo dos seus pés. —São sementes de arvoredos frutíferos que, certamente, não existem naquele lugar.

— Interessante, mas quem vai querer isto? — perguntou Amandu.

— Não sabes que a corte do imperador é ávida por frutas exóticas e que pagam alto preço por isso?

Certamente os soldados não sabiam do comércio com outras partes do mundo.

— Está bem, vocês ficam com as desculpas e nós apenas a seguiremos.

— Terás que responder às perguntas, pois somos de regiões que Roma tenta conquistar, aliás, vocês são soldados romanos.

— Bem, é verdade, mas agora somos vistos como fugitivos e temos que procurar o imperador para esclarecer tudo. Só assim podemos ser poupados.

— Então, fiquem com as dúvidas e nós seremos emboscados, principalmente por termos estas preciosidades.

— Amandu, elas têm razão, tens que responder a tudo, mesmo que sejamos reconhecidos.

Era muito raro na época de Roma, alguém reconhecer um fugitivo, visto que muitos não tinham nenhum tipo de identificação. Somente alguns gregos mais ricos e certos judeus possuíam uma espécie de carta de apresentação ou salvo-conduto para aparentarem mais importância. O livre comércio era vigiado e cobrado com certa quantidade de mercadorias para os inspetores, tudo com o conhecimento da guarda, que se beneficiava com alta soma de contrabando, sem falar em escravos que eram negociados à luz do dia. Por exemplo, se eles viessem de outro continente, como africano, seriam vendidos conforme a capacidade de zelo pessoal e educação, pois sabia-se se seriam bons em uma residência. Caso proviessem de regiões conturbadas com guerras, provavelmente eram negociadas para trabalhos forçados, como carregamento de peso na construção civil e cavando áreas para procurar jazidas de mármore e pedras. As mulheres eram vendidas conforme sua aparência. Bem, este é um parêntese a respeito do convívio dos primeiros anos, após Cristo. É certo que alguns povos haviam começado a pensar em uma evolução mais fraterna, mas nada podia ser feito na grande maioria dos casos. Somente os nobres eram capazes de libertar seus colaboradores que, cansados de tantos anos servindo seus amos, eram retirados dos serviços pesados e dado uma liberdade como reconhecimento. Mesmo assim, não queriam se desvincular de seus patrões, que

sempre os tratava com certo desprezo, porém não corriam risco de perecerem de fome.

Curas inexplicáveis

Nesta manhã, ainda em alto-mar, cruzando o Mediterrâneo, avistaram ao longe outra embarcação de maior porte; foram logo atraídas para próximo dela que trazia víveres de outros continentes. Era embarcação que havia partido, há alguns anos, em outra direção e trazia as mercadorias com destino ao porto romano mais próximo. Seu capitão se chamava Ebras, que logo convidou o grupo a se juntar a eles, a não ser que quisessem navegar solitariamente. Eleonora prontamente aceitou o convite, mas pediu para que Longino, o mais velho do grupo cuidasse de todos os detalhes para seguirem juntos. Amarraram a embarcação e pularam, com a permissão de Ebras, para o navio-mercador.

— Senhores, temos mais alguns dias até chegar a Óstia. Sugiro que comecem a se unir nos afazeres da embarcação, visto que nossos homens estão cansados e famintos. Não podemos usar a nossa carga para nos alimentar, já que não teremos mais o que negociar. A nossa sobrevivência depende de ração de peixe e água filtrada do mar.

Longino imaginou que poderiam ceder algumas rações para eles.

— Pois bem, Ebras, temos alguns sacos de frutos secos e água potável. Se não for muito, poderemos pescar alguns peixes de

superfície com a minha lança.

Ele se referia a sua mal-preparada lança que imitava uma lança romana, usada em batalhas duras e que os artesãos romanos sabiam fundir o metal com partes de madeira nobre da região. Longino e Amandu aproveitaram a calcária da região bretã e algum metal forjado por eles mesmos e criaram sua lança capaz de produzir danos a qualquer inimigo. Só não esperavam ter que caçar ou pescar com ela, pois poderiam se desprender as partes de metal nobre da madeira arranjada.

Ebras não aguentava mais tantos dias de navegação e insistiu que o grupo de Eleonora se juntasse a eles; afinal estavam em melhores condições físicas que sua tripulação. Foi apresentado um velho, já doente, com secreções pustulosas na pele e Longino, ao perceber que se tratava de doença rara, insistiu:

— Este homem está muito doente, precisamos ajudá-lo.

— Longino, não faça isto, logo perceberão que tens algum tipo de bruxaria.

— Não se incomode, direi que temos algumas fórmulas de cura. Deem-me água e um pouco de erva dos alpes. Logo farei uma mistura, ele beberá uma parte dela e eu passarei o resto no corpo doente.

Assim fora feito e, logo na manhã seguinte, o velho se levantou e falou:

— Sinto-me melhor, graças a este curandeiro.

— Não me chame assim, só quem cura são os deuses.

Ouvindo isso, Ebras o chamou de lado e perguntou:

— Não sabes que esta erva é um pouco venenosa?

— Não tinha conhecimento, apenas sei que é usada para estes casos.

— Não raro, outro homem meu ficou doente há alguns meses. Dizia que sua pele ardia e que logo iria se alastrar para o resto do corpo. Nós o isolamos e ele teve uma morte rápida. Jogamos o corpo ao mar e prosseguimos viagem. Até agora perdi apenas dois homens, mas temos vários doentes. Se os curar, dou uma parte das mercadorias, pois sabes que os portos romanos são cheios de cobradores que só deixam entrar se pagarem com certas mercadorias, e eu tenho uma delas.

Longino pensou e disse:

— Bem que gostaria de ajudá-lo. Mostre-me esses doentes e verei o que posso fazer.

Longino pediu para ver a paga para seus préstimos. Eram pedras de diversas cores e se destacava o rubi, muito apreciado pelos romanos; havia também as opalas e os cristais brancos. A turvação dos olhos de um dos doentes foi o primeiro caso.

— Tragam um pouco de água, sal e mel, farei uma mistura.

Ebras nunca vira curar alguém com receita tão simples. Para ele, Longino escondia algo, por isso pediu que os homens o vigiassem mais de perto.

— Pronto — disse Longino ao doente. — Estás melhor; amanhã poderás ver a luz do dia e estarás curado.

Chegada ao porto

Todos se maravilharam com a cura dos doentes por Longino na embarcação de Ebras. Até o ferreiro-mor do barco, que tinha uma fagulha nos olhos há vários anos, passou a enxergar.

— Isto é um feito! — exclamou Ebras.

— Não senhor, é tudo permissão dos deuses.

— Temos vários deuses e nunca conseguimos curas. Agora vens e realizas todos esses feitos — admirou-se o capitão.

— Na verdade é que...

Longino foi interrompido por Amandu.

— É que ele conhece as fórmulas que os deuses deixaram.

— Não me diga! — respondeu o capitão. — Como conseguiste? Alguém influente do sacerdócio grego te ensinou?

— Bem, é que...

— Capitão! — interrompeu Amandu. — Ele já possuía alguns conhecimentos dos nossos cuidadores, nas batalhas romanas.

— Bem, não interessa — disse o capitão. — Trato é trato. Aqui está a tua parte.

Foram dadas cerca de vinte pedras preciosa a Longino. Eles olharam e agradeceram imensamente a bondade do capitão.

— Não há de quê, afinal curaste meus homens. Eles viajarão novamente comigo, agora mais fortes e com o auxílio das tuas fórmulas.

O resto do dia foi de imensa alegria e contagiante festividade. Até Ebras sentiu-se rejubilado e feliz com tanta harmonia entre seus homens. Certamente, a bondade do capitão foi decisiva para que os seus homens obtivessem a cura. Ele sempre suplicava aos deuses a piedade e misericórdia para eles.

Ebras não conhecera Jesus, mas um certo apóstolo de nome Thiago, surpreendentemente, tomou seu barco como condução de Óstia para um arquipélago próximo fazia anos. Dele ouviram histórias de um homem da Galileia que curava os moribundos com um toque de mãos. Suas palavras eram belas e reconfortantes. Então, todas as noites orava, em silêncio, pelos seus e suas vidas. Sofria ao ver seus homens sofrendo e dizia que se tivesse oportunidade, daria um pouco do que tinha aos mais necessitados. Ele ouviu as palavras de Cristo e guardou-as em seu coração. Não por acaso teve a graça de transportar em sua embarcação não um discípulo, mas um mártir das palavras de Cristo. Longino havia mudado e guardado a fé com toda a força de sua convicção. Colocara à prova suas habilidades e saiu-se bem com a ajuda do Mestre Jesus, que o acompanhava nesta trajetória de forma incisiva, para que ele o ajudasse a transformar o mal em bem. Fiquemos nesta história de glória e louvor.

As vinte pedras dadas por Ebras seriam decisivas para que o grupo conseguisse partir do porto romano em direção à cidade principal. Tudo parecia perfeito até o momento em que foram parados pelo navio-guarda do império romano. Traziam ordem para confiscar tudo que fosse necessário para manter o império em guerra com outros povos.

— O que desejam mais? Já dei tudo o que tínhamos!

— Não escondes mais nada? — perguntou o capitão romano.

— Não, nada mais nos resta, afinal foram anos de viagem até aqui.

O Porto de Óstia já estava próximo e o capitão deixou claro que aquela inspeção era uma contribuição para o império.

— Claro, capitão, nós entendemos.

O barco de inspeção de Roma partiu e deixou a embarcação de Ebras mais leve de tantos víveres que foram confiscados.

— O que faremos agora? — indagou o ferreiro.

— Rumaremos para o porto e tentaremos negociar o que nos resta.

— E estes viajantes?

— Serão levados para terra e libertados para o seu destino final: Roma.

— Sim, senhor — respondeu o ferreiro.

Assim, ao se aproximarem do porto, todos se despediram e Longino agradeceu a viagem.

— Obrigado, Ebras, não esqueceremos de sua ajuda.

— Peça aos seus deuses para nos tornar melhores. Só assim poderemos nos ajudar, mutuamente.

Eram palavras que Thiago havia pronunciado antes de desembarcar no arquipélago.

— Certamente — disse Longino. — Que Jesus, o Mestre, os proteja em sua navegação. Que Ele lhe traga a paz no coração.

Assim, o grupo de Longino se despediu da tripulação, todos alegres pelas bênçãos recebidas dos céus.

Os primeiros soldados romanos

Ao desembarcarem no porto de Óstia, Amandu e seu grupo foram logo interceptados por soldados bem armados, que queriam saber sobre a procedência e o destino deles.

— Ah! Roma, o que irão fazer lá?

— Queremos ver parentes nossos.

— São romanos?

— Sim, de uma localidade próxima ao Vesúvio.

— Então és vesuviano e não romano.

— Sim, claro, mas sou do estado romano — rebateu Amandu.

— E estas mulheres, quem são?

— São nossas escravas e serviçais.

— Escravas? Desde quando um reles cidadão possui escravas?

— Meu pai deixou como herança.

O soldado inspetor olhou profundamente nos olhos de Noria e disse:

— Esta mulher é bem cuidada. Veja, tem até músculos bem definidos no braço.

— Ela carrega muitas coisas para nós.

— Serviria a Roma, não queres nos doar? Nós a transformaremos em uma soldada de Roma.

Noria, entendendo mal aqueles conceitos, falou:

— Não me toque, tenho horror a homens do exército.

— Ora, veja, ela fala e tem sotaque bretão.

— É claro, desculpe, não te falei? Foi capturada quando criança das aldeias do norte bretão.

— Interessante. E esta outra mulher? — Apontou para Eleonora.

— Bem, esta é minha futura esposa — respondeu Longino.

— Desculpe, mas ela não é muito nova? Aparentemente tens mais idade.

Longino, aborrecido, respondeu:

— Soldado! Veja como fala! Tenho idade de ser seu pai.

— É claro, deixem-no passar e vamos ver o que aguentas.

Longino, sentindo-se perdido com aquela proposta, resolveu se desculpar.

— Perdoe-me, não tenho modos na língua.

— Está bem, desta vez passa, mas só posso liberá-los se pagarem alguma coisa, pois temos que relatar tudo o que acontece e vocês me parecem suspeitos de serem contraventores.

Amandu olha para Eleonora e retirou de sua bolsa uma pedra de Opala.

— Vejam! — falou o soldado inspetor. — Eles têm pedras preciosas. O que mais vocês possuem?

— Somente esta pedra e um rubi.

Imediatamente os soldados se reuniram em volta do grupo de Longino.

— Possuem mais?

— Não temos, já disse — falou Amandu.

— Está bem, mas deixem o que tem em suas bolsas.

— São sementes de árvores e nada mais.

— Então, estão liberados, ficamos com as duas pedras, já nos basta.

Assim, o grupo de Longino foi embora, seguindo para Roma.

No caminho para Roma

O grupo do soldado Longino caminhava em direção a Roma. Fazia algumas horas quando foram alertados por moradores próximos da estrada que havia homens encapuzados à procura de fortuna, assaltando todos que viam. Foram aconselhados a se abrigarem num refúgio próximo, onde contavam com a proteção de um grupo de moradores locais armados e prontos para defendê-los.

— Ora, Longino, não vê que isto são só boatos? — disse Amandu. — Nunca passamos por uma situação desta, sabemos que o Estado Romano é forte e protege os seus cidadãos. Acho isto muito improvável.

Eleonora, a mais jovem do grupo disse:

— Não percamos tempo, prossigamos na estrada.

Já era mais de meio-dia e todos estavam cansados com a caminhada e com fome quando surge um grupo de soldados à frente.

— Quem são vocês? — perguntou Arapones, o chefe do bando.

— Somos viajantes, apenas.

— Então, nos deem seus pertences, precisamos de tudo.

Ao perceber que estavam sendo roubados, Longino interfere:

— Senhor, perdoe-me, mas tenho uma proposta a fazer.

— Cale-se, Longino — falou Amandu.

— Proposta, o que é isso? Não negocio com intrusos e mundanos. Joguem fora suas sacolas e roupas. Queremos ficar com tudo.

Os assaltantes começaram a empurrar todos. Eram em número considerável e não tinham armas mais agressivas. Longino sacou um cordame com um bastão, buscou uma pedra e acertou o chefe na cabeça. Ele caiu do cavalo e perdeu a consciência.

— Corram! — gritou Longino e todos partiram em disparada em direção aos aldeões que haviam se agrupado.

Os demais salteadores acorreram ao chefe caído e desmaiado e, ao perceberem a rota de fuga, partiram em direção a Eleonora e aos demais.

— Corram! Corram! Eles estão vindo atrás de nós.

Nesta correria, os fugitivos se esconderam em uma gruta próxima da floresta.

— Silêncio, eles não nos encontrarão, ficaremos aqui até que tudo passe — disse Longino.

Minutos se passaram e o grupo de ladrões não perceberam a gruta.

— Cristo! Estamos salvos — disse Longino.

— Nem tanto, certamente irão nos procurar mais.

— Duvido, eles são amadores, viu o chefe deles? Nem sequer tinha um corpo saudável. Deve estar com muita dor de cabeça — disse Noria.

— Certo, então façamos o seguinte: assim que tudo estiver bem, retornaremos ao grupo de aldeões e passamos a noite com eles. Talvez estejamos mais protegidos.

Todos concordaram e, aos poucos, o grupo foi se deslocando em direção ao povoado de Arocel, ainda próximo de Óstia.

— Andamos pouco e já tínhamos poucas provisões. Estes romanos nos param a todo o instante para perguntar o que fazemos por aqui.

— São outros tempos. — Reparou Emiliano, o encarregado da comunidade de Arocel.

— Simpático este lugar — falou Eleonora.

— Fiquem aqui, sabemos que um grupo de assaltantes está fazendo vários roubos nas proximidades e resolvemos nos juntar e aguardar. Querem algo a mais?

— Não, senhor, estamos em viagem a Roma e só pedimos que nos deixe ficar esta noite aqui.

Ao ouvirem o pedido, o resto dos homens e mulheres repetiu:

— Não podem ficar aqui. Tememos que César os esteja procurando.

— Sou cidadão romano — disse Longino. — Não poderão nos acusar de nada. Na verdade, sou descendente de nobres lutadores.

Longino se referia à condição de soldado.

— Vejo que entendes de estratégias — disse Emiliano. — Não tens condição de camponês, parece um soldado. Vejo que tens porte de militar.

— Bem, senhor, na verdade somos soldados de Roma e nos dirigimos a ela para sermos recebidos por César.

— Como? Soldados, heróis? Temos sorte de tê-los aqui. Existe um grupo de religiosos que está próximo de nós. Eles dizem ser discípulos de Cristo e capazes de trazer paz e saúde a todos nós. Os chamamos de Cristinianos, pois acham que o Cristo vive em sua alma. Oram o dia todo e reclamam serem perseguidos. Imaginem, nós é que somos incapazes de adorar a um Deus e eles

que são considerados discípulos de Cristo, os escolhidos; não é justo e nem digno — reclamou.

Longino confessa sua vida

O grupo de religiosos estava acampado perto da aldeia romana. Seus componentes estavam alojados em pequenas tendas e ao redor de uma fogueira. Eram dois homens e uma mulher. Diziam-se seguidores de Cristo e pastores de almas. Como Jesus falou: apascenta as minhas ovelhas. Dali o grupo que havia presenciado algumas preleções do Cristo, cruzava ao redor das cidades explicando a doutrina oral deixada pelo Mestre, de amor e caridade. Eram eles: Joaquim, Sérvulo e Edilza.

Há alguns metros de onde estavam, colocaram uma cruz de madeira e aguardavam os fiéis, todas as noites, para oferecer e revelar as palavras de Cristo. Amandu convidou Longino e os demais para observar tal sermão.

— Vamos, Longino, tenho curiosidade.

Assim, o grupo foi ao encontro dos Cristinianos.

— Vejo que tens curiosidade em ver o que fazem — disse Longino.

— Sim, até porque és um seguidor deste Cristo, mas não vejo outra coisa a não ser fazer curas e milagres. És curandeiro — admitiu Amandu.

— Engana-te, Amandu, sou uma espécie de veículo. Na verdade, vejo que o sangue de Cristo fez com que algo acontecesse de diferente comigo. Meu toque de mãos ajuda

pessoas doentes. Isto eu já percebi e venho percebendo que algo me diz que tenho que ir a Roma, não só para falar com César, mas para revelar algo a alguém ou ter revelada alguma coisa para mim.

— De certo, estás cansado desta odisseia. Tens idade e não tens um futuro longo no exército — disse Amandu. — Logo tens que procurar algo para fazer. Quem sabe viras criador de ovelhas ou carneiros.

— Disseste bem, estou envelhecendo, mas minha missão só começou. Sinto que tenho muito a doar. As pessoas são necessitadas de tudo, desde um almoço decente até palavras de consolo que estas poucas pessoas sabem dizer. Veja nós, estamos perdidos aqui, próximo de Óstia, e até agora só nos cobram impostos de viagem e nem sequer querem saber o que somos e o que fazemos na vida. Só querem nossas moedas e nossas roupas, temos que ajudar a mudar isso. A vida não é feita só de conquistas materiais, mas sim de conquistas humanas, de amor e compaixão.

Longino olhou para Amandu e complementou:

— Veja novamente minhas mãos, elas reluzem de noite; se perceberes melhor, são frias e quentes ao mesmo tempo, não têm um padrão detectável de temperatura. Quando oro para Jesus me ajudar, logo sinto uma compaixão intensa em meu ser e um raio de luz penetra no meu âmago. Sinto-me jovem e ao mesmo tempo velho de idade, o que não é condizente com minha vida em tempos antigos. Sinto que já vivi nestas terras antigamente. Meu nome era outro e vivia em situação precária. Logo vieram uns anjos me anunciar que viria um senhor que traria muita paz aos homens. Eles me afirmaram isso. Logo que saíram, dei-me conta de que estavam sonhando, mas estas marcas ficaram na

minha memória; portanto, as palavras de Cristo que afirmavam que precisávamos nascer novamente para evoluir me despertou curiosidade e reflexão. Penso que a vida não está circunscrita a este momento. Se paro de respirar, logo meu corpo morre, mas meu espírito continua. Não sei de onde vêm essas ideias, mas são tão fortes que não sinto mais medo de morrer, mas sim prefiro viver cada vez mais as ideias de Cristo. Certos apóstolos já vagueiam pelos locais anunciando a boa nova. Longe das guerras, podemos incorporar este sentimento. Momentos de terror tomam conta de mim quando tenho que matar alguém, mas isto terei que levar para minha morte.

Longino ainda profetizou:

— Se vieres comigo, nesta caminhada, certamente terás a compaixão de Cristo, ele te ensinará a ser bom e eu prometo uma vida de amor e paixão, longe da vida terrena.

Amandu olhou para Longino e respondeu:

— Certamente, tens uma ilustre resposta, mas veja, quero me casar com Antonielle, deixei um dito para ela. Logo que voltarmos serei seu discípulo na vida a dois, teremos filhos, serei pai de família e meus irmãos mandarei chamar.

— Claro, claro, só estava tentando deixá-lo à vontade. Não que quisesse ser um discípulo, mas a terra precisa de trabalhadores no bem. Vejamos este grupo que difunde as ideias de Cristo, talvez tenha alguma coisa a dizer a respeito de Maria e seus acompanhantes. Tenho dificuldade de aceitar que aquela mãe perdeu tão ilustre filho, e eu, o seu carrasco final, não aceito isto até os dias de hoje.

— Acalme-se, Longino, estamos perto deles.

Os primeiros relatos

O grupo de Longino atingiu o acampamento dos três Cristinianos. Já era tarde da noite e a fogueira ardia lentamente. Havia uma pequena aglomeração de pessoas em torno do grupo. Longino, Amandu, Noria e Eleonora chegaram no meio de uma preleção. Todos olharam os visitantes e um disse:

— Shalom, venham em paz.

Ao ouvir a saudação hebraica, Longino respondeu:

— Que a paz do Cristo esteja convosco.

— Claro, sentem-se aqui próximo — respondeu Joaquim.

— São visitantes ou andantes? — perguntou a mulher.

— Somos viajantes a caminho de Roma, temos negócios a fazer — respondeu Amandu preocupado em serem descobertos.

— Então, fiquem mais um pouco, logo serviremos uma refeição.

Cheirava no ar um delicioso assado e logo se convenceram que o melhor era ficar.

— Digam-me o que acham do Cristo — perguntou Longino.

— Somos seus seguidores. Vejam, esta mulher foi curada por sua fé em Deus — disse Sérvulo.

— Como? Ela não acredita nos deuses a nos proteger?

— Até ser curada da sua visão. Trouxe de nascença uma marca de mulher cega do olho direito. Não via nada até o Nazareno

trazer-lhe a visão.

— Muito interessante — respondeu Amandu. — Conte-me como foi.

— Estávamos em Canaã, o Mestre estava exausto e parou próximo de nossa tenda. Ele viu Edilza e perguntou por que não pedia para ter bons olhos. Ela respondeu que não acreditava mais em recuperar sua visão. Então, ele pegou em suas mãos e disse: "Dê-me água e um pouco de sal. Falta fortificar a tua visão. Tiveste que vir assim para ser meu testemunho, disse o Mestre. Ela começou a chorar e pedir perdão pelos seus erros e atos. Ele falou: Não supliques a mim, mas ao meu Pai, que está no céu. Ele é bondoso com todos e tem um coração enorme, por isso Ele me enviou, para vocês crerem Nele. Ele tocou na água e lambeu o sal, passou na saliva um pouco de água e tocou nos olhos dela. Assim que terminou disse: Estás curada, abre teus olhos para a vida e não conte para ninguém. Só que a multidão se admirava Dele ter parado na tenda e, após beber a água, foi-se embora. Acorreram todos e perguntaram o que Ele tinha dito e feito. Somente seus apóstolos presenciaram. Edilza falou: Só a Ele devemos render glórias. Com isso, o povo continuou a segui-lo. Pegamos nossas coisas e fomos atrás Dele também. Passamos muito tempo ouvindo suas preleções e o que sabemos é o que testemunhamos". — Complementou.

— Justo a mim foi dada esta dádiva especial — comentou Edilza. — E a partir daquele momento nos tornamos seus seguidores. Ouvimos os seus murmúrios finais, o acompanhamos até a sua crucificação e aqui estamos para louvá-lo a todo instante.

Longino, ao ouvir a história, ficou alegre com tudo e perguntou:

— Vocês ficaram até o final da crucificação?

— Não — respondeu Joaquim. — Fomos expulsos para mais longe do local. Não queriam que nos rebelássemos ao vê-lo sendo crucificado.

— Bem, pelo menos não perderam grande coisa. É sempre agoniante ver estas cenas — comentou Eleonora.

— Não pensem que Ele nos abandonou. Logo após a sua crucificação, foi retirado e colocado em uma sepultura próxima às grutas dos mortos. Dizem que ao terceiro dia ressuscitou. Foi o suficiente para retornarmos e tentar um novo contato com o Mestre, mas só alguns discípulos conseguiram vê-lo em seu esplendor.

— O que eles viram?

— Dizem que ao terceiro dia, Madalena foi ao Seu túmulo e O encontrou vazio com os restos de Sua mortalha. Tinham fitas pelo chão e mais nada. Nenhum cheiro ruim ou pegadas. Trouxeram a notícia de que Ele havia ressuscitado e aparecido para outras pessoas. Nós cremos Nele, pois só Ele foi capaz de dar a visão total para Edilza. Somos gratos eternamente e, para ajudar na sua propagação, sempre que podemos, reunimos pessoas para contar a vinda do Cristo, o Salvador.

Outros caminhos de Maria

Passaram-se as horas quando Longino interrogou:

— Sabes alguma coisa sobre a família de Jesus, de Maria, sua mãe ou seus irmãos?

— Sim, claro. Assim que enterraram o Mestre, Maria se fechou em casa, em orações, junto com alguns apóstolos. Nós fomos informados de que, após a ressurreição, eles tomaram um rumo para o interior da Galileia e permaneceram por alguns meses. Um certo senador romano, de nome que não me lembro, socorreu a família do Nazareno até deixá-los em certa região não conhecida por nós. Por fim, dizem que ela rumou para colônias judaicas que se formaram próximas ao Oriente.

— Verdade? O que me dizem de sua estada em Roma? — perguntou Longino.

— Bem, senhor, não sabemos disso. Só ouvi falar, através de um criador de ovelhas, que uma senhora com um grupo de pessoas passou antes de nós, próximo a Roma, anunciando a boa nova. Indaguei quem eram e ele apenas mencionou que seria um grupo de judeus convertidos à causa de Cristo.

— Mais nada? — perguntou Longino.

— Ah, sim, lembro-me que falou de um tal de João, profeta, e outras pessoas. Talvez seja Maria e seus seguidores.

— Fizeram milagres?

— Sim, poucos. Converteram muita gente, o que por si só já é um milagre.

— Então eles foram para o Oriente? — indagou Longino.

— Talvez, veja estas pessoas ao nosso redor. São pagãos que querem se converter. O que fazemos? Damos-lhes a palavra testemunhal e os batizamos com as palavras de Cristo, que são: "Sois filhos de Deus e assim permanecerão sempre. Eu vos batizo e os mergulho na água próxima. Pronto, já estão salvos."

— Bem, certamente tens um testemunho importante de todo o sofrimento de Cristo — comentou Amandu.

— Não sabemos como foram os momentos finais.

O grupo continuou a conversar e Longino decidiu fazer a sua revelação. Finalmente disse que era o soldado que transpassou a lança no corpo do Cristo e, por isso, trazia marcas incalculáveis na sua memória, mas que serviram para convertê-lo, também. O seguidor de Cristo, Sérvulo, impressionado com a declaração pôs-se a meditar e falou:

— Senhor, que surpresa. Então é o soldado da lança?

— Todos ouvimos que Cristo foi executado no final e que só não quebraram os seus ossos porque era Páscoa.

— Isto mesmo, é tudo verdade.

Neste instante, um vento forte soprou do norte e a fogueira se apagou. Todos se entreolharam e as vítimas das perseguições abaixaram a cabeça e oraram: "Senhor perdoa-nos." Apenas um canto longínquo foi ouvido por Sérvulo e Joaquim, que disseram que eram as vozes do além. Traziam notícias do mundo de lá. Ainda parados, ouviram os galhos das árvores se estalarem às proximidades.

— Ouçam, são sinais que estamos sendo vigiados. É o momento de mais orações.

Surgiu, então, um grupo de moradores dos arredores, portando enxadas e lanças.

— O que fazem aqui? — falou um deles.

— Somos apenas viajantes — respondeu Longino.

— Voltem para suas tendas e não saiam, estamos procurando os salteadores. Vocês viram alguém diferente?

— Não senhor — respondeu Joaquim.

— Então, se ouvirem algo, avisem-nos.

O grupo de camponeses se afastou, para alívio de todos.

Fiquem aqui, já é tarde para andarem por aí. — Convidou Edilza.

— Está bem, aceitamos.

Acenderam novamente a fogueira e deitaram-se próximo dela. Longino, emocionado com aquele encontro, cantou em voz baixa: “Senhor, ajude-nos a elevá-lo em nossas mentes, proteja o nosso coração contra as aflições e maus pensamentos. Fique conosco, Pai de eterna misericórdia e bondade.”

Sérvulo, ao ouvir a prece em forma de cântico, respondeu:

— Que a luz de Cristo nos ilumine.

Todos pegaram no sono, com exceção de Eleonora e Noria, que continuaram a meditar e falaram:

— Você acredita nestas histórias? — perguntou a guerreira.

— Olha, não ouvi nada igual até hoje. Percebo que estes homens acreditam em algo superior aos nossos deuses.

— Poremos eles à prova. Seremos testemunhas de suas verdades desde que nos provem esta superioridade.

As mulheres pagãs teriam muitas surpresas no futuro, aguardando o desfecho desta história.

Novas conversas, o guia

A noite passou lentamente, mas com gritos e vozes ouvidos ao longe. Longino sempre se assustava com os ruídos e Amandu resolveu ficar mais próximo de Edilza. Achava que poderia ouvir mais da história de sua cura, afinal, ela e Longino são testemunhas da história de um Salvador da humanidade. Bem, era isto que começava a imaginar.

— Edilza, me responde uma coisa, este Jesus de Nazaré era um homem sábio?

— Sim, muito, depois que passamos a acompanhá-lo vimos muitas coisas e ouvimos outras tantas.

— Se Ele era um curador, podemos afirmar que Ele não era deste mundo, pois nunca ouvi tantas histórias de curas feitas por uma pessoa em tão pouco tempo.

Ela sorriu e disse:

— Ele não era deste mundo e, sim, do mundo que Deus criou. Lá, Ele dizia, não havia guerras ou conflitos, a Sua majestade era eterna e o amor era disseminado entre todos. Ficávamos imaginando onde era este lugar e, após muito meditar, chegamos à conclusão que era a nós que Ele se referia, a nossa condição humana mais evoluída. Por isto, levamos esta mensagem aos outros e aos necessitados de uma verdadeira vida.

— Vocês mudaram de vida, certo?

— Sim, passamos a segui-lo e a apreciar suas orações ao Senhor Deus, que criou o universo. De tudo somos testemunhas e de tudo somos afirmadores da fé Nele.

— Muito bem, e agora, Ele está morto. O que fazer?

— Ele afirmou que sua missão estava chegando ao fim aqui na Terra e era necessário continuar suas promessas de um reino de paz e amor. Portanto, Ele contagiou a todos que O ouviram, divulgando e pondo em prática seus ensinamentos. Sabemos que é difícil, mas fazemos o que Ele nos indicou.

Amandu, pensativo com essas palavras, continuou a interrogar Edilza:

— Não tens filho, por quê? Não tens marido?

— Joaquim é meu parceiro, mas não tive a bênção de ser mãe. Rogo a Deus, diariamente, que me conceda esta graça. Mas por que perguntas isto?

— Para saber o que mais te traz a esta viagem.

— Bem, nos tornamos pequenos mercadores. Logo que sairmos daqui, iremos negociar óleos e mantas que compramos mais adiante. Há cerca de vinte léguas, encontrarão uma comunidade que produz azeite. Demos em troca algumas cordas e pequenos tapetes confeccionados por nós e, assim, continuamos nossa jornada.

— Não pretendem voltar à Galileia.

— Sim, quando Joaquim, meu amor, anunciar o fim da nossa missão de divulgação. Ele tem muitos sonhos e alguém o guia durante o sono, dizendo o que fazer. Por sinal, ele já sabia que seríamos visitados por soldados de Roma, em viagem pelo caminho. Disseram que eram seguidores do Cristo em uma missão especial: a de levar uma mensagem ao todo-poderoso romano.

— Entendo — respondeu Amandu. — Então, já sabes quem somos.

— Desde que se anunciaram, já sabíamos quem eram. E a nossa missão é tratá-los bem e indicar o melhor caminho.

Com isso, estava finalizada a conversa daquela noite. Todos adormeceram e deixaram a luz do dia anunciar novos acontecimentos.

— Amandu, acorda, é tarde, temos que prosseguir caminho — anunciou Longino.

Já passava das 8 horas da manhã e o grupo de Joaquim estava pronto para seguir viagem.

— Para onde vão? — perguntou Longino.

— Vamos para Judeia. Teremos outra função lá. Ficaremos em nossa cidade e não partiremos mais. Dali, mandaremos notícias de Cristo. Nossa missão acabou. — Revelou.

Amandu olhou para Edilza e sinalizou um aceite com a cabeça. Tudo parecia terminado na missão do grupo de Sérvulo.

— E nós, não terminamos a nossa — disse Amandu.

— Vocês terão empecilhos pela frente. Para ultrapassá-los, orem a Jesus e peçam para que Ele os ajude. Só posso indicar que o melhor caminho a seguir é atravessando as vilas de Corelias; elas são menos populosas e mais seguras. Se virem os soldados romanos, não se identifiquem, pois estão procurando traidores da Gália. Sei quem são vocês, portanto não entrem em contato com eles até chegarem a Roma. Ao alcançarem a cidade, procurem nos bairros baixos um senhor chamado Sinfrônio. Ele os ajudará a conseguir seu intento.

— Como sabe que queremos falar com alguém?

— É porque fui avisado de sua chegada e o motivo que tens de estar aqui. Fiquem em paz e que o Senhor os acompanhe —

respondeu Joaquim.

Das estradas até Roma

Naquela mesma noite, antes de dormir, Longino orou para Deus Pai: “Senhor, traga a nós suas ideias, dê-nos uma nova chance para nos melhorarmos. Guie com suas mãos os nossos caminhos. Renove a sua flecha de sabedoria infinita. Dê-nos paz no caminho a trilhar e transforme o ódio das pessoas em amor pleno e infinito. Dê-nos a sua graça e compaixão e nos oriente o momento certo para alcançarmos a sua glória. Que esta minha vida seja guiada pelo Senhor e sua infinita bondade nos traga êxito a ser alcançado. Olhe as criancinhas no meu caminho, me dê esta chance, Pai. Me acolha em seus braços e permita que eu cumpra o que o Senhor designou. Nunca pensei que eu fosse ao seu encontro sem uma glória, mas percebo que a glória maior é levá-lo no meu coração. Permita que eu consiga unir as pessoas e curar os doentes, como o Senhor fez.”

Neste momento, surgiu um pequeno mercador de ovelhas, que trouxe em suas mãos um pouco de carne e queijo. Ofereceu e disse:

— Ouvi as tuas palavras e acho que precisas de alimentos, pois sem eles, não conseguirás atingir o teu intento.

O menor sumiu na noite com dois cordeiros.

— Meu Deus, acho que isto é um aviso — falou Longino.

— Deixe de crendices. Tomemos os alimentos, temos fome.

— Calma, Amandu! Sim, isto é um aviso, veja: um cordeiro, uma criança e um recado. É lógico que precisamos continuar nossos intentos, nem que para isso tenhamos que nos sacrificar.

— Nós já estamos nos sacrificando e veja Eleonora e Noria, embarcaram conosco para nos guiar e agora não podem voltar atrás.

— Ora, Amandu, estes avisos são importantes, logo pela manhã retornaremos ao nosso destino. Assim que chegarmos a Roma, procurarei este Sinfrônio. Deve ser bem conhecido, afinal temos muito que conversar com ele. Talvez nos leve diretamente a César e pronto, dou meu recado e vamos embora.

— Para onde iremos? — perguntou Eleonora.

— Bem, ainda não pensei nisso, pedirei a César que nos dê condições de voltarmos à nossa origem. Ficarei aqui até conseguir outras informações de Maria, mãe do Mestre Jesus — disse Longino.

Eles se entreolharam e Longino continuou:

— Bem, dou por encerrada a conversa da noite.

— Veja, Longino — disse Amandu. — Temos responsabilidades, quero retornar à Gália e continuar no exército romano, lutando pelos nossos ideais de conquistas e glórias. Certamente, receberei meu quintal de terras, será suficiente para casar-me com Antonielle e servir de área de pastos. Logo serei um homem rico e esquecerei todas essas aventuras. Nada poderá mudar minha vida.

Amandu olhou para as mulheres e continuou.

— Caso vocês queiram vir comigo, deixarei uma parte das terras para vocês cultivarem algo. Afinal, vocês são pessoas que, por sorte, encontrei no caminho. Não chegaríamos aqui se não fosse por vocês.

Elas se entreolharam e Eleonora respondeu:

— Não temos intenção de voltar. Conversei com Noria e acho que devemos explorar tudo o que Longino diz. Se for preciso, nos converteremos. Estas histórias de Jesus têm mexido conosco, afinal, Ele nos trouxe paz com suas palavras.

— Novas convertidas! — disse Amandu. — Está bem, façam como queiram. Só digo que voltarei logo que receber de César a minha honraria.

Longino expressou indignação.

— Não pense que Deus vai sair da tua vida facilmente. Veja, já até tens uma parcela de crença. Antonielle é convertida e por ela deves ser flexível também.

— Pensarei nisso, mas não me convenci ainda. Sei que podes curar as pessoas. Até te admiro, mas para mim nada podes realizar.

Longino abaixou a cabeça e disse:

— Então façamos algo importante. Deixe-me no lugar marcado com Sinfrônio. Se quiseres ir sozinho falar com César, vai. Irei depois. Assim, o que ele te disser não afetará minhas decisões.

O grupo atravessou as vilas menos populosas, como indicado, e se refugiaram próximo da cidade romana. Já contavam com dois dias e meio de caminhada. Restaram poucas pedras preciosas que iriam tentar negociar no mercado de pedras. Ao adentrarem a cidade, logo se confundiram com o povo.

Havia muita degeneração em prédios e praças. As pessoas cruzavam umas com as outras de maneira hostil. Logo o grupo percebeu um certo desarranjo no local. Estavam prestes a serem cobrados novamente os impostos. No local de uma fonte de água, havia muita lama. Onde tinha um mercado de pedras, havia

degenerações de todos os tipos, pessoas gritavam e corriam. Estavam assustados e, logo atrás, uma coluna de soldados, batendo marcha e assustando os menores e as crianças de colo. Mães corriam em várias direções e Amandu sugeriu agrupar e se esconder em uma porta entreaberta. Havia uma família hostil, que os empurrava para fora, mas após mostrarem uma opalina, os deixaram ficar.

Passos firmes foram ouvidos e um som de tambor ritmado denunciava uma marcha cadenciada. Era César cruzando o local em direção ao Palatino. Diziam que iria se encontrar com um general para traçar planos. Havia cerca de 150 homens na marcha, guarnecendo a ida do imperador. Ao mesmo tempo iam recolhendo impostos e víveres. Um verdadeiro saque aos lares romanos.

— Como se chamam? — perguntou Lugano, o chefe da família que os abrigava.

— Somos da Gália e estes são meus amigos. Viemos em paz — respondeu Longino, o mais velho.

— Percebo que tens sotaque romano, por que foges assim?

— Não estamos em fuga, queremos uma informação. Conheces Sinfrônio?

Lugano respondeu:

— Sei quem é, mas ele não passa de um atrevido. Já foi espancado pela guarda romana. Se quiser informação, os levarei até ele.

Lugano, o protetor

Lugano avistou o grupo de Longino. Na verdade, ele era um aliado de Cristo. A sua família fora abençoada em um regresso do Mestre. Não queria que intrusos depreciassem Sinfrônio, que costumava acolher os Cristinianos e levara oferendas de amor e paz para quem necessitasse. Conhecia Pedro e outros apóstolos. Estavam se preparando para manter uma casa que recebesse doentes e depauperados. Os romanos sabiam disso e queriam frear estas intenções. Por isso, Lugano sempre despistava seus planos.

— Achamos que ele seria uma pessoa de boas qualidades. Disseram que nos ajudaria em nossa jornada.

— O que vocês pretendem com ele? Já tem idade e não recebe pessoas assim como vocês.

— Nós queremos uma ajuda. Na verdade, uma conversa amiga e fraterna.

Lugano pensou e disse:

— Está bem, levarei vocês até ele. Peço um tempo, já que romanos vasculham nossas casas e levam nossas crias de ovelhas. Vejam, temos que partilhar nosso sustento com eles.

— E os judeus, são muitos?

— Aqui em Roma não tem espaço para eles. Dizem que alguns afortunados convivem aqui com eles, mas conhecemos poucos —

respondeu Lugano.

— Quanto tempo esperaremos?

— O suficiente para as tropas romanas saírem daqui. Por enquanto fiquem e desfrutem de nosso pequeno e ralo almoço.

Já passava do meio-dia e todos cansados e famintos logo aceitaram a oferta.

— Não deixem nada à mostra, assim que forem embora, cruzaremos a cidade em busca do homem de visão, Sinfrônio.

— Está bem — respondeu Amandu.

Todos se sentaram em volta de uma pequena mesa e começaram a desfrutar dos alimentos. Lugano perguntou:

— Sabes quem é César?

— Sim, o imperador mais justo que Roma já teve — respondeu Amandu.

— Claro, meu jovem, só que é ele o maior assassino que passou por aqui. Vejam que Roma vive no medo e no ódio. Medo de sermos expulsos de nossos lares e ódio pelo que nos fazem sofrer. A fome é uma constante ameaça. Nós, os descartados, não temos direito a nada. Mal conseguimos negociar nossas redes, óleos e outros artigos — reclamou Lugano.

— Quando partiremos? — perguntou Amandu.

— Melhor ao anoitecer. Até lá, as tropas de César já se aquartelaram.

Foi o que ocorreu. Após várias horas no esconderijo familiar, Lugano propôs iniciar a visita até Sinfrônio.

— Percorreremos os sete montes e cruzaremos um pasto verde e exuberante, mas ao avistarmos um rio, desceremos até próximo dele e esperaremos ser chamados. Assobiarei como sinal e eles virão nos buscar.

Dita esta estratégia, todo o grupo se deslocou pelas ruas do Palatino, em busca da tal área. Para Lugano tudo estava esclarecido. Os forasteiros já conheciam alguma coisa da cidade, mas foram indicados para ter um encontro com a autoridade moral máxima que ele conhecia.

Sinfrônio fora um ex-ajudante de José de Arimateia. Fora dada sua libertação por seus préstimos e sua idade já avançada. O ex-patrão gostava de discursar na tribuna romana, mas em casa sempre lia muitos dizeres a respeito de Cristo. Para ele não havia dúvida que Jesus fora enviado de Deus, Todo-poderoso, e esta ideia costumava falar para seus seguidores, tanto que Sinfrônio fora encarregado de levar os despojos do Cristo para sua mãe, Maria, que os recebeu e entregou para ele um pedaço de espinhos, que feririam a cabeça do Mestre. A coroa em si fora descartada ao retirarem Ele do local de crucificação, mas alguns espinhos ainda permaneceram rentes ao que restou do Seu corpo. Foi incrível para ele terem que ajudar a levar o linho e as ataduras para encobrir o corpo do Mestre.

Arimateia confiava em seus servos. Depois deste evento e acompanhando toda a trajetória do Cristo, Sinfrônio resolveu ir para Roma e falar o que sabia do Mestre como o conhecera. Só Lugano sabia a melhor posição, próximo da cidade, que serviria como esconderijo. Sinfrônio era meio fugitivo de Jerusalém, já que por mais que fosse um liberto não possuía todas as prerrogativas. Não sabia ler, mas tinha um eloquente discurso quando se falava do Mestre Jesus. Se convertera de tanto ouvir Suas histórias. Era o que precisava, uma palavra de paz e luz no seu caminho.

Sinfrônio e Longino

— Lugano, traga mais fogo para iluminar o caminho — pediu Longino.

— Não é por aí, logo os soldados romanos irão nos localizar. Temos que atravessar o Palatino, seguindo uma outra rota — respondeu Lugano.

E assim, o grupo foi seguindo uma trilha com destino à região sul de Roma, já nos arredores de uma cidadela.

— Vejam ali, naquela cabana! Tem uma senhora chamada Olímpia, irá nos receber e anunciar a nossa presença ao velho Sinfrônio. — Que já contava com 65 anos e não enxergava, seu corpo cansado já não era alvo de boas andanças. Só que tinha disposição para revelar as histórias de Jesus. Tudo o que presenciara em Jerusalém.

— Mestre, venha, estaremos prontos para ouvi-lo — relatou Lugano ao velho companheiro.

Lugano trouxe o idoso para o centro da cabana e disse:

— Estas pessoas querem muito vê-lo. Dizem que são discípulos de Cristo e que deveriam procurá-lo.

— Como se chamam? — perguntou o ancião.

— Chamo-me Longino e estes são meus companheiros de aventura. — Apontou para os demais. — Encontramos mais seguidores de Cristo que nos indicaram a procurá-lo.

— Sim, já sei, são meus seguidores. Temo que eles irão voltar para sua terra, afinal conseguiram o que a profecia indicou para eles.

— Profecia?

— Sim, a que um homem, da época do Mestre de amor, viria para Roma à procura de glória. Só que ele foi testemunha da morte do Cristo. Vejo que você chegou — comentou o ancião.

Lugano olhou para Amandu e Longino e falou:

— Vocês são as pessoas que ele espera há vários meses. Ele não para de falar que viriam procurá-lo, só não sabiam quem eram. O ancião sabe agora quem são.

— Não peguem a estrada errada — comentou o ex-escravo. — Digo que vocês têm que seguir o que Jesus falou: "amar ao próximo como a si mesmo." É que não tenho mais tempo nesta terra. Há necessidade de implantar mais uma igreja que seja a voz do Cristo. Pedro e outros apóstolos já trabalham neste sentido, teremos que fazer o mesmo e, para isto, é necessário que outros venham a conhecer as verdades que Cristo nos legou. Veja sua Mãe, Maria, esteve por aqui e levou para sua trajetória um corolário de bênçãos, não virá do Oriente para nos sustentar. Nós é que necessitamos concluir o que Jesus deseja: unir os homens de fé e boa vontade para que os pecadores sejam convertidos. — Complementou o ancião.

— Certo — respondeu Lugano. — Onde estes visitantes se enquadram?

— Quero falar a sós com o soldado que viu Jesus na cruz — ordenou Sinfrônio.

— Sou eu. — Apresentou-se Longino. — O que tens para mim? Existe muito mistério nestes dias.

— Disseste bem, não vês que tuas mãos curam? — perguntou Sinfrônio.

— Sim, algumas vezes.

— Tens uma missão nesta terra, foste testemunho da vida do Mestre. Agora testemunharás a vida Dele nos povos pagãos.

— Como devo proceder?

— Irás abrir uma congregação de servidores de Cristo, logo que tenhas te assentado em terras próximo do Oriente.

— E Maria, onde está?

— Às proximidades desta cidade. Não terás tempo para discutir o que fazer. Serás instruído nas tuas falas, gestos e palavras. Como um bom profeta, serás indicado nos teus dias. Veja, não curas? Sim, este é um início. Só o mestre de bondade e caridade é capaz de delegar isto aos Seus discípulos. Outro dia, há muito tempo, fui visitado por Ele, em sonho, que me revelou a necessidade de encontrar um homem que iria me procurar, já em meus dias finais. Diria ser inocente de seus atos, só que teria poderes de restabelecer a saúde dos doentes. Vejo que o meu dia foi coroado de êxito. Aí está você. O que Cristo me alertou.

Longino, pensativo, em atitude de descrença, disse:

— Tens razão quanto às curas, mas de eu ir pregar a doutrina Dele, estás enganado. Não tenho eloquência. Os meus conhecimentos são escusos e a minha intenção é voltar para Jerusalém assim que eu falar com César e transmitir-lhe um recado.

— Não estou enganado, tenho que pegar nas tuas mãos e nos teus olhos.

Sinfrônio fez o que disse e começou a falar algumas palavras em voz baixa. De repente, Longino fica meio desfalecido e começa a orar em voz alta: “Senhor, guia-me nos teus

pensamentos de amor e caridade. Concede os teus préstimos de boa elucidação. Deixa que eu plante na tua seara e deixa que meus medos sejam transformados em rumo de paixão pela verdade. Te sinto em mim.” Nisso, Sinfrônio relata o que vê: Cristo em sua majestade fala “Vem a mim que eu te aliviarei.”

O encontro com o imperador

Longino não acreditou no que Sinfrônio falava, achou que o velho era bruxo e tinha lhe influenciado para falar algumas coisas. Veio o Cristo e falou por Sinfrônio:

— Não me reconheces? — perguntou em voz melodiosa. — Sou eu, o Cristo crucificado por vocês, morto na madeira.

Longino se ajoelhou em frente ao velho Sinfrônio e disse:

— Não é possível! Quem sois vós que toma o corpo deste velho?

— Não temas, o que ele diz é verdadeiro. Seguirás o meu exemplo de bondade. Após a tua última fala nestas paragens, segue para o Oriente e vai procurar minha mãe querida, que necessita de consolo e orientação. Temos o seu coração bom, mas necessita de pessoas como tu para levar adiante o progresso desta humanidade sofredora. Irás ajudá-la a seguir o que desejo, que é unir as pessoas num só coração, o do bem.

— Não pode ser, ele mudou a voz — comentou.

Lugano, observando a cena, acorreu ao velho Sinfrônio e o deitou.

— Não partas agora, Sinfrônio, és necessário à nossa causa.

— Ele terá alguns dias de vida nesta terra, mas logo virá para a verdadeira vida no Senhor.

Sinfrônio despertou de seu transe e disse:

— O que está acontecendo? Por que me olhas?

— Senhor, foste visitado por Jesus, ele ficou no teu corpo e visitou a tua família.

— Decerto que ele não pode fazer isto comigo. Sou apenas o teu servo. — Completou Sinfrônio.

Após este contato, Jesus observava o grupo e comentou:

— São incrédulos, mas creiam em minhas palavras. Daqui por diante, Longino irá pensar nos sonhos, como nunca antes imaginou.

Após este contato surpreendente, o grupo de Lugano deixou a casa de Sinfrônio e iniciaram o retorno. Longino, pensativo em tudo que ouviu e viu, comentou com Amandu:

— Iremos amanhã bem cedo ao palácio de César. Nos apresentaremos e logo que possível explicaremos tudo o que ocorreu. Seremos, então, livres e voltaremos para os nossos portos. Seguirás para Gália e eu retornarei para Jerusalém.

— Não queres pensar no que fazer. Acredito que o velho falou de uma missão para ti, longe das fileiras romanas e dos amores deixados em Jerusalém.

— Tens razão, mas não creio que seja verdade. Não sou digno de levantar as divisas de Cristo. Sou um pobre soldado, que em toda minha vida só soube aceitar ordens e executar as tarefas. Como poderei me tornar um pregador de almas?

— Será fácil — disse Amandu. — Terás pela frente esta necessidade.

— Verdade que tenho muito a dever para com Cristo, mas não serei capaz de fazer tudo o que Ele fez.

— Tens razão — comentou Lugano. — O que Ele te pediu foi apenas arregimentar seguidores, ajudar Maria e vigiar os seus ensinamentos como ninguém vigiou.

Já se passaram vários anos após o sacrifício do Mestre. As coisas não iam bem como antigamente. Os rebeldes do norte da Itália avançavam, continuamente, tomando portos e terras. César já não tinha o controle total. Tibério se isolara em uma fortaleza e só deixava entrar lá quem realmente iria ajudá-lo. De certa forma estava louco, pensava que todos o odiavam e queriam a sua morte. Seria difícil conseguir que alguém fosse ajudá-lo.

Outros locais importantes se rebelavam contra Roma, que cada vez mais necessitava de apoio militar para debelar seus desregrados. De repente, veio a notícia de que seriam necessárias mais tropas para debelar levantes em toda a Judeia.

"Oh! Cristo, o que fizeste contra nós?" — questionava o imperador. Má sorte, pensava. Todos em seu palácio se preocupavam com ele, até que um surto de dores o acometeu. Já tinha idade e pensavam que não resistiria tal quadro por mais tempo.

Amanheceu e finalmente Longino e Amandu se deslocaram para as proximidades do palácio. Anunciaram-se e ficaram esperando no pátio o veredicto de entrar ou não nos salões da fortificação.

— Venham, César os espera.

A dupla entrou em vários recintos até serem recebidos pelo mandatário romano.

— Ave, César! — falaram os dois ao mesmo tempo.

— Então são os heróis da Gália que vieram nos visitar? Já faz alguns dias de atraso — comentou César.

— Tivemos contratempos na viagem.

— Dizem que são traidores agora.

— Não, más línguas dizem isso.

— Então, digam os seus feitos. Sou ouvidos por pouco tempo.

Relataram seus feitos nas batalhas das quais tinham participado. O imperador falou:

— Tens razão, foi o que me relataram. Aproximem-se, venham pegar o que Roma lhes deve.

Longino e Amandu se aproximaram do imperador.

A mensagem de Longino a César

Durante a entrevista de Longino e Amandu, feita por César, pôde-se perceber a hora exata em que nosso herói iria dizer a sua ilustre mensagem.

— Senhor, tenho que lhe relatar algo.

— Diz, soldado, o que desejas que eu concederei.

— Não se trata de um pedido, mas de um aviso.

— Quem és tu para me avisar?

— Eu transpassei Cristo Jesus no momento final.

— O quê? Tu?

— Sim, senhor, e tenho um aviso a lhe dar.

— Guardas! Prendam este homem! Ele é um insubordinado.

Neste momento, vários guardas colocaram as suas lanças em direção a Amandu e Longino que, sem reação, ficaram parados.

— Olhe, senhor, tenho que lhe avisar: o Cristo lhe ama, mas terá que cumprir uma missão, que é libertar os judeus de sua subjugação. Não tolerarão toda a sua infame presença nos campos da Judeia. Para isso, o Senhor prevê luzes e felicidades para todos. Caso contrário, desgraças virão ao seu reino e logo o seu império se abaterá.

— Um profeta judeu? — questionou César. — Soltem os cães contra eles.

Latidos fortes foram ouvidos ao longe. Longino não se desesperou.

— Imperador César! Não dê as costas para o seu povo. Eles sofrem também. As batalhas são maiores e os celeiros são destruídos com a fome e a peste.

— Não dou ouvido para teu deus. Ele não vale um centil.

— Claro que não, mas ouço as trombetas de Jericó, vindo para cá.

— Levem este impostor daqui. Não quero mais ouvi-lo. Aliás, prendam-no e levem-no para os leões das masmorras.

Aos poucos um doce som foi ouvido por todos e veio um milagre: aquele som anestesiou a todos, menos Longino e Amandu, que aos poucos foram se retirando do local, eram melodias suaves vindas do céu.

— É agora Longino! Vamos embora.

— Para onde?

— Não sei, devemos nos retirar e deixar tudo para trás.

Na verdade, querubins, com suas trombetas, anunciavam a vinda do Cristo Salvador para as proximidades da Terra no momento exato em que Longino pedira a César pelo povo judeu. Este episódio nunca fora relatado na Bíblia Sagrada, pois rumores controversos foram dados ao que se sucedeu.

Ninguém queria comentar o sumiço de dois soldados romanos propriamente dito, presos nas teias romanas, muito menos admitir que eles haviam feito ameaças a César, usando Jesus como o profeta. Não, senhores, isto nunca poderia vir à tona. Foi assim que Longino e Amandu se retiraram do palácio sem serem incomodados. Pareciam andantes sem interlocutores.

Logo que atingiram os portões externos, saíram em direção sul. Novamente à procura de Lugano e sua hospitaleira família.

Estava completada a primeira parte da missão de Longino.

A partir de agora, vamos elucidar os acontecimentos a respeito de Maria e seus seguidores. A partir de Roma, Maria deixou vários discípulos encarregados de divulgar a doutrina de Cristo, entre eles, Sinfrônio, o velho ex-escravo e confidente de José de Arimateia. Este, por sua vez, facilitou a fuga de Maria para outros continentes, a fim de proteger a mãe do Salvador. Isto lhe custou caro, visto que o império romano não tolerava intromissões em seus assuntos políticos, principalmente de pretensos aliados contra o que chamou de Estado forte e incontrolável. Roma deixara de ser controladora para ser uma terra de várias nações. Isto lhe custou muitas baixas e o arregimentamento de muitos inimigos, incluindo o povo bárbaro.

Esta história perdida no tempo serve como um divisor de águas, já que várias teorias a respeito de Maria foram levantadas pelo povo cristão para elucidar os seus destinos. A verdade é que Maria deixou um rastro de amor e misericórdia. Foi a Roma com o intuito de perdoar aqueles que mataram Cristo. Nunca conseguiu falar com César. Sempre foi desaconselhada para tal proeza, que certamente não seria bem recebida.

Convém revelar, também, a fuga de Longino que, após se despedir do grupo, rumou para as terras do Oriente, como Jesus pediu e o grupo de Amandu se refugiou, por alguns meses, no lado sul de Roma até que foram aconselhados a voltar para suas casas.

Noria e Eleonora voltaram para a Bretanha, onde ficaram até o fim de seus dias e Amandu retornou para Gália, sem suas pretensas terras, indo unir-se à sua amada Antonielle, que o recebeu de braços abertos. Tiveram oito filhos e todos foram abençoados pelo Cristo Senhor Jesus, que enviou uma família forte e bela.

Parte II

Longino e suas vidas

Amandu se despediu de sua vida durante um naufrágio e, como entre outras coisas, foi recebido nos céus por espíritos benfeitores que o aliviaram dos seus erros passados. Ao se dar conta de que não vivia mais entre os seus da terra perguntou:

— Quem és?

— Somos os enviados do Cristo, que te preparou um bom lugar nesta vida além-túmulo.

— Não me diga! Estou morto?

— Não como pensas, estás livre do teu corpo, já moribundo.

— E o que faço?

— Acompanharás outros em diferentes jornadas. Serás um guardião, ao teu tempo.

— Não poderia imaginar isto — comentou Amandu.

— Não podias imaginar, apesar das crenças a que tu te dedicavas, enquanto estavas na Terra. Tua esposa ora dia e noite por ti e por teu amigo Longino, ainda na roda, na Terra.

— Longino! Há quanto tempo não tenho notícias dele.

— Muito bem, por enquanto é só. Levarei as tuas conversas ao meu superior e ele decidirá o quanto será necessário para a tua total adaptação ao mundo espiritual.

— Estou preso por aqui?

— Sim, dos teus pecados. Por enquanto não podes sair daqui. Longino logo chegará de suas lutas terrestres e, talvez, possam se reencontrar.

Passaram mais de dois lustros e Longino finalmente desencarnara, em meio a uma batalha campal. Já contava com quase 85 anos. Não ouvia bem e via mal. Foi atingido por uma flecha de um inimigo. Foi feito um troféu com sua cabeça, mas o Cristo o esperava junto com um séquito de anjos.

— Viveste bem o meu combate — falou o Cristo a um Longino atordoado.

— Quero minha mãe.

— Maria não pode atendê-lo. Ela está em outra função — comentou Jesus. — Estás livre de teus males. Fica conosco na paz que Deus te designou.

Ao ouvir esta frase, Longino abriu os olhos e percebeu que estava em boas mãos.

— Senhor, meu Mestre de bondade — disse.

— Não sou Mestre, mas um irmão superior que te recebe de braços abertos.

Longino, sem muitas palavras e nitidamente emocionado, falou:

— Maria, sua mãe, me acolheu em vida. Não tenho palavras para agradecer.

— Repouse, outros virão te acompanhar.

Longino caiu em sono profundo ao som de notas melodiosas e de profunda paz. Assim, o nosso herói permaneceu por muitos e muitos anos, até ser chamado em socorro de um novo país que estava prestes a ser descoberto. Neste intervalo, em momentos de consciência e visitações, Longino foi alertado que sua última passagem na Terra fora recheada de êxito quando sua pessoa se

uniu aos seguidores anônimos de Cristo. Foram vários, naquelas épocas de 1185, após a vinda de Cristo.

Sim, caro leitor, Longino ainda veio a Terra na pele de um certo monge que integrou as forças de ocupação de Jerusalém, em batalhas épicas, que foram intituladas de Cruzadas. Neste meio tempo, aprendeu mais sobre a vida do Cristo e de seus defensores. Partiu para defendê-lo, mas de maneira errada. Não era por cruzadas guerreiras, mas sim por cruzadas de amor que devia agir. Mesmo assim, ao final de sua vida, foi agraciado com o perdão do Mestre, que sempre foi atento ao seu discípulo.

Naquela época, homens agrediam homens por maldade. As sementes plantadas por Cristo vinham germinando a cada momento, mas seriam necessários séculos de paixões e matanças para que, finalmente, se entendessem no amor, em seu mais alto grau. Aquele ser de pureza e misericórdia seria o símbolo de rendição dos pecados. Cabe aqui, ao leitor atento, todas as informações destas duas vidas em que Longino se ateve.

Iniciaremos as descrições das épocas pós-governo de Tibério, já com nosso herói perto da Capadócia, em deslocamento seguro para as teias do império otomano. Sabe-se que ele passou anos andando em direção certa até encontrar um ermitão que, de tanta sabedoria alcançada, o aconselhou a partir para a terra em que Maria estaria escondida. Sua defesa seria impositiva necessidade de encontrar a mãe de Jesus e, finalmente, pedir-lhe perdão.

Já corria o ano de 38 d.C. e Longino se encontrava nas cercanias do governo otomano. Foi avisado a retornar a Roma, mas nada poderia deter Longino em sua prévia decisão. Trabalhou como obreiro de certas concessões de terras em que nobres exploravam. Sua agilidade não era mais a mesma. Mesmo

assim, queria se desculpar com Maria. Achava que se ela estivesse viva poderia perdoá-lo. E seus poderes de cura? Ele os escondia, não queria mais ser acusado de oportunista ou qualquer outro adjetivo. Estava perto de sua trajetória, sem rumo certo.

Início da jornada de Longino

Naquelas noites gélidas, Longino cruzava as regiões dos Alpes e teve a sorte de se deparar com um ermitão de nome Rosoé que vivia naquela região. Longino passara uma boa parte de seus últimos dias vagueando nestas montanhas à procura de emprego como pastor de ovelhas. Queria esquecer o episódio de soldado romano, onde foi expulso das fileiras após o contato com César.

Já fazia alguns anos que vivia de um lado para o outro, sem rumo específico. Diziam para ele que Roma estava se deteriorando; mesmo assim, o império continuava a contribuir com seus dogmas e leis para o mundo afora, onde se via um progresso, feito pelos soldados e gestores romanos. Havia muita troca de favores entre os povos habitados e os não romanos. O salvo-conduto que conseguiria a peso das últimas pedras preciosas deixou Longino mais livre à procura de um lar e um trabalho, só que não se esquecia de tudo que passou e que havia uma necessidade de pregar o que Jesus falou, pelo menos até onde sabia.

O ermitão teve a oportunidade de contar sua vida e receber conselhos de alguém que vivia parecido com ele, de um lado para o outro, solitariamente. Então veremos alguns trechos deste convívio:

— Me chamo Longino e tu?

— Rosoé, o eremita.

— Eremita? Vives só por aqui?

— Sim, há muito tempo e devo confessar que há poucos aqui com este aspecto, como o teu.

— Me chamo assim porque meus pais achavam que vim de longe, das estrelas. — Completou Longino.

— Não é verdade, teus pais nunca acharam isso, somente pensaram ser um belo nome.

De forma eloquente, Longino respondeu:

— Verdade, pensei em uma forma mais nobre para o meu nome.

— Deixe-me dizer uma coisa, o nome não importa a ninguém, principalmente para o Criador, que nos vê e escuta. A Ele nada temos a esconder; como vê, isto não importa para mim.

— Perfeito, e como devo aceitar que existem reis, rainhas, deuses e deusas.

— Eles são criações dos que procuram o poder. O que realmente interessa é o que fazes com a tua vida e com o respeito aos outros.

Pensando desta forma, Longino se ateve a conversar e questionar:

— Vás para onde? Posso te seguir? Procuro trabalho para me sustentar.

— És livre e, se quiseres, me segue até o próximo local. Falarei que necessitas de trabalho. Quase todos me conhecem nestas regiões, ademais, posso ajudá-lo a procurar um local para ficar.

— E tu, não ficas em nenhum lugar?

— Não. Ando por toda esta região, todos me conhecem. Levo conhecimento e ajuda de um lugar para o outro.

Conheceste a história de um Jesus da Galileia?

— Claro, ouvimos Suas histórias. Faz algum tempo que me deparei com um grupo de pessoas que me falou muito a Seu respeito.

Longino olhou para ele e questionou:

— Lembra quais os nomes?

— Como te falei, não importa nome e sim o que levam em seu coração, se amor ou ódio.

— Levavam o quê? O amor puro em toda a sua instância.

Ao ouvir aquelas palavras, Longino continuou a questionar:

— Havia mulheres ou só homens?

— Os dois, foram em direção ao Oriente.

Pensativo, Longino caiu ao chão e começou a orar. “Pai de misericórdia e bondade, és justo e quanto mais justiça distribuíres, mais digno fico nos pensamentos. Dá-me condições de prosseguir esta jornada, até o encontro da mãe do Divino Mestre.”

— Calma! — respondeu o ermitão. — Não estás bem. Deves repousar se queres continuar teu caminho até o Oriente. Darei notícias tuas a uma família que precisa de alguém para ajudar nas plantações. Talvez queiram contratá-lo.

— Certamente. Ajuda-me e serei eternamente grato, na glória do Senhor Jesus Cristo.

— Pare de falar assim! Por aqui tens respeito como homem da lavoura.

— É que não consigo me desvincular destes dizeres. São belos e acalmam minha alma.

— Vejo que és um homem bom, talvez um pouco precipitado, mas necessitas de paz e talvez de uma família. A que vou te apresentar é necessitada de amor; se puderes ajuda-os em trabalhos.

Desta forma, Rosoé diminuiu o ímpeto de Longino seguir em frente imediatamente. Ele não tinha forças para a empreitada. Necessitaria de meses de repouso e planejamento para chegar perto do seu objetivo de ver Maria.

A insistência do emprego

Rosoé achava estranho que um ex-soldado romano tenha caído em desgraça e se tornado um andante parecido com ele. Então pergunta:

— O que queres da vida, ex-soldado?

— Quero encontrar a paz na minha cabeça.

— O que queres dizer com isto?

— Que venho de longe, consegui vários inimigos e agora procuro uma mulher que pode aliviar meus pensamentos. Ela é a mãe de Jesus, o Cristo; fui eu que perfurei, por último, o Seu corpo, já morto.

— Penso que trazes uma dor no coração. Um ex-soldado pode perfurar quantos corpos quiser e nada vai acontecer.

— É remorso o que sinto — afirmou Longino. — Além do mais, aquele olhar foi tudo o que Ele quis dizer para mim. Significou que Ele me entendia e, mesmo assim, passava uma paz imensa. Nunca tinha sentido algo semelhante.

— Entendo, mas era apenas um morto na cruz e mais nada — afirmou Rosoé.

— Talvez, mas não sinto que seja assim. Ele tinha um dom maior. Ele acreditava nas pessoas. Acreditou em mim.

— Como sabes disto? Notei que segues este homem em Seus ensinamentos.

— Verdade, pretendo ser Seu seguidor eterno.

— Então, rapaz, digo, senhor, deverás acomodar-te na fazenda crival. Eles são místicos e gostam de saber tudo sobre a vida deste Cristo, talvez venham a ajudar-te na tua empreitada. Siga-me e logo chegaremos à fazenda deles. Criação de cabras e bodes eles têm, não faltará sequer ânimo para o trabalho. — Complementou.

A noite caiu rapidamente e os dois armaram acampamento perto das colinas.

— Deu certo a nossa jornada — comentou Rosoé.

— Certo, mas e o emprego que me prometeste? Não tenho tempo para ficar nestas terras.

— Terás tempo suficiente, não perde as esperanças.

— Tudo bem, mas necessito de emprego com certa presteza — respondeu Longino.

— Quero te apresentar um amigo meu, muito influente nestas paragens, chama-se Alvino e terá toda expectativa para lhe oferecer a melhor pessoa.

O tempo passou e o eremita e Longino partiram para a região norte, em busca do encontro já imaginado. Alvino era um criador de ovelhas e, sempre que podia, juntava-se à tribo de nômades que viajava na região, em busca de notícias a respeito do Cristo crucificado. Rosoé, sabendo disso, tratou de levar Longino para uma refeição, nas terras de Alvino.

— Como sabes — disse o eremita. — Posso partir de tempos em tempos para melhorar a relação.

— Por certo — informou Alvino. — E o que tens para hoje?

— Trago este homem que se diz discípulo do Cristo crucificado pelos romanos para que possas torná-lo um fazendeiro produtivo.

Alvino olhou para Longino e disse:

— Conheço esta história, mais um a explorar as doutrinas evangélicas.

— Como sabes? — perguntou Longino.

— Aprendi com uma pessoa com quem convivi há vários anos. Chamava-se Maria ou Sarah, como queria ser chamada.

— E agora? Como podemos chamá-la?

— Maria, mãe do Salvador — respondeu.

— Para onde ela foi?

— Para longe daqui, assim que fora expulsa da cidade. Várias pessoas diziam que sua beleza era extasiante. Como podem dizer isto?

— Não se preocupe, Alvino. Ele só quer trabalhar e juntar um dinheiro para prosseguir a sua jornada.

— Magnífico! Ensinarei a arte de colher leite dos animais. Fica quanto tempo quiser, te darei casa, comida e algumas dracmas, ao vender o meu rebanho.

— Certamente, senhor, espero servi-lo com presteza e honestidade.

Os dois se alegraram como velhos amigos e Rosoé pediu para permanecer naquelas terras por mais alguns dias, pois precisava de um bom descanso. Foi então que se aproximou do local uma bela jovem, de nome Alizar, segunda filha do criador de ovelhas e disse:

— Meu pai, espero que esteja bem; nossa mãe não passa bons momentos, diz estar tendo alucinações. Sonha com o pai dia e noite, não sabemos mais o que fazer.

Longino, percebendo o desespero da jovem, resolveu intervir.

— Posso ajudar? — perguntou Longino.

— Se podes, serei grato — disse Alvino.

Os três se dirigiram à casa do fazendeiro.

— Minha nossa! — exclamou a jovem. — Mamãe não se aguentou e veja que ela fala para as paredes da tenda.

Ao olharem ao redor, não havia nada e nem ninguém, somente a senhora falando sozinha que dizia:

— Deixem-me sair, não aguento mais tê-los aqui. — Repetia em alta voz.

Longino percebera que se tratava de espíritos baixos que atormentavam a senhora.

— Calma, tenho uma solução para ajudá-la — falou Longino. — Tragam-me água e umas ervas do pasto. Precisarei fazer um chá, aqueçam a água e me ajudem.

Neste momento, a jovem, filha do fazendeiro, comentou:

— És curandeiro?

— Não, apenas tenho o conhecimento para ajudar a sua mãe.

— Pois bem, acredito em ti, farei o que for necessário para ajudá-lo.

Cerca de trinta minutos depois, a senhora esposa de Alvino começou a melhorar, após ter tomado a infusão de Longino.

— Céus! Funcionou mesmo. O que queres para ficar aqui e tornar-se meu sócio?

— Nada, senhor, só quero ver Maria, a mãe do Senhor morto na cruz.

A flor branca

Longino havia percebido que o velho eremita tentava ajudá-lo a encontrar a mãe do Salvador. Pensava também que aquela família de Alvino seria uma ponte de encontro do seu desejo maior. Estava distante da mãe de Jesus, isto ele sabia, não tinha forças e nem ajuda financeira.

Rogou aos céus para que pudesse atingir seus objetivos. Era tudo o que desejava antes de partir desta terra. Queria se confortar com o perdão de Maria. Ela estava viva? Assim acreditava. Ninguém havia dito o contrário.

Começou a receber avisos em sonhos. Acreditava neles. Desde que era criança havia sonhado com alguém que mudaria sua maneira de ser. De um forte e cruel soldado a um forte e decidido defensor da paz. A paz que almejava era íntima, mas também não sabia que seu desejo o levaria a uma missão maior na Terra, pelo menos nesta vida, e que seria necessária para outras caminhadas terrenas. Seu objetivo, no momento, era sobreviver longe de Roma, para não ser perseguido ou ouvido seu nome por soldados que poriam seus objetivos a perder.

— Como te chamas?

— O que importa? Sou Longino, a seu dispor — respondeu para um Alvino, desconfiado de suas intenções.

— Pois bem, te darei umas dracmas para ajudar no combate à fuga das minhas crias. São ovelhas, carneiros e uma pequena quantidade de coelhos, que servem para nos alimentar.

— Seja como for, seguirei tuas ordens.

— Ah, sobre Maria, tenho notícias eventuais de viajantes do Oriente. Ela está bem e tem trabalhado diariamente para tornar as pessoas crentes em seu filho morto.

— Obrigado por informar-me. Tenho o desejo de conhecê-la, como já sabes.

— Tenho uma proposta para ti. No próximo verão, terás condições de viajar e levar as mensagens para o Oriente. Serei teu guia se me ajudares a construir um rebanho maior.

— Como? Não entendo tua proposta.

— Serei teu guia para achar Maria. — Repetiu o fazendeiro.

Longino pensou e respondeu:

— Está bem, mas o que lucrarás com isto? Eu tenho meus motivos, mas percebo que tu não tens.

— Sabes, tenho uma filha de vinte e oito anos. Ficou muito doente há algum tempo. Em uma noite chuvosa, se hospedaram em meu celeiro Maria e seus acompanhantes. Cabras e ovelhas se agitaram e, quando fui ver o que ocorria, surgiu do fundo da tenda esta senhora a que te referes. Veio, placidamente, ao meu encontro e disse que precisava descansar naquela noite. Percebi que tinham muito a falar. Propagaram belas palavras a respeito do Cristo Salvador. Minha querida filha, ainda com dezoito anos, veio ver estes estrangeiros. Sofria de um mal das costas, sentia dor e não caminhava bem após uma queda nos pastos. Só contava com três anos após o acidente. De repente, estávamos todos em oração, formou-se um círculo e começamos a rir e a nos

emocionar com aquelas palavras. Certamente, Maria não era deste mundo, orava em voz adocicada e firme:

"Trago a vocês a redenção dos pecados. Meu filho trouxe a paz para este mundo. Sem Ele, já teriam sido aniquilados pelo Criador. Ele rendeu-se por amor a vós. Assim, Ele quer que tenhamos compaixão por todos. Por isso oremos: Pai misericordioso, tu enviaste teu Filho aos confins desta Terra. Traga para nós a cura dos nossos males. O amor que nos prometeste é infinito de bondade e misericórdia. Faça com que os corações arrependidos se cubram de fé e devoção a ti. Faça com que estas terras sejam abençoadas, na sua complacência. Dê a eles tudo o que a tua criação prevê: a fé no Criador, a paz nos corações arrependidos e a glória no Senhor."

— Assim, ela encerrou seu discurso e minha filha, que há muitos anos sofria com dores, passou a andar e a sentir-se melhor. Portanto, tenho uma dívida de cura para com ela. Agora, peço que considere o meu pedido. Seremos dois à procura de Maria. Só assim poderei deixar em paz esta terra de muito dissabor e trabalho, completou Alvino.

— Está combinado — disse Longino. — No próximo verão, faremos nossa viagem. Pelo menos tenho tempo de me preparar. Até lá teremos engordado o rebanho e nos alimentado melhor, serei teu discípulo.

— Não tenho seguidores, apenas quero cumprir um agradecimento a Maria.

— Assim que o dia amanheceu, ela havia partido com seus seguidores, deixou um pouco de água e uma rosa branca que até hoje não morreu, pelo contrário, embeleza nossa casa até no inverno.

— O que significa isto? — perguntou Longino.

— Isto é muito amor concentrado em uma causa — respondeu Alvino.

Início da viagem

Nestes tempos antigos, Roma ainda dominava vastos territórios, através de sua força naval e do exército bem treinado. Era uma época de grandes descobertas da humanidade, tanto no ramo da filosofia como das artes. Tudo dependia de gênios, nem tanto revelados até os dias de hoje, mas que foram minuciosamente planejados nestas encarnações próximas dos objetivos dos romanos. Assim, escravos de Roma eram usados para abrir estradas, calcular o funcionamento de armas, dotar médicos de conhecimentos científicos há muito ocultos da civilização.

Foi nesta época que um homem chamado Argemiro deu à luz uma importante fase na vida dos povos helênicos. Descobriu que o mar rodava em proporções diretas ao eixo da Terra, junto com a lua. Isto facilitou o cálculo das marés e só foi usada em escala bem maior pelos navegadores portugueses, através de escritos deixados nas enciclopédias dos romanos. Estudos esses que foram o berço dos descobrimentos. Sem falar nos estudos de Ornélio sobre ventos pulsantes e cata-vento de popa, responsáveis por dar mais velocidades às velas. Tudo em decorrência de descobertas rudimentares, mas eficazes, com objetivos finais de conquistas de povos.

Assim, nossos personagens seguiram com o plano de ir ao Oriente, com a finalidade de localizar a mãe do Salvador. À

época, corriam rumores de sua extemporaneidade, das curas dos males dos doentes e desvalidos. Tudo para não ser confundida como uma impostora, mas sim ser eleita pelos seguidores como uma mãe de todos. Rumores que ela havia partido desta Terra também chegavam, mas Longino e Alvino estavam dispostos a seguir com seus planos adiante. Um por seu peso na consciência e outro por total gratidão. Ambos comungavam do mesmo objetivo, com causas diferenciadas.

Ao final da primavera, já no início do verão, eles decidiram ultimar os preparativos para a próxima viagem. Tudo se iniciou em um fim de semana, em que Alvino se despediu de sua família e Longino preparou todas as coisas para a empreitada. Levariam um burro e uma ovelha para usarem como transporte e, caso necessário, se alimentariam da ovelha ou a trocariam por outros víveres. A rota a ser seguida constava em velhos mapas traçados por romanos andantes e viajantes. Seu destino no Oriente era uma pequena cidade, próxima ao rio que cortava a atual cidade da Turquia. Diziam que seria um bom ponto de partida para conseguirem informações a respeito de Maria ou seus seguidores. Estes dois homens se transformaram em seguidores do Cristo morto e crucificado e tudo seria feito por agradecimento pela vida.

Pela manhã, bem cedo, partiram e não deixaram ninguém chorar por eles. Foram saindo devagar, acompanhando os traçados da região montanhosa ao sul de uma Itália já castigada pelos efeitos do verão que se iniciava. Havia pastos verdejantes em todo lugar, mas também tinham sinais de caçadores e viajantes que destruíam a arborização do caminho, como forma de marcação dos locais e retirada de árvores e frutas plantadas.

Bem, senhores, nesta época, há mais de dois mil anos, tudo se fazia pela total sobrevivência da espécie humana. Homens não sobreviviam em condições normais e antes de completarem 60 anos de idade já tinham deixado família, filhos e saudade. As condições de higiene da época favoreciam o desencarne rápido e precoce. Por essas e outras razões, os mais prudentes optavam por uma vida mais regrada e menos agressiva.

Nos dias de hoje também vemos muitos males se arrastando pela humanidade, mas também observamos avanços científicos que melhoram a vida no planeta. No caso, dos nossos heróis, digo heróis porque nada valia para a vida deles, a não ser a busca da compaixão do Cristo, por intermédio de Sua mãe. Eles também eram ajudados por anjos da criação divina que, digamos, orientavam por sonhos e premonições os locais que deveriam seguir. Sem instrumentos de busca ou localização, contavam com a sorte e a informação de viajantes que, como eles, partiam em busca de sonhos. Bem, assim começou esta viagem, que demoraria alguns meses, até a chegada na localidade de Torkonov, extremo leste das terras ocidentais. Procuravam vestígios de Maria e não se cansavam de bater em portas e locais de reuniões. Não se comunicavam com os locais, adequadamente, mas foram instruídos a adaptarem suas roupas e costumes para se parecerem com os habitantes. Passaram-se três meses até receberem a informação que uma senhora, digamos, não ortodoxa, era considerada uma orientadora de pessoas necessitadas de asilo e conforto.

O mercador da Judeia

Longino e Alvino achavam as paisagens belíssimas, viram riachos, montanhas e tudo se condizia com uma beleza relacionada a um Deus Criador único de tudo.

— Vê, Longino, não somos capazes de criar estes animais e as plantas que nos alimentam.

— É verdade o que falas. Eu mesmo, em meus sonhos, vejo um criador levando as criaturas a um jardim da criação. Vejo sendo criadas ovelhas, carneiros e outros animais.

— São apenas sonhos, mas devemos sonhar que um dia vão vir esses criadores e nos ajudarão a ter uma vida melhor.

Neste momento, passou um mercador com seus empregados.

— Vocês conhecem este local? — perguntou o mercador, apontando no mapa.

— Bem, acho que passamos nele há dois dias — respondeu Longino.

— Ótimo, estou próximo do meu novo harém.

— Harém?

— Não sabia que existia isto aqui. Muitas mulheres o esperam?

— Sim, comprei várias e vou reclamar a minha posse. Tenho que negociar outras coisas também. Pois bem, vocês não querem

me acompanhar? Talvez tenha interesse em trocar esta ovelha por outros objetos.

— Obrigado, mas temos que continuar o nosso caminho. Procuramos uma mulher de nome Maria ou Sarah, capaz de realizar curas, e ela está acompanhada de outras pessoas. Por acaso você a viu?

— Claro que sim, me ajudou a curar um mal de minha alma. Desde que perdi minha última esposa, por um acidente, deixei de me alegrar. Não tinha mais ânimo para nada. Ela me curou com suas simples palavras. Senti um aperto no coração e passei a fazer o bem para alguns necessitados. Por causa dela, me tornei mais prestativo e, por conseguinte, feliz. Doei metade do que possuía para meus empregados, que passaram a me seguir com mais afinco. Hoje, eles querem meu bem e me desejam muita sorte. Alguns continuaram comigo e outros me deixaram para formar seu próprio negócio. A partir deste momento, fiquei livre do meu mal. Oro diariamente para os milhares que partiram deste mundo e faço a minha parte ajudando a quem posso. Crio os meus filhos da melhor maneira possível e faço viagens de acolhimento. Este harém que estou formando é para mulheres que, como eu, perderam o ânimo pela vida ou por terem sido abandonadas pelos seus donos ou por terem sido deixadas para trás como restos humanos. De forma que eu as eximo dos seus males. Isto foi o que Sarah me deixou ver ou sentir.

— Que belo gesto, mas o senhor poderia nos indicar o local onde ela mora?

— Com prazer, mas não será tão fácil achá-la. Só consegui o seu gesto de bondade porque comercializava os produtos para ela e seus seguidores, que costumavam doar aos pobres e desvalidos.

— E para ela, não comprava nada? — indagou Longino.

— Dizia que o que lhe pertencia, pertencia aos que mais precisavam. Com isso, uma legião de pessoas a adoravam. Dizia que precisava atender os necessitados em vários lugares. Se a quiserem seguir, melhor começarem as buscas aqui, nesta pequena localidade — afirmou apontando para o mapa.

— Bem, levarão vários dias de caminhada e a reconhecerão ao verem uma senhora, já de idade, acompanhada de muitas pessoas. O pão que ela recebe doa a todos que a seguem.

— Então, devemos procurá-la o mais rápido possível — disse Alvino.

— Sim, ela talvez não esteja mais próxima deste local, mas alguém pode indicar o rumo que ela tomou.

Perante as informações dadas pelo mercador, Alvino e Longino pegaram as suas coisas do chão e se puseram a caminho do local sinalizado.

— Longino, acho que o mercador tem razão, será muito difícil localizá-la.

— Talvez, mas temos que continuar a nossa missão. Poderemos levar muito tempo de caminhada, mas encontrá-la será nossa gloriosa homenagem ao Deus Pai Celestial.

Estavam cansados pelo dia solitário de caminhada quando Alvino e Longino resolveram fixar sua tenda próximo de uma aldeia.

— E se o mercador estiver certo, não encontraremos Maria com facilidade.

— Temo que ele esteja correto, mas teremos algum tempo para checar isso.

Os dois homens deitaram próximo a uma pedra gigante e adormeceram vistos por uma legião de desencarnados que torciam pelo sucesso da empreitada.

— Longino, acorde, é melhor nos preparar para continuar a viagem. Vi um grupo de pessoas passando para o lado norte entoando cânticos e louvores a Cristo, o crucificado.

Longino olhou para os seus lados e percebeu que algo estava diferente com a paisagem, percebia tudo avermelhado e pálido.

— O que é isto? Será que ainda estou vivo?

Sem resposta, ele deitou e aguardou uma conversa com alguém que lhe falasse algo.

Conjecturando o batismo

Ao se deitar no chão úmido da floresta fria, Alvino acompanhou o que Longino começou a falar:

— O que significa isto? Pai amado, não tenho culpa de ser um ingrato. Perdoe-me.

— Longino o que dizes? Conversas com alguém, será o Pai Celestial que te acolhe neste momento?

— Não sei onde estou. Vejo um céu rosa-claro e avermelhado. Conto estrelas acima de mim e de meus descendentes. Tenho uma visão do futuro.

— O que vês, então?

— Estou navegando em um barco celestial, tenho muitos companheiros de caminhada, entre eles, tu, Alvino.

— Não estou entendendo, não sei navegar.

— Isto é em um futuro.

— O que mais?

— Temos a missão de descobrir e unir lugares e povos. Vejo embarcações com velas grandes e percebo cores de um raiar de um novo e longo dia.

Estas profecias que Longino relatava se tratavam de uma futura encarnação que, dependendo do momento atual, poderia se concretizar ou não. Tudo decorrente do que fazer hoje se refletiria

no amanhã próximo. Então, nosso personagem, compreendendo o tal recado, resolveu questionar a visão do futuro:

— O que farei para me tornar digno de tão bela visualização?

Mentalmente, um anjo da criação interrompeu o seu questionamento e, com uma fala telepática, disse:

— És um dos que o Altíssimo tem em conta. Tens uns débitos a pagar e, caso sejas um bom pagador, terás o prazer de construir povos e nações. Serás um de confiança do Enviado de Deus e terás um lugar próximo de Seu reinado. Segue o teu caminho de luz e harmonia. Esteja com o Criador, que te chama para dar continuidade a Sua obra, que é elevar a Terra para um palco de amor e compaixão. Para isto, a educação dos povos será necessária e, a cada ser recuperado, uma vitória do Criador. Terás chances maiores para dar continuidade a outras raças. Verás a necessidade para tal.

— Mas farei isto logo? — perguntou Longino.

— Em parte, tua encarnação terá uma glória do Senhor, se fizeres o que deves. Fica com este pensamento "Povos livres, povos felizes, Deus Pai Criador abençoando todos os que O seguirem."

Com estas palavras, Longino ergueu um pouco a cabeça e em sinal de obediência criou uma saudação dizendo:

— Que a vontade do Pai Celestial seja feita.

Em seguida, Longino se levantou, levemente atordoado, e falou para seu companheiro de viagem:

— Alvino, penso que com todas essas informações que recebi, tenho condição de me tornar um cristão definitivo. Sinto o Cristo em mim e em minhas ações. Tudo o que eu fizer, daqui por diante, será por Ele e para a glória do Pai Celestial, que me colocou neste mundo para elegê-Lo como guia das minhas obras.

Tudo devo a Ele e, para coroar Sua gloriosa vida, teremos que continuar a caminhada, buscando encontrar Maria e seus discípulos, para pedir o seu perdão e compaixão.

Com isso, Longino e Alvino retomaram a caminhada à procura da mãe do Cristo morto, para tentar uma última entrevista. Seria como um discípulo de Cristo à procura do crucificado, para homenageá-Lo com palavras e gestos de louvor a Ele, enviado do Supremo da vida.

Caminharam por mais 48 horas e fixaram sua tenda em locais próximos de aglomerações; corriam em determinadas direções quando viam muitas reuniões de pessoas. Tomaram chás de hibiscos, comeram tamareiras e frutas não tão comuns trazidas por mercadores das longínquas terras dos senhores de Roma e Jerusalém.

— Como poderemos encontrá-la? — indagou Longino.

— É melhor irmos a um lago próximo. Talvez estejam batizando alguns discípulos — respondeu Alvino, já familiarizado com os ensinos deixados por João Batista e realizados pelos seguidores de Cristo.

— Ah, o batismo! — exclamou Longino. — Como é bom ser batizado, espero que Maria me conceda tal honraria.

A verdade é que Longino havia recebido a glória do Senhor em momentos antes, na época da crucificação. O Espírito do Senhor Jesus Cristo o perdoou e o magnetizou com seus fluidos de paz e compaixão. Bastava para ele um gole de água fluidificada para completar seu aditamento em um ser que pretendia tornar-se: um homem verdadeiramente em Cristo.

— Será que eles fazem estes rituais? — perguntou Alvino.

— Com toda certeza. É um ritual importante para os que querem se converter na fé em Cristo. Já pensou em ser uma

pessoa protegida e guiada por seus ensinamentos?

— Bem, sei que não sou tão digno disto — afirmou Alvino. — Talvez tenha que aprender muito mais para que um dia possa me ajoelhar ante o Criador, digo, ser aceito por Ele, como um verdadeiro discípulo.

O sol se punha a oeste e os mercadores recolhiam as suas bancas de produtos.

A cruz de madeira — História

Trovões, com chuva, foram ouvidos ao longe. Longino e seu companheiro de viagem correram e se abrigaram em outra tenda mais forte e larga. Lá havia várias pessoas que carregavam um crucifixo no pescoço. Longino desconfiou daquele objeto que fora cunhado por Ismael, amigo do servo que levou o Cristo crucificado, junto com Maria, para ser enterrado na sepultura doada por José de Arimateia. Aí começou a distribuição deste símbolo simples, mas cheio de significado para o povo de Cristo. Sim, esta foi a origem do crucifixo.

Dizem alguns historiadores que ele foi primeiramente cunhado alguns anos após a crucificação, mas na realidade um servo de nome Ateneu convocou seu amigo para confeccionar um artefato de madeira rústica, retratando o Cristo morto na cruz. Isto trouxe um novo alento aos crucificados. Diziam que todos os que morriam desta forma seriam salvos pelo filho do Senhor.

Ora, como naquela época as dificuldades eram enormes e as crenças eram ditadas pelos sacerdotes, logo um objeto popular foi feito e distribuído aos que iniciavam a crença em Jesus. Maria, a mãe do Cristo, adotou este símbolo e distribuía a todos que queriam seguir a doutrina. Criam que adorando o Cristo crucificado facilitaria o seu entendimento das dificuldades e

orariam a todo momento no símbolo da cruz. Daí fizeram do crucifixo um mártir a servir de organizador de discípulos do Cristo. Histórias a parte, prosseguiremos o relato:

— Veja Alvino, eles têm uma cruz pendurada no pescoço. Acho que eles conhecem a história do Cristo crucificado.

— Bem, isto veremos — afirmou Longino.

— Procuro uma mulher de nome Maria. Você a conhece? — perguntou Longino a um jovem local e continuou. — Por favor, me informe algo.

— Não sei o que quer, mas Maria é nossa mãe maior.

Dito isto, Alvino arregalou os olhos e perguntou:

— Diga-nos como encontrá-la, precisamos vê-la e identificar-nos a ela.

— Não posso ajudá-los, faz muito tempo que ela veio até nós. Acho que percorre as redondezas das cidades montanhosas.

— E esta cruz no seu pescoço, foi ela quem lhe deu?

— Não exatamente; ela disse que usar um objeto como este ajudaria a lembrar do Salvador. Ele estaria a nos olhar e proteger.

Longino pensou e falou:

— Meu jovem, viemos de muito longe, poderia nos ajudar a encontrá-la?

— Poderei ir com vocês por pouco tempo, pois tenho família e...

Longino mostrou uma pedra de opala, guardada com ele há algum tempo.

— O que é isto?

— É para você, como reconhecimento por ter nos ajudado, caso queira.

O jovem pensou e disse:

— Vou com vocês até o quinto dia. De lá vocês seguirão sozinhos. É o que posso fazer para ajudá-los.

— Ficamos muito agradecidos.

Após a chuva ter passado, os três personagens prepararam-se para seguir rumo oeste em direção às montanhas do Afeganistão, pois eram de lá os últimos relatos do paradeiro de Maria.

Por que tão longe? — pensou Alvino. Ela com certeza iria pregar; fora aconselhada por seus amigos a prosseguir viagem até o mais longínquo possível e depois voltar para o ponto de refúgio. Com isto, propagaria o máximo possível as palavras de fé, deixadas por seu filho.

— Se nós não a acharmos, o que faremos? — questionou Alvino.

— Darei minha missão como concluída, voltarei para as terras de Jerusalém e ficarei por lá até minha morte — disse Longino.

Após muito falarem entre si, finalmente o grupo saiu em direção às montanhas do oeste que, naquela época, apenas alguns aventureiros para lá partiam em busca de novas receitas e materiais exóticos.

Bem, amigos, a partir daí nosso personagem também sai em busca de um eu perdido. Dizia na viagem que sua mãe o educou na ideia da força. Orava para os deuses pagãos, todas as vezes que fosse combater, mas agora, em região árida e de difícil acesso, fora capaz de recitar uma bela poesia a Jesus.

— Senhor, perdoa-me, já não sei o que dizer da tua misericórdia. Quanto tempo levarei para entender todas as tuas verdades. Deixei tudo para te seguir. Sigo no amor às tuas obras e falas. Sigo teu pensamento e tua alegria de viver. Quando o meu coração bate é só para vê-lo e senti-lo. Deixe que minhas lembranças de tua vida sejam propagadas para todos os povos e

nações, pois o justo se curvará perante a Tua presença. Reis e rainhas o adorarão porque o Pai lhe enviou. Tomemos a cruz que carregaste para nos aliviar e diremos em alto tom: “Senhor, nos perdoa.”

Longino baixa a cabeça e recita a sua oração de paz e amor.

— Mestre amigo, dai a mim e a todos os seres terrestres a tua força para conseguir evoluir. Que os objetos materiais não tragam divisão entre os povos e que a Tua benevolência infinita seja um exemplo a todos nós.

Assim, Longino, Alvino e o guia reiniciariam a caminhada.

Novo caminho

Após caminharem algumas horas, o grupo de aventureiros descobriu que Maria, a mãe de Jesus, havia partido por um caminho nada usual, em direção às localidades próximas de um lago, chegando bem perto da região onde eles não imaginariam que ela estivesse. Chegaram à região turca após vários dias de caminhada. Usaram para tal um lombo de burro e alguns cavalos. Compraram de um mercador próximo de uma área que Roma tentava dominar. Eram aventureiros como todos que passavam por ali.

A língua era diferente e o clima já se tornara difícil, com muito calor e jatos de ventos, que traziam a poeira até as suas gargantas. Neste tempo, os mercadores andavam com várias mercadorias. O zelo que tinham era para que os seus clientes ficassem satisfeitos.

Quando o grupo de Longino atingiu um primeiro pico de uma baixa montanha, foram abordados por mercadores de ovelhas e caprinos. Logo foram guiados para a área onde Maria provavelmente estaria.

— Vejam! ali! Atrás da próxima região montanhosa é onde ela se encontra, não tão distante do que mais um dia de caminhada — informou o mercador.

— Como saberemos que é ela? — indagou Alvino.

— Ela está sempre acompanhada de várias pessoas — respondeu o itinerante.

— Claro, Alvino, tenho noção de como ela é. Fiquei próximo a ela na crucificação.

— É que o tempo passou e, certamente, ela mudou.

— Veremos quando a encontrarmos, em breve.

O grupo se deslocou até a base da montanha próxima e ergueu sua tenda. Pássaros também pousaram próximo ao grupo. Ouviram corujas e outros animais distantes. Uma linguagem diferente fora ouvida longe e se aproximava ao som de galopes de cavalo. Era um grupo de soldados que patrulhavam a região.

— Quem são vocês? O que querem nestas paragens? — perguntou o líder dos soldados.

— Somos viajantes à procura de outros locais para viver.

— Saiam o quanto antes, não temos terras disponíveis para vocês — alertou o soldado.

— Não queremos terras, apenas um local para armar uma tenda e criar uns carneiros.

— Já lhes disse: estas terras têm dono e vocês serão considerados intrusos se não forem embora — alertou o militar.

— Vejo que serves alguém. Quem é teu superior? — perguntou Alvino.

— Não lhe interessa. Só direi para irem embora.

— Vejo que carregas algo no pescoço parecido com uma cruz.

O militar ficou curioso com a observação de Longino.

— É para me proteger — respondeu.

— Conheces Maria, a mãe de Jesus, o Cristo?

— Não sei do que falas, conheço uma mulher de nome Sarah, que nos dá boas orientações a respeito de como nos comportar.

— Então verás que viemos em paz e só queremos conversar com ela por alguns momentos — respondeu Alvino.

— Está bem, amanhã vocês partirão para a outra montanha. Ela está na região cuidando de nossas crianças.

— Para quem serves?

— Para o senhor dono dessas terras que teve a vida salva por Sarah. Ela deitou-o em sua cama após uma doença desconhecida, orou e logo nosso chefe recuperou suas forças, deixando esta mulher percorrer nossas terras e pastos. Ela traz paz e alegria para quem a ouve.

— Então, deixe-nos andar até encontrá-la.

Com isso, o soldado deu permissão para o grupo seguir viagem pelas terras dos armonitas, povo pagão que não acreditava no futuro e, sim, na vida presente. Para eles, tudo acabaria aqui, no momento da encarnação.

Acontece que Maria, ao deparar-se com o chefe, conseguiu curá-lo de um ferimento grave e obteve a permissão de ficar o quanto quisesse. O fato de alguns soldados usarem o crucifixo ao redor do pescoço era devido ao símbolo que ela distribuía, em razão das pregações que fazia. Naquele período conturbado da humanidade, em que as crenças em religiões politeístas eram o que dominava, a palavra Cristo nada significava para a maioria das pessoas que Sarah abordava. Ela pedia que usassem aquela cruz para que o Salvador os identificasse. Após várias orações e preleções, alguns soldados e o povo das localidades passaram a usar o objeto que Sarah informava como sendo um símbolo de amor e paz.

De certa forma, ela foi uma discípula ativa e dedicada. A cada cidade, localidade ou vilarejo em que passava anunciava as verdades de Cristo. Só queria saber quantas pessoas

necessitavam de auxílio. Sem dúvida, a mãe do Cristo foi uma pioneira em levar as ideias do filho até os bastiões do Oriente. Nesta história, também recheada de aventuras, a mãe de Jesus, por onde passou, deixou graças aos que pediam. Só não fez mais por sua limitada força física, mas como espírito de luz, deixou-se perceber por aqueles que necessitavam.

Os sonhos de Longino

Relembrando a passagem de Jesus por Jerusalém e região adjacente, logo que chegou à Cesareia, o Mestre entrou em um recinto. Havia uma família e com eles um homem pobre que se chamava Alfeu, filho de Hiromides, mulher de vida fácil. Jesus olhou o homem que se encontrava deitado e disse:

— O que sentes ao ver o filho do Homem, aqui, em tua casa? Não ouviste minha chegada e não vieste me ver.

Alfeu olhou vagamente para o Mestre e, usando uma força descomunal para locomover-se, disse:

— Mestre, sou paralítico, mas creio em ti.

Então Jesus disse:

— Se quiseres caminharás, pois em verdade te digo, que antes da minha chegada, já podias andar. Creste em mim em todos os momentos.

De repente, Alfeu, o aleijado, começou a mover os pés e pernas e com ajuda do resto dos presentes se levantou e chorou.

— Pensei que só com tua presença poderias me ajudar.

— Em verdade vos digo, desde que pensaste em mim e tiveste fé, senti que minha mão te cobria. Palavras do coração — disse o Mestre.

Todos se admiraram, pois este homem há muito não andava ou falava bem. Naquele tempo a fé costumava adquirir várias

faces. Para uns, bastava orar para os deuses de ouro e pedras, mas o povo judeu, que era acostumado com mais oração e respeito a um só deus, primava pelos ditos que Moisés deixara, com exceção de alguns que tinham perdido a confiança.

Foi daí que logo esta notícia se espalhou e o Sinédrio se reuniu para rechaçar todo e qualquer desejo de alimentar os pensamentos daqueles que achavam que Jesus era o Messias prometido. Este exemplo vale para nossos personagens que de ponto em ponto encontravam benfeitores e malfeitores, gente comum que no dia a dia lutava pela crença em que um dia suas vidas seriam finalmente salvas.

Para Alvino e seu amigo de viagem, Longino, a fé era um ponto de importância fundamental, tanto que eles estavam curados do mal da incredulidade, mas precisavam ser confortados pela mãe maior, Maria, tanto que não se cansavam de viajar e deslocar-se. Eles, próximo de sua paragem, ainda pensavam em como proceder ao encontrar a mãe de Jesus. Um questionou ao outro.

— Messias dos judeus, esta era sua verdadeira identidade? — perguntou Alvino.

— Creio que sim, mas nunca foi aceito por Roma ou pelos sacerdotes.

— Mas sua passagem pela Judeia não foi recheada de louvores ao que ele fazia, como curas e boas lições?

— Sim, diziam que Ele curava muitas pessoas de seus males, mas as autoridades não O reconheciam como Messias. Queriam um guardião do templo e não um pastor ou obreiro.

— Como assim?

— Nos escritos judaicos, diziam que seriam libertados por um homem forte, enviado de Deus, e não um carpinteiro que dizia

belas frases e prometia vida longa se perdoassem os seus desafetos. Veja bem! Como que em um povo semi-escravizado como os judeus iria acreditar nisso? — questionou Longino. — Ademais, um povo sofrido que pagava pesados impostos precisava de um importante personagem para enfrentar o poderio de Roma. Creio que o governo aceitou as acusações do Sinédrio para se livrar de um levante, contra Roma, que anunciavam fazer caso não matassem Jesus. Isto fora acertado antes do que ocorreu. Resultado: tive que matar o Cristo.

— Não se culpe, Longino, foste apenas um intermediário e cumpriste as tuas ordens. Eles o matariam de qualquer forma. Era o que estava escrito, diziam que tudo fora dito por um profeta da antiguidade, os judeus que não entenderam a mensagem.

— Pode ser, Alvino, mas as consequências serão sentidas por muitos séculos. Haverá homens que se rebelarão e irão impor a vontade do Cristo pela forma das armas. Derramarão sangue para vingá-lo e farão a Terra estremecer do Oriente ao Ocidente. Isto é o que venho pensando, digo, imaginando.

— Tens tido muitos pensamentos negativos, te vejo dormir e dizer coisas semelhantes nos sonhos.

— Ora, Alvino, vejo que não acreditas em mim, mas tudo é verdade, eu pressinto.

Eles chegaram a uma comunidade.

Encontro com Maria

Nestes relatos, a antiguidade era repleta de meios de descobertas através de histórias provenientes de sábios e ateus. Vê-se que Longino ouvira várias delas, entre elas, a que Cristo Salvador tinha nascido na opulência, mas que com o tempo ficara pobre.

A verdade é que o Cristo nasceu da Virgem Maria e em seus pobres aposentos se criou. Não tinha nenhuma regalia, mas sabia desde cedo de sua missão. Era o enviado de Deus-Pai, o Criador de tudo. Constatou bem cedo, pois era visitado por anjos e arcanjos e tinha uma linha direta de pensamento com o Criador. Quanto à Maria, sua mãe, fora criada em família religiosa de respeito às leis judaicas, mas também fora avisada da missão de abrigar, em seu ventre, o Salvador da humanidade, tudo porque como nós, os humanos, costumam desrespeitar a tudo e a todos, não tínhamos mais o que fazer para desagradar a Deus em matéria de amor e compaixão.

Neste contexto é que a divina providência optou por mandar um Salvador para orientar a humanidade sofredora e abusada. Cristo, Jesus, resolveu voluntariar-se para a tarefa. Ele, o filho legítimo do Criador, tomou a tarefa para si e envergou a espada da luz para penetrar no seio terrestre. Diz-se que levou milênios para conseguir diminuir-se até chegar aos meios terrenos, tudo pela fluidez de difícil adequação. Seu corpo astral é fluídico e

imperceptível, traduzindo-se como de pureza infinita. Para se ter uma ideia concreta, Jesus resolveu tornar-se humano para tentar suprimir o pior dos destinos para o planeta Terra, submeteu-se a uma regressão imensa até fazer parte do que chamamos de humanidade.

Este fora o papel de Maria, abrigar o Cristo em seu ventre, que também possuía peculiares fluidos abarcadores de humanidade sutil, necessária para acoplar o Mestre. Jesus não esqueceu aquela alma encarnada que se dispôs a acalentá-lo. Por isso, Ele a elegeu como uma das protetoras da Terra, Mãe de todos. Assim, tornou-se uma verdadeira discípula de Seus atos.

Logo que soube que iria abrigar o Salvador em seu ventre, submeteu-se à vontade de Deus e de seu digníssimo esposo, José, que após um anjo revelador, deu-se por entendido do que seria a sua missão. Formou-se a família celestial e uma falange de benfeitores espirituais acompanhou a chegada do Mestre ao seio materno. Maria tornou-se carne presente de Deus e passou a sentir uma felicidade indescritível que só ela percebia e sentia. Seria mãe impoluta e intocada, Maria, a Virgem mãe de Deus.

Histórias à parte, nossos personagens chegaram finalmente à localidade que Maria elegeu como base para realizar suas prédicas e fazer com que as pessoas se dedicassem à causa do Cristo. Logo, Alvino e Longino passaram a procurá-la até, finalmente, avistarem uma senhora agachada próximo a um rio. Em que pese seus acompanhantes, sentiu a presença dos companheiros que queriam vê-la e confortar-se pelas suas palavras. Então, Alvino falou:

— Senhora, chamas-te Maria, a mãe de Jesus, o Nazareno?

Ela levantou-se e disse:

— Sim, sou eu a quem procuras. A que devo a tua visita?

— Senhora... — Longino começa a chorar e balbuciar palavras de consolo e conforto, pedindo perdão pelos seus atos.

— Como podes pedir perdão para uma mãe que perdeu seu filho para a eternidade? Nunca esqueci aquele ato necessário para que fossem cumpridas as promessas do Altíssimo. Ele se entregou para salvar-nos — respondeu ela.

— Senhora, desculpe-me, mas sou o soldado que O atingiu com a lança, ainda na cruz, lembra?

— Não o vejo como algoz ou assassino. Meu filho me disse, em sonho, que perdoasse a todos que Lhe causaram injúria. Não tenho nenhum ódio ou rancor pelos que fizeram por Jesus. Ele os amou até o final.

Alvino e Longino se ajoelharam em frente à mãe de Jesus e suplicaram:

— Senhora, perdoe-nos.

Nisto, uma luz estranha de mais ou menos dois centímetros de extensão e quatro centímetros de largura baixa próximo a Maria em um bailado emocionante e harmonioso.

— Vejam — falou ela. — Isto significa que vocês terão um futuro de luz no seu caminho. Meu filho envia a vocês a luz do amor e da paz. Não hesitem em acreditar Nele, isto será necessário para a paz interior de cada um.

Batizando os viajantes

Não tardou para que os companheiros de Maria também se manifestassem.

— São seguidores — afirmou João em relação aos dois homens.

— Sim, podemos dizer que os atos praticados por mim fizeram permanecer o meu lado de amor. Hoje sinto um imenso respeito por tudo que se refere ao Cristo Salvador.

— Então, meu filho, fique aqui, nós te batizaremos e a partir de hoje serás um no corpo e nos pensamentos de Jesus. Ele o espera.

Alvino e Longino entraram no rio acompanhados de João e de seu irmão, o menor.

— Vamos em prece ajudar o Cristo a batizá-lo. Em verdade é a presença Dele que irá torná-los no corpo e no sangue.

A luz se aproximou deles e, ao mesmo tempo, João pegou uma cuba, encheu de água e batizou primeiramente Longino.

— Com o poder do Espírito do Senhor, eu o batizo com o nome de Samuel e tu, Alvino, serás chamado de Alteder.

Seriam nomes de batismo para reconhecimento da comunidade cristã que se iniciara no Oriente. Maria se aproximou dos dois e junto com a luz que aparecera por detrás de sua cabeça finalizou:

— Que Deus os traga para nossa causa. Jesus está contigo, Longino.

Ao mesmo tempo, após a aclamação dos dois, ouviu-se uma música celestial ao longe, onde trombetas anunciavam a benfeitoria.

— Hoje terão a bênção de Jesus, amanhã o Cristo acompanhará vocês. — Complementou Maria.

Suavemente uma voz passou a ser ouvida:

— Veja, minha mãe, este é o homem de que te falei. Em verdade vos digo que o último que me fez será perdoado para sempre.

Longino, ao ouvir estas palavras, ditas ao vento, se ajoelhou e disse:

— Mestre, sou seu, perdoe-me pelos meus atos. Nunca mais farei contra um irmão.

Longino se levantou e Cristo falou:

— Serás um dos nossos. A eternidade o abarcará para futuras missões. Por enquanto, seja justo. Vá pelo mundo e anuncie as verdades. Eles o ouvirão, mas não aceitarão. É aí o teu trabalho. A vinha a ser plantada e colhida serão milênios de sementeio e outras para colher. Não ficarás só porque estarei contigo. As tuas mãos serão teu guia da verdade. O momento que te sentir desamparado é aquele que serás consolado. Não pense que nossas falanges o abandonarão. Terás o Cristo como teu companheiro, aliás, nunca te abandonarei. As curas que fizeste no caminho foram pela certeza de que Eu estava próximo a ti. Os teus pensamentos já são de um seguidor da bondade e verdade. Maria foi o elo que faltava. Ela o reconheceu em sonho há muito tempo. Esperava que a procurasse para selar o acordo final.

Longino pensou e disse:

— Mestre, diga o que queres mais, não descansarei até fazer a Tua total vontade.

— Não te peço mais do que isto, já basta, não tens compromisso a resgatar que não seja passível de bons caminhos.

Longino se levantou e agradeceu por tudo.

— Senhor, abençoa a minha nova missão.

A Luz se intensificou e voltou a plainar próximo a Longino e, em poucos momentos, atravessou o corpo de Longino que se sentiu abençoado.

Vejam, leitores, este episódio, de certa forma, o inimaginável ocorreu próximo de cidades onde a fé ainda engatinhava. O Cristo ainda teria muito trabalho por fazer, como hoje, onde cada homem, dependendo do estado evolutivo, reúne forças e conhecimentos cada vez mais tecnológicos, deixando de lado a simplicidade do modelo cristão. Seja amigo e fraterno. Amar o próximo como a si mesmo, não roubar ou enganar um irmão, ser honesto e fraterno. São palavras quase sempre esquecidas.

Estes relatos são importantes para que de muito distante do tempo relembremos os compromissos que assumimos antes de voltar à carne. Os pensamentos melhores são o guia para iniciar os trabalhos que só com a enxada e labuta vão frutificar. Serão necessários esforços mútuos tanto de ti como de teus seguidores espirituais para que possas usar a enxada em terreno fértil e ordeiro. Digo que tens que orar, preparar, irrigar a boa terra, para que possas colher e distribuir os frutos do bem para os teus companheiros de jornada.

Novos rumos

Tudo se passou durante uma manhã cheia de luz e com o sol a iluminar as plantações próximas ao lago, na atual Turquia. Em determinados momentos, o sol se fez mais brilhante. A presença do Cristo, mesmo por telecinesia, fez com que o ambiente se tornasse mais inóspito para almas de pouca evolução. Todos os seres viventes sentiram algo que transbordava boa fluidez no local. João Batista, que batizou Jesus, sempre dizia que quando o Salvador do mundo se apresentasse para ser batizado, a humanidade seria mais feliz. Eras de trevas seriam substituídas por anos de esperança. Ele não ficaria aqui para ver as consequências da presença do Rei dos judeus entre nós, tudo se consumiria em pouco tempo, isto Ele já sabia.

Na verdade, a humanidade sempre galgou esperanças em se melhorar. Pelas leis do Criador, nunca uma criatura ficou para trás. O que se vê, no momento, são almas, ainda atrasadas, no seu desenvolvimento intelectual e moral, e que com os ajustes de seu eu perante as experiências que a cada nova encarnação se dá, logo este ser em evolução irá adquirir condições favoráveis para o seu progresso. Podemos citar várias almas que infligiram danos à humanidade, mas como Jesus falou "A cada um conforme suas obras"; portanto, haverá de chegar o tempo da colheita de cada um, principalmente os que relutam em sua própria evolução.

Maria, como representante do Cristo, ainda encarnada, resolveu partir para outras cidades em busca de boa divulgação daquilo que o Cristo falou. Encontrou vários adeptos, inclusive João, o evangelista e outros discípulos. Vale ressaltar, quanto ao médico e evangelista Lucas, além de Marcos, que tudo foi revelado e eles, inclusive com notas especiais de toda a educação dada a Cristo, suas preferências e atitudes, tanto que, durante vários anos de coleta de informação, Lucas e Marcos deram para a humanidade um verdadeiro manual de boa relação, no Evangelho. Foi Maria que concedeu todos os detalhes. Sem ela, a humanidade e os cristãos ficariam sem o conhecimento de várias passagens.

Bem, como esta história tem que prosseguir, veremos nossos personagens bem-aventurados após o batismo dado por João e acompanhado por Jesus, que há milhares de quilômetros de distância pôde visualizar. Por que tanto preciosismo pelos nossos personagens? O que fez com que Cristo se dispusesse a acompanhá-lo em seu percurso e trouxesse todos os ideais do Salvador incrustados em seus pensamentos?

Aqui vale uma nota: Longino, na verdade, era um discípulo dos ideais de Cristo, quando presenciou a cura de um cego de nascença. O soldado costumava vigiar, a mando do seu superior, em pleno disfarce como camponês, como um dos seguidores que dia e noite observavam o Mestre. Na verdade, ele já havia presenciado vários feitos de Jesus, mas não acreditava em tudo o que via até que ele se deparou como o algoz final do Cristo.

A visão que teve foi a de Jesus a olhar com pura compaixão. É que o Mestre, através de sua vidência, previa os desfechos de Sua vida, em particular o ato final. Acompanhou Longino após a sua morte, por intermédio de amigos espirituais que sempre o

mantiveram informado da evolução do ex-soldado. Para o Cristo, suas ovelhas não deveriam se desgarrar e Longino teve de Jesus sua misericórdia, pois tudo o que fez foi para seguir ordens.

Depois disto, em longas noites de insônia e pensamentos de autoculpa, chegou à conclusão que deveria pedir perdão a Maria. Nesta época, ele achava que tudo faria para obter seu intento. Desejava, na verdade, chegar ao Mestre através do amor incondicional de Sua mãe.

Feito e acontecido o sonhado encontro, Longino estava se preparando para buscar novos ares para colocar em prática tudo o que ouvira do Mestre, na época da Galileia. Um filho perdido que ansiava voltar à casa em que depositou seus desejos. A porta se abriu e Longino tomou o seu papel final em busca de discípulos e seguidores. Mas como ele faria isto?

É a partir de agora que nosso personagem irá receber os pedidos de sua aventura e Maria recomendou a ele que seguisse adiante, em direção ao leste europeu, para que buscasse nas regiões distantes da Ásia a sua legião de seguidores. Não seria fácil, até porque outros povos habitavam aqueles lugares. Maria ficou na Turquia. Longino prosseguiu e se lançou em novos rumos. Aqui começa a outra parte da sua aventura.

Saída para o Leste

Longino, antes de distanciar-se do local onde Maria o orientou, se deparou com a luz que o seguia e, de repente, apareceu Jesus e uma multidão de espíritos, assustando o nosso viajante.

— Meu Deus, o que desejas de mim? — disse saindo para o lado da estrada.

— Quero que sigas o que te direi: procurarás uma pessoa chamada Elevino, numa longínqua área do meio Oriente. Ele te orientará no que fazer. Depois, pensamento no Divino Criador, serás responsável por levar as minhas palavras aos surdos e cegos da região. Ele o guiará nas montanhas e prados até chegar a hora de partires da Terra.

Assim, o raio de luz, Jesus, se dissipou, deixando um perfume característico no ar. Era muita informação para pouco tempo. Alvino não presenciara a cena, pois ainda estava se despedindo do apóstolo João e outros seguidores. Longino, solitário em sua mensagem, guardou para ele aquelas informações.

— Então, prosseguiremos nosso rumo? — perguntou Alvino.

— Claro, já estou preparado, mas devo ir para umas regiões montanhosas à procura de uma pessoa chamada Elevino.

— O que dizes? Quem te mandou?

— Vejo em sonho, mas acordado.

— Deves ir só ou deverei acompanhar-te? — perguntou Alvino.

— Deverei ir só, daqui por diante ficarei com o Altíssimo.

Alvino, decepcionado, questionou novamente seu companheiro.

— Se fores só, não chegarás a lugar nenhum. Por ser a pé, sem os outros, é um suicídio. Serás atacado por animais, poderás ser roubado e assassinado.

— Nada me acontecerá. Tenho o Cristo no meu caminho — respondeu Longino.

Alvino, cabisbaixo, deixou o local com muita tristeza. Os amigos se separaram, após um longo abraço. Longino se despediu e saiu andando em direção certa para o Leste.

— Meu Deus, o que será de Longino? Tenho certeza que se algo acontecer a ele, serei avisado pelos espíritos.

Nesta ocasião, os acontecimentos até aqui narrados davam ao interlocutor uma mensagem de fé ao que deveria acontecer. Para ele, Longino seria então guiado por Jesus e seus anjos. Nada poderia fazer. Então, Alvino retornou à sua casa e foi recebido com festa pelos familiares, que com muita alegria mandaram matar e assar um cordeiro em louvor a Deus e a todos os que ajudaram o seu patriarca a voltar são e salvo. Quanto a Longino, começou a pregar diariamente por onde passava as verdades de Jesus. Em alguns lugares era apedrejado, em outros, era aclamado. Já ouviram falar de semelhantes palavras, mas via de regra era insultado, pois por mais que tivesse o desejo de doutrinar, eles já tinham convicções em deuses dos mais variados. Foi quando encontrou uma mulher que o questionou.

— Dizes que és discípulo deste Cristo, mas não tens força em tuas palavras. Sei que és do Ocidente que tua vida tem sido cheia

de glórias e desavenças. Vejo-o como um célebre soldado, mas sem exército. Sei que tiveste glória e tristeza no passado, mas teu futuro será cheio de recompensas, caso consigas atingir teus objetivos.

— Quem és, alguma advinha? Sei que és mãe e tens dois filhos. Um se chama Ezequiel e outro Ariel. Não tens mais marido e que teu futuro será recheado de dor após a partida de teus filhos, que te abandonarão para ter outras mulheres.

— Saia do meu caminho! — gritou a mulher vidente.

— Não quis ofendê-la, mas é isto que acontecerá.

Ela começou a chorar e disse:

— Tens razão, assim será, mas o que teu Deus tem para me aliviar?

Longino pensou em Jesus e disse:

— Mestre, me ajude a curar esta mulher do seu orgulho.

Jesus apareceu em pensamento para Longino.

— Meu filho, ela precisa da tua companhia. Dá a ela uns momentos de alegria. Convence-a a acompanhá-lo em tua tarefa, pois ela verá como o perdão e a benevolência fazem bem ao coração. Estás abençoado. Vai e cuida da prole dela. Não a abandones neste momento.

— Queres que me una a ela?

— Não, quero que a ajudes a procurar-me. Será de muita ajuda a ti. Ela tem dois filhos que o ajudarão na tarefa. Elevino o espera para recrutar novos discípulos. Queremos que a mensagem de amor e caridade se espalhe por toda a humanidade.

Neste momento, Longino parou de se comunicar telepaticamente com Jesus.

— Como te chamas? — perguntou Longino.

— Chamo-me Elisa.

— De onde provéns?

— Venho da região Leste, onde temos uma cultura diferente da tua.

— Vejo que usas véu e andas com estes objetos a te guiar.

— Sim, são apenas para me guiar.

Era uma espécie de bússola de sol, mostrava a hora do dia e fazia com que o rumo a tomar fosse dito pela sombra da vareta que compunha o objeto.

— Onde conseguiste isso?

— De um senhor que me indicou o melhor local para viver.

Encontro no meio da noite

Já passava de uma hora da manhã. A noite, bastante escura, com animais noturnos a cruzar o espaço próximo dos dois viajantes: a mulher vidente e o homem com sua missão. Ao ouvirem galhos se quebrando perto deles, despertaram e a fogueira que ardia deixou perceber a presença de um indivíduo portando uma espada real que continha no punho uma dobradura de ouro e pedras.

— Não se assustem, sou um sultão de terras orientais.

A mulher assustada correu em direção a Longino e disse:

— Pegue a sua espada e nos proteja!

— Ele não parece ser assaltante, parece cansado e com fome.

Assustada com os acontecimentos, a mulher gritou energicamente:

— Agarre sua espada!

Longino, em reação, pegou a arma e avançou para o homem que, em movimentos rápidos, desarmou Longino com um golpe certeiro na espada romana. Os dois caíram para trás em sinal de respeito ao intruso.

— Falei para não se assustarem. Deixem-me ficar aqui. Tenho momentos de ardor em meu corpo e não posso prosseguir viagem. Deem-me água — pediu.

— Não podemos ajudá-lo desta forma — falou Elisa.

— Calma, este homem precisa de ajuda — disse Longino.

— Ele te desarmou rápido demais. Poderá matar-nos com rapidez também.

— Mulher, não vê que se eu quisesse assassiná-los já teria feito? — falou o sultão.

— Diz-me teu nome? — perguntou Longino.

— Me chamo Arulan, sultão dos reis da Pérsia.

Longino olhou para Elisa e, com semblante de surpresa, perguntou:

— Se és sultão, por que não estás com teus súditos?

— Fomos atacados por uma peste que nos deixou sem comida e água; todos sofreram fome e depois se desligaram da minha casa. Logo procuro por um local onde minha família possa viver. Erguerei um novo palácio de morada.

Via-se que o sultão delirava, não falava coisas pertinentes ao momento. Então ele caiu desfalecido.

— Elisa, rápido, traga água! Este homem arde em febre.

Os dois viajantes, já com poucas provisões, ergueram o homem e o aproximaram de uma rude esteira de galhos para acomodá-lo melhor.

— Traga aquele óleo para passar na testa.

— Cânfora? — perguntou Elisa.

— Não, almíscar, o bálsamo é suavizante e o ajudará a recuperar os sentidos.

Assim foi feito e, durante a noite toda, o pretenso sultão falava alto e rosnava. Parecia que tinha outra pessoa apoderando-se dele. Longino resolveu pôr as mãos no peito do viajante e fez uma oração de paz.

— Senhor, este homem pôs a vida em prova, faça com que a doença seja extirpada. Coloque este bálsamo que passei nas

feridas de sua alma, assim poderemos tê-lo como um irmão em vida.

Jesus, ao ouvir o apelo de Longino, falou em pensamento:

— Jovem, diz que este homem precisa de minha ajuda, mas creio que tu podes curá-lo, confia em tua alma e roga para que ele recupere a saúde. Podes fazer muito mais.

— Mas, Mestre, não sou eu que curo e sim Tu.

— Podes ter certeza que tua fé pode curar qualquer um.

Em pouco tempo, Longino dirigiu-se ao enfermo e em voz alta disse:

— Quero, com muita humildade, rogar a Deus-Pai, o Criador, que ajude este homem a se recuperar dos males físicos e espirituais. Somente a Deus-Pai é possível. Contigo rogo para o perdão das ofensas deste homem que clama por paz e justiça. Perdoe-o, Senhor, e permita que viva para o bem.

Após a curta prece, o pretenso sultão se acalmou e deixou de falar. Seus lábios cerraram e seus olhos se acalmaram. Passou a respirar com tranquilidade.

— Longino, veja como ele se acalmou!

— Foi Deus que o quis — respondeu o ex-soldado.

Ao mesmo tempo, Elisa continuava a passar o bálsamo nas mãos do viajante e percebeu uma inscrição no anel dele.

— Veja, Longino, são marcas do reino do deus Abu-habi.

— Do que se trata?

— É um reino que fica a muitas léguas daqui. Dizem que a prosperidade é grande e que reis e rainhas são tidos como deuses antigos.

— Então, peçamos a este homem que nos leve até lá. Precisamos deixar as mensagens de Cristo neste lugar.

— E a tua decisão de conhecer ele vivo? Esqueceste? — perguntou a mulher.

— Não, mas precisamos deixar nossas mensagens para os que nunca ouviram.

— Verás que este povo é rico e ordeiro. Venho há algum tempo ouvindo sobre eles. Dizem que tem muitas cobertas de tecidos e roupas brilhantes. Não chegaremos vivos lá, dizem que não gostam de intrusos.

— Roma já chegou até eles, tenho certeza.

— Por que dizes isto?

— Porque ele me desarmou com um golpe romano — respondeu Longino.

O convite do sultão

Por volta de meio-dia, o homem cansado e abatido por uma doença rara, na época, resolveu mostrar o corpo para os viajantes.

— Ouçam, o que lhe digo, fiquei doente há alguns dias.

Longino olhou e disse:

— Vejo que estás com a doença do gato.

— Como sabes? Isto não é a peste, mas me feriu mortalmente.

— Pressinto como adquiriste. Foste mordido por um felino há alguns dias?

— Sim, um gato me feriu em minhas pernas. Veja! Ainda tem as marcas dele.

— Teremos que ser rápidos. Estas feridas costumam trazer alucinações pela febre.

— Como sabes tudo isto? És curandeiro?

Longino não quis revelar o que estava vendo. Ao perceber o homem em fase de delírio, Longino viu através de sua alma a presença de microorganismos na circulação sanguínea de Arulam, juntamente com uma mordida de um animal tipo gato, tudo percebido por meio de um registro mental existente no doente. Funcionava assim: ao ter tido o acidente com o animal, as sensações ficaram impregnadas no períspirito. Ondas mentais de dor funcionam como um *backup* na região coronal do cérebro,

que é facilmente transmitida aos neurônios e ao períspirito a seguir, o qual detém as marcas de violentações impostas ao organismo por meio de agulhões ou sensações do ambiente em que vive.

Resumindo: Longino viu o passado do doente através de gravações no seu períspirito. Alguns médiuns de regressão são capazes de registrar tais quadros, mas Longino, após o batizado e o contato com o Mestre, ampliou a capacidade de enviar e receber sinais mentais relativos ao ambiente, animais e vegetações, sem falar, é claro, no homem, facilmente volúvel no pensar e sentir. Então, vejamos os conflitos que irão surgir:

— Meu senhor, desculpe-me — disse Elisa. — Vemos que és um nobre, portanto não desejamos que sejas atormentado pelo Longino.

— Não o estou aborrecendo — disse Longino. — Apenas expliquei o que achava sobre a doença.

Elisa, compreendendo o que fez, duvidando de Longino, revelou:

— É claro, ele pode ver o que tens.

— Se sabias da minha doença, então cura-me. És capaz disto?

— Bem, já estás em vias de cura, passamos uns medicamentos calmantes que logo cicatrizarão as tuas feridas.

— Então, serás meu súdito particular.

— O que significa?

— Que terás tudo o que quiseres tão logo ache um local para estabelecer a minha família.

Longino agradeceu e disse:

— Tenho que prosseguir viagem, temo que declinarei de seu convite, alteza.

— Não faça isto, Longino — comentou Elisa. — Teremos tudo que quiser por um tempo.

— Sei disso, só que como bem me alertaste antes a respeito de achar Elevino.

— Falaste Elevino? — indagou o sultão.

— Sim, já ouviste ou o viste?

— Claro, ele abandonou suas terras em direção às nossas. Ele chegou em nossa cidade, trazendo mensagens de um profeta. Ouvimos o que ele dizia e não acreditamos. Somente mais tarde, após uma grande chuva e alagamentos é que o Deus dele veio ao nosso auxílio. Pedi para que ele fosse nosso conselheiro, onde está até hoje.

— Que coincidência — disse Elisa. — Temos que o seguir, eis mais uma razão.

— Te ajudarei a conseguir novas terras — falou Longino. — Mas deixa-me ver Elevino o quanto antes. Tenho que conhecê-lo.

— Conhecerás uma terra arrasada após a doença — respondeu o sultão. — Minha gente me aguarda com impaciência. Novos rumos para todos nós.

— Entendo, mas gostaria de aceitar seu convite, iremos com o senhor.

— Sábia decisão! Elevino os verá tão logo voltemos com as notícias.

Assim, o sultão foi se recuperando. Mais próximo da região oriental, Arulan, finalmente reconheceu um local ideal para erguer seu novo castelo.

— Pensei em chegar com vida desta viagem e assim o farei. Amanhã retornaremos ao meu povo. Espero que todos estejam bem.

— Estarão lhe esperando com alegres e boas notícias — revelou Longino.

— Penso que és um adivinho — afirmou o sultão.

— Alteza, me diga quem realmente dita o futuro de seu povo. Os deuses ou somente os sacerdotes?

— Claro que são os deuses, mas tenho aprendido muito com Elevino, que trouxe a ideia de um só Deus. Fico pensando: como só um Deus pode arcar com tantas coisas no céu e na terra? Não seria muito para ele? Deuses são mais flexíveis e fáceis de nos atender a todo tipo de pedido.

Elevino e Helena

Elevino, o mago, isto era o que diziam dele, mas tratava-se de um dos discípulos de Jesus, na época em que pregava Suas verdades na Galileia. Diziam que ele passou a seguir o Mestre, a partir de suas falas, à beira do lago de Genesaré. Ouviu falar de Jesus e suas curas. Como tinha sido picado por abelhas na juventude e por isso portava uma perna claudicante, resolveu apresentar-se ao Mestre para tentar a cura, pois isto o incomodava. Era casado e tinha duas filhas que não o impediram de ir ao encontro Dele e submeter-se à Sua mão milagrosa.

Certamente, não esperava receber esta dádiva, mas o Mestre o curou com um toque na cabeça. Apenas disse: “Estás curado, vai e anda para a tua casa.”

Não quis mais deixá-Lo e seguiu para onde o Mestre ia. Disse à sua família que iria onde o Mestre fosse, pois não seria digno de outra vida. Sua esposa o deixou partir para o seu bem, mas alertou sobre outras vidas, além de casado. O certo é que Elevino, após assentar-se na casa do sultão, mandou buscar a família, o que foi feito. Portanto, todos moravam na casa do nobre.

Bem, isto foi de suma importância, pois muitos naquela época não tinham para onde ir e punham-se ao lado do Mestre, na esperança de receber as bênçãos do Salvador. Eis que surgiram

muitos discípulos que passaram a relatar muitas passagens da Bíblia Sagrada que conheceis.

Elevino, como testemunha presente, referiu-se a algumas partes da escritura para os discípulos-apóstolos, refazendo algumas passagens. Eis a contribuição anônima deles. São bem-vindos no reino de Deus estas pessoas. Com isto, Elevino recebeu uma importante missão de difundir algumas passagens a que o Mestre se referiu, entre elas a do cego de nascença.

Elevino relatou aos evangelistas todas as passagens de cegos e coxos e também o seu caso para que os ajudassem nos relatos finais. Como podem ver, caros leitores, a divulgação de tais fatos foi de origem multi-observadora, feita pelos tão presentes apóstolos de Cristo, como por alguns seguidores que se esforçavam em segui-lo. Elevino também cultivava uma horta para o sustento da família e sua mulher o ajudava nas confecções de utensílios domésticos. Faziam copos de barro e jarras de água. Com isto sobreviviam. Trocavam os artigos por outros gêneros de necessidade. A casa era cheia de penduricalhos de vários locais. Quando os mercadores chegavam, faziam as trocas e vendas necessárias.

Bem, com a mudança para a casa do sultão, passou a desfrutar de melhores condições de vida, mas a esposa, uma aronita, negava a existência de um único Deus. Para ela, Jesus foi apenas um previsor do presente e futuro e acreditava que as tais curas não passavam de transformações esperadas com o tempo. Seu esposo, com transtorno da fala e do andar, tinha obtido a cura por desígnio do destino. Dizia... mas respeitou o marido até os confins.

Ana, uma amiga próxima, tinha sido tocada por Jesus e, finalmente, curada de uma dor de cabeça crônica e diária. Dizia

para a esposa de Elevino a necessidade de crer no Mestre, mas nada a fazia acreditar. Foi quando em uma noite o Senhor falou com ela em um sonho: “Seguirás teu esposo para onde ele for, darás alento e o amarás até o fim. Serás companheira honesta e, terás como recompensa a cura de tua alma, que arde em remorso dos teus dias de prostituta.”

A esposa de Elevino, que nada disse do passado ao seu esposo, caiu em choro e perguntou ao Senhor:

— Se me deres a cura de meus pesadelos, serei a tua maior serva.

Então o Senhor falou:

— Fique em paz, estás curada.

Helena acordou de seu sonho e, com um passe de luz no pensamento, sentiu-se aliviada de todos os pecados da vida. A partir daí, passou a acreditar e apoiar Elevino em todas as decisões. Seus filhos pequenos cresciam na fé em Cristo. Assim, todos da família passaram a aceitar tudo o que vinha em nome do Senhor. Foi uma situação semelhante ao que aconteceu com vários discípulos. Todos os que tinham família passaram a aceitar os ensinamentos do Mestre. A força do espírito os encheu de graça e glória. Foi assim que tudo aconteceu.

Em verdade, os espíritos que acompanhavam Jesus, sob Suas ordens, deixavam um rastro de amor entre os rudes habitantes que viam o Mestre. Daí que muitos passaram a segui-lo, alimentados pelas palavras de paz a todos. Assim foi feito. Para os dias de hoje é fundamental abster-nos do orgulho e do egoísmo, louvando a Deus por tudo que nos legou.

O povo de Ishitar

Na noite em que antecedia a chegada de Longino à localidade em que a família real aguardava, ele passou a conversar com os moradores de uma cidade próxima.

— Como chamas? — perguntou Longino.

— Sou Arquimedes, o humilde gestor do local. Temos acomodação para vocês. Tendas são disponíveis.

— Obrigado, mas meu amo, o sultão, é quem deverá ser acomodado em uma delas.

— Vocês que mandam e nós obedecemos. O sultão sempre será bem-vindo e seus amigos serão os nossos.

Ao recusar as acomodações, Elisa questionou:

— O que disseste? Será que não merecemos algo melhor? Este povo tem carência de forasteiros, vejam como eles se comportam com a nossa presença.

— São pessoas hospitaleiras e mais nada — respondeu Longino.

— Não concordo. Irei pedir uma tenda, estou prestes a desmaiar de cansaço e fome.

Longino, ao perceber o desagrado de sua companheira de viagem, se rendeu.

— Irei pedir uma tenda para ti, mas decidi ficar ao vento.

Com todos os viajantes acomodados, o gestor Arquimedes pediu para falar com o sultão:

— Há um problema na minha organização. Temo que minhas mulheres não estejam mais férteis. Não concebem filhos há alguns anos.

— Isto é grave, meu amigo — respondeu o sultão. — Temos um homem que poderá dizer-lhe algo.

Assim, Arulan chamou Longino para conversar com Arquimedes.

— Pois não, senhor? Estou às suas ordens. — Apresentou-se o ex-soldado.

— Peço-te que me fales o motivo de tanta infertilidade. Minhas mulheres não engravidam e temos uma descendência ainda a crescer.

Longino, ao ver que se tratava de uma doença no coração de Arquimedes, disse:

— O senhor tem um problema de não gerar filhos, pois seu coração não tem capacidade de irrigar os seus órgãos.

— Como sabes? Vejo que adivinhas.

Longino, para despistar, respondeu:

— Homens como o senhor, já com certa idade, têm problemas de satisfazer as mulheres, mas tudo por transtorno na circulação. Dê-me a sua mão — pediu Longino. — Vê, estes são traços em que fica mais claro. Veja aqui o que acontece quando toco mais forte na sua mão.

— Não sinto nada — respondeu Arquimedes.

— Seu coração não anda bem.

Longino via o que acontecia no corpo de Arquimedes e com um sopro divino em sua mão o magnetizou; imediatamente, os

órgãos neurais sensitivos passaram a receber uma melhor carga sanguínea. Então, ele declarou:

— Estás curado, vai e avisa tuas mulheres, tão logo possas, tua prole irá aumentar.

Maravilhado, Arquimedes agradeceu àquele homem que o curou com um toque de sua mão. Ao amanhecer, uma grande quantidade de alimentos os esperava em um banquete armado pelo anfitrião.

— Tenho que agradecer ao teu médico. Sinto-me melhor e creio que minha vida e do meu povo mudará.

Este foi o milagre acontecido em Ishitar, povoado de poucos habitantes, a maioria descendente de Arquimedes e filhos.

— Agradeço por tudo que fizeram — anunciou Arquimedes ao sultão.

Sabendo do que ocorrera, Arulan comentou:

— Trazemos a paz para teu povo, fica em mais alta alegria. Vocês merecem.

Todos desfrutaram do banquete oferecido. O sultão chamou Longino e disse:

— Vejo que foste um verdadeiro herói. Com certeza Elevino o ajudará.

Após as devidas despedidas do povo de Ishitar, Longino e o sultão continuaram em caminhada. Elisa, cansada, acordou tarde, mas logo pôs-se a caminho seguindo os passos de seus amigos.

— Sultão, acho que minha ida à tua casa será cheia de alegrias. Sinto a cada minuto uma atração por este lugar. Como chama?

— São terras dos bregrures, povo subjugado por meus ancestrais, mas após a seca, libertei-os, pois não haveria condições de alimentar a todos. Agora, com novas terras a nosso

dispor, a nossa volta será feita em breve. Mas antes devemos ouvir Elevino e suas previsões.

Então ele lhe disse onde encontraria melhores terras?

— Não, na verdade, ele me indicou o melhor rumo. Disse que meu povo não suportaria a fome e sucumbiria. Elevino não faz previsões, ele orienta conforme o que seu Deus diz. Acho importante e, como lhe falei, eu o respeito. Agora que estamos em caminhada ao destino final penso que tão logo cheguemos deverei anunciar-te a ele e à digníssima esposa.

Arulan e a sua tribo

Arulan falou ao seu guarda-costas, que o avistou próximo do seu reino:

— Diga a todos que chegaremos em pouco tempo. Preparem as minhas tendas e reúnam todos para anunciar as minhas descobertas para o novo local, tão logo nos arrumarmos.

— Sim, meu chefe.

O cavaleiro saiu a galope com seu cavalo adestrado.

— Viram como faço as coisas? Quando determino alguma coisa, logo sou atendido. É assim que funciona — revelou Arulan.

— Majestade — falou Elisa. — E se não quisermos acompanhá-lo, digo, seguir a sua tribo em direção às terras que reservaste?

— Bem, então seguirão sem rumo, pois daqui por diante enfrentarás alguns rebeldes e só os deuses saberão o que acontecerá.

Elisa, na verdade, queria ser hóspede muito tempo do sultão. Só que se preocupava com o que Elevino iria dizer a Longino. Para ela, a missão dele iria além do que se poderia imaginar. Para isto, tentava adivinhar os passos que seriam seguidos. O sultão anunciou:

— Aqui se iniciam as minhas terras. — Apontou. — Agora em diante sou eu quem manda.

Longino observou pássaros a revoar no céu, espantados por alguma coisa. Ao se aproximarem do acampamento, foram saudados por todos com gritos de alegria e frases de boas-vindas, tudo bem feito e retribuído por Arulan.

— Vejo que sentiram muito a minha ausência.

Um grupo de jovens e crianças correu ao cavalo que Arulan montava, emprestado por Arquimedes.

— Retorno triunfal — dizia.

Todos reunidos no centro da aldeia. Arulan anunciou a chegada e relatou o futuro da tribo. Todos não paravam de falar alto e gritar palavras de ordem. Após o encontro, efusivamente alegre, o sultão pegou as esposas e apresentou-nos, dizendo:

— Este homem e esta mulher me salvaram. Estava doente e me curaram. Me trouxeram de volta. Por isso serão recompensados com minha estima e hospitalidade. Dê-lhe um prato de comida e um bom banho. Quero que fiquem com a tenda ao meu lado.

— Senhor, e Elevino, onde ele está? — perguntou Longino.

— Ah! Sim, busquem Elevino e a mulher — ordenou.

Ao mesmo tempo apresentou-se ao sultão um homem de olhos claros, barba bem feita e cabelos aloirados. Era Elevino que, acompanhado da esposa, falou:

— Alteza, estávamos a uma certa distância e só agora pudemos chegar para vê-lo.

— Não se desculpe, tenho um amigo para te apresentar. Chama-se Longino.

Ao fitar o ex-soldado romano, Elevino o identificou.

— Já sei, ele veio das Gálias à procura de resignação e perdão.

— Como sabes? — perguntou Longino.

— Fui informado nos sonhos que teria que falar com um ex-soldado de Roma a respeito de Jesus, o Mestre.

— Pois bem, estão apresentados. A partir de agora estão livres para passearem pelos arredores e conhecerem o local. Digo que no máximo em cinco dias partiremos para as minhas novas terras. Arrancaremos o pasto e levaremos os cordeiros. Ceifaremos o que for para coletar e deixaremos estas terras secas em direção ao vale repleto de colheitas e bênçãos.

Elevino, ao ouvir tal afirmação, completou:

— Sultão, sei que pretendes se distanciar daqui, mas encontrarás resistência em teu próprio povo. Muitos não querem partir. Já lhes disse que não podem contra uma ordem tua, mas eles resistem.

— Diga-me quem são os resistentes que os mandarei embora, sozinhos, sem nenhuma ração.

— Não faça isso, só traria desordem e desamor. Logo iriam partir com mais da metade da tribo.

— É infâmia o que me dizes, Elevino.

— Digo que ele tem razão, logo a chuva irá inundar os teus pastos e teus animais terão vida suficiente para dar leite e carne.

— Como ousas falar das minhas ordens?

— Senhor, apenas vejo melhores dias para ti nestas terras. Não é preciso ires para outro lugar. Afinal, tens terras suficientes para prolongar a tua prole.

Arulan pensou e reviu suas ideias:

— Então tudo o que fiz foi inútil? Minha viagem, meus cuidados com todos.

— Não, não vê que tudo não é por acaso? Se foste ver as terras distantes foi porque era necessário conhecer outras paragens.

Arulan, ainda pensativo, ordenou:

— Ficaremos por trinta dias aqui. Se nada acontecer, partiremos assim mesmo. Muitos profetas não podem ver tudo — afirmou.

— Os profetas são homens que Deus mandou para nos orientar — disse Elevino. — Não tomemos de exemplo estes servidores de Deus.

Provas de fé — Arulan, o convertido

Arulan tinha convicção de que seus deuses eram os que iriam acertar e que Elevino, apesar de ser um excelente vidente e conselheiro iria fracassar, pois já havia muito tempo que aquelas terras não frutificavam, eram tempos de seca e fome. Os animais sofriam e, por conseguinte, todos sentiam a mesma coisa. Só restava, portanto, mais alguns dias de provação para aceitarem a verdadeira profecia dos deuses de Arulan. Mas como Jesus avisou aos seus discípulos: “Tenham fé em que Deus vos disse: Amar os homens, as terras e os animais. Não deixem essa ordem ser aviltada, portanto ao amarem as vossas terras, elas produzirão o cêntuplo, porque a irrigação especial provém do coração de vocês.”

Com isto, muitos interpretaram que, com um bom nível de arado, as terras frutificariam. Aqueles pastos secos necessitavam também de uma boa dose de amor para frutificá-los. Deus prometeu que a água que necessitassem viria com a força do amor de cada um. Era de saber que o povo de Arulan era impuro, adoravam deuses pagãos, mas ao mesmo tempo, tinham bons ouvidos e passaram a aceitar as palavras do Mestre Jesus, ditas por Elevino, o mensageiro de amor do Mestre. Vejamos como eles irão decidir o futuro:

— Elevino, já se passaram quinze dias e não temos sinais de chuvas ou melhoras dos pastos. Os animais continuam passando fome e sede. Só nos resta antecipar-nos e irmos embora — disse o sultão.

— Prometeste nos dar uns dias a mais; portanto, fiquemos mais um pouco, é o que te peço.

— Está bem, ficaremos, como prometi a todos. E seu amigo Longino, falaste a ele o que deveria fazer a partir de agora?

— Não, estou esperando as coisas melhorarem — respondeu Elevino.

Durante a tarde, ouviu-se um trovão, longe.

— Vejam, as nuvens se aproximando.

— Reúnam os homens e vamos rogar aos deuses que nos atendam nas nossas necessidades.

— Espere, Alteza, deixe-me orar para o meu Deus. Só Ele terá misericórdia de nós. Chamem Longino, ele irá me ajudar nesta tarefa.

— O que faremos? — perguntou Elisa.

— Sei que és vidente e Longino recebeu o batismo e é um dos preferidos do Mestre. Não foi à toa que Ele te mandou aqui — afirmou Elevino.

— Então, devemos fazer o quê?

— Reúnam-se a poucos metros dos pastos e iremos entoar louvores a Cristo e a Deus, nosso Pai, como faziam o Rei Davi e Salomão, seu herdeiro. Devemos nos colocar em oração para que este povo pagão tenha certeza que Cristo está nos ajudando.

Foi o que fizeram. Munidos de uma jarra com água, dirigiram-se para os pastos secos e iniciaram uma sessão de cânticos e rezas.

— Senhor, meu pastor! — falou Elevino. — Faça de nós o instrumento de sua fiel união entre o céu e a terra. Proclame o seu perdão sobre nós. Chame os seus discípulos para a luta da libertação. Livre-nos dos nossos males. Cure esta terra da secura, do seu deserto e da sua fome. Cure esta gente da ignorância de não ter Cristo no coração.

Neste momento, os raios e trovões passaram a ser vistos e ouvidos mais de perto. E uma chuva de água doce e cristalina começou a inundar os pastos. Longino começou a orar com mais força:

— Pai e Mestre, perdoe-nos, somos pecadores. Deixaste as nossas mazelas nos corromper para em seguida nos curar e perdoar. Só a ti devemos dar glórias. Perdoe-nos, Pai.

Ao mesmo tempo, os seguidores de Arulan se prostraram ao chão e começaram a louvar ao Deus-Pai. Arulan complementou:

— Jesus Cristo, fizeste um milagre. Estas terras secas se tornaram molhadas e cheias de vida. Traz para nós o teu perdão e que nossa ignorância seja curada por ti.

Neste momento a chuva se intensificou e, de joelhos, todos gritaram vivas de alegria e satisfação.

— Graças a Deus, Longino, tu vieste.

— Como pode dizer isto, não estavas me aguardando?

— Estava — afirmou Elevino. — Mas tua decisão era imperativa; sem a tua anuência de seguir teu destino, nada seria executado. Agora, estás preparado para tua nova missão.

— Qual é ela?

— Terás estas terras sob teu cuidado e, a partir daqui, formarás um exército para libertar os seguidores de Jesus, os oprimidos e perseguidos. Rumarás para Roma e levarás a mensagem do Cristo. Serão milhares a te seguir. Maria, a mãe de

Cristo, te espera para dar as bênçãos finais. Terás meu apoio e de Arulan.

— Como farei isto? — perguntou Longino.

A reunião de Longino

Após a chuva que durara cinco dias e cinco noites, Arulan reuniu seu pequeno exército e comandou:

— A partir de hoje, nos rendemos a Cristo e seremos seus fiéis seguidores. Como Elevino e Longino, nossos mentores, nos rendemos graças aos benefícios que estamos recebendo. Andei por muito tempo à procura de pastos e encontrei aqui mesmo. Não seremos os infiéis depositários de Deus Todo Poderoso, o único e sábio, que sabe de tudo e de todos, mas seremos ardentes depositários da fé inabalável.

Todos que ouviram Arulan, renderam graças à glória do Senhor e estavam sendo batizados pela graça alcançada. Longino se dirigiu a Arulan e Elevino:

— Teremos muito trabalho. Primeiro sugiro à Majestade cultivar nas terras e construir celeiros para guardar rações e animais. Não ficarão expostos ao tempo e, com isso, não passaremos fome no inverno que se aproxima ou no verão que escalda as plantações. Ouve o chamado de Deus e faremos de tudo para ajudar o seu povo a crescer. Temos que desenvolver alianças. Deixar claro que Cristo é o nosso guia e lutaremos com a fé para transformar as pessoas melhores, como Ele disse: “Caminha e chegarás com os teus passos, nós ajudaremos tua caminhada. Então, senhores, mãos à obra.”

Ouvindo as palavras de Longino, Elisa e Helena perguntam:

— E, nós, mulheres, como queres que ajudemos? Podemos ajudar nas caças e na confecção de utensílios e roupas.

— As mulheres deverão convocar a família e dizer-lhes que, a partir de agora, o Cristo guiará nossas reuniões. Será a palavra Dele que ditará os rumos.

— Muito bem, Longino, estamos com vocês — respondeu Elevino. — Faremos de tudo para alcançar o objetivo de levar a palavra do Cristo a Roma, custe o que custar.

— Faremos mais — disse Longino. — Traremos à casa do Pai Celestial as falas e tons de total agradecimento pelos conselhos e pela vida. A partir de agora, não seremos mais um povo disperso e sim um povo único a caminho de Cristo.

Dizendo isto, todos louvaram a Deus e logo se formou um grupo para estudar a possibilidade de levarem as palavras do Cristo, de forma oral, a todos os habitantes da redondeza. É importante formar estes grupos, sementes de um futuro grupo de elucidadores de Cristo.

— Longino, o que faremos para chegar a Roma e conquistar os seguidores do Cristo em terras impuras? — perguntou Elevino.

— Não te afobes, primeiro devemos cultivar, colher e comer o que Cristo nos enviou. Depois iremos reunir as pessoas e ver os que querem se converter, olhando as futuras gerações. Daí, faremos um grupo de viagem e seremos os seguidores e divulgadores da doutrina cristã.

Todos louvaram a Deus e em seguida Elevino disse:

— Vamos iniciar os trabalhos. Amanhã irei às localidades próximas e convocarei novos trabalhadores, se for do aceite do sultão.

— Não me ponhas como obstáculo, tudo o que desejo é fazer a vontade do Criador — respondeu.

— Muito bem, senhores. Arregimentemos almas boas e caridosas. Faremos o que Jesus ordenou: Amor a Deus e ao próximo.

O grupo se dispersou e cada um saiu para a tenda à procura de repouso, pois o trabalho na seara do Cristo era longo e cheio de percalços. Passaram-se dois anos e Elisa, juntamente com Helena, não queriam deixar seus companheiros sem ajuda. Longino arava durante o dia e se concentrava à noite para, ao redor de uma fogueira, relatar tudo o que ouvira do Cristo.

Pergaminhos chegavam eventualmente por mercadores, trazendo notícias do povo hebreu e palavras de Jesus através de registros dos apóstolos. Durante uma dessas leituras, Paulo de Tarso, já convertido a Cristo, ressaltou: “Não sou eu quem vive, mas o Cristo permanece em mim. Todo aquele que vive no Cristo, terá sua recompensa. Nunca duvides que a fé e a caridade sejam palavras sem sentido. Eu sei como temos dificuldades, mas se tiveres um quinto de fé, terás um Deus em tua cidade. Larga o teu arado de discórdia, planta o amor e a caridade e colherás, como fruto, um reino aos teus pés.”

Com estas belas palavras, Longino e Elevino encerraram o encontro. Glórias e louvores foram dados pelos presentes e Longino concluiu:

— Está chegando o tempo de nos prepararmos para iniciar nossa jornada. A fé nos guiará para o sucesso. Quem de vocês será capaz de morrer na cruz, pelo Cristo?

Elevino, ouvindo o questionamento, respondeu:

— O Cristo mora em meu coração e serei um fiel seguidor a te acompanhar.

Elisa e Helena também aderiram a Longino, os demais se levantaram e disseram: “Seremos as tuas ovelhas, nos guia!”

Arulan, ouvindo as aclamações, falou:

— Serei o teu seguidor, Longino, basta me dizer o que faremos para levar o Cristo às pessoas ignorantes da Sua vontade.

Início do planejamento e a viagem

Aqueles discursos a respeito do Divino Mestre Jesus não ficaram gravados nas mentes do povo pagão. Seria necessário convertê-los e, para isso, Longino e o companheiro Elevino decidiram pôr-se em marcha para levar a palavra de Jesus.

Iniciaram os preparativos mais de seis meses após o último encontro com o povo de Arulan. Todos sabiam desempenhar as funções no que cabia ao arado e à guerra. Não queriam conflitos, mas se fosse necessário, entrariam neles para que os povos fossem tocados pela ideologia do Cristo. Seriam palavras e textos a serem lidos ao redor de casas de culto ou sinagogas. Diálogos seriam travados com doutores de elevado conhecimento de Deus e pagãos, portanto, Longino sentia-se premiado em ter a chance de divulgar o que vira, presenciara e ouvira. Sim, o antigo agressor final de Cristo agora empunhava na alma o que o Cristo trouxera de mais belo para a humanidade: a fé, o amor e a caridade.

— Longino, o que achas de levarmos ovelhas para sacrifício? Sabes o quanto os pagãos gostam desses rituais!

— O que o Cristo gosta de ver são os animais em glória e em harmonia, portanto, os sacrifícios serão abolidos. Daremos a eles apenas a palavra.

— Não irão crer em nós — falou Elisa.

— Temos que aumentar a nossa fé — disse Elevino.

— Homens, não esqueçam, em nossa jornada teremos a ajuda da tribo de Arulan. Muitos dos guardas já estão convertidos e tenho a certeza de que seremos bem recebidos pelos nobres reis e rainhas.

— Penso que não será tão fácil como imaginas — afirmou Elisa.

— Ontem, sonhei com pastos abundantes e frutas que são colhidas na primavera. Teremos flores no nosso caminho — afirmou um Longino esperançoso. —Então, ponhamo-nos a caminho e vamos realizar o que Cristo nos propôs.

Já era noite de verão e todos estavam ansiosos esperando o dia seguinte. Partiram com uma caravana de dez cavalos de carga e duas mulas auxiliares. Tinham planos de uma excursão de oito meses entre montanhas e pastos. Cidades ricas e pobres seriam visitadas. Longino e Elevino iriam aos templos anunciar a boa nova enquanto Arulan, Helena e Elisa se encarregariam de se comunicar com as pessoas nas praças e recantos das cidades. Planejavam trocar mercadorias e utensílios confeccionados pelas mulheres de Arulan. Seria necessário, também, levar artífices e ferreiros para confeccionarem peças de reposição e negociar mais trocas de serviços e tarefas.

Vejam, amigos, como era complexo levar uma excursão deste tipo à frente, principalmente com um objetivo não comercial. Seriam atacados por certos mercadores e ladrões em busca de vida fácil. Para Arulan seria mais difícil se manter em cidades grandes, como Roma, já que utensílios domésticos eram a especialidade da tribo. Vejamos, então o momento da partida.

Eram cinco e meia da manhã, o tempo estava quente e tinham como plano se deslocar durante o dia, mas com um intervalo de

meia hora para o almoço e para alimentar os animais. Procurariam um abrigo em cada paragem, como cidades pequenas e grupos de reuniões de pessoas, tipo aldeias. Nunca parariam em cidades, tipo pecaminosas, pois bem o Mestre falou, ainda vivo, para não se ir aos gentios. Para Arulan, as cidades próximas de sua tribo eram repletas de pecados, segundo as informações que colhiam. Aí surgiu uma dúvida:

— Arulan, devemos passar por estas cidades, ditas sujas? — perguntou Elisa.

— É melhor não pararmos nelas — respondeu Arulan.

— Mas se vamos levar as palavras de Cristo ressuscitado, não seria para estes pecadores também?

— Veja, Elisa, tenho a convicção de que estas pessoas estão perdidas e nada poderá demovê-las dos seus ideais.

— Tudo bem, mas nós apenas anunciaremos a Boa Nova e sairíamos de lá imediatamente.

— Poderemos fazer isto, mas nada garante o nosso sucesso.

— E Roma? Não é pecaminosa? Iremos para lá como nosso último destino.

— Não podemos nos desgastar, logo, prefiro levar a palavra do Cristo para quem quer ouvi-las.

— Mas para aqueles que não O conhecem, não seria importante?

— Bem, não vou discutir. Deixem que Longino e Elevino digam os locais onde devemos parar. Por mim, seguiremos para Roma sem entrar nessas comunidades.

— Quanto desperdício! — falou Elisa. — Seria nossa chance de aclamar o Mestre Jesus para essas pessoas.

Longino, ao ouvir o diálogo, falou:

— Não deixemos nossos corações desanimarem. Partiremos em poucos minutos, todos que necessitarem de nossa ajuda, nós ajudaremos. Todo o nosso dever reside aí: amando o próximo, amaremos a Deus e ao Divino pastor.

Da defesa ao ataque

Em montanhas distantes do reino do sultão Arulan, o grupo se deparou com homens que faziam agressões aos moradores próximos. Ao verem o grupo que se deslocava em direção ao oeste, correram e anunciaram um assalto. Mas os guerreiros de Arulan fizeram uma defesa perfeita e conseguiram capturar o chefe deles, o arteiro Romian, confesso agressor de várias tribos. O que eles faziam era distribuir o ódio e o terror no lugar. Já tinha ouvido falar em Jesus de Nazaré, tanto que ao ser preso, portava um objeto de madeira que se assemelhava a um crucifixo. Dizia palavras que se confundiam com os últimos passos de Cristo e Longino, ao perceber o intruso capturado, falou:

— Um cristão bandido? Isto não pode acontecer — afirmou.

— Como, senhor? Eles são pessoas de má conduta, apenas um bando de assassinos e assaltantes.

— Não creio que sejam devotos do Cristo. Deixe-me falar com ele — pediu Elevino.

Foram interrogar o preso:

— Dizem que és o chefe do bando; o que me dizes de estar com este crucifixo?

— Fui alvejado por uma flecha e desmaiei. Então, trouxeram-me água e atadura. Vi em um baú, um pergaminho em aramaico

e deduzi que se tratava de alguma carta de louvor a um Deus. Resolvi orar com todas as minhas forças e consegui a cura.

— O que dizia este pergaminho?

— Era uma oração a um Deus, feita por um seguidor de Jesus. Era sobre a compaixão para com os inimigos e os necessitados. Nunca acreditei nisso, mas passei a fazer caridade, conforme entendia.

— Não sei se sabes, mas este pergaminho deveria dizer alguma coisa sobre o Mestre da Galileia — respondeu Elevino.

— Sim, fazia referência a um judeu crucificado de nome Jesus. Ele morreu na cruz e passei a usar este artefato que lembra uma cruz. Até agora, nunca mais me senti doente ou com falta de amor. Sinto-me forte e amparado.

— Então, te julgas um convertido na fé do Cristo e mesmo assim matas e roubas?

— Parei com a matança, só roubo porque necessitamos manter as nossas esposas e filhos.

— Como ousas praticar o mal em troca de favores dos céus? — perguntou Longino.

O ladrão pediu perdão e disse:

— Senhor, então ensina-me a orar pelo bem de todos. Perdoe-nos, mas temos que viver.

— A vida maior não é nestas terras e sim a que Jesus nos prometeu ao afirmar que seu reino não é deste mundo. Deixe-me relatar algo: ao ser crucificado, o Mestre tinha a companhia de dois dos mais perigosos assaltantes de Jerusalém. Quando estavam próximos da morte, o Mestre os perdoou dos pecados e prometeu que estariam no reino dos céus; portanto, eu te perdoo e também quero que os soltem para que digas aos teus que na

mesma medida com que fostes perdoado, perdoas aqueles que te perseguem e os que te humilham.

— Longino, não estás indo longe demais? Este homem nos atacou e vai nos atacar novamente — disse Arulan.

— Prometo que se for solto, voltarei ao meu grupo e não atacarei mais ninguém.

Todos ficaram perplexos com tudo o que estava acontecendo. Arulan questionava o ex-soldado romano.

— Caso queira ajudá-lo, é só dar nossas ovelhas e o pequeno rebanho e deixe-nos sem nada.

— Calma, amigo, este homem merece a chance de viver melhor. Não quero destruir o que trouxemos para sobreviver e sim olhar para os que mais precisam. Vamos louvar o nosso Senhor Deus para que, com sua bondade superior, nos dê a luz para sermos agradecidos por tudo o que nos dá e, portanto, por tudo o que fizermos de bem ao próximo sejamos recompensados.

— Isto não é justo, Longino, temos que rechaçar estes bandidos e entregá-los a alguma autoridade.

— Está decidido, solte-os.

Foi criado um impasse, visto que Arulan não tinha a intenção de libertar o perigoso criminoso. Então, Romian falou:

— Conheço o local para onde eles querem ir. Lá tem uma igreja dos judeus. Procurarei levá-los sem serem vistos. Conheço o chefe da Igreja. Ele sempre me dá conselhos, mas a fome e a miséria em que vivemos dificulta uma vida mais reta.

— Está bem — falou Arulan. — Soltem-no e deixem-no orientar à próxima vila.

Todos de acordo, o grupo de Arulan levantou-se do local e passou a seguir o caminho dado por Romian.

— Olhem, amigos, sei que meu gesto será bem recebido pelos céus, mas não por vocês. Tenho convicção de que seremos abençoados por nossos atos, no bem. Este homem estava perdido e estamos tentando colocá-lo no bom caminho — afirmou Elevino.

O rabino da Antioquia

Durante a caminhada em direção à pequena sinagoga, que abrigava judeus de várias partes do mundo antigo, Arulan ainda questionou a respeito do futuro da sua tribo que, se não retornasse ao local de origem, poderia ter esta expedição tida como inútil.

— Não se preocupe, amigo Arulan, que os céus estão a nosso favor. Veja! Percorremos várias vilas e agora teremos a oportunidade de ver o que realmente os judeus acham de Cristo.

— Será que já sabem que Ele era o Salvador esperado? — perguntou Elevino.

— Ou será que a partir de agora teremos que criar uma outra religião, outra igreja? — questionou Longino.

— Meus amigos — falou Arulan. — Não sei o que será dessa nossa jornada. De qualquer forma, eu, como novo discípulo de Suas ideias, posso assegurar que tão logo termine esta excursão, voltarei para o meio das nossas terras.

— Tudo bem, mas precisamos levar a palavra do Cristo para quem ainda não conhece. Por exemplo, este ladrão já ouviu falar e até se tornou temente, isto é necessário para termos noção da aceitação do que Cristo proferiu.

Ao chegarem ao vilarejo, Arulan foi acompanhado de Romian para dar saudações aos moradores do local. Foram bem recebidos

pelo rabino, que reconheceu o ladrão e o aconselhou a retornar à sua casa, porém disse:

— Senhor, quero ficar. Fui poupado por estes cavalheiros. De agora em diante, creio no Cristo Crucificado.

— Ah! Então são discípulos daquele impostor de Nazaré? — disse o rabino.

Elevino e Longino ao ouvirem tal afirmação, falaram ao mesmo tempo:

— Não era impostor!

— Bem. — Continuou Longino. — Viemos em paz e gostaríamos de saber se o senhor tem algo a falar a respeito desta comunidade, no que se refere aos conhecimentos do judaísmo.

— Claro, todos nós somos judeus, em acampamentos separados. Logo que partimos de Jerusalém, há vários anos, nos deparamos com muitos povos no caminho, mas conseguimos nos estabelecer aqui e aqui somos um povo respeitado e ordeiro.

— Entendo — falou Longino. — Mas por que dizes que o Nazareno não era bom? Não foi Ele que ofereceu o corpo para ser crucificado e morto em nosso lugar?

— Estou vendo que és um discípulo dele. Pois bem, somos judeus e não admitimos cristãos. Peguem as coisas e saiam daqui! — disse o rabino.

Arulan, vendo a cena, interveio:

— Por favor, temos sede e nossos animais precisam de comida e um dia de descanso. Posso recompensar pela hospitalidade.

— Está bem, poderão ficar aqui por um dia. O suficiente para se restabelecerem e depois partir. — Decidiu o rabino.

— Cristo foi um herói e sempre será o nosso Pai — afirmou Elevino.

— Seja como for, vocês só têm um dia, senão mandarei meus homens expulsá-los.

Passaram algum tempo se entreolhando até que Elevino concordou:

— Ficaremos aqui um dia e retomaremos nosso caminho.

— Desçam dos cavalos e apanhem as tendas. Arrumaremos tudo próximo da vila. Certamente precisam de utensílios e poderemos ajudá-los. Trocaremos alguns objetos com eles.

A noite já vinha caindo e o belo pôr do sol antecedia a noite fria do deserto. Lobos eram ouvidos à distância e o rabino, após o jantar, veio ao acampamento questionar:

— Por que vieram por aqui? Temo que poderão ser hostilizados e não queremos guerras.

— É porque estamos indo em direção a Roma. Precisamos ajudar os que necessitam de amparo, seja por uma palavra ou por um gesto de amizade.

— É claro que vocês têm uma missão. No cair da noite anterior, um aviso foi me dado em sonho. Dizia que vocês precisavam de repouso. Como acredito que as leis dadas por Moisés nos mostram a necessidade de ajudar os que precisam, então lembrei do aviso.

— Muito bem, rabino. Agradecemos o que fez por nós. De agora em diante tens mais um amigo — falou Longino.

— Tem mais uma coisa, nossos filhos ainda dormem na inocência de um Deus guerreiro e lutador que nos libertará do jugo romano. Sei que isto demorará, até ouvir falar do seu Deus, encarnado em Jesus. Quero mostrar-lhe algo que talvez interesse. Já hospedei um homem que chegou à nossa casa com as roupas de um rabino. Chamava-se Paulo e disse que era de Tarso. Logo o deixamos pregar na nossa sinagoga até que ele

começou a falar do filho de Deus, Jesus Cristo. Aí não tivemos outra alternativa a não ser vaiá-lo e expulsá-lo do templo. Mas ficou um ensinamento dele. Sem amor e caridade não haverá solução. Com isto eu concordo, mas repugno os desconhecedores da lei judaica.

A proteção do rabino

Ainda não passava das 21 horas e o grupo de judeus se aproximava do acampamento de Longino e Elevino. Vinham com tochas na mão e seu líder dizia que se os cristãos quisessem ficar, que abastecessem com comida o vilarejo que passava por dificuldades. O rabino, ao ver o grupo, impediu a agressão verbal.

— Parem! Não podem atacá-los.

— São cristãos — falou um jovem revoltado. — Trazem malícias nas ideias. São arrogantes e nos devem pagar por suas ofensas contra o nosso Deus.

— Ibraim, não se trata disso, eles estão de passagem, assegurei que ficariam aqui por um dia — respondeu o rabino Rebemor.

— Não queremos estes cristãos nas nossas terras — respondeu o jovem.

— Não terão suas intenções aceitas, este grupo veio em paz. Veja! Eles têm armas e nem sequer as levantaram contra nós.

A palavra do rabino era respeitada, mas a prole dos judeus do vilarejo era grande e se formou uma discussão.

— Queremos a paz — disse Longino. — Seu rabino nos entende. Se não querem saber as verdades do Mestre Jesus é um direito de vocês, mas temos o dever de propagá-la.

— São impostores e falsetas, deixem estas terras assim que o sol se pôr amanhã, senão entraremos em conflito, — avisou

Ibraim.

— Jovem, deixe seu ímpeto de guerreiro e dominador para arar as terras que precisam — respondeu o rabino. — Não queremos conflitos e derramamento de sangue. O solo judeu é sagrado pelo nosso Deus. Sabem que conquistamos pela nossa espada o que nos pertence e este povo que aqui chegou não quer ficar com nossas terras. Logo partirão e ficaremos com Moisés e suas leis.

— E o que diz a lei de Abraão quanto à sinagoga ser profanada? — perguntou Ibraim.

— Digo que a profanação não é moral e sim espiritual. Estes homens e mulheres aqui presentes não têm a intenção de profanar nada. A morte pela violação da nossa lei não pode ser aplicada a este povo — respondeu o rabino.

— Melquisedeque preveniu todos nós que da Judeia partiria um grupo que fundaria outra nação. Serão eles os que foram profetizados. Não sabes que Paulo de Tarso nos alertou que muitos viriam em nome de Jesus? Então temos que lutar contra todos que vierem em Seu nome.

— Deixemos o tempo dar esta resposta. Se ele for um verdadeiro profeta, será reconhecido por todos. Por enquanto temos que ajudar os que nos acolhem com suas ideias — respondeu o Rabino e complementou. — A lei mosaica não impede que outros com outras ideias sejam sacrificados e, sim, sejam educados pelo judaísmo. Não podemos burlar a lei.

Neste tempo de facções diferentes, muito era discutido sobre a interpretação das leis de Moisés. Tanto que destes surgiram vários seguidores de diversas formas de interpretação do que Moisés deixou. Foram muitos anos esperando um libertador dos romanos e quando surgiu o Mestre, foi tido como um

destinatário dos maus guerreiros. Só falava em amor ao próximo. E os judeus tinham a convicção de que um homem de paz não poderia libertá-los. Foi assim que houve toda a fragmentação do ideal cristão com os princípios das leis de Moisés.

— Vocês ficarão! — afirmou o Rabino.

Após este episódio de discussão dos próprios judeus, Elevino propôs matar um carneiro e oferecer como cortesia ao povo do rabino, já que necessitavam de uma ajuda.

— Agradecemos a sua oferta, será bem-vinda. Amanhã de manhã mandarei um grupo de homens pegar o carneiro. Tudo será de bom grado.

Passou-se a noite em fogo baixo, as estrelas no céu mostravam a distância entre o planeta e outras constelações. Elevino e Helena se recolheram na tenda e Longino permaneceu com Elisa conversando.

— Acho que este povo judeu nos ignorará, mesmo oferecendo um carneiro — comentou Elisa.

— Pode ser, mas eles necessitam, estas terras são muito secas e um rio próximo daqui demanda algumas léguas de distância. Portanto, para terem água e comida suficientes, são necessárias várias horas de caminhada. As plantações dependem de chuvas periódicas e os poços construídos guardam água suja e malcheirosa.

— Terão que se dedicar mais às causas que foram dadas por seus ancestrais. Elevando as mãos aos céus e rogando um milagre — falou Longino.

— Poxa, acho que eles não merecem, veja como são dedicados. Podemos oferecer nossas sementes em troca de mais alguns dias de convivência, afinal, precisam plantar para colher.

— Tens razão, falarei com o sultão para deixarmos algumas sementes de milho e outras plantas. Necessitarão delas para sobreviverem. Com cautela, pedirei para deixar-nos mais um tempo. Precisamos nos organizar melhor para prosseguir viagem. Os cavalos estão cansados e nós estamos necessitando de recompor os nossos ânimos.

O ataque dos judeus

Já passava das duas horas da manhã e o grupo de judeus que visitara a tribo de Arulan permanecia às proximidades. Ibraim dera a ordem para que os seguidores de Jesus fossem vigiados de perto. Para isto, montou uma forte guarda com objetos e apetrechos de guerra. Nisto, o sultão também orientou os guardas a montar ronda e verificar se os judeus eram portadores de más notícias de invasão. Longino, experiente soldado romano, destacou a não violência, pois isto seria importante para não serem atacados pelos judeus, sem motivo. O rabino deu a palavra que nada iria acontecer. Tochas acesas de um lado e, de outro, fogueiras ardiam para delimitar o local reservado para os cristãos.

— Chega de espera — disse Ibraim. — Atacaremos agora, antes do amanhecer. Reúna os homens, quero-os prontos, não tolerarei mais a presença deles em nossas terras.

O pastor de almas, Jesus, observava de longe tal manifestação de soldados judeus e ordenou que o arcanjo Josiel intercedesse no grupo dos cristãos.

— Armem suas defesas — disse Josiel ao ex-soldado Longino. — Feras vorazes pretendem dominá-los e expulsá-los. Sou um anjo do Senhor e vim orientá-los. Montem barricadas,

imediatamente na parte norte e deixem as fogueiras acesas ao sul. Assim, pensarão que estão concentrados ao redor do fogo.

— Meu senhor, peço perdão, mas o rabino não concorda que sejamos agredidos — disse Longino.

— Não teimas! Homens preconceituosos os aguardam com ferro e espada.

— Sim, meu senhor, logo arregimentaremos todos no que tu disseste.

E o anjo some das vistas de Longino.

— Irmãos, preparem-se, vamos ser atacados. Um anjo do Senhor veio nos alertar.

Todos correram e o sultão pegou as armas e comandou uma reunião dos guardas. Todos, já de prontidão, atenderam à ordem do Senhor. As mulheres ficaram na retaguarda e as fogueiras foram apagadas; as do norte, as das tendas e as do sul ficaram acesas. Era o momento em que aguardavam o ataque dos judeus.

— Já disse — falou Longino. — Pouparemos as vidas dos agressores. Não matem se não quiserem lutar. Façam os agressores saírem e não o perseguiremos. Aos poucos os guardas do sultão se embrenhavam na vegetação rasteira e baixa. Após pouco tempo, ouviram-se passos de sandálias em marcha e o local de emboscada já estava armado. Quando todos dos cinquenta homens judeus atravessavam a área norte, em direção ao acampamento cristão, foram surpreendidos com toques de trombeta e gritos de guerra. A maioria correu em sentido oposto, apenas Ibraim e uns poucos persistiram no ataque com armas em punho. Foram logo rendidos. Não se derramou uma só gota de sangue. Então, Longino falou:

— Estás desonrando a fala do rabino. Pensou em nos atacar e nos expulsar, mesmo com a nossa promessa de ficarmos apenas

um dia e a oferta de um cordeiro.

— Não reconheço a tua liderança. Para mim, são agressores e devem partir.

— Esperemos a decisão final do teu comando supremo, o rabino.

Esperaram amanhecer. Longino, Elevino e os demais guardas partiram com os presos em direção ao pequeno vilarejo. Acordaram o rabino que não sabia de nada; os outros presos foram deixados nas tendas cristãs para um novo armistício.

— Ibraim, tu me envergonhas. Não vês que fiz um acordo de concessão com estes cristãos?

— Perdoe-me, rabino, mas eles não merecem estar entre nós. Tenho certeza que logo irão pedir para ficar mais tempo e não toleraremos os discípulos de Jesus.

— Não é uma questão de tolerância e, sim, mais do que isto, o amor entre os nossos. São homens de pouca instrução no judaísmo, mas têm grande coração. Vejo que eles têm boas intensões. E o que fizeste? Desonraste meu pedido de paz.

— Perdoe-me, mas não sou culpado se as leis de Moisés podem ser aviltadas por estes que se dizem discípulos de um Messias que não chegou.

— Basta! Ibraim, não quero mais discussões. Por favor, liberte-os, eu imploro. Dê uma chance para nos reerguermos — falou o rabino se ajoelhando no chão pedregoso.

— Não se preocupe, trouxe o seu seguidor para lhe dizer que não queremos nenhum tipo de conflito. Peço desculpas se causamos alguns transtornos para sua cidade. Partiremos logo, assim que reunirmos nossas tendas — disse Longino.

O rabino pensou e disse:

— Fiquem o tempo que for necessário, nossas terras os abrigarão até quando quiserem.

Nova caminhada

Ezequiel, o anjo, apareceu novamente para Longino, na noite seguinte ao ataque judeu, e disse:

— Partirás desta terra em direção a Roma. Ao chegar lá, procurarás um amigo chamado Eloá. Ele o abrigará e dirá o que deve fazer. Terás duas chances para concluir a tua missão. A primeira se refere ao Cristo, que será propagado em toda a cidade; a segunda é quanto aos desígnios que Deus concedeu aos seguidores de Moisés. Esta é a lei a ser obedecida.

Nisso, o anjo desapareceu e logo uma chuva de gotas fluídicas douradas caíram próximo de Longino que disse:

— Senhor, estou pronto para a missão. Assim que pudermos, desencadearei a caminhada rumo aos portões de Roma. Prometo cumprir tudo que me foi orientado.

O grupo de Longino permaneceu mais cinco dias nas terras de Rebemor e, assim que o quinto dia amanheceu, alguns montaram seus cavalos e outros partiram em caminhada. Despediram-se e Ibraim, sem falar nada, apenas observou a retirada do grupo. Quanto ao carneiro oferecido, serviu para aliviar a fome dos que se dispuseram a alimentar-se dele. Este foi o motivo da parada, reabastecimento de água e troca de utensílios.

A viagem até Roma demandaria três meses. Longas caminhadas, intercaladas com superação de obstáculos em estradas precárias feitas por Roma. Não sabiam se as tropas romanas ou outros agressores os atrasariam. Longino calculava que a sua missão seria demorada na cidade. Por isso, falou com Arulan que, assim que chegassem ao destino, tomaria a liberdade de deixá-los escolher em ficar ou partir de volta para as terras do sultão, apesar de que a intenção inicial seria persistir até o final na divulgação das palavras do Cristo.

Ouviram falar que discípulos de Jesus estavam se deslocando para Roma com a mesma intenção do grupo de Longino. Seria uma convenção a mando do Mestre de bondade e misericórdia? Não! Achavam que fosse coincidência estes agrupamentos estarem juntos, com o mesmo objetivo.

Longino já percebera que devido ao contato com o Senhor e o anjo sua missão seria especial. Nunca ouvira tantos boatos a respeito de Jesus. Por onde passavam, havia localidades erguendo cruzes em locais de oração, mas ninguém anunciaria publicamente a ideia de ser um seguidor do Mestre. Logo que cruzaram um rio que dividia a primeira província romana, Longino se manifestou:

— Finalmente de volta de onde parti; agora mais feliz e consciente do meu destino.

— Não ficarás muito tempo para pregar — disse Elevino. — Logo que chegarmos a Roma, procuraremos o seguidor Eloá para recebermos instruções de como fazer a divulgação sem sermos executados ou presos. Em Roma os deuses deles estão em toda parte, seja em praças ou em prédios públicos. Seremos ousados em falar de Jesus Cristo.

— Tens razão — comentou Elisa. — Só que viemos para dar apoio à causa, portanto, temos que realizar as nossas intenções com a maior perfeição possível.

Helena, esposa de Elevino, pensava em adquirir um local para proferir palestras públicas a respeito de Jesus. Não tardaria a conhecer outros discípulos. Sabiam que Roma era uma cidade cosmopolita. Lá habitavam pessoas de todas as crenças e origens diversas. Só que a crença em um só Deus não fazia parte dos ideais de fé das pessoas locais. Para isto acontecer seriam necessárias muitas noites de esclarecimentos, já que durante o dia não poderiam pregar.

Longino lembrou que, em alguns quilômetros de Roma, havia um sítio de mortos e que, de repente, poderiam iniciar ali suas preleções, tudo para não levantar suspeita. Os romanos sabiam que muito longe da Galileia viveu e morreu um judeu de nome Jesus, que realizava milagres e curava os doentes. Para eles, estas notícias chegavam de forma deturpada. Uns diziam que um mágico operava milagres, outros falavam que Jesus, o Mestre, era o Rei dos Judeus e por isto foi executado. Mas durante a caminhada, o que mais se pronunciou foi o que fariam para a sobrevivência, pois sabiam que Roma tinha muitos sítios de coletas de frutas e outros alimentos, portanto, precisavam de um trabalho para se sustentarem a contento. Tinham muitos objetos de troca, inclusive ouro, mas desejavam se passar por moradores locais e não viajantes.

A caminhada fora menos dura até a chegada em Roma. Foram vistos por vários moradores que os hostilizaram porque tinham o aspecto de mercadores do Oeste, portanto não eram muito bem-vindos, pois Roma era conhecida por ser uma cidade nova e atraente, porém cheia de abusos e vícios.

O encontro com Eloá, o apóstolo dos judeus

Nuvens brandas coloriam o céu azul, com a mistura de raios solares cruzando os espaços claros de um arco-íris.

— Meu Deus, olhem — disse Longino. — É um sinal de sorte, estamos próximos do nosso destino. As ruas de Roma estão logo ali, após aquele pequeno monte.

— Elevino! Traga o meu brasão, logo reconhecerão minha autoridade — disse Arulan.

— Senhor, aqui está, mas digo que seremos logo descobertos, melhor sermos humildes e entrarmos como simples viajantes — disse Elevino.

— Certamente terás tempo para te anunciar — disse Longino.

— Agora precisamos enfrentar nosso destino e proclamar as palavras do Cristo, disse Helena ao sultão.

— Então, não me revelarei. Teremos que nos alojar o mais próximo possível de uma praça central, já que ouvimos notícias e boatos a respeito dos romanos e suas políticas — disse Longino.

Tudo certo e aceito. O grupo adentrou a cidade desmontados de seus cavalos e com mercadorias nas mãos, tudo para não serem notados. Os guardas do sultão colocaram uma vestimenta semelhante a que mercadores do Oriente usavam e o sultão disfarçou-se de camponês.

Longino, já havia estado várias vezes em Roma, mas nunca como um transeunte livre e sim ostentando os símbolos do exército mais poderoso da época. Era o ano 35 depois de Cristo. Todos os que presenciaram a morte do Cristo propagaram, de certa forma, o acontecimento, uns com uma visão mais dramática, outros como se Ele fosse mais um que se atrevera contra os interesses de Roma.

— Tudo pronto para nos abrigar próximo daquela praça, mas não terá espaço para todos nós — falou Elevino, que já pensava em procurar abrigo em outro lugar.

Longino, observando o movimento do local, disse:

— Conheço profundamente este local, devemos nos abrigar em locais próximos, porém dispersos em grupos.

Assim, Longino ficou com Elisa e Elevino se abrigou próximo, com Helena. Arulan deixou suas coisas em um abrigo, pagando para isto, enquanto os demais do grupo se alojaram em suas próprias tendas armadas próximas da praça, esses sob protestos dos moradores locais, pois diziam que aquele local não era apropriado para mercadores e viajantes. Só teria um jeito: logo que possível arrumariam um abrigo para todos, sem despertar suspeitas.

— Eloá, como encontrá-lo? — perguntou Longino a Elevino.

— Esperamos que alguém o conheça.

— Duvido — respondeu Longino. — Há muita gente nesta cidade, acredito que indo ao Palatino possamos indagar aos transeuntes se conhecem uma pessoa chamada Eloá.

— Também acho difícil, mas temos que achá-lo de alguma forma.

Não terminaram de conversar e apareceu uma pessoa de cor clara e sorriso abundante que a eles se dirigiu:

— Procuram por mim? Sou o homem que Ezequiel mandou procurar.

Os dois se entreolharam e, com um largo sorriso, Elevino perguntou:

— Chamas-te Eloá?

— Sim, às suas ordens! Logo que vi um aglomerado de tendas próximo da praça resolvi perguntar quem eram. Logo me afirmaram serem mercadores e que haviam chegado há vários dias. Então, decidi perguntar onde encontraria um homem com aspecto de soldado romano, envelhecido. Todos riram com a resposta, se abraçaram e Elevino complementou:

— Deus seja louvado!

Longino respondeu:

— Jesus seja glorificado.

Eloá respondeu com a saudação dos cristãos da época:

— Que a paz do Mestre Jesus seja eterna entre todos nós.

Após mais algumas considerações, Eloá falou para Longino:

— Depois que o imperador morreu e assumiu outro César, as coisas pioraram por aqui. Logo que cheguei de Jerusalém, percebia um certo temor em comentar as chagas do Cristo crucificado. A população acusou Tibério de negligência sobre o caso, isto tudo poderia trazer destruição para Roma. Poderia ser o fim do estado romano, já que executar um profeta poderia trazer maus presságios. Disto uma numerosa quantidade de adoradores dos deuses romanos tinha receio. Mas, ao longo dos anos, esta crença passou a ser esquecida e, depois que o novo imperador assumiu, tudo mudou. As agressões aos judeus, como eu, aumentaram. A cobrança dos impostos aumentou para manter os soldados no fronte. Os exércitos romanos não têm paz, frente aos rebeldes que insistem em defender as cidades já

conquistadas. E Roma enviou outros exércitos à Judeia para conter e reprimir novos focos de rebelião. Nossas terras já não nos pertencem — disse Eloá, referindo-se ao terreno em que os judeus habitavam e continuou: — De tudo só nos resta uma coisa, aguardar em Cristo a nossa liberdade moral. Vamos nos ater aos nossos planos de divulgação da doutrina do Mestre Jesus.

Começo do plano de divulgação

— Numerosos seguidores das palavras do Cristo estão entre nós, basta nos organizarmos e seguir para o templo dos deuses romanos e praças públicas. Minhas preces foram ouvidas e o anjo Ezequiel prometeu-me enviar um ser mortal para ajudar na divulgação do que seria a boa nova ou vida nova — falou Eloá.

— Então conversas frequentemente com o anjo Ezequiel? — indagou Elevino.

— Nem sempre. Eu o vejo às vezes; quando ele quer me dizer algo, fico quieto aguardando, à noite, as sugestões. Foi assim que ele me avisou da tua chegada, Longino, filho amado do Pai-Celestial.

— Meu irmão Eloá — disse Longino. — Quero te dizer que minha história não é das melhores, mas fui perdoado pelo Cristo em minhas dezenas de malfeitorias. Aqui cabe apenas te dizer que fui tocado pelas ideias do Mestre e que minha salvação foi dada por pura misericórdia Dele. Então, dias de luta e labor me esperam. Ezequiel me falou de ti, mas por mais um milagre, conseguiste me encontrar. Acredito que Ele o enviou.

— Tua verdadeira missão me foi revelada — disse Eloá. — Terás pela frente obstáculos instransponíveis, mas o ajudaremos no que for preciso. Portanto, fico com vocês até o final da missão.

— Muito bem, então planejemos os nossos feitos para amanhã — disse o sultão.

— Não será bem assim — disse Eloá. — Necessitamos convocar vários seguidores de Cristo aqui em Roma. Devemos nos reunir nas catacumbas próximas da cidade. Após fazermos as preleções do Mestre, nos apresentaremos a todos e, em seguida, iniciaremos o nosso audacioso plano de divulgação da doutrina do Mestre. Todos os que forem ao encontro trarão um crucifixo de madeira em suas mãos, símbolo do nosso Cristo que morreu na cruz. Daí, faremos o nosso encontro.

— Está bem. E quando faremos este encontro?

— Nos próximos dias. Eu avisarei o momento, pois guardas romanos vigiam em todos os lugares e não temos meios de impedi-los de entrar nas casas ou aldeias. Por isso, o campo das mortes será o nosso local de encontro. Ademais, vocês precisam se arrumar, organizar e conseguir um trabalho na cidade. Todos os romanos influentes possuem vários servidores, de artesãos a ilustradores de paredes. Nada fazem a não ser guerrear e viver em seus palácios com toda mordomia.

— Sugeres algo para fazermos? — perguntou Elisa.

— Normalmente preferem mulheres para serem serviçais em suas residências. Podem servir como lavadeiras ou cozinheiras. Isto fará com que tenham uma atividade que só lembrará serem discípulos do Cristo, pois para eles, os cristãos nada fazem a não ser glorificar seu Deus. Vejam que a mesma ideia eles fazem de nós, os judeus — comentou Eloá.

— Não é só isto — disse Longino. — Seus superiores sempre diziam que os judeus nada tinham de interessante. Como habitavam a Terra há muito tempo, tinham a fama de serem mercadores de almas, pois tudo fazia crer que tinham poderes

maiores que nós, os romanos. Diziam que os judeus não queriam cultivar as terras, somente colher o que haviam plantado. Veja só que absurdo de ideia.

— Muito bem, senhores, então nós, os homens, faremos vias de mercador enquanto meus guardiões tentarão a sorte como entregadores de mercadorias e mensagens.

— Quanto às mulheres Helena e Elisa, poderão procurar trabalho como domésticas nos lares dos influentes de Roma. Aqui tem uma lista de residências de senadores e ricos da cidade, talvez consigam.

— Com o tempo, organizaremos um grupo de elite para combater e destruir os que se opuserem à nossa missão — comentou Arulan.

— Não precisamos de força física — disse Eloá. — Apenas oração e vigilância para recrutarmos este povo que, apesar de mostrar felicidades, sofre com a impureza de seus atos e ideias. O grupo se dispersou, cada um com suas instruções, e foram se reunir aos pares, após o jantar.

— Eloá tem razão — disse Elevino. — Precisaremos de tempo e isto não é favorável. Temos que iniciar o mais breve nossa tarefa, após o encontro das próximas noites com estes pretensos cristãos. Nos reuniremos para divulgar a doutrina do Mestre, diretamente no coração dos romanos.

— Disso estás certo — respondeu Arulan. — Devemos ser o mais breve possível, pois quanto mais tempo ficarmos aqui, mais problemas poderemos ter com os romanos. Fiquemos atentos com as palavras dos transeuntes. Talvez nos revelem algo a nosso favor.

Bendulec e Pedro

Durante a noite que foi combinada para os cristãos se reunirem nas catacumbas, próximas de Roma, logo veio um representante dos deuses ilustradores dos romanos pagãos. Ouvira falar da tal reunião e veio se solidarizar com as ideias a respeito dos cristãos. Dizia que faziam uma preleção do absurdo de trazer uma doutrina dada por um judeu crucificado por tentar iludir os incautos. Seu nome era Bendulec, o ilustre de Roma, assim o próprio se chamava.

Ao chegarem para o encontro, Helena e Elevino logo notaram a presença de tal figura esquisita, pois portava um véu caindo na face e um turbante oriental, parecia uma incógnita aquele homem.

— Meu Deus! Será que ele é descendente de alguma raça excêntrica? Não pode ser um cristão — comentou Elevino.

— Não sabemos, talvez Eloá o conheça. Como soube da nossa reunião? — perguntou Helena.

Nisto, chegaram outras pessoas, mas com aspecto de lavradores, camponeses, mestres em artífices ou simplesmente homens de boa fé. Formou-se um grupo de dezoito pessoas, incluindo Longino e Elisa. Eloá cumprimentou todos e tirou de suas vestes um pedaço de papiro com informações sobre os preceitos divinos.

— Quero compartilhar com os presentes este texto que o nosso Mestre Jesus falou aos seus discípulos quando estavam em Canaã. Estes escritos foram feitos por Marcos e enviados a mim por uns parentes. Todos que possuem estas cópias passam a ouvir as palavras do Divino.

Todos se sentaram de cócoras entre pedaços de pau e pedras. A noite estava clara, com a lua aparecendo firmemente. Já eram 19h e tochas foram acesas e colocadas próximas ao grupo. Não se ouvia nada, apenas a voz de Eloá. Então, ele disse:

— Quando Jesus esteve em Canaã, trouxe para nós esta questão. Quem de vocês estiver com o pensamento nos deuses de idolatria e nos deuses de pedra certamente terá um abandono em suas vidas. Mas quem acreditar em um só Deus-Pai de todo amor, que é o meu Pai, terá com toda certeza um lugar bom para a vida, pois aquele que pede ao meu Pai será atendido conforme a sua fé enquanto que quem pedir para uma pedra, colherá musgos.

Eloá guardou os dizeres e iniciou os comentários:

— Senhores e senhoras, como veem, Jesus nos alerta para a necessidade de adorarmos a um Deus, que é o Seu Pai e nosso Pai. A partir daí, teremos que idolatrar o que vem Dele e não ídolos que estão imóveis e sem aceitação. Devemos devotar nossa paixão pelo que Ele criou e não por estruturas inanimadas e sem vida. Temos, portanto, que amar a Deus, como também todos os homens, mulheres e crianças. Amar as criaturas que nos alimentam, os vegetais e animais. Agradecer pela vida, pelos pastos e por nossa família. Enfim, agradecer todos os dias pelo que nos proporcionou de bom ou de ruim. Diziam que o Mestre era enganador, mas como enganar multidões com suas curas e com suas frases de consolo e fé? Por isso, tenhamos fé que um dia Ele retornará para acalentar nossas súplicas e dificuldades.

Devemos nos unir e proclamar para todo o mundo Suas palavras e ações. Ele enviou um de seus discípulos maiores, que está aqui nesta noite. Pedro, aproxime-se e tome a palavra. Não há ninguém que possa substituir este homem que acompanhou toda a trajetória de Jesus.

Simão Pedro, o querido discípulo de Jesus, veio a Roma na tentativa de divulgar o Cristianismo e ajudar os que ainda tinham dúvidas na fé em Cristo. Todos se levantaram e se aproximaram do anunciado. Trajava roupas simples e claras. Estava com barba rasa e tinha cabelos castanho-escuros. Estava acompanhado de outros seguidores e, usando um pedaço de osso encontrado no chão, bateu em uma pedra várias vezes e anunciou:

— Que a paz do Senhor Jesus Cristo esteja em vossos corações. Vim aqui, esta noite, anunciar-lhes o reino dos céus. Nossos irmãos, que hoje estão aqui, certamente acreditam na vida eterna prometida por Jesus. Como seguidor e discípulo do Mestre, venho trazer-lhes a Boa Nova, que nada mais é do que a nova vida que deveis seguir. Os bons conselhos dados por Jesus deverão fazer parte da vida de vocês, assim terão paz nesta terra e nas vidas futuras.

— Como alcançaremos esta paz? — indagou Bendulec, agora descobrindo o véu do seu rosto.

— Com preces e orações aos seus amigos e parentes. Devereis pedir perdão ao Bom Deus pelas faltas e erros. Só assim podereis ter a compaixão de Jesus e alcançar o reino de Deus. Como Ele falou: “Amar o próximo como a si mesmo; assim alcançareis o reino de Deus.”

Neste momento, outras pessoas surgiram para compor um grupo maior de ouvintes.

Bendulec, o batizado por Pedro

Pedro, animado, continuou a falar:

— Meus queridos irmãos e irmãs! Nas noites que antecederam o sacrifício do Mestre, Ele nos enviou a um povoado onde havia vários judeus que não acreditavam em sua própria religião. Tivemos que explicar o proposto por Jesus. De início, não acreditaram, também, mas após ouvir o apelo de um dos curados por Jesus, logo começaram a perguntar: seria Ele o Messias? Traria para nós a felicidade? Nos libertaria dos romanos? Naquela época de certa indecisão, os judeus viviam sob o fogo romano, na Palestina. Não era raro que grupos de judeus também negociassem a sua combatida fé em troca de comida ou abrigo. Por este motivo, viam os judeus acreditar em outros deuses. Com o aparecimento de Jesus, a coisa piorou, logo o Sinédrio passou a se preocupar com os seus seguidores. Os que tinham uma fé maior na religião passaram a questionar a presença do Messias. Foi o suficiente para que Cristo fosse julgado e crucificado como um bandido. O Mestre sabia disso. Sabia que para aumentar a fé nos judeus era necessário que sua crença em um Messias poderoso e guerreiro viesse a Terra e os libertasse dos domínios pagãos. Ora, senhores, para ter a fé aumentada, os judeus não titubeariam em assassinar quem quer que se colocasse na sua frente. Por isso, Cristo foi a vítima. Seguindo o princípio da

exclusividade, o Sinédrio deteriorando em suas clemências aos que pediam, decidiu, em uma noite, pela morte do Mestre, tudo engenhado e aceito pelos dominadores romanos. Neste ponto, tudo já havia sido profetizado. Nem a humildade ou súplicas aos chefes da religião judaica foram suficientes para abrir-lhes os ouvidos. Maria, mãe de Jesus, sabia do destino do filho, mas Ele cumpriu a Sua missão: trouxe a paz aos corações aflitos, curou os doentes, deu esperança aos necessitados e, acima de tudo, perdoou os homens pecadores, livrando-os do pecado perante a Deus. Em uma noite, foi dado o fatídico julgamento. Só restou o perdão dado por Cristo aos que O condenaram.

— Pedro, diga como devemos fazer daqui por diante? — perguntou Eloá.

— Teremos chance de nos encontrar outras vezes. Por enquanto, fiquemos em paz nos nossos corações. Dou a vocês meus votos de um breve e alegre dia. Feliz semana a todos.

Com estas palavras, deram-se por encerradas as atividades da noite. Todos se cumprimentaram, se abraçaram e trocaram referências. Helena logo se apresentou como esposa de Elevino e perguntou se conheciam algum local para se empregar. Elisa interrogou outros a respeito de um lugar para morar. O sultão tinha interesse em comprar uma casa para melhorar os locais de encontro, pois não ficara satisfeito em se reunirem junto aos mortos. Todos partiram em direções diferentes uns dos outros. Tudo para não despertarem suspeitas. Foi assim que foi feito o primeiro encontro do grupo, que se denominaria “os chamados por Cristo.”

Na outra noite, Simão Pedro, Bendulec e os estrangeiros reuniram-se na tenda de Elevino, queriam se apresentar ao discípulo do Mestre. Longino acompanhou de longe as

conversações, já que não queria revelar sua verdadeira posição no grupo.

— Deus esteja convosco — falou Pedro. — Quero me apresentar a todos. Eloá disse o que vim fazer em Roma, portanto precisamos nos unir.

Bendulec questiona:

— Senhor, não sou um de vocês, mas quero ter a fé que os move; a partir de hoje me declaro um fiel seguidor. Tive vários danos na minha religiosidade, mas agora quero servir só a um Deus.

Eloá o conclama:

— Filho de Deus! Serás aceito. Nós o batizaremos agora se assim o desejar.

O ritual pagão de adoração aos deuses não previa uma iniciação com água e, sim, com sangue, então Bendulec questionou:

— Não derramarei meu sangue ou de outros cordeiros?

— O sangue de Cristo já nos batizou no perdão — explicou Pedro. — Agora, devemos ser batizados com a água da vida eterna, aquela que nos põe nas fileiras do Cristo.

Ouvindo esta explicação, Pedro pegou a água em um jarro e disse:

— Eu te batizo, Bendulec, filho de Elinac, irmão de Codozec, para o bem de tua vida e da tua família. És agora um filho de Cristo.

Bendulec, ajoelhado, agradeceu e começou a chorar copiosamente.

— Senhor, não sou digno de Tuas palavras, sou um pecador. Dei um irmão meu para uns malfeitores, agora carrego comigo esta ferida no meu peito.

— Força não te faltará — disse Longino, vendo a cena.
Pedro olhou o ex-soldado e disse:
— Estás perdoado pelo que fizeste ao Cristo. Vem e me segue.

E Pedro o arregimentou

Mais alguns momentos de silêncio se fizeram, no recinto; Bendulec recolheu-se em um manto escuro e saiu na noite cruzando o espaço das tendas armadas. Pedro fitou Longino e o interrogou:

— És o soldado que transpassou a lança no corpo de Cristo, no final?

— Sim, sou eu, mas perdoe-me; não quis ser o assassino final.

— Não te aborreças com o meu questionamento, afinal, foste o executor de ordens de teus superiores. Mas, a partir de agora, poderás ser um servidor de Jesus, aceitando as Suas palavras e praticando-as. És um adepto de Cristo até o final?

— Sim, já fiz minha confissão. Cristo me perdoou pelo que fiz. Sinto-me honrado de fazer parte de Sua doutrina.

— Muito bem, és um dos nossos. A partir de agora, vou te chamar de Eulálio, irmão das horas finais de Cristo. Maria me falou da tua pessoa e disse que era um convertido.

— A mãe de Jesus? Como sabias dela? Ela não está aqui para falar-te.

— Não é preciso, ela tem meios de me informar; longe das imagens das pessoas, em oração, ela conversa comigo.

— Longino, Longino! Isto não é possível. Não nesta vida.

— Se crês em mim, acompanha meus pensamentos.

Nisto, Pedro fechou os olhos e colocou a mão direita na testa de Longino, ou irmão Eulálio, aparecendo imediatamente a figura de Maria levando as notícias do reino de Deus ao discípulo Pedro e ele falou:

— Vê agora o meu pensamento. Assim posso ver o que Maria quer nos dizer.

— Pedro, estou maravilhado, como podes fazer isto? — disse o ex-soldado.

— Para poucos a realidade será revelada. Para ti, um convertido, será dado este e outros mais dons de comunicação.

Longino imediatamente se ajoelhou e disse:

— Senhor, podes fazer tudo o que convém, mas perdoa-me pelos males que te fiz — referia-se ao Mestre Jesus.

— Ele já te perdoou, tu sabes. Agora Ele quer que O sigas nas ideias e palavras.

— Sou teu servo, Pedro.

Os presentes observavam aquele momento sublime de conversão total de Longino, que continuou falando:

— Pelo amor que tenho ao Senhor Jesus Cristo, dou meu coração, meu pensamento e minha vida. Pedro, sou um pobre homem que um dia açoitou de forma grosseira a própria vida. Daqui por diante sou teu servo.

— Está bem, Eulálio, levanta-te, tens muito o que fazer, continuaremos a conversar a respeito das tuas funções amanhã. Por hoje chega. Logo que me ausentar deste lugar serás herdeiro de todas as minhas falas e, portanto, me seguirás em busca de novos fiéis à doutrina que hoje nasce. Devemos estar unidos, fortes e venceremos os nossos medos. Já basta o que eu também fiz. Neguei o Mestre no momento que Ele mais necessitava, mas igual a ti, fui perdoado pelas minhas fraquezas.

Os dois homens se cumprimentaram e Pedro saiu da tenda, tarde da noite, em busca de seu alojamento. Elisa, Helena e Elevino ficaram surpresos com o que Pedro acabara de falar. O mais velho disse:

— Longino, meu amigo, agora podes dizer que Pedro te arregimentou para as suas fileiras. E tu, o que dizes?

— Só sei que a partir de hoje sou um homem de fé infinita no Cristo e em Suas verdades.

Longino fechou os olhos e passou a ver um reino de paz e amor, o qual Cristo prometeu.

— Vejo uma cidade colorida em que os animais vagueiam em belos e floridos campos. Homens se deslocam em carruagens que o vento leva e o doce e perfumado ar leva-nos a uma paz perfeita. Estou vendo riachos dourados e lâmpadas a iluminar uma cidade de amor e plena felicidade.

Elevino o questiona:

— Longino, dizes que este é o paraíso prometido?

— Não, isto é só a entrada deste paraíso.

Helena fitou o homem sonhador e disse:

— Queremos ver contigo este paraíso.

Ela, ajoelhando-se em frente a Eulálio/Longino pegou a sua mão e encostou na testa, como Pedro fez; de repente, ela começou a falar em uma língua diferente.

— Acalmem-se, meus irmãos, Longino está exausto, precisa descansar.

— Helena, fique próxima de nós. Logo será dia e precisamos nos organizar para atuar como Cristo vem nos recomendando, com prudência e persistência — disse Elevino.

Todos foram dormir, mas definitivamente Longino fora arrebatado por Jesus, o Mestre de puro amor e caridade que a

humanidade jamais havia conhecido.

O Mestre e o discípulo

Ouviu-se um barulho ensurdecedor vindo das arenas romanas das disputas dos jogos vorazes em que feras, bestas e homens disputavam com a própria vida a vitória dada pela destruição do oponente. Era assim o dia a dia dos romanos. Tinham diversão diária e, ao final do dia, reuniam-se em locais para discutir política, beber algo e, em seguida, rumavam para suas casas ou locais de jogos noturnos.

A cidade já era decadente moralmente. Os pais rogavam pelos filhos cada vez mais ausentes e beligerantes. Não aceitavam a condição de simples mortais. Achavam que os deuses iriam permitir que fizessem todas as artimanhas e seriam protegidos por eles. Bem, em suma, sentiam-se como heróis de travessuras.

Foi neste cenário que o Mestre Jesus mandou os discípulos divulgarem Suas palavras, no mundo ocidental cada vez mais degenerado. À frente estava Pedro, o apóstolo que O negou por três vezes antes de morrer, mas isto tudo seria uma prova de que, com os nossos erros, também aprendemos.

Longino passou a seguir diariamente o apóstolo e comungar com todas as ideias. Com a ajuda financeira de certos nobres e do sultão, montaram uma modesta casa para abrigar moradores de rua e desamparados. Na antiga Roma, já se tinha noção de caridade, mas com a expansão do império houve a necessidade

dos mais fortes e mais aptos para as batalhas, deixando os velhos e aflitos à mercê da própria sorte. Portanto, sempre se encontravam ex-guerreiros ou servidores velhos e abandonados nas ruas e praças romanas. Percebendo isso, Pedro os ajudava e alimentava.

Certa quantidade de doações era utilizada para o restante destes indigentes; uma outra parte era utilizada para manter o pequeno cenário habitável. Pedro sabia que quanto mais lhe dessem, para estes desvalidos, mais tinha a chance de ajudar os filhos abandonados de Roma. Ganhou simpatia da classe nobre e passou a ser chamado de Deus da caridade, título que dizia ser sem noção da realidade. Era como os romanos entendiam um representante na Terra da deusa do amor e da paixão.

Vemos Pedro ajudar os doentes e desamparados. Longino, seu auxiliar, se desdobra intensamente nos afazeres da Mansão do Caminho, título com que batizaram a casa. Nela, além do conforto material, tinha o espiritual. Pedro proferia palavras de um reino distante, que ao ver seus habitantes em dificuldades trazia boas lembranças de um Deus bondoso e amoroso que consolava os que estavam em necessidade. Para ele, o Deus e Jesus eram o Pai e Filho e sempre ensinava-os a rezar e orar ao Deus de bondade e misericórdia. Havia um morador de rua de nome Eráclito que o perguntou:

— Senhor Pedro, perdoe-me. Sempre fala de um Deus de amor e infinitas possibilidades, mas como posso Lhe servir se também recebo benefícios dos deuses romanos?

— Os benefícios a que te referes de Deus são eternos e imutáveis; estes dos romanos só eles podem dizer se são perenes.

— Mas e se eles não fazem nada de mal, por que não adorá-los?

— É meu dever orientá-los. Nossa doutrina emerge com toda paz que o Cristo nos ensinou. Nada de ódio ou guerras. Este nosso ex-soldado Longino é testemunha ocular dos acontecimentos. Logo que soube das curas do Mestre decidiu segui-Lo e ver a verdade. E tu sabes qual é a verdade? É a que o amor vence tudo, todas as tristezas e dúvidas. O pecado é eliminado e podes, então, ir para a vida que Deus proclamou, a vida de misericórdia e bondade.

— Causa estranheza este critério de bondade — questionou Eráclito.

— Todos somos bons — falou Longino. — A diferença é como somos conduzidos a Deus. Eu vim através de minha pesada consciência. Dificilmente virão os que se acham sem pecados. A verdade do Cristo mostra que o pecado é eliminado com amor e atenção aos pobres e desvalidos. Na verdade, todos nós somos devedores, portanto, precisamos nos libertar deste mal. Nós não reconhecemos isto e, portanto, faz com que devamos mais e mais. A justiça de Deus é clara quanto ao amor ao próximo, não podemos esquecer disso.

Longino, ou Eulálio, já passara a enviar palavras de amor e conforto. Pedro o imitava nos gestos de caridade só para ensiná-lo a ver dentro de si. Pedro o estimulava a aprender o significado de vários ensinamentos do Mestre, visto que havia presenciado quase todos os seus atos e discursos. Havia nele a referência de Mestre Pedro, o professor e o aluno, Longino.

Já havia passado alguns meses e o grupo do Elevino se entrosava cada vez mais com os cidadãos romanos a ponto de serem convidados. Ouviram-se notícias do comparecimento de Longino nos círculos mais fechados da sociedade local. Ele

queria atingir o máximo de pessoas importantes na divulgação das mensagens do Cristo.

Pedro e a igreja

“Graças e louvores ao nosso Senhor Jesus Cristo que nos deu o Seu corpo para ser sacrificado em nosso lugar”. Assim, Longino passou a encerrar os cultos simbólicos que realizava, deixando Pedro conduzir todas as ideias do que Jesus queria dizer. Na última ceia, quando ele disse para Pedro apascentar as Suas ovelhas, para Ele o mais importante era a instrução de amor, caridade e fé, que seus apóstolos teriam que seguir e divulgar.

Durante os quarenta dias que ficou entre os Seus, após a crucificação, muitas dúvidas eram postas e os que O viram eram questionados. De um lado os fervorosos crentes e seguidores da religião judaica, de outro os fariseus e os escribas, além dos romanos e seus deuses. Foi iniciada uma batalha moral e de divulgação dos feitos do Mestre, tanto que Pedro foi orientado a percorrer as terras em direção à Europa e Oriente. Logo começaram a formar igrejas em homenagem aos que proferiam as palavras do Mestre.

Tudo demorou alguns anos até que os romanos passaram a aceitar algumas orientações dadas pelo Mestre. Após algum tempo, Pedro entendeu a necessidade de estruturar uma casa maior de caridade e acolhimento. Foi dado o início da Era Cristã propriamente dita.

Longino, já adepto fervoroso, ajudou Pedro a realizar os destinos da futura Igreja. Conversaram sobre hábitos e regras. Tudo passou a ser idealizado pelo grupo de Longino, que persistiu em encontros doutrinários nas áreas desérticas e de pouco movimento. Tudo sob a vigilância de Roma, cada vez mais adepta aos rumos que Cristo orientou.

Amar o próximo como a si mesmo fora uma das indicações mais contundentes deixadas pelo Cristo. Em uma longa noite, após um encontro com seus discípulos, Pedro anunciou:

— Chegou a hora, meus irmãos, de iniciarmos uma discussão das mais questionáveis dos últimos anos. Devemos nos preparar para algo maior. Sabemos que os romanos nos dão chances de dialogar, mas o imperador nos quer longe de suas cidades. Devemos ou não partir de Roma?

— De modo algum — respondeu Longino. — Estamos com nossos objetivos claros e traçados. Devemos nos interiorizar e levar o que Cristo nos ensinou: a humildade e a coragem de superar nossas más inclinações.

— Então devemos deixar nossos medos e falar com o Senado e com o Imperador sobre a necessidade de implantar a nossa Igreja aberta e bem cuidada. Chegou a hora para isto — falou Pedro.

— Não acho que seja uma boa ideia — respondeu Elevino. — Desde que chegamos, enfrentamos resistências, apesar de várias pessoas já aceitarem o que Cristo deixou. Farei o que determinares.

— Muito bem, o tempo urge e necessitamos divulgar o mais rápido possível a doutrina de Cristo.

Pedro começou a falar em outras línguas e Longino o acompanhava em pensamento. Sentia que as palavras profundas vinham com certa dose de lógica e audácia. Seria um plano

perfeito para deixar Roma definitivamente ardorosa pelos ensinamentos de Jesus.

— A partir de hoje, determino que façamos orações e agradecimentos a Deus nas principais praças de Roma. Nosso santuário será a Mansão do Caminho e o Cristo crucificado será exposto em todas as regiões por onde passarmos — afirmou o apóstolo de Jesus.

As mulheres Helena e Elisa aceitaram a proposta e ainda completavam dizendo que ajudariam em tudo e levariam a palavra de Jesus a outros discípulos, gerando o embrião das ordens das freiras. Funcionariam como ajudantes diretas dos cultos e organizariam ladainhas e grupos de oração. A partir daquela data, fariam roupas e utensílios para serem doados aos pobres.

O sultão, já doutrinado, deixou sua terra para longe e trazia a Roma os resquícios de sua linhagem, dando continuidade ao que se propusera: fixar residência entre os romanos até a estabilização da doutrina do Senhor Jesus. Dizia que havia encontrado a paz com que tanto sonhara.

Assim, por volta de 35 da Era Cristã, Longino, finalmente, abriu a casa de oração com Pedro, que criara um ritual de aceitação do Cristo. Inicialmente, os adeptos eram recebidos com boas-vindas e dado um copo de água para se refrescarem. Sentavam no chão, em círculos, e em seguida eram proferidas as leituras de mensagens do Evangelho de Jesus, segundo os apóstolos que escreveram.

Pedro assentia seu conhecimento sobre o que estava escrito e ainda dava seu testemunho de amor e caridade. Ao final do encontro, convidava os presentes a uma rápida ceia com pão e vinho, imitando o gesto de Jesus na última ceia. Tudo parecia

perfeito, mas os romanos contrários, pressentindo o surgimento de uma nova religião, denunciaram Pedro como sendo o líder e trataram de importunar os que o seguiam. Tudo em um ambiente de animosidades.

Magmo, o escolhido de Deus

Longino e Pedro, eis a parceria que iria durar por séculos e séculos, muito além da vida imaginativa. Para os senhores terem ideias dos fatos, tudo feito com aquiescência divina e orientada por Jesus, o Mestre. Esta parceria durou longas vidas reencarnativas de novos personagens vividos por Longino, que para impulsionar a humanidade, foi convocado para aceitar outros desafios.

Cabe aqui salientar que Longino fora um espírito antigo, que vinha habitando o cenário terrestre desde que vieram para cá hordas de seres provenientes da Signátida Centauro, que fora habitada por povos com certa evolução moral e intelectual. Este personagem foi trazido, em eras precoces, à Terra para se ambientar e acumular fluidos e massa necessários para sua adaptação ao planeta. Com isto, havia tido vidas como geógrafo, matemático e, andando pelos povos sumérios, teve a contribuição da linguagem local e dos afazeres com a terra em plantações e colheitas. Enfim, Longino era um espírito experiente e compreensivo.

Tudo fora útil em suas encarnações anteriores e, como prêmio, fora convocado a evoluir na Terra no momento em que o Cristo necessitava de alguém com os predicados do ex-soldado romano. Em seu foro íntimo, sentia necessidade de armar um futuro pleno de realizações.

Ao contemplar as estrelas, saudoso, sentia a falta de algo que o levava a imaginar parentes distantes. Mas como compromisso com a ordem superior, concordou em participar, com elevados préstimos, das cenas em que fora necessário o cumprimento das antigas profecias.

Assim, Longino, ou Magmo, foi eleito pelos amigos fraternos para assumir sua atual posição em relação aos desígnios de Deus. O universo se resplandecia com tal finalidade, pois para ele, como espírito, tudo faria pelos destinos divinos.

Longino, assim, como outros eleitos e comprometidos com a espiritualidade superior, deixou sua posição de estrategista e embarcou em um corpo antigo e pesado. Centauro, que fora uma constelação longínqua nunca saía de seus pensamentos, mas para ele participar da construção de uma nova habitação de seres ainda em evolução moral, era como se fosse um prêmio pela dedicação às causas do Ser Supremo. Sabendo disso, Jesus o convocou, junto com outros cento e cinquenta orbitários para serem os executores das tarefas programadas. São chamados assim, pois são da órbita terrestre, responsáveis pela estabilidade do planeta.

Entre outros orbitários, podemos citar papas e generais que, apesar da estirpe elevada, nem sempre conseguiram realizar as tarefas quando encarnados. Então voltemos à história:

— Como Pedro poderia pôr seu plano em atividade? — perguntou Elevino.

— Deus nos colocou entre este sábio para ajudá-lo a concretizar o seu intento — disse Longino. — Dentre o que entendi, seguiremos em grupos e ofereceremos aos que querem nos seguir a salvação do Cristo para a vida de luz que tanto

mencionou. Para isso, haverá a necessidade do entendimento e da prática do que Jesus falou.

— É isto que penso, mas não será fácil. Este imperador aceita os judeus e suas crenças, mas não comunga com as ideias do Cristo. Veja que temos notícias de comunidades cristãs em formação, sendo perseguidos por várias facções, inclusive de romanos, em vários locais. As mulheres são presas com as crianças e são soltas se negarem a fé pelo Cristo, ao passo que os homens não são banidos da Terra se confessarem seus ideais pelos deuses romanos, caso contrário podem sofrer perseguições e até a morte. Ouviu-se que alguns cristãos foram parar na fogueira ou nas bocas dos leões famintos.

— Acredito que se agirmos com paciência e cuidado nada disso acontecerá. Elisa e Helena, empregadas em casas de nobres e senadores nos avisaram que tropas romanas estavam estacionadas no leste da região africana, o que nos rendeu informações valiosas. O sultão não se importava com as suas decisões. Pedro, agora, comandava todas os passos, inspirado em Deus e Jesus. A esta altura, ele tem o entendimento dos resultados dos nossos esforços. E tu, Longino, com tuas curas elevadas, apaziguando espíritos revoltosos nos corpos de pessoas invigilantes, tens chamado a atenção de vários seguidores do Cristo. Tenho plena convicção de que tudo ocorrerá conforme Cristo nos orientou — disse Elevino, ao ouvir as últimas frases da conversa.

Pedro observou:

— Não pensem que ocorrerá assim.

Pedro, o intimado

Longino ou Magmo passou a noite a pensar naquelas palavras quando Pedro disse que as coisas não seriam tão fáceis como estavam imaginando, senão, vejamos: Jesus, um pastor de almas, veio ao orbe terrestre com a missão de levar a paz aos quatro cantos da Terra. Recebeu muitos elogios pela posição pacificadora, mas em compensação sofreu com aqueles que achavam que a paz era a ordem para levar as pessoas a seguirem caminhos diferentes daqueles em voga na época.

Hoje ainda existem esses pensamentos de guerras, sem motivos aparentes, em pessoas que nutrem o ódio a outras raças e povos, em que combatentes sentem prazer em ver o sofrimento dos outros. Assim como ontem, hoje ainda é um dia de reflexão e necessidade de evolução moral e material.

Como ontem, homens e mulheres querem ser mais do que realmente são. Com uma mensagem de paz e otimismo, isto não compensa. Estes pensamentos foram se aperfeiçoando com grandes mestres da filosofia, do ecumenismo religioso e das pessoas isoladas da boa fé. Momentos em que Cristo passou na Terra, de épocas distantes aos dias atuais, se repetem, com outros personagens menos aquinhoados como Martin Luther King e Nelson Mandela, moralmente aviltados, mas fortes em suas

passagens entre os seres viventes. Deixemos Pedro nos conquistar com sua história:

— Amanhã, teremos chance de continuar com as nossas instruções — disse Pedro. — Longino, me seguirás, como de costume. Atravessaremos o vale ao norte e seguiremos até as ruínas de Osbuck. Partiremos mais tarde para os arredores da Palestina e entraremos nas casas dos cônsules da Petronia, pequeno povoado conquistado por bárbaros, depois pelos romanos, mas com boa aceitação por todos.

— Qual será nossa missão? — perguntou Longino.

— Primeiro, daremos as boas notícias da vinda do Mestre e depois reuniremos os doentes do local e passaremos a ajudá-los no que for necessário. Levaremos apenas um pedaço de pão e um pouco de centeio e água. Certamente, nos ajudarão com algo quente para nos alimentarmos.

Era assim que Pedro se comunicava com os locais. Após sair sem rumo certo só retornava à noite e, mesmo assim, ainda se reuniam para um jantar e uma ceia. Elisa e Helena, após um dia de trabalho e coleta de informações, se juntavam ao pequeno grupo e passavam a trocar ideias com todos. Era a hora de traçar novos planos.

Certa noite, foram surpreendidos com a notícia que Bendulec havia sido preso e obrigado a confessar onde os demais cristãos se alojavam. Os romanos tinham receio de serem superados por outras doutrinas, como a cristã. Pedro resolveu ir até o preso amigo e anunciar-se como o orientador espiritual de Bendulec. Foi o suficiente para se criarem uma revolta nas prisões romanas. Vários presos passaram a falar.

— Somos judeus convertidos! — diziam.

Queriam ser libertados pelos cristãos que não apareciam abertamente para os romanos. Poucos sabiam onde Pedro passaria a noite. Quando souberam da visita do ilustre apóstolo de Jesus, o imperador mandou escoltá-lo até o palácio. Queria uma conversa com aquele de que muito ouvira falar. Ao chegar ao palácio do imperador Nero foi questionado:

— És Pedro, o revoltoso?

— Não me tratam desta forma e, sim, de o bondoso.

— Não sou teu simpatizante e não permitirei respostas sem uma boa atitude.

— O que queres de mim, Alteza?

— Quero que tu e teu grupo de famílias saiam daqui e não retornem mais. Tuas histórias dão prejuízo ao comportamento dos romanos.

— Não sei se já lhe disseram, mas costumamos ajudar os pobres e necessitados. Temos várias maneiras de ajudá-los como alimentando-os, cobrindo as feridas com bálsamos perfumados e fazendo curativos com bandagens e plantas curadoras.

— Não podem fazer esse tipo de curas. Não permito! — afirmou o imperador. —Nessa época de glória, Roma não necessita de tuas ofertas.

— É o que desejas? Não penso que Cristo haja desta forma. Para Ele, somos todos irmãos em busca de nossa elevação.

— Doutrinas não me importam, só quero que vocês vão embora e deixem nossa cidade.

O imperador lavou suas mãos num gesto semelhante ao governador da Judeia Pôncio Pilatos.

— Quero que abandones a cidade ainda hoje.

O centurião se aproximou de Pedro e disse:

— Ouviu o imperador? Agora o levarei de volta para as masmorras. Pegue o seu amigo e o leve também. Não queremos saber de ninguém pregando o cristianismo em nossas casas, vilarejos ou palácios.

Pedro baixou a cabeça e disse:

— O soberano não sabe o que fala. Este é o único caminho da verdade, que é o que disse o divino Mestre.

— Chega! — falou o imperador. — Retirem-no daqui e mande-os embora da cidade.

— Sim, senhor.

Levaram Pedro para longe do palácio.

Luz no coração de Pedro

Bendulec, ao avistar o retorno de Pedro, disse:

— Mestre, por favor, deixe-me dizer que eu ficarei aqui. Não é justo sair e depois desdizer o que o Cristo tanto pregou. Sou um cristão e não O negarei.

— Muito bem, amigo, acontece que eles desejam que façamos nossas casas em outro lugar, longe de Roma.

— Ainda bem que não aceitou — respondeu Bendulec, animado e confiante.

Pedro pensou e disse:

— Verdade, meu amigo, não aceitei. Prefiro ficar em teu lugar. Vai e conta para os outros o que está acontecendo.

Longino, ao saber da prisão voluntária de Pedro, decidiu:

— Não o deixarei lá, devemos partir para as prisões romanas e libertá-lo à força.

— Não podemos agir desta maneira — disse Elevino. — No momento somos poucos. Os romanos não gostam dos cristãos e Bendulec está disposto a ficar e lutar igual a todos. Mas devemos ter cautela neste momento.

O Divino Mestre orientou Longino da seguinte forma:

— Meu filho amado, não te assustes, a luta só começou. Levarão muitos séculos até que a paz entre os homens se concretize. Espero que compreendas o que Pedro fez. Ele é o

chefe da Igreja que será implantada e tem o direito de fazer o que desejar.

Longino, ainda não conformado, perguntou ao divino Mestre, mentalmente:

— E se nós formos todos ao imperador revelar o verdadeiro Pedro, aquele que nos une e nos protege? Será que ele não vai libertá-lo, mesmo tendo desobedecido às suas ordens de sair dos seus domínios?

— Veremos que Pedro é resistente e terá a chance de se defender. Não se preocupe com ele, mas sim com todos que o procuram para um breve consolo espiritual e mental. As demais jornadas seguirão a pleno vapor. Muitos virão em seu lugar, mas o único será Pedro, o primeiro.

Longino, não entendendo bem o que o Mestre falou, deu-se por satisfeito com as orientações dadas e revelou os fatos acordados aos seus amigos.

— Devemos nos antecipar e falar aos seguidores de Jesus que Pedro poderá enfrentar uma calúnia e ser julgado pelas leis romanas. Em breve o interrogarão e precisaremos nos juntar e ir ao encontro dele.

Elevino questionou:

— Aplaudindo o imperador temos a chance de libertá-lo, mas se o enfrentarmos, teremos chance de ficar encarcerados.

— Não foi isto que disse. Devemos nos apresentar ao imperador como defensores de Pedro e da doutrina que hora se constrói, em direção ao Mestre Divino, o verbo de Deus.

— Então, vamos todos ao palácio de Nero e nos apresentaremos a ele como seguidores de Pedro? — disse o sultão.

— Isso! Devemos nos revelar e exigir que Pedro seja logo libertado. Temos o direito de defender a todos os que doutrinam a fé em Jesus.

— Só que o imperador foi bem claro ao exigir a retirada dos que se julgavam cristãos e que não trocariam suas divindades pelas divindades romanas. Falam que ele fora benevolente, pois em outras épocas era capaz de executar todos nos circos romanos, como haviam feito outros mandatários.

Para Nero era uma questão de tempo ser obrigado a realizar tal ato, mas gostaria de ver até onde os cristãos chegariam na certeza da sua fé. Para Pedro já estava decidido: só sairia de lá por livre vontade, após conseguirem que a sua doutrina baseada no que disse Cristo fosse implantada.

A maturidade do imperador estava longe de ser vista. Ele ardia em desejos obscuros de destruição e matanças. Entorpecido pelo rápido poder, queria adeptos para sua destruição pessoal e de Roma. Em crises de histeria e devaneios dizia assemelhar-se aos deuses romanos. Todos o temiam, mas Pedro sabe da necessidade e objetivo de tornar a doutrina cristã conhecida no mundo. Ficou vários meses no calabouço até o imperador perder a paciência e falar:

— O que desejas fazer? Apodrecer nas masmorras? Já te ordenei sair dos meus domínios. Leva os teus ou eu os mandarei para os circos.

— Não faça nada com os meus. É a mim que quer, então faça de mim o que deseja.

O imperador o fitou e disse:

— Queres me testar usando este argumento de dureza. Pois bem, ainda te digo que sofrerás o que teu Mestre sofreu. Morrerás em pleno sábado, na cruz e os julgadores já têm este veredito.

— Quem me julga? O povo ou o senhor?

— São os meus, já te disse. Logo que o Senado souber me apoiará, tenho certeza disto.

A despedida de Pedro

Era uma noite fria e silenciosa, quando o grupo de Longino chegou ao calabouço em que o apóstolo Pedro se encontrava. O ambiente frio e cheio de entidades ligadas ao bem aguardavam a chegada do grupo de revoltosos. Pedro já tinha informações, dadas pelos benfeitores espirituais, de que havia uma tentativa de resgate. Apesar de Jesus, durante a última ceia, o ter alertado que após os eventos da morte e ressurreição, seria ele o responsável por levar adiante os planos terrenos da Boa Nova. Disse Ele:

— Pedro, meu melhor amigo, foste escolhido por mim para ser o porta-voz das minhas palavras; nada te derrubará. Virá o momento em que o consolo chegará por ti a milhares de pessoas. Serás reconhecido como o que me elevou e, portanto, serás elevado ao primeiro dos líderes da minha Igreja. Fica com a ideia de triunfo da vida sobre a morte. Isto o ajudará, no momento do teu sacrifício, a sobreviver ao martírio."

— Sim, Mestre — respondeu o discípulo.

Todos chegaram trazendo alguns soldados romanos como reféns.

— O que significa isto? — indagou o encarcerado.

— Viemos libertá-lo, logo partiremos para fora da cidade e nos esconderemos até as coisas melhorarem — respondeu o líder

Elevino.

— Não façam isto, os exércitos de Roma logo nos alcançarão.

Nisto, as grades foram rompidas e Longino pegou as mãos de Pedro e disse:

— Venha conosco, Mestre, não podemos deixá-lo aqui. Não será morto por nossa negligência.

— Admiro a tua lealdade. Mas isto nada significa para mim. Minha missão está chegando ao fim. Deixem-me viver no isolamento; logo serei levado ao imperador e executado como traidor.

Os seguidores de Pedro, ouvindo isto, não se conformaram.

— O senhor tem muito o que nos ensinar. Não saberemos nos dirigir aos que necessitam da tua palavra.

— Saberão, sim! Vocês têm Longino, o último enviado de Deus. Ele será o pastor das minhas ovelhas.

Longino, ao ouvir isto, disse:

— Mestre, sou um pecador convertido. Não me dê uma missão que não poderei cumprir sem a sua orientação.

Pedro se aproximou de Longino e, com um abraço, sussurrou no seu ouvido:

— És um filho amado do Mestre. Quando o furaste na cruz, na verdade estavas cumprindo com teu dever e com o que estava predito nas profecias. O Mestre o tem em conta para continuar a obra dele.

Magmo ou Longino interferiu mais uma vez:

— Mestre, não nos deixe sós. Precisamos da tua orientação. Deus está contigo e nós estamos contigo para levar o povo Dele para a alegria do Senhor.

— Basta, Longino! Saiam, não irei com vocês.

Assim, tristes e sem opção, Longino e seu grupo desistiram de retirar Pedro das masmorras. Este episódio ficou conhecido pelos meios cristãos de: “O dia em que Pedro ficou nas masmorras para a morte final.”

Bem, senhores, este episódio não relatado nos escritos da história foi contado durante várias gerações, mas como foi Pedro quem decidiu a própria sorte, em respeito à sua memória, ela deixou de ser revelada. Para todos os cristãos, Pedro fora aprisionado por Roma em detrimento do cristianismo após ele ter lutado ferozmente pelo direito de uma nova religião. Foi crucificado, em seguida, como exemplo a todos que quisessem ser seus seguidores. Isto poderia acontecer com qualquer um. Portanto, após um julgamento falho e cheio de interferências dos que professavam a fé em deuses inanimados, foi o fundador da Igreja do Cristo morto de cabeça para baixo, na cruz erguida em praça pública.

Na questão da crucificação invertida reza a história que foi um pedido do próprio executado, mas na verdade ele foi posto desta forma com o objetivo de mortalizá-lo mais rapidamente, sobrando zombarias e escárnios com aquele apóstolo de Jesus, que tanto O amou.

Bem, senhores, esta é a intriga criada por aquele povo que se dizia o mais evoluído do planeta Terra. Vemos ainda resquícios de amargura no coração daqueles que vivenciaram aquelas cenas de crueldade. Pedro, na orbe celestial, disse ao Pai amado Jesus quando O encontrou:

— Mestre, aqui está seu discípulo, que tanto O amou e respeitou.

Jesus prontamente o abraçou e disse:

— Pedro, sejas bem-vindo à glória do Pai que tanto te confiou a Sua Igreja.

Fase sem Pedro

Longino ficou inconsolável com todos os fatos ocorridos. A morte de Pedro o abateu muito a ponto de querer revidar até as últimas consequências, mas foi impedido pelos amigos e seguidores que o alertaram:

— Pedro foi claro — disse Elevino. — Serás o herdeiro dele para dar continuidade aos trabalhos.

Longino pensou e refletiu a respeito de todo o ocorrido e disse:

— Elevino, não sou tão jovem para levar a obra do Mestre Jesus adiante. Precisamos encontrar alguém que faça com que Seus relatos sejam praticados e entendidos da melhor forma.

— Ninguém melhor do que tu — respondeu Elevino ao ex-soldado romano.

— Está bem, aceito organizar e levar aos discípulos todo o conteúdo das pregações que Pedro fez. Dou testemunho de muitos deles, portanto, posso divulgar os seus ensinamentos junto com a doutrina do Mestre Jesus.

— É isto que precisamos — disse Elevino.

O sultão, ouvindo tudo, também opinou:

— Levarei os ensinamentos do Mestre ao Oriente, logo que partir para outros lugares.

— Nos organizaremos da seguinte maneira — disse Longino. — Elevino será nosso guia para assuntos religiosos e doutrinários. Arulan, o sultão, deverá nos assessorar. Nas primícias de outros povos que devemos doutrinar, logo chegarão os necessitados e Helena e Elisa se encarregarão de montar tendas e lugares para recebê-los. A Mansão do Caminho será mantida com nosso esforço e devemos construir a primeira Igreja deixada por Pedro para ser a principal de nossas exposições. Além do mais, as catacumbas já não abrigavam segurança, nas reuniões. Os discípulos de Pedro pedem para expormos num local mais seguro, portanto, este local será chamado de tabernáculo da fé.

— Gostei, Longino — respondeu Elevino aprovando tudo o que havia sido falado.

Os participantes se levantaram da reunião e todos se dissiparam para a praça em frente à tenda de reunião. Longino proclamou:

— Daqui por diante, a Igreja de Pedro será seguida por todos os fiéis à sua palavra.

Os amigos se abraçaram e, assim, começou uma nova fase de implantação do cristianismo. Logo que o imperador soube que seguidores do Cristo permaneciam em Roma e que haviam se tornado mais fortes e unidos, decretou uma perseguição sistemática a todos os cristãos.

Pedro, do alto, em júbilo, lia com o Mestre Jesus as parábolas deixadas aos apóstolos evangelistas para que pudessem registrar, de forma escrita, todo o ensinamento moral do Cristo. Bem, continuemos os detalhes desta história em que Longino ou Magmo resgata, finalmente, a trajetória de amor frente à sua falta.

— Senhor — disse Longino ao sultão. — Devemos partir o mais rápido possível para as montanhas. Soldados de Roma batem nas casas procurando por nós.

— Isto já previíamos — respondeu o sultão. — Deves resistir mais alguns dias para que os apóstolos possam mandar suas observações sobre a vida do Cristo. Isto nos importa!

— Sim, mas nossa missão está começando. Assim que as tropas passarem e o povo concordar, voltaremos para cá e retornaremos nossas posições de divulgadores da doutrina do Cristo.

O sultão, um pouco decepcionado, deu razão a Longino, dizendo:

— Sei bem que falas a verdade. De nada serviríamos se estivéssemos mortos. Assim que tudo se acalmar, retornaremos.

Os discípulos da fé fugiram para longe de Roma enquanto o imperador, muito insatisfeito com o que estava acontecendo, resolveu invadir as casas à procura dos traidores do império. Longino, longe com seus seguidores, fundou uma pequena comunidade que ajudava viajantes em direção a Roma, mas sempre doavam alimentos e uma pequena cruz de madeira, símbolo de um novo povo que surgia.

Após algum tempo, Roma foi incendiada e o imperador morto pelo próprio devaneio. Longino e Elevino voltaram a Roma e pediram para o novo imperador que não permitisse que forem perseguidos pelos romanos. A convivência poderia ser até pacífica, mas foi repleta de animosidades. Longino decidiu entregar-se em sacrifício para que a Igreja de Jesus fosse instalada, mas o imperador se negou a aceitá-lo como mártir e disse a Longino:

— Poderás cuidar de alguns doentes e fragilizados pelas nossas guerras. As pessoas que não têm mais esperança serão teus afeiçoados. Portanto, se fizeres o que te digo, não te expulsaremos, mas teremos um certo respeito aos teus métodos.

Longino agradeceu ao imperador e com seus 65 anos disse, em alto e bom tom:

— Deixei minha vida para servir ao Cristo. Não me arrependo. Os que me precederam deram a vida por todo o seu legado. Apenas digo que a nossa luta apenas começou. Assim, Longino deu continuidade às obras de Pedro.

Da Capadócia a Jerusalém

Já era manhã ensolarada na antiga Palestina, Longino e seus seguidores amanhecem em orações fervorosas no vale do Ramal. Naquela época, ainda estava em construção a igreja de que tanto Pedro recomendara a formação, ideias iniciais levaram o grupo de Longino a construir casas de apoio a viajantes e necessitados, tudo com o aval dos espíritos superiores. De dentro do tabernáculo constituíram-se rituais de consagração às ideias do Cristo e, nas horas vagas, eram dedicadas ao estudo e aprimoramento do que seria a futura doutrina católica.

Longino, já com certa idade, decidira supervisionar, pessoalmente, as construções destes locais que passariam a servir e reunir os discípulos das palavras do Mestre. Entre eles encontrava-se um jovem grego de nome Adonais que, sob forte influência de seus pais, passou a admirar os ensinos do Mestre. Para ele, Longino seria uma pessoa a ser seguida e amada. Longe dali, os seguidores do Cristo, como o sultão e seu grupo rumaram para a Capadócia, local cheio de mistérios e, de certa forma, de seguidores também.

Helena e Elisa, juntas com Elevino, rumaram para regiões balcânicas e construíram um grupo precursor na região. Tudo sob orientação dos apóstolos que ditavam as regras a serem seguidas. Paulo de Tarso enviava mensagens e orientações

escritas. Começaram a surgir, então, os precursores da verdadeira igreja. A união entre estes grupos era precária e pobre de laços e vínculos.

Apenas alguns seguidores resolveram reunir-se com frequência na tentativa de unificar o movimento de novas igrejas e casas de oração, onde era explicada a origem de todos os ensinos do Mestre. Foi, então, que os apóstolos evangelistas concluíram as principais passagens da vida de Jesus e passaram a propagá-la como um Novo Testamento. Daí se tornou mais fácil a divulgação da obra do Cristo. Longino havia recebido várias cópias e achava-se participativo da vida do Mestre. Ele só não gostava quando faziam referência à sua atuação nos momentos finais do Cristo. Disso ele não pôde se esquivar. Enfim, dizia que nada valeria se para isto a morte do Cristo não suplantasse a tudo e a todos.

Neste novo cenário de divulgação e divergências, surgiram grupos de elite que costumavam fazer longas caminhadas de propagação da doutrina. Mas para Longino ainda era necessário levar a palavra de Jesus aos locais onde Ele havia estado. Naquela época, os judeus já haviam sofrido reveses e seus domínios conquistados por romanos sequiosos que desrespeitavam a sua religião.

Grupos foram saqueados e mortos; cidades, ocupadas e destruídas. Parecia que surgiria uma nova civilização mais consciente, mas nada disso aconteceu. Havia apenas pedaços de terras arrasadas e grupos de emigrantes se distribuindo por todos os lugares. Longino, com certa experiência, resolveu deixar Roma e voltar para a Galileia. Tinha a esperança de implantar a doutrina do Mestre. Ao chegar, foi logo procurar a vila em que sua antiga amada, Amarílis, viveu. Só encontrou restos de casas e

um pequeno povoado à certa distância. Eles haviam sido destruídos pelos romanos e a reconstrução não sairia tão cedo. Os antigos habitantes do local se dispersaram.

Naquela manhã, o grupo de Longino partiu para o vilarejo onde Jesus viveu seus primeiros anos. Nazaré já havia crescido como aldeia, mas ninguém queria comentar a tragédia de anos sob jugo romano, a não ser o pequeno Aragon que, após ouvir vários relatos de viajantes, queria divulgar o ocorrido, tudo por troca de moedas que o ajudavam no sustento. Longino, ao perceber o jovem disposto a falar de tudo e todos, chamou-o e questionou:

— Sabes onde viveu Jesus de Nazaré?

— Claro, senhor, tenho aqui o mapa exato da localização da casa Dele.

— Se for verdade, como saberei que não mentes?

— Todos os dias há uma família que vive aqui próximo que traz comida, água e vinho para as pessoas necessitadas. Eles dizem que fazem pelo Cristo e para lembrar o local exato de Sua casa.

— Ah bom, e quando posso encontrá-los?

— Mais logo, próximo do pôr do sol. Eles vêm usando túnicas claras e seus cânticos atravessam a vila. Vocês não poderão errar o local. Posso também ir com vocês, conheço alguns deles. Se chamam de Tementes da verdade e do amor.

Encontros antigos

O grupo Tementes da verdade e do amor custou a aparecer naquela noite. Segundo Aragon, quando isso ocorria era porque estavam exercitando a sua fé, em local mais distante que Nazaré, por isso demoravam, tudo dentro do esperado.

— É isto mesmo, senhor, logo eles aparecerão. Não costumam faltar.

— Quer dizer que sempre que isso acontece é que eles estão exercitando sua fé em local longínquo?

— Com toda certeza. Hoje mesmo veio um dos seus membros anunciar que eles farão um grupo de oração na casa de um senhor doente, longe daqui. Portanto, devem demorar um pouco mais.

— E a casa de Maria e sua família?

— Venha por aqui, logo chegaremos lá.

Espiritualmente, Longino também estava sendo guiado. A intenção dele era achar a residência e colocar o local como centro de oração e acolhimento, mas sem nenhuma intenção de adorná-la. Afinal, os espíritos protetores queriam o mínimo de exposição da mãe do Mestre. Era esta a intenção. Mas como conciliar as duas coisas sem chamar atenção? — perguntou Longino à espiritualidade.

— Em breve tempo, chegará o momento de pensar e chegar a uma conclusão a respeito, após ter contato com os crentes de Nazaré.

A família que Jesus tinha lá se dispersou e muitos rumaram para outras cidades com medo de perseguições; outros com medo de idólatras. De certa forma, eles tinham razão, todos os fatos ocorridos após a morte de Jesus acabaram virando motivo de surpresa e especulação. Uns diziam que um profeta morto por rivais seria o suficiente para um castigo severo, outros diziam que com a eliminação do Mestre os cursos seriam mais fáceis, pois os romanos iriam parar de persegui-los.

Ledo engano, no final, nem uma coisa e nem outra. Os rumos foram opostos e a destruição dos vilarejos foi em decorrência da ganância de uns e desprezo de outros. Tudo ocorrendo como Jesus predisse em Suas falas a respeito de orgulho do povo judeu. Tudo destruído pela falta de bondade.

História à parte, era necessário que Longino estabelecesse um sólido alicerce para a divulgação da doutrina e nada melhor do que usar a simbologia do local onde Jesus vivia. Nesta noite fria, ele aguardou com sete tochas fincadas no chão a chegada do tão falado e conhecido grupo. Após algumas horas, os doze seguidores chegaram ao local onde, provavelmente, teria sido a residência em que Jesus e Sua família haviam vivido. Ele perguntou ao chefe do grupo:

— É aqui que Jesus viveu?

— Sim, neste local. — Apontou Leôncio, o líder.

— Como sabes? Pergunto porque conheci alguns membros da família Dele.

— Encontramos dizeres em tábuas e pergaminhos apontando este local.

— Dizem que costumam venerar esta casa com orações e cânticos. Gostaria de participar com vocês.

— Claro, ficaremos aqui por alguns minutos, tempo necessário para invocar o espírito de Jesus.

— Não entendi, Ele vem quando chamam?

— Muitas vezes, mas precisamos ficar em oração por alguns minutos.

— Bem, acho que posso ajudá-los, tenho pergaminhos com as últimas palavras do Mestre.

— Não sabemos ler, apenas ouvimos os cânticos e os reproduzimos.

— Onde aprenderam? Faz muito tempo?

— Não, senhor, aprendemos com um velho que conheceu Jesus. Ele nos deu vários ensinamentos por escrito, mas não nos serviu.

— Memorizamos com cânticos, ficou mais fácil. O nome dele é Arimateia, mas não o vimos há muito tempo.

— Entendo, vejo que são discípulos em potencial, mas não sabem como conduzir um louvor ao nosso Senhor Jesus Cristo.

Ouvindo isto, Leôncio escutou, em sonho, que viria um tempo em que um enviado do Senhor traria facilidade no aprendizado. Ele mandaria um representante com a intenção de ensinar a orar e louvar a Deus.

— Então deve ser você o enviado.

— Não sei do que está falando, apenas quero ajudá-los a fazer o louvor a Deus.

— Fique conosco, quero lhe apresentar o resto dos que estão aqui.

De cabeça baixa, veio em direção a Longino uma mulher com uma tocha acesa na mão. Ela descobriu o capuz e disse:

— Bem-vindo Longino, sou eu, a sua esquecida Amarílis.

Longino caiu sentado em uma pequena banqueta e, surpreso, falou:

— Deus seja louvado!

Diálogos fraternos

— Amarílis, quanta saudade!

Longino a abraçou, alegremente, e foi logo correspondido.

— Tenho tido notícias tuas, certos mercadores disseram que te viram em cidades do Oriente fazendo curas, isto é verídico?

— Sim, em parte, afinal, não sou eu quem cura e sim o Cristo. É uma longa história. Minha felicidade em vê-la é enorme.

— Alegro-me em tê-lo aqui. Senti muito a tua partida. Achei que não o veria mais — disse Amarílis.

— Eu também, fico alegre pelos nossos destinos. Agora conte-me, o que tem feito?

Neste momento, todos se afastaram e foram ao encontro de doentes em uma casa próxima, ficando os dois a conversar.

— Quando foste embora, após o evento do Cristo, deixei-me levar pelas palavras de bondade do Mestre. Tornei-me auxiliar de pessoas que conviveram mais próximo de Jesus. Decidi realizar preces em favor dos necessitados e, desde então, venho me reunindo com eles para realizar o mesmo intento. De tudo já fiz: ajudei doentes, fiz curativos, deixei roupas e comidas para pobres nas ruas, até pedi dinheiro para eles. Tudo tem valido a pena — informou a mulher. — E tu, o que fazes aqui? És um espião de Roma ou vieste prover algo para ti?

— Digamos que me tornei um discípulo de Jesus. Minhas mãos são propícias para a cura. O Mestre me perdoou pelas minhas antigas condutas morais e hoje sou um homem de bem à procura de fazer o que for possível para divulgar a palavra de Deus.

— Entendo, mas o que fazes? De que vives?

— Venho de regiões do Oriente e lá pude fazer uma reserva financeira a partir da ajuda de uns amigos que hoje professam as verdades do Mestre. Sou um seguidor que divulga a doutrina.

— Te tornaste um grande missionário, isto eu percebo — disse Amarílis.

— Nem tanto, apenas ajudo na divulgação. Os grandes apóstolos é que conduzem a doutrina com verdadeira maestria. Eles foram os escolhidos por Jesus para propagar Suas ideias. Sou apenas um pequeno divulgador.

— Precisamos muito de ti, estamos passando por carência de bons divulgadores. Venha amanhã à minha casa para conhecer minhas filhas.

— Filhas! Tens quantas?

— Duas meninas. Meu marido foi morto, há mais de um ano, pelos romanos. Vivo fazendo redes e arpoeiras para pesca e, de noite, me entrego à doutrina do Mestre. E tu, casaste?

— Não tive este privilégio. Minha vida foi quase toda dedicada ao exército romano. Hoje não tenho mais idade para tal.

Amarílis o olhou e, fazendo um gesto carinhoso, disse:

— Não te preocupes, minha casa é tua também, serás meu hóspede até quando quiseres.

— Grato, Amarílis, mas não posso aceitar. Falariam de ti e minha intenção é ficar por aqui o mínimo de tempo possível. Só

farei um local de preces para louvarem a Deus e a Jesus. Organizarei uma igreja, como Pedro desejou.

Amarílis o olhou e disse:

— Sabemos que um enviado viria para termos mais educação a respeito das falas do Mestre. Acho que és tu o escolhido.

— Bem, me falaram isto, prefiro apenas fazer meu trabalho o melhor possível. Certamente, levarei algum tempo para ajudá-los a construir um templo.

— Os romanos destruíram tudo, penso que não será fácil. O imperador louva deuses pagãos e as pessoas ainda não estão acostumadas com a nova doutrina — informou Amarílis.

— Então, ficarei o tempo que for necessário.

Amarílis contava com vinte e oito anos quando Longino servia o exército de Roma. Era considerada de idade, mas com o sumiço do soldado e a promessa do então, decidiu casar-se e contrair maternidade, o que a deixou muito feliz. Seu esposo a amava, mas ela não esquecia aquele soldado que tanto a cortejou.

O sumiço de Longino foi súbito, a pedido do imperador, pois não queria que os soldados que participaram da crucificação e morte de Jesus ficassem na Palestina. Por isso que, de repente e sem aviso, Longino fora transferido para a Gália, em outro fronte de batalha. Roma decidia e os soldados cumpriam. Algumas cartas chegaram a Amarílis, mas com poucas elucidações do desaparecimento de Longino, que só pedia para ela esperá-lo, pois tinha sido escalado para uma outra importante missão. Após muitos anos, Longino retornou com diferentes ideias e pensamentos. Para a surpresa de Amarílis, ele não tinha família, era um missionário de Deus. Ela o beijou na face e se despediu de Longino, prometendo um bom almoço no outro dia.

— Claro, Amarílis, estarei lá em tua casa; levarei algo para comermos.

— Não me envergonhes, mandarei pedir uns pedaços de carne de carneiro e uva para o repasto.

Longino agradeceu e com o coração cheio de alegria falou:

— Me diga mais uma coisa, não te esqueceste de mim, todo este tempo?

— Não te esqueci, apenas deixei minha vocação de mãe fluir pelas minhas veias.

Nova proposta

A noite já virara quase dia quando Amarílis saiu para trabalhar. Arranjaria material de costura e confeccionaria redes para pescadores. Longino tivera uma visão noturna em que Pedro, já no mundo espiritual, lhe orientava a respeito dos códigos da igreja e do conteúdo de preleções. Tudo sob a ciência do Mestre Jesus de Nazaré.

Ao meio-dia, Amarílis retornou com o carneiro prometido para o almoço e seus convidados já estavam a caminho. Longino fora convidado juntamente com Leôncio, o chefe dos seguidores de Cristo. Ao ser recebido na casa por Amarílis, novas propostas foram surgindo, desta vez por parte de Amarílis.

— Queremos que fique aqui conosco — disse a anfitriã, alegremente.

— Não posso, tenho outros destinos a seguir. Me aguardam mais ao norte. Lá, poderei erguer outra igreja.

— Quero te falar que uma igreja sem um chefe não é válida — comentou Leôncio.

— Ensinarei vocês a conduzir esta casa de oração. Aprenderão rápido e deixarei um local específico para enviarem contribuição para a Igreja Central.

— Como? Outra igreja maior? Não temos vínculos com ninguém — disse Amarílis.

— Eu te entendo, só que estamos articulando várias igrejas e todas terão chance de crescer e se tornar independentes, mas Cristo julgará os que derem mais — respondeu Leôncio.

— Não é bem assim, Cristo não precisa de nada, nós é que necessitamos de recursos financeiros para elaborar a nova doutrina através de escritos e construções e isto consome dinheiro. Então, precisamos nos organizar monetariamente.

— Tens razão, mas o povo é pobre e os ricos fugiram daqui, só restou nós que imbuídos de fé e compaixão ficamos para orientar os aflitos desta terra — disse Amarílis.

— Então, como podemos fazer? — perguntou Leôncio. — Fincaríamos a cruz do Cristo por primeiro na casa dele?

— Não é bem assim! Construiremos uma igreja por cima da casa dele para que tudo seja preservado.

— Como podemos fazer isto? — perguntou Amarílis. — Não temos mão de obra suficiente.

— Claro que temos, convocarei a população que restou para nos ajudar. É assim que deve ser construído, com esforço de todos.

— Mas se eles não quiserem cooperar? Sabes, muitos são judeus e não aceitam que Jesus seja o Messias que tanto eles esperavam.

— Não se preocupe. Tenho o suficiente para iniciar a construção do templo.

— Já ouvimos e vimos muitas construções em homenagem ao deus Baal. Roma não deixará o nome da igreja ser edificado.

— Podes ter razão, é por isso que me dirigirei ao governador da região; após me identificar, levarei a minha proposta de construção.

— Ele não aceitará. Cobrará muitos impostos.

— É por isso que precisamos que os seguidores sejam estimulados a cooperar com dinheiro ou algo parecido. Valem objetos de porcelana e de ouro. Daremos tudo ao governador romano. Façamos o seguinte: reúna todos que possam vir, hoje à noite, próximo à casa que foi de Jesus e mostrarei a realidade. Talvez consigamos vários adeptos — disse Longino.

— Pensei que tudo seria fácil, após a chegada do enviado — falou. — Vejo que demorará muito para a construção do novo templo — comentou Amarílis.

— É que para vencermos as barreiras culturais temos que acrescentar, no meio, um seguidor do Cristo com jeito de profeta.

— Engana-te, Leôncio, não existe maior profeta que o próprio Jesus. Ele curou, se deixou ser morto, fisicamente, para conseguir o perdão de Deus-Pai — comentou Longino.

— Entendo, mas não posso ficar nesta cidade.

Neste instante, ao longe, ouviu-se um trovão.

— Longe daqui! — falou Amarílis para animais que invadiram a sua casa devido ao barulho e complementou. — Quero te apresentar minhas duas filhas. Está é a mais nova, Luanda, e a mais velha, Erotildes.

— Bom conhecê-las — disse Longino. — Mas quero dizer que são belas jovens. Sinto-me feliz em vê-las aqui. Há muito tempo, conheci a mãe de vocês e posso afirmar que vocês herdaram a delicadeza dela.

As meninas sorriram e a mais velha falou:

— Ela sempre fala de um amor perdido na juventude, será o senhor?

Longino ficou com o rosto vermelho e sorriu.

— Creio que ela não me disse nada. Se fosse hoje, não seria tolo de largá-la.

Amarílis, ouvindo a declaração de Longino, disse:

— Meninas, entrem no seu quarto, logo o senhor Longino e Leôncio partirão. Desejo que o assunto seja encerrado.

Ao ouvir isto, Longino complementou:

— Não percamos tempo, já somos idosos, casaremos o quanto antes.

Todos ficaram surpresos.

Entendimentos contrários

Amarílis ficou extasiada com o pedido de casamento. Naquela época de ausência de leis matrimoniais formais, a cultura de cada povo era aceita nos costumes declarados do grupo. Então, na Judeia, um acordo entre famílias selava o matrimônio, mas neste caso em que havia uma viúva, qualquer um podia desposá-la novamente, independente de haver compromissos anteriores. Assim, a espécie humana tendia a se alastrar com mais facilidade. Voltemos à história:

— Que surpresa! Acabaste de dizer que não ficarias aqui conosco.

— Não é minha intenção, levarei tu e as crianças comigo e construiremos uma casa longe daqui, próximo a Roma.

— Não desejo isto — disse Amarílis.

Leôncio, surpreso com os acontecimentos, disse que precisava ir embora.

— Não, Leôncio, fique — falou Amarílis. — Acho que ele é um impostor. Quer que reunamos nossos amigos e seguidores para pedir dinheiro e construir uma igreja. Não ficará aqui para ver as obras. Ora, homem, quem te tornaste? Um interesseiro usando o nome do Cristo?

— Não entendeste, tenho ordens expressas de propagar a palavra do Mestre Jesus.

— Não acredito. Sei que foste tu que assassinaste o Mestre, por último. Todos que viram, falam e agora vens dizer que és um discípulo e quer deixar sua igreja sem comando.

— Amarílis, minha querida, deixe-me explicar, isto dói muito no meu coração. Quero associar-me a ti. Eu sempre te amei e não vejo motivo para ficarmos longe um do outro. O Mestre aprovaria nossa união.

— Estás desgovernado, o Mestre não deixaria o algoz dele como seu representante na Terra.

— Não O represento, apenas sigo Seus conselhos e passos.

— Então, se é assim, retira-te desta casa e não volta mais. Não quero te ver nunca mais.

— Amarílis, perdoe-me, não quis ofendê-la. É que como um discípulo do Mestre, pretendo apenas ajudar na organização de uma igreja que possa reunir discípulos sem receio de serem molestados; para isso precisamos agir com quem manda neste lugar. Só digo que preciso prosseguir com meu trabalho de divulgação dos feitos do Mestre.

— Não pretendo sair daqui. Minhas filhas estão bem e logo casarão com homens que as respeitem e não as deixem com vagas e infrutíferas promessas.

— Logo que chegar da reunião com o governador, me reportarei a ti e ao teu grupo. Se tudo der certo, daremos início à construção da igreja e quem puder contribuir, que assim seja feito. Necessitaremos de recursos humanos e financeiros para a reforma da casa do Cristo.

Dito isto, Longino, cabisbaixo, saiu, desestimulado em direção às ruas de Nazaré, para ter certeza do local exato da referida construção. Contaria com o apoio do guia local, Aragon. Era isto

que imaginava, porém no caminho, foi abordado por senhores locais, judeus que o questionaram:

— Ouvimos dizer que queres construir um templo em homenagem ao Cristo? Isto é verdade?

— Sim, quem são vocês?

— Homens! Prendam-no e tragam-no aqui, o levaremos para ser julgado pelo governador!

Havia, naquela época, grupos de judeus aliados ao governo local. Eles patrulhavam a região e a qualquer sinal de insurreição detalhavam ao governador local que tomava as medidas que cada caso requeria. Neste específico, levariam Longino para ser julgado por um grupo de apoiadores do regime romano.

— Não façam isto! — gritou Amarílis.

— Sei quem és — disse o líder dos agressores. — És a mulher que deu água no caminho que Cristo percorreu.

— Sim, sou eu. E não podes levar preso um soldado romano.

Imediatamente o líder dos judeus gritou:

— Homens, soltem-no! Não queremos intriga com o governador.

Então, Longino fora solto e jogado no meio da rua.

— Graças a Deus me salvaste, Amarílis.

— Sei que fui rude contigo, mas não quero perdê-lo de novo. Volta para minha casa e continua a me explicar o que vieste fazer aqui neste mundo de intrigas.

— Perdão, mas aqui é onde tudo começou — disse Longino. — E aqui é que tudo deve terminar e começar uma nova vida.

Amarílis, sem entender o que ele falou, respondeu:

— Não desejo sair daqui. Nasci e quero morrer aqui, com a fé no nosso Senhor Jesus Cristo.

Longino agradeceu e mostrou a cruz em madeira que carregava.

— Veja isto, é por Ele que estou aqui e por Ele dedico toda a minha vida.

Ao olhar um ao outro, Amarílis o abraçou e disse:

— Temos a mesma intenção, mas teu coração não fala com o meu da mesma intensidade, correspondendo a verdade que Ele falou.

— Corresponde, sim. Não percebeste que trago o que Ele mandou? A vida eterna, se confirmarmos a Sua palavra.

Outros pensamentos

Amarílis, enfim, contentou-se com as explicações iniciais de Longino. Disto ela tinha uma certeza: que ele retornara a Jerusalém para apoiar a causa de Jesus. Na mesma noite, sob o luar e uma noite clara, Longino se dirigiu à casa de Jesus em Nazaré e com a ajuda do guia Aragon verificou a quantidade de cômodos. Estava abandonada e semidestruída. No lugar de um pedestal, havia flores crescendo entre os buracos nela produzidos por enxadas e golpes de martelo no cômodo principal. No interior havia restos de louças e objetos de decoração, tudo muito simples. Tinha dois quartos grandes e uma imensa varanda de fibras de junco que dava acesso a uma provável oficina, pois havia restos de madeira e uma talhadeira emperrada.

José e Jesus eram carpinteiros e sua família vivia na construção de casas simples e móveis de uso funcional. Não tinham outra fonte de renda. Quando o Mestre nasceu, estavam longe de lá, à procura de proteção de uma ordem para assassinar todos os recém-nascidos. Eram cheios da graça de Deus, e sua família, embora pequena, era bem unida. Tinha quatro irmãos de sangue, sendo Ele o mais velho. Não eram bem recebidos por povos contrários à fé judaica. Fora isto, a casa tinha algumas marcas nas paredes e uma delas chamou a atenção de Longino.

— Veja, Aragon, esta escritura gravada na parede!

Eles se detiveram mais próximo com foco de luz.

— Veja, são inscrições em aramaico!

— O que significa? — perguntou o guia.

— Bem, se não estou enganado, refere-se ao momento em que Ele seria preso e ... morto por uma lança... Meu Deus! Está escrito aqui.

Longino foi correndo para fora da habitação. Ele dizia:

— Não pode ser! Ele sabia de tudo, antes de todos.

— Acalme-se, senhor, isto já faz muito tempo. O que queres dizer?

— Quero dizer que o Cristo havia previsto quem e o que ocorreria com Ele. Não tenho dúvida.

— Mas o que isto tem a ver agora?

— Ele sabe os nossos passos. Temo que Ele queira nos mostrar a luz, mas certamente depende de nós cumpri-la ou não. Lembro que, naquela tarde da crucificação, não estava disposto a prosseguir com aquela barbárie, não porque estava cansado de ver tanto sangue, mas uma imensa indisposição tomou conta de mim. Uma certa apatia e parece que ouvia uma voz dizendo: “Vai embora, não precisam de ti aqui”, mas o meu comandante insistiu para que eu ficasse até o fim olhando toda a cena. De repente, o céu ficou mais escuro, trovões eram ouvidos próximos e veio a ordem fatídica para transpassar o Cristo. Fiquei alerta e cumpri a ordem dada. De repente, saiu água cristalina do corpo do Mestre e um pouco de sangue. O sangue que molhou minha face e meu corpo. As mãos tremiam e logo todos nós corremos para longe dali, nos reagrupamos e marchamos de volta para o palácio, ficando apenas as vítimas no local. E agora entendo que fui tentado para fugir e não realizar a profecia. Entendo que Ele me escolheu para dar o último testemunho de uma profecia

antiga, portanto Ele, de certa forma, confia em mim. Em todos estes anos de andanças à procura de seguidores da doutrina e divulgação, tenho certeza de que Ele continua confiando em mim, na minha capacidade de realizar a obra que Ele deseja.

Aragon, não entendendo as colocações do ex-soldado, disse:

— Senhor, precisamos voltar, quer ver algo mais?

— Não, tenho o que preciso. A fé que tanto procurava agora se consolidou. Tenho certeza de que minha missão começou aqui e logo que possível continuarei até o fim da minha vida.

— Está bem, senhor, entendo, mas precisamos ir. Logo alguém ouvirá a sua fala e enviarão homens de Roma para averiguar.

Os dois continuaram a falar.

— Veja como Ele foi capaz de arrebatar tantas mentes. Ele era misericordioso e sua intenção era transmitir as ordens de Deus.

— Vamos logo! — Aragon empurrou o falante senhor.

Já passava das 22 horas, eles retornaram ao acampamento e Longino disse:

— Preciso de um papiro, urgente, necessito escrever a um amigo, o sultão.

Imediatamente, o jovem pegou o material solicitado e Longino começou a escrever de modo tosco, mas inteligente. O conteúdo era esse:

— Amigo sultão, tive um pensamento iluminado a respeito do Mestre e agora consigo ver melhor a Sua proposta, trabalho na obra e avaliação do nosso coração. Percebi que o Mestre, acima de tudo, quer nos dar uma lição: apesar de sermos rudes e despreparados, temos que cumprir os caminhos traçados por Deus.

Nova surpresa, Petrônio, o comandante

Amarílis aguardava seu amado Longino para um café da manhã, mas ele não apareceu. Disseram que se dirigiu a Jerusalém para falar, pessoalmente, com o governador.

— Isto não pode acontecer, o governador não entenderá a nossa doutrina. Jesus foi considerado um profeta, mas também um agitador. Judeus contrários o enforcarão — disse Leôncio.

— Concordo. Devemos todos nós seguir rumo a Jerusalém — disse Amarílis.

— Não podemos deixar o povoado assim, é época de colheita e vários pescadores também querem consertar suas redes — disse Leôncio.

— Não me importo. Acho que chegou o momento de provarmos a nossa fé na doutrina que ora se delineia.

Leôncio pensou e surpreso com que ela falou, comentou:

— Está bem, chamarei Aragon para nos acompanhar. Levaremos mais de meio dia para alcançarmos as proximidades da cidade de Jerusalém. Como podemos encontrar Longino?

— Digo que logo que chegarmos à cidade, devemos nos misturar à população e irmos direto ao palácio de Herodes. Talvez lá possamos ter uma informação sobre o que está ocorrendo na cidade.

Jerusalém, à época do domínio romano, era tomada de artífices, pedreiros e carpinteiros. As obras de grande envergadura de prédios não cessavam, apesar da truculência dos invasores romanos. Queria sempre mais dinheiro para remeter ao imperador, mas em contrapartida não deixava os operários e artífices morrerem de fome. Aí foram construídos vários locais sagrados para os romanos, porém o analfabetismo era alto. Ninguém conhecia as leis escritas dos judeus e sim o que era falado.

Os romanos, por sua vez, deixavam suas marcas através de desenhos e estátuas. Ensinavam a população com verdadeiras obras de arte, muitas delas feitas em ateliês do império. O contrassenso da época era que os seguidores do Cristo faziam às escondidas as suas reuniões que sempre terminavam com uma congregação entre os participantes.

No fundo, os romanos já percebiam que o surgimento de uma nova religião era breve. Lucas, João, Mateus e Marcos, os quatro evangelistas já compunham os textos básicos da nova doutrina. Rebeliões a respeito de um novo pensamento ferviam nos quatros cantos da Europa, Ásia e África. Já falavam de amor ao Cristo e aos homens de boa vontade. Começou a surgir uma nova era, a do amor e respeito ao próximo.

Logo que Amarílis chegou a Jerusalém, nos arredores do palácio de Herodes, eles ouviram comentários que um homem de certa idade, discípulo de Jesus, surgiu vindo de Nazaré para falar com o governador. Levaram-no em grupo, escoltando-o para o Sinédrio. Queriam primeiro saber do que se tratava, pois tudo que se falava na cidade era logo do conhecimento do governador e, dependendo do tema, seria muito pior para os sobreviventes

dos ataques do exército de Roma. Assim, Longino fora levado para interrogatório prévio e foi questionado:

— Sabemos quem és, vieste de Roma para atrapalhar nossa ordem. Para teu consolo, logo virão outros se juntar a ti.

— Venho em paz, não posso ficar preso aqui. Vou falar com o governador a respeito do Mestre Jesus, aquele que entregaste para o sacrifício.

— Não foi bem assim, Pilatos o condenou entregando a nós, os justiceiros da palavra de Deus.

— Quero que entendam que Jesus veio acelerar nossa evolução, o que passou foi de grande valia, mas agora há uma nova ordem, aquela que o Messias nos trouxe e que mudará o mundo e sua maneira de agir e pensar.

— Como ousas? O Messias ainda não veio e ele arrebatará os soldados e qualquer inimigo de nossa crença em Deus.

— Garanto que Ele já veio e passou entre vocês. Agora resta acreditar no que Ele disse: amai-vos uns aos outros.

— Guardas, levem-no daqui.

— É melhor deixá-lo ir conversar com o governador. Logo será enforcado ou decapitado. Suas ideias não são verdadeiras.

Longino fora levado ao governador da época para falar-lhe:

— Governador, perdoe-me, mas tenho um louvor de Roma para o senhor e um pedido a fazer.

— Homens, tragam-no aqui! O governador não pode atendê-lo, mas vou anunciar o teu pedido.

Ao ver o ex-soldado, Petrônio o reconheceu:

— Longino, és tu? O que fazes aqui?

— Comandante, que o céu seja louvado, vim falar com o governador.

— Eu sei, disseram que um agitador vinha até aqui. Não acredito. Somos irmãos de armas, um soldado tem seu código de honra. O que desejas? — perguntou Petrônio.

— Vim pedir pelo povo de Deus que está se formando. Jesus, o Cristo, deixou a Terra em detrimento dos pecados do mundo. Venho pedir que me ajude a manter um pequeno povoado imune à destruição. Precisamos louvar Jesus e Suas obras sem interferência de Roma.

A ideia de Amarílis

— Deixe-me dizer-lhe algo, Longino. Nosso governador não é afeito à tua fé. Ele diz que os discípulos do Mestre Jesus são agitadores e que têm levado ao caos várias províncias romanas, inclusive levam para o campo das ameaças e guerras de rua. Roma não está preparada para este tipo de agressão — disse Petrônio.

— Mas somos pacíficos, o senhor sabe. Queremos apenas um lugar para orar a Deus e somente isto — respondeu Longino.

— Sei das tuas intenções e até acredito que o teu Deus é muito elevado, digo, importante, mas os passos de Roma são maiores. O governador Tibério não aceitará a tua fala, portanto fica calado e não faz nada. Direi apenas que um discípulo veio pedir a paz para o povo de Nazaré. É o que prometo.

Tibério Filho não tinha a intenção de manter os que adoravam Jesus impunes. Frequentemente mandava açoitar os discípulos do Mestre. Alguns mais exaltados eram aprisionados por vários dias e depois mandados para as masmorras mais distantes, próximas a Roma. Tudo sob a orientação de sacerdotes e enviados dos bajuladores do imperador. Roma, na época, era governada por um grupo de agitadores e religiosos que ocupavam cargos de orientadores e senadores da república.

— Então, queres que eu vá embora sem falar com o mandatário da Judeia?

— É isto mesmo, venha me visitar, mas sem fazer pedido algum. Somos amigos, eu o treinei, portanto o defenderei até o último sangue derramado. Um legionário nunca abandona o outro. Isto eu prometo.

Longino, triste, saiu do palácio acompanhado pelo centurião, que o reconheceu no seu último combate na Gália. Aliás, todos, naquele momento de dor e dúvida, ficaram devedores uns com os outros. Longino deixou as terras do palácio e retornou à Nazaré. No caminho encontra as filhas de Amarílis com Leôncio e perguntou:

— Onde está a mãe de vocês? Estou de volta!

— Ela o procura nas proximidades do palácio. Acho que ela irá falar com alguém.

Longino pensou e disse:

— Voltarei e a procurarei. Voltem para sua casa — ordenou. — O que Amarílis pensa que vai fazer?

Ao chegar de volta ao palácio, ele encontrou Amarílis conversando com um grupo de soldados.

— Amarílis, volte, por favor. Eu estou aqui, longe das portas do palácio.

Ela o olhou e disse:

— Graças a Deus, só tem um problema, deixei minha fé falar mais alto. Disse que era seguidora do Cristo e gostaria de falar com o governador.

— Ele está de viagem. Não irá recebê-la.

— Ficarei aqui até ele me receber!

Longino, percebendo a obstinação de sua amada, questionou:

— O que queres? Ser enforcada?

— Não. Deixarei claro que faremos a tua vontade. Construiremos uma casa de oração e se o governador vier nos expulsar direi que ele enfrentará a fúria de Deus.

— Não faça isto, logo voltarei para falar com o governador.

Amarílis rebateu:

— Não há outra forma, somente desta maneira. Queremos a liberdade de amar Jesus através de Sua palavra.

— Amarílis volte, deixe isto comigo. Resolverei tudo.

— Não podes, já me declarei e o centurião me dará a oportunidade que tanto desejo.

— Não sejas tola, conheço o centurião e o general. Eles me alertaram do que poderá ocorrer conosco caso o governador nos pegue nesses atos. Temos que falar com calma e muita diplomacia.

Amarílis, percebendo que seu amado tinha total razão, respondeu:

— Muito bem, retornarei contigo, mas sob a condição de montarmos um local para, enfim, darmos assistência aos doentes e necessitados de fé e esperança. Não sairei da Palestina, se quiseres continuar tua jornada, vai, mas comigo não. Ficarei aqui se quiseres me acompanhar, serás bem-vindo, aí te seguirei até onde quiseres, até a morte se for necessário.

Longino, com certa idade e cheio de planos do Senhor, informou:

— Sinto, Amarílis, falas que todos nós temos uma meta a seguir, a minha é espalhar para as pessoas o que Jesus disse na cruz. Sou o testemunho vivo dos Seus últimos momentos, não deixarei a doutrina sem o conhecimento de todos.

— Não sejas ingênuo — gritou Amarílis. — Outros também passarão as tuas informações. Tenho uma ideia melhor. Escreve

toda a tua verdade a respeito do Mestre. Ele aprovará a tua permanência conosco. Deixaremos as Suas últimas palavras registradas e prometo que as enviaremos para os quatro cantos do mundo.

Decisão complexa

Ao retornar à cidade de Nazaré, junto com Amarílis, Longino não comentou o ocorrido nos idos da crucificação de Jesus. Para ele, apenas cumpriu ordens, mas levou o peso na consciência até os dias de hoje.

— Longino, por que não falas? Algo te aconteceu?

— Não, querida, estou velho e cansado, acho que chegou o momento de deixar as minhas ideias registradas em um papiro.

— Sim, é o que acordamos e, tem mais, aceito que fiques comigo, seremos o casal que sempre sonhamos. Terás a minha casa para morar e o repouso será cheio de alegrias, em comunhão com as ideias do Cristo. Somos cristãos!

Aí começou o ideal de Longino transmitir seus ensinamentos através dos ensinos de Jesus. Lembrava de várias passagens do Mestre em Jerusalém, portanto seria fácil descrever alguns encontros.

— Está bem, começaremos a discorrer os pormenores da vida do Mestre, pela manhã. No momento estou com fome e exausto. Pensei em me reportar ao governador e tive a alegria de ver meu antigo comandante, isto valeu o meu dia.

— E eu? — perguntou Amarílis. — Não ficaste feliz de me reencontrar também?

— Claro, meu amor. Hoje foi um dia de glória. Devemos agradecer por estes momentos. Vamos orar: “Deus-Pai, de todo poder e glória, quero me ajoelhar aos teus pés e agradecer pela saúde e amor que tive. Sem o teu consentimento, certamente, não teria a glória de reencontrar meus amigos e retornar a casa com a pessoa que tanto prezo. Amar ao próximo, disseste, mas além disto glorificar a ti, este é o meu dever”.

Com isto, os dois amantes se despediram e Longino foi dormir em uma tenda, distante poucos metros do local onde provavelmente Jesus viveu. Sim, ele queria deixar uma trilha concreta para se chegar à ilustre propriedade. Ergueu o local de repouso com a ajuda de Aragon.

O novo dia amanheceu belo e esplendoroso. Longino dormia com alegria no coração e acordara com mais exultação.

— Bom dia, senhor — falou Aragon.

— Bom dia, jovem. Hoje é um dia importante para mim. Divulgarei a doutrina do Mestre e escreverei alguns detalhes sobre todos os acontecimentos que presenciei. Talvez um dia a humanidade entenda que o que fiz foi por respeito e zelo pelo meu exército.

— Entendo, senhor, o que quer que eu faça?

— Apenas fique aqui. Irei ao encontro de Amarílis e ela decidirá como começaremos. Acho que o que relatarei terá certa influência nas pessoas. Foi terrível conviver sozinho com isto.

— Bem, senhor! Acho que tudo servirá para um propósito de vida. Veja esta casa, antes cheia de vida e pessoas morando aqui, agora em ruínas e não podemos repará-la sem a permissão do governo romano.

— Chegaremos lá — disse Longino esfuziante. — Tão logo termine de relatar as minhas memórias, construiremos um local

para receber os doentes e religiosos e para nossos encontros com quem tem respeito e acredita nas palavras de Jesus. Lá decidirei se partirei ou ficarei aqui com Amarílis. Tudo depende de uma orientação maior de Deus.

Longino falou em uma forma que Aragon não entendera, pensava que algo terreno faria uma cobrança para que o velho não permanecesse em Nazaré.

— Estou aqui — anunciou Longino à porta da casa de Amarílis.

— Entre já, estamos esperando, eu e Leôncio. Começaremos agora a ouvir teus relatos. Cadeira e papiro estão aqui. Vamos, comece! Somos todos a ouvidos.

— Bem, era noite quando soube que um tal de Jesus entraria pela porta principal de Jerusalém, trazendo uma centena de seguidores para passar a Páscoa dos judeus. Preparei-me para enfrentar um exército de pessoas fanáticas que entrariam na cidade sagrada, mas meus chefes alertaram que somente entraríamos em ação caso ocorresse algum desastre. Achei que logo faríamos o nosso trabalho.

— Cássios, chamou-me pelo meu primeiro nome, o centurião. Tenho um trabalho para ti. Como sabes, virá um agitador amanhã. Estarás próximo do portão principal disfarçado de judeu e relatarás tudo o que irá acontecer, desde a entrada de Jesus até o local onde se abrigará.

— Como saberei que é Ele?

— Virá em bando e dizem que é cheio de seguidores, o reconhecerás ao perguntar por Ele.

— Não falo bem o hebraico.

— Não precisarás, apenas pergunte quem é Jesus.

Pensei, naquele momento, em desistir. O centurião acreditava que meus préstimos a Roma fosse lealdade total, mas para estas coisas não. Espionar não era meu trabalho.

Queria guerrear, passar minha espada nos corpos dos opositores. Para isto fui exaustivamente treinado, mas por outro lado se eu não fizesse o que ele me ordenara, seria pior porque seria dispensado das fileiras romanas, voltaria para casa com desonra. Tinha pouca escolha. Assim, aceitei a tal missão.

Primeiros passos — primeiro dia de Jesus

Já eram 2 horas da tarde, o calor estava forte. Durante a manhã, fui me esgueirando junto à multidão que esperava a entrada do Mestre de Nazaré. Às 14h15 entraram os primeiros seguidores anunciando a chegada da virtude na cidade. Logo em seguida, jovens alegres bateram tambores, prenunciando a entrada Dele. Veio um cortejo de oito mulheres carregando cântaros de água e vinho, diziam que a vida em carne e osso passaria, posteriormente. Ramos de palmeira eram vistos sendo carregados por diversas pessoas em gestos de alegrias e saudando os que estavam a aguardar o Mestre.

De repente, lá vinha Ele, sorriso nos lábios, alegria em Suas expressões, fluidez nos Seus gestos. Só podia ser Ele. Às 14h40 passou por mim Jesus em cima de um burrico. Ele me olhou como em um reflexo, percebi Seu olhar confiante em mim. Abaixei minha cabeça e imaginei o que aquilo significaria; eu, longe da minha terra, ouvindo glórias e graças por um profeta. Será que Ele tinha algo a me dizer? — pensei.

Saí correndo atrás da multidão, peguei um ramo de palmeira e comecei a cantar e agitar para o alto. Já eram 15h quando todos pararam próximos de uma casa que chamavam Casa dos abandonados. Lá Jesus desceu de Seu burrico e começou a falar e

a tocar todos que O cercavam. Entrou nesta humilde casa. Corri para a janela para ouvi-Lo falar.

— “Que a paz esteja convosco, venho trazer a luz que não se apaga”.

Vários doentes e humildes se prostraram aos Seus pés. Ele falou:

— “Não se agachem, levantem-se, Deus criou o filho do homem para ensinar-lhes a vida. Eis aqui a vida, o caminho e a verdade”.

Todos começaram a falar em várias línguas, pois havia seguidores de muitas regiões da Palestina. Neste momento veio uma criança doente, quase desfalecida e uma jovem a carregá-la.

— Deixem-me a sós com ela — falou.

Todos saíram. Nisto, me empurraram e só ouvi Jesus fazer algumas preces e, em segundos, gritaram: “Ela acordou! Ela vive! Deus seja louvado.” E uma voz alta atordoou meus ouvidos. Passei a ouvir música e falatórios. Lembro que após este evento, sentei em uma pedra próxima e aguardei os acontecimentos.

— Que mais? — perguntou Amarílis.

— Fiquei mais de meia hora ouvindo o relato da cura daquela criança. Realmente ela não parou de chorar, tinha poucas semanas de vida e sua mãe chorava de emoção. Tenho a impressão que Ele ouvia as preces maternas. Achei tudo muito estranho.

De repente, Ele passou próximo de mim e percebi um perfume demasiadamente bom, vindo de Suas vestes. Levantei-me e continuei a segui-Lo. Desta vez, foram para o templo dos judeus. Após vários momentos de angústias e espera, saíram de lá uns doutores da lei, esbravejando. Certamente O tinham desanimado, mas as pessoas que O seguiam, não diziam nada

que O desabonasse, pelo contrário, só O louvavam. Já era tarde, retornei ao quartel.

Os relatos dos simpatizantes e opositores

No segundo dia, pela manhã, mandaram-me afastar das multidões que seguiam Jesus. Queriam que eu interrogasse as pessoas que foram curadas pelo Mestre, então fui à casa de um certo doente que não podia andar e passou a caminhar, normalmente, após a provável cura por imposição de mãos por Jesus. Tudo ocorreu no dia anterior. Na casa de Aldomeu, o coxo.

— Senhor, não sei o que realmente aconteceu. Eu não andava direito, fazia muito tempo. Um certo mago avisou-me que tudo decorria da minha vida desregrada. Jesus veio, me ajoelhei e implorei que me desse a cura. Não que eu merecesse, mas porque eu acreditava Nele. Então, com um pouco de água, colocou na minha cabeça as Suas mãos úmidas e orou numa língua que nunca ouvi. Deitei-me em cima de um junco e após alguns momentos Ele disse:

— Podes andar, o mal que te dominava foi embora.

— Aos poucos levantei-me e não senti um peso sem vida nas minhas pernas. Passei a sentir calor e até coceira. Senti dor nos primeiros passos, mas desequilibrei-me. Então, Ele falou: “Estás livre, já te disse, caminha e não fales para ninguém.” Foi o suficiente para tentar a caminhada e com uma força interior

impressionante voltei a andar. Prostrei-me aos pés de Jesus e agradeci com toda minha alegria.

— Será que não estás exagerando? Nunca vi uma cura tão rápida de uma doença grave.

— Foi milagre, asseguro.

— Então acreditas Nele?

— Sim, veja como ando agora.

— Mas não és judeu?

— Já fui de tudo e agora creio no poder Dele.

Longino, pensativo, agradeceu as informações e saiu para coletar outros depoimentos. Como Ele era? Falava manso ou grosseiro? Era bom de trato com as pessoas? E se Ele deixasse que eu O entrevistasse? O que eu perguntaria? Se era um deus ou um profeta?

— As minhas respostas de nada ajudariam Roma. O que o centurião queria saber era se Ele ou seus adeptos traziam algum risco de agitação ou promoveriam arruaças na cidade. Por enquanto, nada tinha visto. Ouvi pessoas correndo para a ala norte da cidade e diziam que o Mestre havia promovido novas curas. Antes de mais nada, quero registrar nas assertivas que o Cristo foi perseguido por judeus fanáticos que não toleravam a conduta Dele, inclusive falei com um deles, chamado Irasmin, ao qual perguntei: “Não gostas de Jesus? Por quê?”

— Ele mente para nós e veja o que faz, arrasta multidões para se dizer o Messias, o cordeiro de Deus. Ele é fraco e não representa a nossa religião.

Reencarnado de Sodoma e Gomorra

No terceiro dia, cedo, pela manhã, o jovem Tiago, filho de Alfeu, discípulo do Mestre passou correndo com um cântaro de água, anunciando a presença do Mestre no poço principal da cidade. Dizia que iriam ser convertidos os judeus que quisessem ver ou ouvir as palavras do Mestre.

É claro que saí correndo, perseguindo o jovem anunciante que desapareceu nas vielas da cidade, mais tarde o encontrei sentado em uma esquina distribuindo a tal água milagrosa e questionei:

— O que fazes aqui? O que isto significa?

— Não pergunte, apenas beba desta água. Será a última vez que a humanidade terá chance de ver o Mestre e assim Ele anunciava.

Bebi a água que estava gelada e, de repente, veio um arrepio no meu corpo. Senti que a minha sensação de raiva, inveja ou seja lá o que for saía de mim. Serenei-me e adormeci em um canto junto com outros. Ao acordar pensei o que significava aquilo. Havia algo misturado na água? Não tinha sentido nada de estranho no gosto e o jovem havia sumido.

Segui para o poço principal. E encontrei um grupo de pessoas entoando cânticos de louvor a Jesus. Fiquei extasiado e percebi que queria cantar com eles, ficar com todos e sair à procura de pessoas para participar de toda aquela alegria. Porém, precisava

voltar para o quartel e receber novas instruções, pois o centurião queria relatos diários das atividades do Mestre.

— Onde Ele fica? — perguntou o oficial.

— Ainda não sei. Só percebi que estão acampados nas proximidades da cidade.

— São muitos?

— Não são. Ele tem muitos seguidores, mas ao final do dia se dispersam.

— Então vá e não volte sem novas informações.

Ao final da tarde, procurei o paradeiro de Jesus e Seu grupo. Fiquei sabendo que estavam em um repasto na casa de um cobrador de impostos. Cheguei próximo da mansão e vi Jesus saindo do recinto. Todos O seguiam para próximo de um local onde chamavam de "lojatura", ponto de convergência de sábios, que discutiam os movimentos políticos e sociais do império romano e dos judeus. Aproximei-me do reduzido grupo e ouvi Suas palavras:

— Aqui todos vocês logo entenderão o que falei. Os homens de bem nunca serão destruídos pela vontade do mal. O Pai que está no céu mandou um recado através de Sodoma e Gomorra, hoje destruídas, mas afirmo que alguns que sobreviveram espiritualmente desta tragédia hoje imploram a reconciliação com Deus. Portanto, será dada uma prova menor aos que se arrependeram e seguiram o caminho da Boa Nova. Eis aqui um dos que pediram para nascer e ser o meu testemunho. — Apontou Jesus e todos olharam para mim. Assustado, corri.

Outras curas

Quinta-feira o sol apareceu belo e radiante, as pessoas se movimentavam normalmente e o mercado estava repleto de frutas e verduras. Durante a noite anterior, fiquei em pensamento longínquo a respeito de Sodoma e Gomorra. Já havia escutado uma série de histórias a respeito da fé dos judeus em um Deus justo e soberano, inclusive, os relatos da fuga do Egito e outras coisas mais. O certo é que Ele se referiu a mim em tempos passados e, como poderia acreditar naquilo tudo?

Não tinha certeza dos poderes sobrenaturais de Jesus. De qualquer forma, peguei a minha túnica de disfarce e segui rumo a um templo judeu. Chegando lá, me deparei com uma mulher cega e surda, que dizia que Jesus iria curá-la, pois estava escrito desde que ela nasceu. Aguardei em silêncio e surgiu a figura do Mestre e Seus discípulos e mais alguns seguidores, formando uma pequena multidão. O centurião ordenou que eu presenciasse tudo.

— Mulher, és cega de nascença e surda após uma doença, e agora dizes que queres a cura — disse Jesus.

Ao sentir a presença do Mestre, ela disse:

— Esperei-Te a vida toda e meus pensamentos O aguardam. Sonhei com este momento e aqui estou.

Jesus, pegando um pouco de Sua saliva, colocou na palma da mão da mulher e disse:

— Encontrarás a tua sorte, colocando esta água na palma da tua mão e ela te curará, ao passar nos teus olhos e ouvidos.

Em seguida, a mulher começou a chorar e disse:

— És o Salvador!

— Estás certa, agora faz o que te mostrei.

Ela pegou a mão úmida de saliva e passou nos olhos e ouvidos como Ele ensinou.

— Pois bem, agora podes ver e ouvir — disse Jesus.

A mulher, extasiada, sorriu e viu a primeira pessoa à sua frente e falou:

— Louvo a ti, Senhor.

Ela se ajoelhou aos pés de Jesus.

— Calma, gente — gritou um dos discípulos. — Agora vamos seguir o Mestre em Sua caminhada.

Havia vários doentes em Jerusalém que, na época da Páscoa, iam agradecer e pedir a melhora da saúde. Jesus chegou em boa hora e logo que o grupo se dispersou, fui falar com a mulher.

— Quem és e de onde vens?

— Sou uma samaritana que crê nas promessas do Mestre. Logo que soube que Ele estava aqui, corri junto com meus pais para esperá-Lo. Havia sido avisada da cura pelas mãos Dele.

Fiquei extasiado e surpreso, ela O via normalmente e entendia tudo o que falava, parecia dizer a verdade. Disto aprendi que os mistérios da vida estavam encarnados neste homem simples de Nazaré. Continuei a segui-Lo. Ele entrou na casa de um dos discípulos que O aguardava na porta. Jesus entrou com os doze apóstolos.

Momentos iniciais da crucificação

Sexta-feira ensolarada. Ah! Como acordei doente, não pude seguir para ver o que aconteceu. Tonteiras e náuseas me acometeram. Veio ao meu encontro um jovem pastor, que com poucas palavras me falou:

— Vai em direção à tua tropa e respeita tudo que te ordenarem. Hoje os céus esperam o retorno de Jesus.

Ao ouvir isso, imediatamente me levantei e parti à procura dos soldados. Me apresentei e ouvi as histórias da prisão do Mestre e Sua submissão ao julgamento temerário dos judeus e romanos. Como aquilo me deixou confuso, pois se Ele era o Mestre que diziam, por que sacrificá-lo, principalmente, trocando-O por assaltantes e degenerados?

Barrabás era assassino e perigoso. Eu mesmo participei de sua captura e pude assegurar que Ele, o Mestre, era inofensivo. Falei com o centurião que, imediatamente, me ordenou para ir ao Gólgota e arrumar os materiais de crucificação, separando ferros e pregos.

Arrumei as cordas e ajudei os companheiros na escavação do local onde os madeiros iriam ficar. Tudo pronto, seguindo as ordens superiores ficamos esperando a chegada dos que iriam ser crucificados.

Logo ouvi uma pequena multidão aos gritos e um cortejo apareceu ao longe. Iriam demorar pelo menos uma hora para chegar. Fiquei pensando naquela situação e logo lembrei do pastor que pela manhã encontrei próximo ao quartel. E aquele mal-estar que me acometia, o que significava?

Já não possuía a certeza de que o Cristo era um fora da lei e seria injusto sacrificá-lo. Vi de longe o pastor de ovelhas e fui falar-lhe:

— O que o senhor disse para mim, de manhã, agitou-me e aqui estou ouvindo e cumprindo. Mas fale-me, como sabias, que eu participaria desta execução?

— É que te comprometeste em vidas passadas e vim alertá-lo para cumprir o teu dever.

— O que aconteceu comigo para acordar tão mal?

— Tua consciência lutou contra obsessores para que não cumprisses a tua promessa.

— Quem és e o que desejas de mim?

— Apenas vim alertá-lo para cumprir a tua promessa.

O pastor foi embora me deixando mais confuso com tudo aquilo. Passava mais de uma hora e o cortejo de executores não chegava. Estavam atrasados e começou a ventar, levemente, um ar meio frio. Cálidas sensações acometeram meus pensamentos e o centurião veio avisar-nos que logo que chegassem deveríamos, primeiramente, amarrá-los e crucificá-los um a um, sendo primeiro os ladrões e assassinos e depois Jesus.

Tudo seria presenciado pelos judeus e familiares do Mestre, portanto tínhamos que ser rápidos e precisos, pois a Páscoa judaica necessitava do encerramento da crucificação, o mais breve possível. Chegaram primeiro os parentes de Jesus.

Chegada dos condenados

Nos momentos que antecederam a chegada do violento cortejo, cheguei a imaginar que não passava de um engano, um truque para despistar o que não deveria acontecer. Seria uma encenação para que todos os judeus se dessem por satisfeitos, mas na verdade ninguém seria verdadeiramente crucificado e sim liberado para viver suas vidas. Ledo engano meu.

Tudo era sério e quando vi, de longe, o estado em que vinha Jesus, achei uma cena totalmente desnecessária e, titubeante, pediria para me retirar do local, não queria participar destes momentos. Meu Deus! O que fazer? — pensei.

Veio ao meu encontro o soldado Aliverti e avisou que deveríamos pegar as amarras e fixar os dois ladrões, em oposição a Jesus, ou seja, um de cada lado do Mestre e no meio ficaria o mais sacrificado. Foi feito desta maneira: à esquerda de Jesus o ladrão que tinha menos delitos e à direita o mais violento. Segundo as tradições romanas, seria o do lado direito o de maior agressividade, do esquerdo o menos cruel e o do meio o mais odiado, sendo que Jesus ocuparia este lugar.

Logo veio a família do Mestre. As mulheres, em choro compulsivo, oravam e clamavam para encurtarem aquele momento derradeiro. Desejavam que tudo fosse logo consumado

para que o Mestre não sofresse tanto, pois sabiam o ódio nutrido pelos que não acreditavam Nele. Veio José de Arimateia falar-me.

— És o soldado que irá pregar Jesus na cruz? Então vou pedir-te que não faças o que todos querem. Não mates Jesus antes do tempo. Ele precisa dar o testemunho.

Percebi que havia uma ordem superior para que os momentos finais do Mestre fossem poupados de atrocidades maiores. Fiquei atento à movimentação dos que chegavam, não permiti aproximações que impedissem a nossa tropa de realizar o que fora ordenado. Mesmo assim respondi àquele senhor:

— Não sou eu que ordeno, mas por mim farei a vontade dos que seguem Jesus.

— Ótimo. — Ele respondeu.

Maria, franzina e com um lenço cobrindo a cabeça, não parava de chorar e notei que outras mulheres também a amparavam, entre elas, Maria Madalena. Os homens que seguiam o Mestre aos poucos vieram ver a última cena, porém ficaram distantes.

Logo chegaram os ladrões. Com certa crueldade foram postos nos devidos lugares e, em seguida, pregados na cruz. Todos gritaram com tamanha dor, provocada por pregos longos e gigantes. Notei que um deles desmaiou. Em seguida, trouxeram o Mestre com o rosto deformado por hematomas e feridas expostas. Uma coroa de espinhos finos fora posta próxima aos olhos, cobrindo com sangue boa parte da face. A cabeça já estava ensopada com o líquido seco misturado com o suor e aves de rapina começavam a se aproximar do local.

Últimos momentos

No momento da chegada do cortejo de observadores todos gritavam impropérios contra o Mestre, só contra Ele. Maria continuava a chorar e Seus discípulos, de longe, se lamentavam. Era uma cena comovente e horripilante. Não me sentia bem em participar daquela crucificação.

— Tragam Jesus! Ele ficará preso primeiro na cabeça e depois vocês fixarão os pés e as mãos. Estas foram as ordens dadas por nosso superior Augustos, comandante, no momento. Segurei a cabeça do Cristo com minhas mãos e ficaram sujas de sangue que não cessava de sair dos ferimentos. Logo Ele gritou.

— Façam rápido, meu Pai não demorará.

Achamos estranho aquele pedido, mas logo que Seus punhos foram amarrados, o ferreiro sedimentou com um forte golpe a mão do Mestre. Na primeira haste de madeira, em seguida, a segunda mão e, por fim, os pés foram unidos e em um único golpe foi pregado na parte inferior da cruz.

Gritos abafados foram ouvidos saindo da boca de Jesus. Gritos histéricos foram dados pelos Seus amigos e companheiros. Gargalhadas eram ouvidas pelos judeus acusadores. Um misto de desconsolo e alegria horripilante fizeram parte destes últimos momentos de Jesus na Terra.

Longa luz formando um arco foi vista por muitos, ao longe, próxima às muralhas de Jerusalém, mas as cenas de desolação foram mais fortes do que observar aquele fenômeno que se formara. Jesus, quase desfalecido, começou a orar em hebraico e depois falou aos outros dois crucificados prometendo o perdão e o reino de Deus para eles.

Não pensei que aquele homem pudesse resistir a tanta crueldade. As unhas dos pés já estavam arrancadas, Suas vestes em frangalhos, Sua voz já não podia ser ouvida por todos. Sua face, ainda que serena, tornara-se irreconhecível, seus pés exalavam um cheiro de rosas silvestres e Suas mãos não pareciam ser atingidas por um prego de ferro. De modo geral, todos esperavam um fim rápido para poderem voltar à cidade.

Neste momento, a luz veio se aproximando de nós, o que deixou todos assustados. Jesus falou:

— Pai, por que me abandonaste? — E em seguida Ele disse: — Retorno a ti cumprindo a Tua vontade.

Um trovão foi ouvido, a pouca distância, ao ser dado o último suspiro do Mestre.

— Glória a Deus nas alturas! — gritavam os discípulos.

Rajadas de vento se intensificaram. Uma fina chuva começou a cair. Só me restou pegar a minha lança e falar ao comandante:

— Podemos nos alojar aqui próximo.

— Negativo! Verifique se todos morreram.

— Como desejar — respondi. — Aproximei-me do Mestre e numa atitude vacilante enfiei a minha lança no Seu abdômen, jorrando primeiramente água e depois sangue. Oh! Como me arrependo do que fiz — disse Longino, encerrando o seu relato em um choro compulsivo.

— Acalme-se — disse Amarílis. — Tudo já passou.

Fim do sofrimento terreno — Início de uma nova Era

Bem, senhores, chegamos ao final deste relato de fatos passados há muito tempo. Naquela época de pura crueldade, os personagens envolvidos nesta trama foram vítimas de ordens superiores, mas tiveram o dom da reflexão e do arrependimento. Quanto ao Mestre Jesus, Seu espírito subiu aos céus e, após ser recebido pelo Divino Pai-Celestial, retornou ao orbe terrestre, em espírito, para complementar os seus ensinamentos. Deixou a Sua marca nos céus, para que possamos um dia trilhar o Seu caminho e chegar a Ele.

Quanto ao fiel e conturbado Longino, deixou o orbe terrestre com oitenta e cinco anos, desamparado pelo exército romano, mas amparado por Deus.

Fim

Pelo espírito de Rita de Cássia
Belém, 16 de maio de 2017.

* Moeda corrente entre os soldados. [«]

fonte Tiempos Text e Celias
papel Pólen Soft 80 g/m²
impressão Psi7 Gráfica
tiragem 1.000